

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

SOLANGE MARIA MOREIRA DE CAMPOS

PRODUTIVIDADE LEXICAL NO REINO DAS NOVAS PALAVRAS: A  
LITERATURA DAS INFÂNCIAS COMO DISSEMINADORA DE  
NEOLOGISMOS E SEU ESTUDO EM SALA DE AULA

BELO HORIZONTE-MG

2025

SOLANGE MARIA MOREIRA DE CAMPOS

PRODUTIVIDADE LEXICAL NO REINO DAS NOVAS PALAVRAS: A LITERATURA  
PARA A INFÂNCIA COMO DISSEMINADORA DE NEOLOGISMOS E SEU ESTUDO  
EM SALA DE AULA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da  
Universidade Federal de Minas Gerais, como  
requisito parcial para obtenção do título de Doutora  
em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Ensino do Português

Orientador: Prof. Dr. Aderlande Pereira Ferraz

Belo Horizonte

C198p

Campos, Solange Maria Moreira de.

Produtividade lexical no reino das novas palavras [manuscrito] : a literatura das infâncias como disseminadora de neologismos e seu estudo em sala de aula / Solange Maria Moreira de Campos. – 2025.

1 recurso online (238 f.: il.) : pdf.

Orientador: Aderlande Pereira Ferraz.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Ensino do Português.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 213-221.

Anexos: f. 222-227.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Neologismos – Teses. 2. Literatura infantojuvenil brasileira – Teses. 3. Literatura – Estudo e ensino – Teses. 4. Lexicologia – Teses. 5. Língua portuguesa – Palavras e expressões – Teses. I. Ferraz, Aderlande Pereira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**PRODUTIVIDADE LEXICAL NO REINO DAS NOVAS PALAVRAS: A LITERATURA DAS INFÂNCIAS COMO DISSEMINADORA DE NEOLOGISMOS E SEU ESTUDO EM SALA DE AULA**

**SOLANGE MARIA MOREIRA DE CAMPOS**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Ensino de Português.

Aprovada em 16 de maio de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Aderlande Pereira Ferraz - Orientador

UFMG

Prof(a). Ieda Maria Alves

USP

Prof(a). Beatriz Daruj Gil

USP

Prof(a). Miriam Cristiany Garcia Rosa

UNILA

Prof(a). Geraldo José Rodrigues Liska

UNIFAL

Belo Horizonte, 16 de maio de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Aderlande Pereira Ferraz, Professor do Magistério Superior**, em 27/05/2025, às 12:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Míriam Cristiany Garcia Rosa, Usuária Externa**, em 27/05/2025, às 13:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Beatriz Daruj Gil, Usuária Externa**, em 27/05/2025, às 14:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Geraldo Jose Rodrigues Liska, Usuário Externo**, em 27/05/2025, às 14:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ieda Maria Alves, Usuário Externo**, em 27/05/2025, às 15:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_ex](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_ex) informando o código verificador **4226247** e o código CRC **D0B5D4D9**.

## **DEDICATÓRIA**

*Para Lili, que hoje habita lonjuras, mas  
navega nessas linhas, pulsando  
coraçõemente.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus: sabedoria e força. A palavra maior. “Bem-vindas! – dizia ele. Ave Palavras! Ave Marias! Ave Poesias.” (em *O fazedor de palavras*, de Lúcia Castello Branco)

A meu orientador: pluripessoa, multi-ser, porto seguro; por seu incentivo e insistência para continuar minha pesquisa; afinal compreendi: “Eu, assim como as minhas palavras, não tinha que ficar [presa] em um só lugar, poderia correr, escorregar, tropeçar e voar sem vergonha de errar.” (em *Asa da palavra*, de Adriano Bitarães Netto)

Aos ilustres membros da banca, por descortinarem para mim um universo onde “a palavra sabe muito mais longe” (em *Correspondência*, de Bartolomeu Campos Queiroz)

À UFMG: “É tão bom a gente saber que trabalhou, pesquisou, fez coisas boas.” (em *Tarsila*, de Lia Zatz)

Ao professor Geraldo Liska; com ele prossegui minhas “lições de telhado”; um dia compreendi o recado: “[Você] não imagina quantos telhados existem nessa vida.” (em *O gato que pulava em sapato*, de Fernanda Lopes de Almeida)

À Verônica e ao Marcelo, que certa vez me disseram: “Agora [menina] você é Poeta. Poetas mudam o mundo.” (em *Menino e olhos: flor*, de Nilma Gonçalves Lacerda)

À Adriana e à Silvane, por saberem “ler nos astros o [meu] invisível destino, as pegadas da vida como sombras na areia. [Por decifram] o fogo secreto que arde nos [meus] caminhos.” (em *Artes e ofícios*, de Roseana Murray)

À Carla, Rosely e Rosiane; sem elas “muita coisa mudaria, pois [fazem] parte da minha história, que escrevo todo dia.” (em *A menina na janela*, de Paulinho Pedra Azul).

À Maria Inês e à Marcella; por conta delas, “a noite, agora eu sei, é a terra dos sonhos.” (em *A boneca e o saci*, de Lino de Albergaria)

Ao Fernando, por me fazer entender que “as vezes dá vontade de agarrar a vida com uma duas dez mãos e levar à boca e trincar nos dentes como fruta no ponto” (em *Fruta no ponto*, de Roseana Murray).

À minha família, por compreender minhas ausências/presenças, mas sabendo que, depois, “ia continuar saindo, todo sábado e domingo, sítio afora, aventura adentro. E cada vez mais tagarela.” (em *Em boca fechada não entra estrela*, de Leo Cunha)

A meus filhos, Felipe e Raphael: por entenderem que em muitos momentos eu usava “a palavra para compor meus silêncios.” (em *Cantigas por um passarinho à toa*, de Manoel de Barros).

Aos amigos e colegas do grupo de pesquisa do professor Aderlande, que partilharam comigo o entendimento de que, “Se numa língua não houver neologismos, essa língua não aumenta.” (em *Emília no país da gramática*, de Monteiro Lobato)

A todas as pessoas, próximas ou distantes; com elas e por elas “fiz castelos de areia, sonhos de vento; abri cavernas no mar, construí segredos, teci com teias de luz as mais delicadas roupagens.” (em *Fruta no ponto*, de Roseana Murray)

**Porque “uma andorinha só, não faz cantoria. Faz cantorinha”** (Em *Clave de lua*, de Leo Cunha)

*A língua é a própria alma. A sua língua é o seu corpo pedindo socorro em qualquer circunstância que esteja; quando você tem fome, quando tem solidão, em todos os momentos, a sua língua está ali. A coisa só existe a partir do momento em que há a palavra.*

Maria José de Queiroz (minha mestra de sempre)

CAMPOS, Solange Maria Moreira de. *Produtividade lexical no reino das novas palavras: a literatura para a infância como disseminadora de neologismos e seu estudo em sala de aula*. 2025. 218f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

## RESUMO

Na contemporaneidade, moldada pelas transformações, a linguagem perpassa as atividades individuais e coletivas do ser humano. Todo idioma em uso, por ser um organismo vivo, em constante mudança e renovação, coloca-se a serviço daqueles que o utilizam para se comunicar. De modo especial, nas obras de ficção destinadas à infância, observam-se experimentos linguísticos e estilísticos de toda monta, motivo pelo qual a Literatura Infantil constitui uma inegável fonte disseminadora de neologismos. Para a realização dessas ações de linguagem, esta pesquisa realizou a verificação da presença de novas lexias em obras vencedoras do Prêmio Jabuti, entre 2017 e 2022, na categoria “Infantil”, assim como intentou propor uma categorização para análise das unidades lexicais neológicas, de modo a facilitar, para o professor, o estudo desses novos lexemas nos textos ficcionais que circulam na sala de aula do Ensino Fundamental final. O arcabouço teórico está ancorado, fundamentalmente, nas contribuições de Cademartori (1986), (Khede, 1983), Coelho (1991) e Hunt (2010) acerca das especificidades de literatura infantil; de Street (2012) no que tange ao letramento literário; de Eagleton (2000), em relação às contribuições da cultura e à função estética da palavra na obra literária; de Boulanger (1979) e de Alves (2004), sobre neologismos e as criações lexicais; de Guilbert (1975), no que diz respeito à criatividade lexical e à criação neológica estilística; de Cardoso (2018), pelo estudo da neologia estilística na literatura; de Ferraz (2006, 2008, 2016), quando enfatiza a dimensão social da língua e aponta a renovação do léxico como um fenômeno permanente; nos conceitos de Duarte (2011) e de Ferraz (2010), para tratar de competência léxica e de capital lexical; além de Polguère (2018), sobre léxico e significado lexical. Desse modo, buscou-se contribuir para o ensino do léxico na educação básica, em especial, no Ensino Fundamental final, e transformar a análise literária dos neologismos em uma atividade prazerosa e motivadora, por meio da que, por ora, chamamos de **Categorias Neolúdicas**.

**Palavras-chave:** neologismos; literatura para as infâncias; categorias neolúdicas.

CAMPOS, Solange Maria Moreira de. *Produtividade lexical no reino das novas palavras: a literatura para a infância como disseminadora de neologismos e seu estudo em sala de aula*. 2025. 218f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

## ABSTRACT

In contemporary times, shaped by transformations, language permeates the individual and collective activities of human beings. Every language in use, as a living organism, in constant change and renewal, is at the service of those who use it to communicate. In particular, in works of fiction aimed at children, linguistic and stylistic experiments of all kinds can be observed, which is why Children's Literature constitutes an undeniable source of dissemination of neologisms. In order to carry out these language actions, this research verified the presence of new lexemes in works that won the Jabuti Prize, between 2017 and 2022, in the “Children's” category, as well as attempted to propose a categorization for the analysis of neological lexical units, in order to facilitate, for the teacher, the study of these new lexemes in fictional texts that circulate in the classroom of Elementary School. The theoretical framework is fundamentally anchored in the contributions of Cademartori (1986), (Khede, 1983), Coelho (1991) and Hunt (2010) regarding the specificities of children's literature; of Street (2012) regarding literary literacy; of Eagleton (2000), regarding the contributions of culture and the aesthetic function of the word in literary work; of Boulanger (1979) and of Alves (2004), regarding neologisms and lexical creations; of Guilbert (1975), regarding lexical creativity and stylistic neological creation; of Cardoso (2018), for the study of stylistic neology in literature; of Ferraz (2006, 2008, 2016), when he emphasizes the social dimension of language and points out the renewal of the lexicon as a permanent phenomenon; in the concepts of Duarte (2011) and Ferraz (2010), to deal with lexical competence and lexical capital; in addition to Polguère (2018), on lexicon and lexical meaning. In this way, we sought to contribute to the teaching of lexicon in basic education, especially in the Elementary School, and to transform the literary analysis of neologisms into a pleasurable and motivating activity, through what, for now, we call **Neoludic Categories**.

**Keywords:** neologisms; literature for children; neoludic categories.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Capa do livro *Drufs*, de Eva Furnari.  
Figura 2 – Capa do livro *A Avó Amarela*, de Júlia Medeiros.  
Figura 3 – Capa do livro *Da minha janela*, de Otávio Júnior  
Figura 4 – Capa do livro *Sagatrisuinorana*, de João Luiz Guimarães  
Figura 5 – Capa do livro *Sonhozzz*, de Silvana Tavano  
Figura 6 – Família Gorrinhos  
Figura 7 – Família Animal  
Figura 8 – Família Ui  
Figura 9 – Família Balum  
Figura 10 – Tio <Murchun>  
Figura 11 – Tio <Bum>  
Figura 12 – A <Guerra dos Tampinhas>  
Figura 13 – Família Suflê  
Figura 14 – Família <Borbolébulas>  
Figura 15 - <Tropeço em Distância>  
Figura 16 - <Dô e Dinho>  
Figura 17 – <Shampulândia>  
Figura 18 – <Pompão>  
Figura 19 – Família <Bótom>  
Figura 20 – Personagens da <Família Bótom>  
Figura 21 - <Teteleco>  
Figura 22 – Personagem <Tilte>  
Figura 23 – <ROTOR DESARREPIATIVO>  
Figura 24 – <Nii>  
Figura 25 - <zurônio>  
Figura 26 – <boca>  
Figura 27 - <arremedo de morcego>  
Figura 28 – <Filho Preto e Branco>  
Figura 29 – <Filhos Coloridos>  
Figura 30 – <grande-vencedor-do-campeonato-do-bar-da-rodoviária>  
Figura 31 - <sorriso de louça inglesa>  
Figura 32 - <copo cheinho de lágrimas>  
Figura 33 - <telhados remendados>  
Figura 34 - <sereio do mar>  
Figura 35 - <atelier de palavras>  
Figura 36 - <biquíni-paixão>  
Figura 37 - <porcavam>  
Figura 38 - <palha nova de arrimo>  
Figura 39 - <Orelhudo>  
Figura 40 - <cofre>  
Figura 41 - <gengivas de terra>  
Figura 42 - <sonho-voador.&br/>Figura 43 - <magrela>

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ficha neológica adaptada

Quadro 2 – Ficha léxico-semântica

Quadro 3 – Ficha léxico-semântica modificada

Quadro 4 – Aspectos léxico-semânticos dos neologismos em *Drufs*

Quadro 5 – Aspectos léxico-semânticos dos neologismos em *A Avó Amarela*

Quadro 6 – Aspectos léxico-semânticos dos neologismos em *Da minha janela*

Quadro 7 – Aspectos léxico-semânticos dos neologismos em *Sagatrissuinorana*

Quadro 8 – Aspectos léxico-semânticos dos neologismos em *Sonhozzz*

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

AAA – *A Avó Amarela*

APCA – Associação Paulista de Crítica

BDMG – Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CD – Compact disc, acrônimo em inglês que se refere a um “compact disc” (ou seja, um disco compacto)

C.G.T. – Comando Geral dos Trabalhadores

D – *Drufs*

DMJ – *Da minha janela*

DVD – Sigla da expressão inglesa *digital video disc*, também denominado de *digital versatile disc*.

FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

ODS – *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU*

ONU – Organização das Nações Unidas

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

S – *Sagatrissuinorana*

SO – *Sonhozzz*

UF – Unidade fraseológica

UL – Unidade lexical

USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INICIANDO A PALAVR(A)ÇÃO: “QUANDO O SONHO ACORDA AS LEMBRANÇAS QUE FICAM DORMINDO NA MEMÓRIA”</b> .....	<b>15</b>
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO MEMORIALISTA DO OBJETO DE PESQUISA.....	15
1.2 POR QUE ELABORAR UMA PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO DE NEOLOGISMOS EM OBRAS LITERÁRIAS PARA AS INFÂNCIAS?.....	29
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	34
1.3.1 Geral.....	34
1.3.2 Específicos.....	34
1.4 HIPÓTESES.....	35
<b>2 A LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS: “ATELIÊ DE PALAVRAS”</b> .....	<b>37</b>
2.1 DA LITERATURA: A ADULTA E A “OUTRA” .....	38
2.2 A TRAJETÓRIA DO DISCURSO LITERÁRIO: HISTÓRIA CHEIA DE PÉS, DE MÃOS E DE CABEÇAS..	43
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: “DECIFRAR UM MISTÉRIO QUE VALE MAIS QUE OURO”</b> .....	<b>51</b>
3.1 ABRE-TE, LÉXICO: O TERRITÓRIO DE GUARIDA DOS NEOLOGISMOS.....	51
3.1.1 As ciências do léxico.....	52
3.1.2 Léxico, vocabulário, palavra, unidade lexical.....	54
3.1.3 Léxico e neologia: da palavra à unidade lexical.....	55
3.1.4 Criações lexicais: neologia denominativa, neologia estilística.....	58
3.1.5 A neologia formal.....	61
3.1.6 A neologia de empréstimos.....	66
3.1.7 A neologia semântica.....	69
3.1.8 Campo lexical e campo semântico.....	72
3.1.9 Neologismos formados por analogia.....	73
3.1.10 Neologismos fonológicos.....	74
3.2 AO NEOLOGISMO O QUE É DO NEOLOGISMO: QUEBRAR O SILÊNCIO E REIVINDICAR UM ESPAÇO DE PERTENCIMENTO PARA AS NOVAS LEXIAS.....	77
3.3 BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA: DOS PRIMEIROS GLOSSÁRIOS À CONSIDERAÇÃO DOS NEOLOGISMOS.....	83
3.4 CONHECIDA A SENHA, AS NOVAS LEXIAS, A LITERATURA E A CULTURA SE ENTRELAÇAM: ALGUMAS FUNÇÕES E REPRESENTAÇÕES.....	86
3.5 LÉXICO E LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS: VIVENCIAR A LÍNGUA EM TODAS AS SUAS POTENCIALIDADES E POSSIBILIDADES.....	95
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: “UM TRABALHO TRABALHOSO, MINUCIOSO”</b> .....	<b>100</b>
4.1 OBJETO DE PESQUISA.....	101
4.2 APRESENTAÇÃO DO CORPUS.....	102
4.2.1 O Prêmio Jabuti.....	102
4.3 DEFINIÇÃO DO CORPUS DE EXCLUSÃO.....	105
4.4 ACERCA DO CORPUS UTILIZADO NA PESQUISA.....	106
4.5 DESCRIÇÃO DO CORPUS.....	106
4.5.1 – Drufs.....	106
4.5.2 – A Avó Amarela.....	108
4.5.3 Da minha janela.....	112

4.5.4 - Sagatrisuinorana.....	115
4.5.5 - Sonhozz.....	117
4.6 MÉTODO DE ABORDAGEM E DE PROCEDIMENTO DA ANÁLISE DAS AMOSTRAS SELECIONADAS NO CORPUS E AS CATEGORIAS NEOLÚDICAS.....	120
4.7 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS E AS CATEGORIAS NEOLÚDICAS.....	124
4.7.1 Identificação dos neologismos.....	124
4.7.2 Catalogação dos novos itens lexicais.....	124
4.7.3. Definição da ficha para registro das novas lexias.....	124
4.7.4 As Categorias Neolúdicas nas aulas de literatura.....	127
4.7.4.1 Verbi, a primeira dimensão: o caráter palimpsesto das novas UL.....	129
a) Metaludismo.....	130
b) Neo-humor.....	131
c) Lexironia:.....	132
d) Literoexpressividade.....	133
4.7.4.2 Voco, a segunda dimensão: o cântico das lexias.....	135
a) Novissom.....	136
b) Sonorolexia.....	137
4.7.4.3 Visual, a terceira dimensão: os malabarismos lexicais.....	138
4.8 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	143
<b>5 ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA E DISCURSIVA DOS DADOS: “LUGAR ONDE CABEM QUASE TODAS AS CORES DO MUNDO”.....</b>	<b>144</b>
5.1 NEOLOGISMOS NO LIVRO DRUFS, DE EVA FURNARI (2017).....	146
5.2 NEOLOGISMOS NO LIVRO A AVÓ AMARELA, DE JÚLIA MEDEIROS (2019).....	184
5.3 NEOLOGISMOS NO LIVRO DA MINHA JANELA, DE OTÁVIO JÚNIOR (2020).....	198
5.4 NEOLOGISMOS NO LIVRO SAGATRISSUINORANA, DE JOÃO LUIZ GUIMARÃES (2021).....	204
5.5 NEOLOGISMOS NO LIVRO SONHOZZ, DE SILVANA TAVANO (2022).....	215
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS, A PALAVR(A)ÇÃO CONTINUA: “PORQUE TODO CONTO PODE SER RECONTADO À VERA”.....</b>	<b>220</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>225</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>234</b>

# 1 INICIANDO A PALAVR(A)ÇÃO<sup>1</sup>: “QUANDO O SONHO ACORDA AS LEMBRANÇAS QUE FICAM DORMINDO NA MEMÓRIA”<sup>2</sup>

*O menino aprendeu a usar as palavras. Viu que podia fazer peraltagens com as palavras. E começou a fazer peraltagens.*

Manoel de Barros

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO MEMORIALISTA DO OBJETO DE PESQUISA

Meu primeiro contato com o mundo mágico das palavras aconteceu na minha infância, na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Eram tardes e noites em que meus pais cada um a seu modo, revezavam-se para contar histórias, alimentando minhas fantasias. Meu pai, nortista nascido em Manaus, repentista, sanfoneiro, cantor, escritor e poeta, dominava como ninguém a arte de inventar ou transfundir enredos. Minha mãe tocava violino e bandolim durante a contação de histórias. Professora alfabetizadora – normalista, como era chamada na sua época –, tinha a palavra como seu galardão. Florescia a mescla perfeita para inspirar a menina, os irmãos e as outras crianças a saborear as intrigas e as ações da trama de cada narrativa, inventada ou não por eles.

Cenas. Cantos. Contos. Entre fadas e bruxas, peixes e pássaros, duendes, varinhas de condão, pó de pirlimpimpim, os relatos circulavam. As personagens de cada história se misturavam nos enredos de aventura, ação, mistério, suspense e fantasmagoria. Predominavam relatos simples, de inesperados acontecimentos saídos de caixas-de-surpresa, reminiscências de tempos de antes, com explicações do mundo e de minhas acontecimentos<sup>3</sup>. Eu, menina, crescia desejosa de conhecer outros territórios imaginosos com seus mistérios, criar universos alternativos, tão ou bem mais interessantes, e, como prescrevia a própria natureza, iniciar mais um ritual de passagem.

Para o meu “exercício de ser criança”<sup>4</sup>, a infância ficava pequena demais apenas dentro da minha casa e no seu entorno. Estava aprendendo que o mundo ia mais além do que o jardim e o quintal que me cercavam. Era preciso alçar outros voos, ser transeunte e

<sup>1</sup> Dado ser este um texto científico, que envolve o estudo de novas lexias, à semelhança dos autores das obras literárias analisadas por mim, ousou criar meus neologismos.

<sup>2</sup> Doravante, a primeira parte do título de cada capítulo, em itálico, compõe-se de uma frase, expressão ou palavra transcrita literalmente dos livros que fazem parte do meu *corpus*. Nesse caso, foi do livro *Sonhozzz*, de Silvana Tavano.

<sup>3</sup> Criação minha. “Acontecer” é mais que “vivenciar” e “experenciado”. Todos estamos sempre “acontecendo” diante do mundo a nossa volta.

<sup>4</sup> Tomei de empréstimo a expressão que dá título ao livro de Manoel de Barros.

viandante, legendar meu mundo com outras vivências, para descobrir os sentidos possíveis da palavra(lavra)ação que eu necessitava arar, cultivar, experienciar mais profundamente.

Na escola primária, a professora, uma contadora de histórias e também cantadora, criava suas próprias canções, ora nos apresentava outras, conhecidas ou não, para alegrar os encontros da semana. Por vezes, caminhava pelos corredores, de sala em sala, violão triscando, para mostrar nossas cantorias. Sua inesgotável memória era guardiã de um elenco de músicas, versos, parlendas, fábulas, minicontos, lendas e frutos de sua própria vivência ou armazenados ao longo de sua formação. Ela me lembrava os aedos, da Grécia Antiga, que compunham os próprios poemas e cantavam para o público, sempre acompanhados de um instrumento musical; e os rapsodos, artistas populares que se deslocavam de cidade em cidade recitando as composições à procura de audiência.

Lembro-me dos *Contos da Carochinha* e das *Histórias de Dona Baratinha*, que ela encenava e fazia teatro. A grande marca da escola pública onde estudei foi a sua biblioteca. No registro de minha memória, era imensa e tinha um certo ar de mistério. Uma vez por semana, folheava *O Tesouro da Juventude* e a *Enciclopédia da Fantasia*, da Livraria Martins. Dessa última, constavam *edições artísticas das mais belas fábulas de todo o mundo*<sup>5</sup>. Sentia-me "gente grande"! Podia ler sozinha *O gato de botas*, *As fadas*, *Pele de asno*, *A gata borralheira*, *A sereiazinha*, *O soldadinho de chumbo*, *Polegarzinha*. Catarticamente, esses textos remetiam-me àqueles mundos fantásticos, escamoteados pelas figuras e pelas letras por vezes translúcidas daquelas páginas.

No início da adolescência, minha mãe deu-me de presente Monteiro Lobato. Emília sempre me causou um certo fascínio e, quando lia outros livros, procurava nas personagens a ousadia e a perspicácia daquela boneca de pano. Mais tarde, habitaram meus cantinhos de leitura, com maior ou menor intensidade, os clássicos brasileiros e estrangeiros. A estante da minha casa, aos poucos, ia sendo recheada com os livros da *Coleção Saraiva*, comprados semanalmente por meu pai nas bancas de revista da redondeza. Autores e poetas circulavam naquelas prateleiras e dividiam espaços com os volumes da coleção *Alvorada da Vida*, das Edições Melhoramentos, cujo primeiro tomo, com os títulos *Aqui estão eles* e *Bambi*, remonta 1940.

Escalava as prateleiras da biblioteca do *Instituto de Educação*<sup>6</sup> em busca de autores "proibidos" para minha idade. Ficava horas naquelas mesas, sem ver o tempo passar. A leitura

---

<sup>5</sup> É com esse subtítulo, na contracapa, que as histórias são introduzidas.

<sup>6</sup> O Instituto de Educação, nas décadas de 60 e 70, era escola pública modelo em Belo Horizonte. De seu corpo docente fazia parte a elite intelectual da época.

e a convivência com os livros descortinavam formas de encontrar prazer no mundo fantasmagórico da linguagem escrita, pois conseguia enxergar a palavra bailarina, malabarista, futura companheira da minha escrita como pesquisadora, preenchendo os espaços vazios das páginas então folheadas.

Na universidade, meus professores de literatura pareciam envolvidos naquela aura de encantamento, análoga à sensação que a leitura me proporcionava. Eu os escutava, viajava e construía o texto de meu mundo, vasto mundo de palavras. Muito drummondianamente, eu também sabia e compreendia que “a minha história era [tão ou] mais bonita que a de Robinson Crusóé”, como disse o poeta itabirano nos versos de *Infância* (Drummond, 1974, p. 3-4).

Todas essas lembranças estão fortemente atravessadas na minha vida pessoal e acadêmica pela presença da palavra em suas mais variadas nuances, misturadas nos fios de histórias lidas, criadas e combinadas com outras tantas que, espero, serão narradas, futuramente, por meus alunos, futuros professores, e por todos que me acompanharam nessa trajetória palavreira.

Essa volúpia de ler, essa sensação única e totalizante que só a literatura provoca, esse conviver com aqueles que legendam o mundo com a arte da palavra possibilitaram-me a compreensão de que ler é, além de necessidade vital, um ato ininterrupto, fluido, de invenção, na medida em que vou juntando as coisas, montando o meu acervo e construindo o meu mundo. Porque ler é recarregar as palavras com significados, com lembranças e experiências novas, pois as leituras falam de como os homens estão no mundo, como o leem e se veem nele. O convívio com livros me fez palavradora, lavradora da palavra e, conseqüentemente, professora de Literatura.

Por estar em contato com leitores ou pessoas que posso transformar em tais – atividade que exerço há muito tempo em vários níveis escolares – é que o ato de ler sempre me chamou especial atenção, porque ligado ao sabor do prazer que experimento. É um gosto que me leva à procura de outros livros, não só para lê-los, mas, como propõe Benjamim (1984), para habitar neles, morar entre suas linhas, exercício por vezes solitário de prosear e palavrar em silêncio, enfim, de palavraver.

Existem vários tipos de leitura, mas interessam-me, neste trabalho, a leitura da literatura para as infâncias, tal como a venho praticando em sala de aula, e a presença expressiva dos neologismos nos seus enredos de ficção.

Como profissional, cuja área de atuação tem sido o ensino da Literatura nos cursos fundamental e médio, na graduação e na pós-graduação, busco apreender o discurso da

criança, do adolescente e do adulto<sup>7</sup>, interessada em compreender suas práticas de leitura, pois estas estão sofrendo mudanças profundas, haja vista o contato que todos podem ter, simultaneamente, com o texto impresso, o manuscrito, o eletrônico e o digital, este último com forte presença cotidiana. Nesse contato quase que diário, quero também entender como leitura e literatura se encenam e são encenadas.

Sempre trabalhei com criança e com adulto e observo que aquela percebe o texto tão bem quanto este. E mais: é possível realizar atividades com o mesmo livro, em diferentes faixas etárias. Cada um desses leitores dá uma resposta diversificada para a mesma proposta de leitura e, como a literatura tem que ser isso, o leitor é que (re)cria a história com o narrador, cada leitor vai ter uma história para inventar diante do texto lido. A literatura é para a divergência do pensamento. Quando o escritor escreve uma frase, sempre deixa vazios para o leitor preencher. São exatamente esses vazios que impulsionam a leitura e mobilizam a escrita. O que o leitor lê não é necessariamente a palavra que o escritor escreve, mas lê o silêncio que ele deixa entre as palavras. O texto é muito mais uma janela que se abre. Fica nas mãos do leitor elaborar a paisagem descortinada e construí-la através das suas memórias, vivências e lembranças.

Nos tempos atuais, moldados pelas transformações, a linguagem perpassa as atividades individuais e coletivas do ser humano e vem sendo reformatada, inclusive pela revolução causada por transformações tecnológicas e sociais. Nesse âmbito, a relação do homem com a linguagem tem se tornado mais fluida. De forma emblemática, experimentos linguísticos e estilísticos de toda ordem são mobilizados em obras de ficção. Trata-se de uma realidade recorrente e a literatura para as infâncias constitui uma inegável fonte disseminadora de neologismos.

Segundo Alves (2004, p. 5), o surgimento de novos itens lexicais, ou seja, o processo de elaboração de novas unidades léxicas é denominado de neologia, sendo o neologismo o seu produto. Ainda de acordo com a estudiosa, quando se cria um neologismo não se perpetra nenhuma situação de violação do sistema linguístico, mas, ao contrário, faz-se uso de suas estruturas para construir a nova unidade.

Nesse universo globalizado, as novas mídias, a velocidade das informações, enfim, as novidades e a evolução tecnológica criam um cenário de metamorfoses, visíveis na língua e nas palavras, ao mesmo tempo dinâmico e incomensurável. Consequentemente, a língua que falamos é afetada por essas alterações. Novas palavras surgem, velhas palavras voltam a

---

<sup>7</sup> Entendo, com BAKHTIN (1992), que o enunciado é a unidade da comunicação discursiva que supõe a alternância de sujeitos falantes.

adormecer nos dicionários, outras tantas instigam os sujeitos falantes a lhes conferir novos significados. Trata-se de um fenômeno dinâmico de renovação lexical, também oriundo do aproveitamento de radicais já existentes, alteração do significado e conservação do mesmo significante, além da importação de palavras. Como afirmam Ferraz & Silva Filho (2016, p. 11), “a obsolescência de unidades lexicais que caem em desuso e o surgimento de novas unidades na língua, os neologismos, são ocorrências naturais, previstas nos padrões de estruturação lexical das línguas vivas”.

Em face do exposto, este estudo oferta guarida, entre outros aspectos, a lexias e/ou expressões neológicas, com a finalidade de pontuar um dos elementos básicos da poética contemporânea – a renovação lexical – que se realiza no tecido textual literário por meio da valorização de um dos recursos oferecidos por uma das particularidades do dinamismo da língua – a criação neológica – e ofertar mais uma possibilidade de trânsito dos textos ficcionais e de seu estudo na sala de aula.

Para essas ações de linguagem, no que diz respeito à análise/exploração dos recursos lexicais e os efeitos de sentido, escolhi para constituir o *corpus* da minha pesquisa as obras literárias vencedoras em primeiro lugar de um dos mais tradicionais prêmios literários do Brasil, o Jabuti<sup>8</sup>, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. As produções selecionadas se referem ao período compreendido entre 2017 e 2022, classificadas no eixo “Literatura”, na categoria “Infantil”: *Drufs*<sup>9</sup>, de Eva Furnari (2017); *A Avó Amarela*, de Júlia Medeiros (2019); *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior (2020); *Sagatrisuinorana*, de João Luiz Guimarães (2021) e *Sonhozzz*, de Silvana Tavano (2022)<sup>10</sup>.

Nesses textos, a presença de neologismos é notória e me leva a perceber como seus autores, para criá-los, intervêm no sistema da língua, personalizam os usos linguísticos nas mais variadas situações, além de buscarem expressar, com tais experimentos, o imaginário infantil. Por outro lado, ofertam a possibilidade de essas novas lexias visitarem as salas de aula no Ensino Fundamental final, pois lá se encontram os leitores para decifram seus sentidos, trabalho este a ser desenvolvido pelos professores na interação com seu alunado.

Nesse contexto em expansão e, como esclarece Alves (2004, p. 5), sabendo-se que “o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova” com a criação de novas unidades léxicas pelos falantes de uma comunidade linguística, os estudos voltados para o surgimento de

<sup>8</sup> Sobre o Prêmio Jabuti, falaremos mais especificamente no item 4.2.1 desta pesquisa.

<sup>9</sup> Doravante, essas obras serão citadas, neste estudo, por meio de iniciais maiúsculas: *Drufs* (D); *A Avó Amarela* (AAA); *Da Minha Janela* (DMJ); *Sagatrisuinorana* (S); *Sonhozzz* (SO).

<sup>10</sup> Em 2018, o livro vencedor foi *O Brasil dos dinossauros*, de Luiz Eduardo Anelli e Rodolfo Nogueira. Ganhou o prêmio de melhor livro infanto-juvenil, mas não se trata de uma obra literária.

palavras novas merecem destaque, se investigados na produção literária de autores brasileiros contemporâneos cujos livros, especialmente, atingem o público em fase escolar. Entendo que esses autores, ao produzirem unidades léxicas inéditas, atribuem novos sentidos a elas ou àquelas já presentes na língua, não apenas para trazer resposta a uma lacuna existente nos estudos do léxico na escola, mas também para lhes conferir valor estilístico, o que transmite expressividade ao discurso. Por tais aspectos, enfatizo a pertinência em se realizar uma investigação acerca da neologia estilística na literatura para as infâncias.

Há poucas pesquisas nessa área. O que se encontra em maior número são estudos voltados para a recolha e a análise dos neologismos em obras canônicas, clássicas, da tradição e/ou da cultura livresca, destinadas ao público adulto. No meu entendimento, esse vazio de estudos lexicais em produções destinadas especificamente para o público infantil pode começar a ser diminuído com minha pesquisa, a partir da elaboração de um trabalho investigativo mais desenvolvido sobre a neologia na literatura infantil.

Conforme apregoa Hunt (2010, p. 259), “ao ensinarmos a língua, estamos ensinando às crianças jogos de palavras, modos de compartimentar” suas experiências. À luz desse entendimento, os neologismos, após seu surgimento, cumprem um papel relevante enquanto fenômeno de inovação lexical. Além disso, segundo esclarece Duarte (2011, p. 9), existe “uma correlação forte entre sucesso escolar e capital lexical (isto é, o conjunto organizado de palavras que conhecemos e usamos)”. E complementa: “Com efeito, quanto menor é o capital lexical de um falante, mais penoso é o processo de leitura e tanto menor é o seu desempenho na compreensão da leitura” (2011, p. 9).

Na esteira desse pensamento, Ferraz (2010, p. 1847) orienta acerca do que se deve entender por “competência léxica”:

Entendemos o termo competência lexical tanto no sentido do que se deve possuir para usar a palavra de maneira adequada, quanto no sentido de capacidade de reconhecer, aprender, recuperar e relacionar as diferentes palavras no nível oral e escrito. [...] O uso adequado das palavras, que caracteriza o desenvolvimento da competência lexical, mostra que a aquisição do léxico de uma língua está diretamente relacionada à aquisição da fonologia, morfologia, sintaxe e da linguagem semântica dessa língua.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> “Entendemos el término competencia léxica tanto en el sentido del que se debe poseer para poder utilizar la palabra con propiedad como en el sentido de la capacidad de reconocer, aprender, recuperar y relacionar las distintas palabras a nivel oral y escrito. [...] El uso adecuado de las palabras, que caracteriza el desarrollo de la competencia léxica, muestra que la adquisición del léxico de una lengua está relacionada directamente con la adquisición de la fonología, de la morfología, de la sintaxis y de la semántica de esta lengua”. (Tradução minha)

Duarte (2011, p. 10) amplia a compreensão dessa competência ao propor que “a consciência lexical é o tipo de consciência linguística que diz respeito ao conhecimento das propriedades das palavras que integram o nosso capital lexical”. Significa dizer, entre outros aspectos, que as palavras concedem aos falantes de uma língua um lugar de poder, pois lhes permitem marcar seu território com ideias e formas de pensar e de ler o mundo. Sob esse prisma, existe uma correspondência expressiva entre o sucesso escolar e o capital lexical do aluno, pois quanto maior o seu acervo vocabular mais facilitado e exitoso será seu desempenho como leitor e produtor de textos.

Considerando-se a diversidade de gêneros discursivos e os recursos estéticos presentes em textos de qualidade literária que necessitam circular na escola e, por extensão, chegar às mãos dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental<sup>12</sup>, deve-se levar em conta que a matéria-prima da literatura é a palavra. O propósito dos escritores e poetas é saber usá-la, aproveitando seu poder de sugestão com originalidade e propriedade, pois aí residem a sua arte e o seu talento. Conseqüentemente, um dos objetivos do professor deve ser o de explorar as potencialidades que possibilitam ao leitor-criança refletir sobre a produtividade da língua nos textos, principalmente quando os processos investigativos e de análise se voltam para as novas lexias.

Embora Hunt (2010, p. 75) não use a expressão “literatura de qualidade”, ele expõe “o que se considera ser um ‘bom’ livro: “pode sê-lo no sentido prescrito pela corrente literária/acadêmica dominante; ‘bom’ em termos de eficácia para educação, aquisição de linguagem, socialização/aculturação ou para o entretenimento de uma determinada criança ou grupo de crianças em circunstâncias específicas”. Trata-se de um tipo de texto que não é utilitário e, por isso, uma de suas funções é a de gerar multiplicidade de interpretações, dado resultar de subjetividade autoral.

Nesse particular, muitos equívocos são cometidos por alguns autores – em princípio, adultos escrevendo para crianças – que tendem a minimizar o nível de exigência em relação à obra literária, como se o fato de escreverem para essa faixa etária pudesse justificar a pobreza em expressão e em experiências criadoras, o tom moralizante, o reducionismo de imagens, o simplismo, a facilitação artística, o utilitarismo, entre outros aspectos. Em contrapartida, a literatura feita do adulto para o adulto, na maioria das vezes, tem merecido maior cuidado e esmero por parte de outros escritores porque se destina, inicialmente, a um público crítico e

---

<sup>12</sup>

Doravante, quando me refiro ao Ensino Fundamental, considero que este, desde 2008, é dividido em dois grupos: anos iniciais ou Ensino Fundamental I, e anos finais ou Ensino Fundamental II. Portanto, as obras componentes do meu *corpus* dizem respeito a alunos/leitores inseridos nesse último período de escolarização.

exigente, qualidades, segundo eles, as crianças são desprovidas, como fica possível inferir em algumas produções disponíveis, inclusive nas bibliotecas das escolas.

Em meu entendimento, a literatura de qualidade a ser ofertada para leitores, desde os anos iniciais de sua escolarização e ao longo de toda a sua vida, é aquela distanciada desses equívocos, por trazer no seu cerne

uma função transformadora, pela possibilidade de as crianças viverem a alteridade, experimentarem sentimentos, caminharem em mundos distintos no tempo e no espaço em que vivem, imaginarem, interagirem com uma linguagem que muitas vezes sai do lugar-comum, que lhes permite conhecer novos arranjos e ordenações. (Corsino, 2010, p. 184)

Corsino (2010, p. 184), em sintonia com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), reitera: “ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura”. (BRASIL, 1998, p. 143).

Por outro lado, a BNCC (2018), ao tratar das competências específicas de língua portuguesa para o Ensino Fundamental, busca valorizar “a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BNCC, 2018, p. 89). Também propõe o “desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética” da literatura e das artes em geral “para que a [sua] função utilitária possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora.” (BNCC, 2018, p. 140)

A produção literária contemporânea tem privilegiado os leitores com obras de escritores premiados nacional e internacionalmente. Por meio da urdidura de seus textos, eles apresentam uma literatura libertária, demolidora de tabus e preconceitos. Os jovens leitores muito se identificam com essas narrativas ao encontrarem nelas, por espelhamento, as suas próprias experiências.

Na modernidade, alguns autores buscam redimensionar a literatura infantil, tratando-a como uma literatura dirigida sobretudo, mas não só a crianças, apresentando-a como algo capaz de encantar, de acrescentar vivências, de possibilitar inúmeras descobertas, de fazer sonhar, independente da faixa etária. Embora ainda pouco estudada do ponto de vista neológico, sua produção mostra-se bastante rica em inovações lexicais, o que possibilita a ampliação do horizonte de expectativas do leitor-criança, pois, por intermédio de um discurso linguístico novo, essas obras de ficção fotografam a mundividência infantil por ângulos diversos.

Suas histórias solicitam o olhar crítico sobre o mundo às vezes desarmônico dos sujeitos líricos e das personagens. Por isso, os livros se superam, despertam a curiosidade de qualquer um desses leitores e trazem em si os caminhos que permitem a eles produzirem novos sentidos a cada leitura, tornando-se uma referência de prazer e encantamento para o resto de suas vidas.

Assim posto, saliento que o trabalho com o léxico na sala de aula, envolvendo a leitura literária, precisa acontecer de modo integrado. À luz das ideias de Leffa (2000, p. 18), esse ensino se integraliza e “pode estar centrado no *input* que é oferecido ao aluno, com ênfase na preparação do texto, ou no próprio aluno, com foco no desenvolvimento das estratégias que ele deve usar para se apropriar do vocabulário de uma língua”. Em relação ao texto, “mostra-se principalmente a importância de se conhecer a distribuição das palavras no texto, de sua frequência relativa, de suas preferências e restrições colocacionais” (Leffa, 2000, p. 18).

Segundo o estudioso, quando o ponto central é o aluno, “procura-se resumir o que se sabe sobre aquisição incidental e aprendizagem intencional, com sugestão de estratégias para o desenvolvimento do vocabulário, partindo da teoria para a prática” (2000, p. 18). Ainda de acordo com o pesquisador, nesse movimento deve-se considerar “a língua tanto em sentido geral, sem restrição de *input*, como a língua de especialidade, onde o *input* fica restrito a uma determinada área de conhecimento” (2000, p. 18).

Levando-se em conta o ensino de língua estrangeira, esse mesmo teórico se propõe a analisar o processo do desenvolvimento lexical através de três dimensões, as quais julgo também pertinentes ao ensino de língua materna:

*A dimensão da quantidade* considera o desenvolvimento lexical apenas ao longo de um continuum de palavras conhecidas pelo aprendiz. A competência lexical de um falante é medida pelo número de palavras que ele conhece. Esse número será pequeno no início da aprendizagem, mas irá aumentando gradativamente, com patamares significativos em alguns números. [...] *A dimensão da profundidade* considera a evolução que vai de um conhecimento superficial a um conhecimento profundo da palavra. [...] Finalmente, a *dimensão da produtividade* considerará a oposição entre conhecimento receptivo e conhecimento produtivo do léxico. De modo geral, somos capazes de reconhecer um número muito maior de palavras quando ouvimos ou lemos um texto do que somos capazes de produzi-los quando falamos ou escrevemos. (Leffa, 2000, p. 34)

Se isso ocorre, especialmente com ênfase na leitura da literatura, o professor valoriza as palavras como instrumentos poderosos, capazes de ampliar o acervo vocabular dos

estudantes, pois o sucesso escolar, conforme já mencionado neste estudo e comprovado por estudiosos e pesquisadores<sup>13</sup>, está diretamente relacionado ao capital lexical e à competência léxica constituídos durante o aprendizado no período de escolarização.

A partir dessas considerações iniciais, amplia-se a conduta feita até o momento nesta pesquisa canalizando-a para a necessidade de se compreender que o léxico de uma língua não é homogêneo. No universo dos estudos linguísticos, uma pesquisa sobre o léxico não implica realizar uma ação visando a uma homogeneidade investigativa. Segundo Krieger (2006, p. 159), “isso se explica, porque o conceito de léxico pode variar conforme a teoria adotada, ou em razão do privilégio atribuído a alguma das inúmeras faces e/ou modos de realização das unidades lexicais de um idioma: as palavras”. E conclui: “estudos do léxico [...] podem inscrever-se em campos de conhecimento que privilegiam o viés aplicado, caso típico da lexicografia, cuja tarefa é repertoriar as unidades lexicais em dicionários” (2006, p. 159).

Por outro lado, e segundo enfatizei anteriormente, nem todos os falantes utilizam os lexemas<sup>14</sup> da mesma forma: ora usam palavras típicas da língua falada e da língua escrita, ora recorrem a vocábulos antigos que caíram em desuso, criam palavras novas às quais ofertam roupagem diferente e promovem não apenas a reutilização daquelas já existentes como incorporam termos de outras línguas, “processos que costumam coexistir e deixar o léxico em um ininterrupto movimento de renovação” (Antunes, 2012, p. 33). Com isso, demonstram a polivalência das unidades léxicas em diferentes contextos, valorizam o seu emprego polissêmico, utilizam termos técnicos, estrangeirismos, enfim, colocam as lexias<sup>15</sup> no patamar de importância que elas merecem. Esses fenômenos ocorrem porque há uma dinamicidade na língua responsável por ela estar sempre em constante renovação e superação.

O léxico, parte viva da língua, em face de sua mutabilidade, está constantemente se renovando, pois, conforme orienta Goldstein (2020, p. 90), “a língua é dinâmica, passa por constantes inovações”. Ferraz (2006, p. 221) amplia essa compreensão ao afirmar que “a

<sup>13</sup> A esse respeito, consultar: DUARTE, Inês (Org.). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência lexical*. Lisboa: Ministério da Educação, 2011. Disponível na Web em: [https://area.dge.mec.pt/gramatica/O\\_conhecimento\\_da\\_lingua\\_desenv\\_consciencia\\_linguistica.pdf](https://area.dge.mec.pt/gramatica/O_conhecimento_da_lingua_desenv_consciencia_linguistica.pdf). Nas discussões propostas pela estudiosa há reflexões acerca do desenvolvimento da consciência linguística e ensino da gramática, do desenvolvimento da consciência fonológica, morfológica, lexical, sintática, textual, discursiva, além de orientações e citações de outros teóricos que dedicam suas pesquisas ao entendimento do que se chama de “capital lexical”.

<sup>14</sup> Neste estudo, utilizo o termo “lexema” no sentido geral, visto enquanto unidade de base do léxico, considerando-se a oposição léxico/vocabulário, em que o léxico se relaciona com a língua e o vocabulário com a palavra (fala). (Dubois, 2011, p. 338). Nesse âmbito, o lexema constitui a unidade de base do léxico, unidade abstrata da língua, e o vocabulário, a unidade concreta, real da língua. Já o vocábulo é, por sua vez, uma unidade bifacial: uma geral (ao nível da *langue*) e um particular (ao nível da *parole*).

<sup>15</sup> Forma que um lexema assume no discurso.

mudança linguística enseja, no que concerne ao léxico, duas ocorrências facilmente observáveis: a obsolescência de unidades que caem em desuso e o surgimento de novas unidades na língua”. De acordo com esse pesquisador e linguista, “uma das características universais mais marcantes das línguas naturais é a mudança”. Esse fenômeno se manifesta em vários níveis linguísticos: morfológico, sintático, fonológico, semântico e pragmático. Porém, de acordo com (Ferraz, 2006, p. 291), “de forma mais evidente no nível lexical. [...] A língua que não se atualiza acompanhando a atualização da sociedade corre o risco de desaparecer por estagnação”.

Assim posto, toda palavra merece ser observada, esmerilada, desnudada, pois ela não atinge o receptor sem um propósito. Esse mesmo procedimento se aplica aos neologismos. Quando se percebe no léxico e, especialmente no texto literário, uma unidade lexical ainda não dicionarizada ou uma nova acepção conferida a uma palavra, tal fenômeno merece esse trabalho de escavação em busca de seu deciframento. Nessa instância, instauramos a metáfora da *palavra palimpsesta*, aquela palavra “raspada” que possibilitará a criação/sobreposição de uma nova, escrita nas suas mais variadas nuances.

Significa dizer que o trabalho do professor com seus alunos, principalmente aquele voltado para os estudos do léxico e da literatura, deve se assemelhar ao do historiador quando executa minuciosamente a análise de um palimpsesto: é de perscrutamento. Originalmente o termo se refere a um manuscrito antigo que foi raspado ou apagado para que pudesse ser reutilizado, de modo geral a fim de escrever outro texto por cima. No sentido metafórico, o termo "palimpsesto" é usado neste estudo para descrever algo que pode ter sido alterado, mas que ainda carrega vestígios de seu estado anterior, tal como as palavras nas obras literárias, cujos textos incorporam ou referenciam outros, mostrando influência, camadas de significados, outras formas de uso ou de criação de outros/novos itens lexicais. O professor, portanto, necessita trazer à tona os sentidos pretendidos ou a serem desvendados no plano textual que recobre o universo diegético, isto é, narrativo das obras. Assim, o texto ficcional disponibilizado por ele, tal como nos manuscritos antigos, será “raspado” cuidadosamente para dar lugar a outro(s), na decifração, na tradução, na produção de novas instâncias significativas, somente possíveis na relação interacional exitosa entre esses dois atores.

Muitas dessas novas palavras, ao executarem malabarismos ao longo do texto, pegam o leitor pelo susto no meio da leitura. Ora são experimentos sonoros, como as onomatopeias, pela “relação imprecisa entre o vocábulo, os ruídos ou gritos” (Alves, 2002, p. 12). Outras variações ocorrem no nível gráfico, quando o desenho da palavra é modificado propositalmente para causar estranhamento e instigar nova tradução. Há aquelas às quais se

acrescentam sufixos e prefixos, e nascem por vezes sobrecarregadas de bom-humor e de ironia, além dos estrangeirismos e dos empréstimos. Algumas mudam de classe gramatical e de gênero, surgem truncadas, reduplicadas ou perdem um de seus elementos. Sem contar aquelas cuja grafia se mantém íntegra, todavia suscitam novos significados, por vezes metalinguisticamente explicados. Elas circulam por todos os gêneros textuais, à cata de leitores para decifrá-las.

Faz sentido, portanto, pensar na possibilidade de transformar obras literárias para as infâncias em uma pesquisa acadêmica na qual se procura refletir acerca da produtividade lexical nessas produções artísticas, porque a literatura destinada às infâncias tem oportunizado a renovação do vocabulário e operado o surgimento de novas palavras, constituindo-se como um observatório de neologismos depositário de acervos vocabulares significativos. Nesse âmbito, a leitura literária na sala de aula fomenta, como apresentei anteriormente, o desenvolvimento da consciência e da competência lexical, essenciais a fim de permitir ao aluno livre acesso ao universo comunicativo, na medida em que ele adquire conhecimentos e capacidade de uso do vocabulário e passa a compreender seus elementos gramaticais e lexicais.

Reforçando o que também já evidenciei neste estudo, posso dizer que ainda são tímidos os estudos sobre neologismos forjados nos livros de ficção cujos leitores, em princípio, são as crianças. Encontram-se pesquisas nos estudos lexicográficos e lexicológicos em autores da literatura dita “adulta”, até porque, para leigos e alguns estudiosos, infelizmente, a literatura para as infâncias, em função do público a que se destina e por conta do rótulo “infantil”, que a qualifica, ainda é considerada menor, marginal, no sentido de estar à margem em relação ao cânone, embora haja excelentes autores, altamente significativos, cujas produções merecem ser investigadas, principalmente no que concerne à sua contribuição para os estudos do léxico, como será demonstrado na análise dos neologismos encontrados nos livros componentes do *corpus* escolhido para este estudo.

Essa visão inferiorizada e de desvalorização da literatura dita “infantil” parece relacionar-se à concepção que se tem de infância assim como à desqualificação do seu atributo. Nessa forma de pensar percebe-se claramente que produzir literatura é uma coisa e escrever para essa faixa etária é outra e, portanto, pode-se escrever qualquer coisa, inclusive de maneira meramente utilitária, ou mesmo produzir uma pseudoliteratura, mais próxima dos textos de autoajuda, para pais e professores orientarem as crianças do ponto de vista atitudinal, por exemplo.

Para tratar dos neologismos literários, parte do arcabouço teórico deste estudo se ancora, fundamentalmente, nas contribuições de Boulanger (1979) sobre novas unidades lexicais e seus processos de criação. Na esteira deste teórico, outra linha investigativa está alicerçada em Alves (2004), na abordagem que faz a estudiosa acerca da divisão dos neologismos em diferentes processos de formação neológica e de como uma lexia se transforma em neologismo.

Pretendo, ainda, esboçar uma reflexão à luz das ideias de Guilbert (1975) no que tange à criatividade lexical e à criação neológica estilística, presentes na linguagem literária, cuja nova lexia não tem guarida nos dicionários, mas faz com que autores produzam textos extremamente expressivos.

Os pressupostos teóricos estabelecidos por Cardoso (2018) e Monteiro (1991), ao destacarem a estilística e a expressividade na língua portuguesa, e por Ferraz (2006), quando enfatiza a dimensão social da língua e aponta a renovação do léxico como um fenômeno permanente, vão me remeter ao aprofundamento da pesquisa proposta neste estudo.

A esse referencial se entrelaçam as conceituações teóricas de estudiosos cujas sustentações e estratégias de pesquisa vão culminar na minha proposta de categorização de neologismos a serem identificados, estudados e analisados exclusivamente em textos literários, espelhados nas normas já concebidas para análise dos processos existentes de formação neológica no português brasileiro contemporâneo, por meio de “mecanismos oriundos da própria língua [...] ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos” (Alves, 2002, p. 5). Tais categorias estão explicitadas de modo mais amplo no item 4.7.4 deste estudo, e entendidas como um fenômeno linguístico no qual o que chama a atenção não é o processo de formação de palavras, de criação em si, mas a sua função exclusivamente no texto literário, centrada na expressividade e no modo como os autores “brincam” com os signos.

As artimanhas de que os artistas da palavra fazem uso para criar novas unidades lexicais possibilitam realçar a relevância da mutabilidade linguística e da renovação lexical e compreender a importância da Estilística Léxica para que se possa fazer a distinção entre a expressividade obtida com neologismos conceptuais e com neologismos formais no processo de criação de novas lexias. Esse ramo da estilística, conforme orienta Cardoso (2018, p. 31), propõe-se a “analisar a expressividade das palavras, seja por sua flexão, seja por sua formação, seja por sua classificação, seja por seu significado no contexto. [...] Preocupa-se, então, com os aspectos expressivos ligados aos componentes semânticos e gramaticais das palavras”. Além disso, volta-se para a escolha das lexias e como são empregadas a fim de

criar efeitos de sentido, emoção e estilo, este sim um diferencial entre produtores de obras literárias para as infâncias.

Portanto, neste meu processo investigativo a concepção estilística da palavra literária neológica considera seus componentes tais como: semânticos (as ideias expressas), morfológicos (a classe de palavras e seu desempenho na estrutura frasal) e contextuais (seu emprego de acordo com o contexto do discurso), além de outras significações possíveis, integrantes do signo linguístico. Outros elementos compõem esse cenário, entre eles a conotação e a denotação (significados literais e associados); a escolha de sinônimos e antônimos responsáveis pela alteração das nuances na tessitura textual); a presença de metáforas, metonímias, hipérboles, ironias, aliterações, personificações e outras figuras de linguagem enriquecedoras dos significados; os diferentes registros que afetam a percepção dos sentidos nos diferentes discursos; os modos como as palavras evocam simbolismos e imagens na construção dos significados, para citar alguns.

Esses elementos, conjugados, ajudam a entender não apenas a tessitura textual na sua diversidade, mas também a intencionalidade autoral e a resposta do leitor, fundamentalmente quando a UL é fruto da inventividade e da criatividade dos escritores. Ratifica meu posicionamento ao situar a literatura para as infâncias como disseminadora de neologismos e ao propor uma análise da expressividade das novas lexias por meio das **Categorias Neolúdicas**. De forma muito especial nesta pesquisa considero a palavra como massa verbivocovisual, com ênfase nas suas dimensões verbal, sonora e óptica.

Nesse sentido, torna-se significativa a orientação de Cardoso (2018, p. 188) e que reforço mais uma vez:

Quando uma nova palavra é utilizada mais com valor estilístico do que apenas com o objetivo de suprir uma lacuna existente no léxico, passa a ser objeto de estudo da estilística da palavra, ou estilística léxica, que tem como foco a expressividade obtida com as palavras, seja por sua flexão, seja por sua formação, seja por sua classificação, seja por seu significado no contexto. Essa parte da estilística dedica-se, pois, aos aspectos expressivos ligados aos componentes semânticos e gramaticais das palavras, levando-se em conta também sua função sintática e discursiva.

Complementando, a escrita deste texto, em primeira pessoa, justifica-se porque muitas vozes vão circular nesta produção acadêmica. Entre elas há a voz da pesquisadora, que ocupa um lugar social, com sua experiência de professora de literatura e o caminho traçado no seu processo investigativo, além do relato de suas acontecimentos. Carrega, ainda, na pluralidade de dicções, os reflexos do direcionamento do orientador e demais estudiosos da área; o que

dizem os teóricos pesquisados; os autores dos textos literários vencedores do Prêmio Jabuti, entre 2017 e 2022; e os narradores e os personagens dessas obras, conforme buscarei demonstrar ao longo do meu processo investigativo. Esse conjunto de atores me mostra a necessidade de criar uma abordagem capaz de unir estudos linguísticos e literários envolvendo o enfoque em novas unidades lexicais.

Por fim, reafirmo meu foco nas produções literárias, com vistas a analisar as formações neológicas resultantes de criações estilísticas bem como o enriquecimento lexical do leitor. Esclareço que meu objeto de análise situa-se no campo dos neologismos, motivo pelo qual não pretendo realizar estudos de teoria e muito menos de crítica literária. Minha abordagem, exclusivamente linguístico-estilística, realiza-se no âmbito da Lexicologia e se volta para a recolha e análise de neologismos encontrados nas obras literárias componentes do *corpus* selecionado.

Em sequência, explicito meus objetivos e hipóteses, além de apresentar possíveis respostas ao questionamento que trago à tona sobre o porquê de uma proposta de categorização lúdica dos neologismos para livros de ficção destinados às infâncias.

## 1.2 POR QUE ELABORAR UMA PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO DE NEOLOGISMOS EM OBRAS LITERÁRIAS PARA AS INFÂNCIAS?

Além de apontar as funções lúdica e criativa dos neologismos na literatura infantil, com minhas investigações e com a recolha de neologismos na literatura contemporânea, especialmente com a análise das obras vencedores do Prêmio Jabuti, entre 2017 e 2022, procuro comprovar que as palavras, em algumas dessas produções, ocupam um lugar significativo na língua portuguesa, além de indicar que há aquelas encontradas na linguagem literária que ainda não foram dicionarizadas. Nesse sentido, torna-se relevante oferecer aos professores e demais estudiosos do léxico uma nova possibilidade de análise dos neologismos nas obras de ficção destinadas às crianças, território vasto que abriga, sem preconceitos ou silenciamentos, as novas unidades lexicais.

Concebo o ensino da literatura desde os anos iniciais na Escola Básica, por ela oferecer uma série de benefícios significativos para o desenvolvimento linguístico e pessoal das crianças. A literatura expõe os infantes a uma rica variedade de vocabulário e de estruturas linguísticas. Isso ajuda no desenvolvimento da leitura e da escrita, além de melhorar a compreensão e a expressão verbal e, conseqüentemente, ampliar sua consciência e competência léxicas.

Contos, histórias e poemas estimulam a imaginação dos infantes e incentivam a criatividade. Eles aprendem a visualizar cenários, criar narrativas e explorar mundos fictícios, o que pode enriquecer sua capacidade de pensamento criativo. Abrem uma janela para diferentes culturas, épocas e experiências de vida. Ao ler sobre personagens e histórias de diferentes contextos, as crianças desenvolvem empatia e compreensão sobre a diversidade e a complexidade da experiência humana. Analisar textos literários ajuda-as a desenvolver habilidades de pensamento analítico. Elas aprendem a interpretar textos, identificar temas e simbolismos e considerar diferentes pontos de vista. Introduzir a literatura desde cedo na escolarização dos estudantes incentiva-os a cultivar um vínculo duradouro pela leitura.

Crianças expostas a histórias envolventes e bem contadas provavelmente desenvolverão um hábito de leitura prazerosa. O contato com livros as conduz a explorar contextos históricos e culturais de forma envolvente e memorável. Temas universais como amizade, coragem, ética e justiça, entre outros, trazem abordagens que podem ajudá-las a entender e a lidar com suas próprias emoções e situações de vida.

Quando o professor, em sala de aula, coloca reflexivamente textos literários à disposição, promove habilidades de comunicação e debate no seu alunado. As crianças aprendem a expressar suas opiniões, ouvir as dos outros e a se engajar em discussões construtivas. Portanto, no meu entendimento, levar os textos literários para a escola desde os anos iniciais ajuda a construir uma base sólida para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, preparando-as para uma vida de aprendizado contínuo e apreciação da cultura. Diante disso, sou cúmplice das indagações de Uchôa (2009, p. 53-54):

O estudo, se bem orientado destes textos, não pode e deve ser a iniciação à literatura? Textos poéticos, bem selecionados, com recursos lúdicos expressivos, como tantos de Cecília Meireles e de Henriqueta Lisboa, por exemplo, não devem ser objeto de leitura dos alunos logo nas primeiras séries do fundamental? Os estudantes não devem ser estimulados a ler romances, contos e poemas, ao longo do ensino fundamental? Estas leituras não devem participar da formação intelectual e afetiva deles? Por que falar em ensino de literatura, e para os jovens é isto que é passado, só quando ela adquire caráter de matéria escolar, de uma disciplina fixada pela programação oficial?

Prováveis soluções para essas perguntas podem nascer de uma orientação aos professores por meio das **Categorias Neolúdicas** propostas neste estudo. Elas apontam caminhos possíveis para a análise dos neologismos presentes em obras literárias e funcionam como coadjuvantes na leitura e na produção de sentidos e saberes. Assim, destaco a sua

relevância para a comunidade acadêmica a respeito do ensino dos neologismos no nível fundamental, pois a tematização em torno dessa esfera pode permitir aos estudantes não apenas novas práticas de leitura e de escrita, como também a possibilidade de as relacionar aos contextos nos quais escrevem e se inscrevem. Acima de tudo, implica torná-los capazes de se inserir no universo linguístico discursivo exigido culturalmente na sua escolarização e, conseqüentemente, na sua formação como leitores e produtores de textos.

A investigação sobre neologismos, inclusive os literários, envolve, por outro lado, o domínio de estratégias de sistematização de informações e de mobilização de saberes provenientes de variadas fontes. Esses aspectos, por si só, justificam a necessidade de estudos que facilitem e auxiliem o professor no desenvolvimento de metodologias de ensino envolvendo a análise, os efeitos e a produção de sentidos no contexto literário em que as novas lexias circulam, além de identificá-las inserindo-as em categorias, de acordo com sua especificidade, para facilitar seu estudo em sala de aula.

Por trinta e cinco anos, na universidade, fui professora de Língua Portuguesa e das Literaturas, entre elas a brasileira, a portuguesa, a africana de expressão portuguesa e a infantil e juvenil. Desde o início dessa trajetória, causava-me estranhamento encontrar nas estruturas curriculares a segmentação entre os estudos linguísticos e os literários. Não conseguia entender como os meus pares se calavam diante desse fato e discutir a questão tornava-se um dilema cujo debate sempre dividia os docentes e não se chegava a um consenso. Havia aqueles que não admitiam o ensino em conjunto de língua e literatura e, como eram os mais antigos na instituição, para a outra voz inexistia a vez.

Mais dilemático ainda para mim era perceber que a literatura para as infâncias sequer figurava nas estruturas curriculares das graduações. Como então orientar e preparar os licenciandos dos cursos de Letras e, portanto, futuros professores, sobre esse ensino nos cursos fundamental e médio? Então, como chefe de departamento e, posteriormente, coordenadora do curso de Letras, em uma instituição onde atuei como docente por muitos anos, criei a referida unidade curricular. Isso foi motivo, inclusive, para que a disciplina se estendesse ao curso de Pedagogia.

Durante esse tempo, sincronicamente, fui aprovada no concurso público estadual para o exercício do magistério em escolas públicas estaduais. Lecionei em escolas situadas em favelas, morros e aglomerados e me percebi diante de alunos desprovidos de tudo: material, social e afetivamente. Sonegar-lhes conhecimento linguístico e literário de qualidade era uma situação incompatível com meu projeto de vida professoral. Exatamente porque aquela escola era mais exclusiva do que inclusiva, sentia-me responsável por levar a eles algo inovador, o

que eu concebia como o mais adequado diante de tais circunstâncias – ainda que fosse em instituições de recursos parcos.

Para mim tornava-se imperativo incutir neles o gosto pelo aprendizado da língua e o prazer pela leitura literária, de forma conjunta. Então, a cada atividade programada, as minhas aulas se transformavam em momentos lúdicos, com instigantes descobertas nascidas da participação daquelas crianças. Muitas vezes aprendi com elas a ler os livros de acordo com a sua mundividência, diferentemente do meu olhar adulto. Sentia estar no caminho certo, porque língua e literatura caminhavam sem se sentirem proscritas, desterradas, pois eu conseguia fazer da sala de aula o território propício para sua viandância e circulação.

Sob outra ótica, nessas escolas públicas onde lecionei, pude observar as inquietações dos docentes no momento da construção de uma proposta curricular inovadora para o ensino do português e da literatura no nível fundamental, pois ela sempre esbarrava em algumas práticas pedagógicas tradicionais – nem sempre efetivadas de maneira competente – já assimiladas pela maioria dos professores, alguns deles resistentes diante da novidade, vista como sinal de mais trabalho.

Nessas instituições repetia-se o dilema que tanto me incomodava ao longo de todos esses anos: a eterna discussão entre ensinar língua materna separada do ensino da literatura. Como se fosse possível e coerente aplicar à situação o epíteto “a César o que é de César, a Deus o que é de Deus”. Sempre havia professores muito contrários às mudanças, postulando a inviabilidade dessa conexão entre as duas áreas, para mim fundamental, geradoras de enriquecimento tanto para o docente como para o alunado.

Um desafio imperava e eu o aceitei. Necessitava de uma base mais sólida para ratificar meu discurso e torná-lo importante para a Academia. O próximo passo foi o doutorado. Uma forma de tornar coerente a defesa do meu ponto de vista levou-me a postular uma vaga ao me inscrever em Estudos Linguísticos; área de concentração: Linguística Aplicada; linha de pesquisa: ensino do Português. Surgia a possibilidade de iniciar a caminhada e promover o estudo conjunto entre língua e literatura. Havia criado a senha. Agora era acessá-la e prosseguir.

Assim, neste estudo que ora proponho e diante das palavr(a)ções iniciais, não tenho receio em me posicionar de forma categórica: como pesquisadora, estudiosa da língua e professora de literatura, tanto na escola básica como na universidade, postulo ensinar concomitantemente língua e literatura. Para mim, defender a ideia de um ensino segmentado, separando as duas áreas, desagua em uma abordagem redutora, simplista, por restringir a atuação do docente, limitando seu trabalho em sala de aula, pois este passa a ser voltado para

o ensino mais metalinguístico do que epilinguístico, com reforço em regras, normas e frequente privilégio à memorização.

Não se trata de desconhecer as contribuições da metalinguagem e negar seu emprego como recurso auxiliar no ensino da língua materna, mas de não a supervalorizar, até porque uma ênfase precisa ser dada à prática contínua da linguagem, que promove o ensino conjunto da língua e da arte da palavra. Além do mais, é desconsiderar a literatura como exercício de linguagem. É desconhecer que ela não apenas a emprega, mas a transforma, explorando e atualizando potencialidades presentes no tecido textual, mesmo porque, para ensiná-la, torna-se fundamental que o professor do vernáculo tenha a base linguística essencial para realizar a análise da obra literária.

Por isso insisto na mais valia das **Categorias Neolúdicas**, pois, com a proposta de análise das novas lexias a partir das três dimensões enfocadas – *verbi*, *voco* e *visual* – e suas subcategorias, o professor estará diante de uma fonte de consulta inovadora. Assim, ousa circular em dois territórios conectados e proporcionar ao docente da escola básica uma abordagem de análise de neologismos estilísticos que facilite para o aluno/leitor a percepção e a compreensão das novas lexias e dos sentidos pretendidos na tessitura textual, atreladas aos postulados já conhecidos para o estudo da neologia formal. Com isso, aspiro a uma prática pedagógica que também incentive um ensino mais engajado na formação de leitores e produtores textuais capacitados. Por outro lado, busco desconstruir práticas pedagógicas ineficazes as quais procurei não utilizar no meu cotidiano docente, principalmente em escolas onde atuei.

Minha convicção é respaldada por Uchôa (2009, p. 55), para quem as obras de ficção devem “‘falar’ ao aluno, como um espelho onde ele se reconheça como partícipe de vivências e sentimentos humanos, para ir alargando o horizonte da existência deste aluno, pela ampliação do conhecimento de si mesmo e do mundo em que vive, levando-o a pensar e a opinar sobre o mundo que vai se descortinando para ele”.

A partir dessas reflexões iniciais, proponho a pergunta central da minha pesquisa: “É possível estruturar uma proposta de categorização para os neologismos estilísticos que não silencie o seu estudo nas aulas de literatura e dê maior destaque a um dos elementos básicos da poética contemporânea, a renovação lexical, valorizando os recursos oferecidos pela língua e, a partir dela, sugerir aos professores uma outra possibilidade de análise de novas lexias em obras ficcionais que circulam nas salas de aula do Ensino Fundamental II”? Um caminho para a resposta a essa indagação se faz presente na dicção de Uchôa (2009, p. 56): “Nada invalida o esforço, por menor que seja, de cada um de nós, desde que este seja o esforço que nos é

viável no contexto em que atua o nosso ser docente”.

Com essa palavr(a)ção inicial e apresentada a minha pergunta de pesquisa, delineiam-se, portanto, alguns dos propósitos deste trabalho: investigar e demonstrar a renovação lexical presente na literatura para as infâncias, propagadora e disseminadora de neologismos, e apontar, a partir da neologia formal e das **Categorias Neolúdicas**, a presença de novas unidades lexicais em obras literárias que circulam em sala de aula.

Assim posto, as “peraltagens com as palavras”, a que se refere Manoel de Barros, dizem respeito, entre outros aspectos, àquilo que fazem escritores e poetas ao exercitarem e promoverem, em suas obras, uma renovação constante da língua, dinamizando-a, explorando ao máximo suas potencialidades, nas mais diversas realizações.

Em sequência, explico meus objetivos e hipóteses, além de apresentar possíveis respostas ao questionamento que trago à tona sobre o porquê de uma proposta de categorização lúdica dos neologismos para livros de ficção destinados às infâncias.

### 1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

#### 1.3.1 Geral

Verificar a presença de neologismos estilísticos em obras literárias vencedoras do Prêmio Jabuti, entre 2017 e 2022, na categoria Literatura Infantil, no âmbito da neologia formal<sup>16</sup>, semântica e de empréstimos, a fim de propor uma categorização para classificá-los nos referidos textos ficcionais, de modo a facilitar a sua análise, quando trabalhados pelo professor em sala de aula do Ensino Fundamental II.

#### 1.3.2 Específicos

- ✓ Identificar, nas obras vencedoras do Prêmio Jabuti, no período de 2017 a 2022, os tipos de neologismos presentes na linguagem literária.
- ✓ Nomear os mecanismos morfemáticos presentes nessa literatura para as infâncias, relativos à produção de unidades novas no léxico por meio do próprio sistema

---

<sup>16</sup> Segundo Ferraz (2019, p. 185-186), “A neologia formal pode ser entendida como a construção de palavras novas através de regras do próprio sistema linguístico, com a utilização de procedimentos formais internos no nível morfológico, sintático e fonológico. A neologia formal tem sido muito produtiva pelos mecanismos morfemáticos os quais permitem formar novas palavras a partir de combinações de morfemas, sejam esses bases ou afixos”.

linguístico, com a utilização de procedimentos formais internos nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico.

- ✓ Pontuar um dos elementos básicos da poética contemporânea – a renovação lexical – que se realiza no tecido textual literário por meio da valorização dos recursos oferecidos pela língua.
- ✓ Analisar os processos linguísticos de enriquecimento do léxico, em particular os neologismos literários.
- ✓ Realizar a descrição e a análise léxico-semântica dos neologismos estilísticos encontrados nas referidas obras literárias.
- ✓ Ressaltar a relevância de um espaço de pertencimento para os neologismos literários nas pesquisas acadêmicas e na escola de Nível Fundamental.
- ✓ Apontar, a partir do estudo lexical e estilístico de obras literárias vencedoras do Prêmio Jabuti entre 2017 e 2022, componentes do *corpus*, a possibilidade de tal análise também se aplicar a outras obras literárias congêneres, a fim de aprimorar o trabalho do professor com as palavras nos seus contextos de uso.
- ✓ Promover o diálogo entre língua e literatura por meio das análises dos neologismos coletados nos livros componentes do *corpus*.

#### 1.4 HIPÓTESES

Esta pesquisa, além de extrair e analisar os neologismos presentes nas obras literárias vencedoras do Prêmio Jabuti entre 2017 e 2022, volta-se para a possibilidade de promover os estudos ancorados na interface entre Linguística e Literatura no estudo do léxico, pois os autores de obras literárias se apropriam dos mecanismos de que a língua dispõe (inovação lexical, formação de palavras, criatividade, expressividade, para citar alguns), e também conferir um caráter lúdico às novas lexias. Essa “brincadeira” culmina em uma pródiga contribuição de tais inovações para a ampliação vocabular de alunos/leitores durante seu processo de escolarização.

Por proporcionarem aos professores uma oportunidade de realizarem em sala de aula uma análise linguístico-estilística de obras literárias, os escritores oportunizam, com seus textos, a valorização do léxico e das formações neológicas via Literatura.

No decorrer da pesquisa, procurei responder a algumas indagações:

- ✓ Os neologismos formais e estilísticos estão presentes nas obras literárias vencedoras do Prêmio Jabuti, entre 2017 e 2022, na categoria Literatura

Infantil? Em caso positivo, quais são os tipos mais produtivos?

- ✓ Quais as possibilidades de trabalhar com o léxico do português, por meio da literatura para as infâncias, no Ensino Fundamental II?
- ✓ É possível realizar o estudo dos neologismos estilísticos a partir da proposta de uma categorização a fim de facilitar o melhor entendimento do aluno quanto à presença de novas lexias em obras literárias nas aulas de português do Ensino Fundamental?

A partir desses questionamentos iniciais e dos pressupostos apresentados anteriormente, enfatizo a mais valia desta pesquisa, pois, além de apontar no *corpus* selecionado um elenco de neologismos presentes nas referidas obras, intento ativar a curiosidade de leitores e professores para uma das particularidades do dinamismo da língua – a criação neológica – e oferecer mais uma possibilidade de leitura dos textos ficcionais durante um dos momentos fundamentais da escolarização do aluno/leitor.

Mediante as inquietações apresentadas e apontadas nos meus questionamentos, levantei as hipóteses a seguir:

- a) Se o aluno do ensino básico não traz conhecimentos prévios acerca dos estudos neológicos com maior ênfase durante seu processo de escolarização, considero que o ensino das novas lexias o incentiva a buscar conhecê-las mais profundamente nas obras literárias, o que, por consequência, pode também aumentar e fomentar o interesse pela leitura dos textos ficcionais.
- b) Há considerável número de obras literárias, cujo público envolve crianças leitoras, nas quais os neologismos estão presentes em abundância na tessitura textual, razão pela qual devem ser trabalhados em sala de aula.
- c) O estudo dos neologismos promove o desenvolvimento de várias competências linguísticas, entre elas a lexical. Ser competente na cultura letrada requer do professor o emprego de várias práticas de multiletramentos, para não somente desenvolver no alunado a competência de ler e de escrever, mas também a capacidade de interagir com a multiplicidade de culturas veiculadas pelas obras literárias colocadas à disposição dos alunos/leitores.
- d) A inovação lexical, ainda tão marginalizada no ensino de português e, em especial, no da literatura, devido, entre outros aspectos, ao preconceito que ronda a neologia, especialmente a estilística, pode contribuir para uma visão mais ampla da língua e, conseqüentemente, para a diminuição das leituras equivocadas no fértil terreno do léxico e das obras de ficção.

- e) O vir-a-ser dos recursos lexicais e os efeitos de sentido no território da palavra literária neológica colocam a literatura para as infâncias no patamar de disseminadora de neologismos na sala de aula do Ensino Fundamental final, onde os textos ficcionais se revelam bastante eficazes, pois, por meio deles, é possível ver como escritores e poetas manipulam as palavras, de modo lúdico e criativo.
- f) A recolha dos neologismos encontrados no *corpus* analisado pode comprovar que as novas lexias ocupam um lugar significativo no português brasileiro, além de indicar que há muitas palavras na linguagem literária que ainda não foram dicionarizadas, razão pela qual devem ser trabalhadas em sala de aula por sua significativa expressividade.

Estabelecidos os objetivos e elencadas as minhas hipóteses, novo propósito me impulsiona na direção de pensar em uma proposta de categorização para o estudo das novas lexias em obras literárias, sob uma abordagem estilística, pois, ao longo de minha vivência como professora de literatura na Escola Básica, observei que elas se fazem presentes, com frequência, nos textos de ficção. Com isso, caminho no sentido de oferecer aos docentes mais uma possibilidade de estudo de um dos aspectos do léxico em sala de aula, promovendo uma conexão entre língua e literatura.

Na seção a seguir, abordo a organização deste trabalho de pesquisa, inicialmente por meio de um esboço reflexivo acerca da literatura para as infâncias.

## **2 A LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS: “ATELIÊ DE PALAVRAS”<sup>17</sup>:**

---

<sup>17</sup> Do livro *Da minha janela*, de Otávio Júnior.

## 2.1 DA LITERATURA: A ADULTA E A “OUTRA”

*Queria ver a sua cara ouvindo as histórias que a minha mãe contava. Era escurecer e lá vinha história. Quem é que consegue dormir? De manhã cedo toda a molecada se juntava para contar os pesadelos. Os dela eram os mais fantásticos, os mais sem pé nem cabeça, quer dizer, cheios de pés, de mãos e de cabeças.*

Lia Zats

A literatura é o mundo em movimento, é um convite ao outro para refletir junto, é olhar outra vez, é revelação. A palavra literária também é dinâmica. Conforme seu posicionamento dentro do texto, ela se contamina com a anterior e a posterior. E contaminação aqui tem um sentido positivo, é uma troca, é a palavra se deixando invadir pela outra, uma dependendo da outra, uma sustentando a outra. Para ler o texto literário é preciso fazer desaparecer as barreiras entre a realidade, o imaginário e a linguagem. A essência do que se chama de "ficção" consiste em compreender que nela existe um clima, um momento, quando realidade e fantasia se interpenetram a tal ponto que seus limites, de tão tênues, desaparecem.

Se diante do texto cada leitor reage de acordo com sua experiência de leitura, existe uma literatura para crianças e jovens, distinta da literatura para adultos? Essa discussão é muito mais ampla do que parece. No seu âmbito, situam-se as críticas à chamada literatura feminina nas suas diversas formas, que têm a ver, necessariamente, com papéis femininos, frutos de uma ideologia que considerava a mulher de uma "dada natureza", isto é, uma espécie de homem incompleto, incapaz de compreender suficientemente os "assuntos de homem". Da mesma forma, uma literatura negra, embora produto de movimentos politicamente corretos, ligados ao poder negro. Então, a literatura infantil pode conter a armadilha de considerar crianças como seres incompletos, acenando com enredos onde estão presentes personagens frágeis, débeis, incapazes, regidas por dissonâncias cognitivas.

A leitura de teóricos e pesquisadores na área e as reflexões advindas do contato com estudiosos desse gênero literário têm revelado que educadores e escritores questionam a existência de uma *Literatura Infantil*. Alguns autores relutam em dizer que escrevem seus livros para essa ou aquela faixa de idade: preferem afirmar que escrevem simplesmente, sem destinatário específico. É o caso, por exemplo, do mineiro Bartolomeu Campos Queirós.

Outros, como o também mineiro Leo Cunha, revelam que, ao conceberem suas obras, já a imaginam para criança, jovem ou adulto<sup>18</sup>.

Só a partir das últimas décadas do século XX é que se passou a dar mais relevância à produção literária voltada para a criança e o jovem. Estudiosos dessa especificidade e trabalhos de vertente psicanalítica, pedagógica, sociológica e filosófica têm mostrado que ainda há muito o que investigar no universo das histórias infantis.

O que é Literatura Infantil, de certa forma, quase todo mundo sabe. Todos já foram criança ou têm algo a ver com criança – seja o vizinho, o aluno, o filho, o sobrinho – e, com certeza, em algum momento de sua vida ouviram histórias, folhearam ou leram livros, razão pela qual conheceram Os Três Porquinhos, Branca de Neve, Rapunzel, João e Maria, só para citar personagens de textos clássicos e que integram o imaginário de um imenso número de pessoas. Porém, uma das principais questões relativas ao gênero diz respeito à pergunta: "Existe uma *Literatura Infantil* ou existe *Literatura*, independentemente de qualquer classificação?" Pretendo refletir sobre esse tipo especial de literatura, porque ela ainda é uma espécie de “patinho feio”, para usar uma figura que remete à própria literatura dita infantil, vítima de certo preconceito, tanto da parte do leitor adulto quanto do mais jovem.

Coelho (1991), quando analisa a natureza dessa literatura, afirma:

A Literatura Infantil é, antes de tudo, *literatura*; ou melhor, é *arte*: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. (Coelho, 1991, 24)

Discute-se muito a existência dessa *Literatura Infantil*, diferente da outra, sem adjetivo. A literatura, enquanto só substantivo, não predetermina seu público. A expressão *Literatura Infantil* é composta por um nome e uma insígnia, com a sobreposição desta ao nome. Nessa instância, parece importar simplesmente a condição de destinar-se a crianças, ficando em segundo plano o fato de ser literatura.

Muito tem sido criticada a inadequação do termo por parte de autores de textos infantis, uma vez que alguns recheiam suas histórias de infantilismo,<sup>19</sup> preconceitos, modismos maniqueístas, machismo e exemplaridade, resquícios medievais e do conservadorismo, representantes do lastro tradicional de grande parte dessa produção. Parece

---

<sup>18</sup> Essas afirmações constam de depoimentos dados pelos autores em palestras para universitários e futuros professores, no Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH, no ano de 1999.

<sup>19</sup> O termo *infantilismo* está empregado na acepção de inviabilizar a criação de cidadãos capazes de interferir na organização de uma sociedade mais consciente e democrática.

não haver maior interesse pela literatura para as infâncias como fenômeno literário, mas apenas sob a égide de veículo de ideias ou padrões de comportamento.

Não é à toa que certos equívocos são cometidos por alguns escritores – adultos escrevendo para crianças – que tendem a minimizar o nível de exigência em relação à obra, como se o fato de escreverem para esse público pudesse justificar a pobreza em expressão, a carência de experiências criadoras, o tom moralizante, o reducionismo de imagens, a simplificação, a facilitação artística. Em contrapartida, a literatura feita do adulto para o adulto parece merecer maior cuidado e esmero por parte de outros autores, porque se destina a um público, a princípio, crítico e exigente, como já esclareci anteriormente.

O gênero literatura infantil tem existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Observados alguns cuidados éticos e de linguagem, a distinção preconceituosa se desfaz. Enfatizando-se o público ao qual se destina, salienta Khede (1983, p. 17): “essa adjetivação denota uma limitação – uma vez que escolhe um público específico – e não esconde a preocupação de definir este público ‘infantil’ [...] como separado do universo em que se inscrevem os receptores de toda a obra de arte”.

A Literatura Infantil está incorporada à escola. No caso de certas escolas estaduais, as verbas para a aquisição de livros são escassas e, em algumas delas, os acervos possuem pouquíssimos títulos. Mesmo assim, o professor imagina que quase todos os seus alunos irão ler. Mas, infelizmente, essa leitura vem acompanhada da noção de tarefa a ser cumprida, com prazo determinado, entrega de ficha com perguntas para respostas ou ainda de uma análise quase sempre superficial, típica de uma situação de leitura solitária, não compartilhada. A esse leitor-criança não é dada a possibilidade de ler conforme sua querência e vontade.

Por outro lado, há professores "ensinando" literatura através da dissecação do texto, enfatizando a sinonímia, o estudo das classes de palavras, a análise sintática, sem privilegiar o literário. Usa-se da literatura para se "ensinar" letra, sílaba, história, geografia, ciências. Trata-se de uma literatura que aparece distorcida em deveres de casa, arguição valendo nota ou matéria de prova. Observa-se uma insistência em transformá-la numa modalidade menor, pois que lhe faltariam particularidades indispensáveis para que pudesse ser considerada, de fato, Literatura, com maiúscula.

Ocorre ainda um outro equívoco: na sala de aula, o livro quase sempre é escolhido pelo professor, como se a mesma história pudesse interessar igualmente a todos os leitores. Na biblioteca de muitas escolas, por vezes, esse livro se transforma em bibelô, enfeite intocável

que o aluno-leitor não pode manusear, folhear, sorver, matar a curiosidade. Quase sempre, tanto a bibliotecária, em muitos casos mera "guardadora de livros", como o próprio professor, conhecem pouco de Literatura, não recebem orientação adequada para trabalhar com esses textos, ou se submetem à simples indicação de vendedores e representantes de editoras, mais preocupados em algarismar seu produto. A literatura como instância de prazer, de descoberta, de deleite, permanece à deriva, teorizada e distante de uma prática cotidiana.

Voltando ao termo, é *Literatura Infantil* porque se trata de uma literatura feita pelo adulto para ser consumida pelos pequeninos, diz do universo da criança, evoca a sua voz, fala de suas angústias, de seus medos, de sua alegria. Por que então insistir se uma é para a criança e outra para o adulto, se a arte é além disso?

Nas obras literárias *corpus* desta pesquisa, foi possível verificar que as personagens infantis, por meio das várias dicções e diferentemente do adulto, apresentam uma percepção do real de forma menos automatizada e estereotipada. Portanto, é válido questionar: o que inaugura a infância? O que diz que essa criatura é infantil? Diz pelo seu destemor, pelo uso excessivo da liberdade, pela grande manipulação da espontaneidade, pela (re)invenção e a (re)interpretação peculiares do universo. O que faz de um objeto obra de arte é o fato de ele trazer os mesmos ingredientes que inauguram a infância. A criança é aquela que invade, transgride, como invasor e transgressor deve ser o texto literário. Tanto autores como professores precisam assim encará-los, texto e criança, na sua diversidade. Essa percepção da mundividência infantil se mostra recorrente nas cinco obras ganhadoras do Prêmio Jabuti entre 2017 e 2022. Por isso a sua escolha dada a relevância como objeto de análise nesta tese.

Esse se faz um tipo de literatura muito especial, pois necessita buscar caminhos para a criação de uma linguagem tão particular, tão própria, que será tanto do agrado do infante como do adulto. É necessário que a literatura oferecida à criança seja algo além de "livrinhos infantis" ou de "estudos gramaticais": seja literatura enriquecedora, múltipla, geradora de sentidos.

Um outro questionamento é o fato de a Literatura Infantil viver, hoje, em algumas obras classificadas como literárias, uma descaracterização muito grave e que pode, se não for contestada, destruir o elo de encantamento com o seu público. Trata-se de uma tendência que se observa difundida nessa produção, impondo-lhe um *didatismo*, a subtrair-lhe o instante mágico, a evitar nos textos componentes subversivos e transgressores, a afastar deles a rebeldia e a irreverência, os desconsertos diante da vida e o devaneio próprio da infância. O termo está aqui empregado para designar aquelas obras cuja função primeira é a de transmitir

um ensinamento ou mesmo uma lição de moral, deixando de lado a percepção do texto como obra de arte.

Algumas vezes são histórias maçantes, sem graça, que mais espantam o leitor e o afugentam da leitura. São resquícios do século XVIII, ligados a uma literatura assumidamente pedagógica, comprometida com ensinamentos, que, ainda se pratica nos dias de hoje. Tomando-se como pretexto a obra literária, algumas narrativas se reduzem a lições de toda ordem e colocam em xeque o discurso ficcional. Palo & Oliveira (2006, p. 15) nos alertam sobre a ausência da função artística de algumas obras, nas quais predomina “o tom único, monológico, privilegiando a informação construída pelo texto verbal”. Essa literatura didatizada não impulsiona leituras, não gera leitores do mundo e, segundo Góes (2010), em hipótese alguma, deve ser estimulada.

Bartolomeu Campos Queirós, em vários de seus depoimentos e entrevistas, ou mesmo nas palestras para leitores jovens e adultos, afirmava que o texto didático é produzido pelas pessoas que sabem – ou pensam que sabem – das coisas, e o texto literário é escrito pelas pessoas que não sabem das coisas. Segundo ele, o escritor não escreve o que tem, escreve a sua falta. Esse vazio ocupa muito o seu universo e a sua produção. Assim, ao se defrontar com o texto, o leitor vai ler alguma coisa que está por se dizer.

Outro aspecto polêmico recai sobre a discussão em torno de sua especificidade: a Literatura Infantil pertence à arte literária ou à área pedagógica? Essa controvérsia remonta à Antiguidade Clássica, ao se discutir a própria natureza da Literatura (*útil* ou *dulce*?, ou seja, didática ou lúdica?). Na mesma linha, põe-se em discussão a finalidade dos textos literários cujos receptores são crianças: devem *instruir* ou *divertir*? Sobre esse questionamento, segundo Coelho (1991, p. 42), a Literatura Infantil é Arte por se tratar de um “‘objeto’ que provoca emoção, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, ‘modifica’ a consciência de mundo de seu leitor [...]. Por outro lado, como instrumento manipulado por uma intenção ‘educativa’, ela se inscreve na área da Pedagogia”.

Embora os problemas estejam longe de serem resolvidos, é fato que em muitos livros, cujas fichas catalográficas os identificam com “literatura infantil”, predomina a gratuidade, que os transforma em narrativas tolas e sem sentido. Ou ainda são obras sobrecarregadas de informações, porém desprovidas de fantasias, *nonsense* e fantasmagoria. Assim, até bem pouco tempo, a Literatura Infantil era considerada um gênero secundário e vista pelo adulto como algo pueril, nivelada ao brinquedo; ou útil, por ser confundida com uma forma de entretenimento. A sua valorização como formadora de consciência dentro da vida cultural das sociedades é bem recente. Desde os primórdios, a literatura infantil foi considerada uma

forma literária menor e marginal, no sentido de estar à margem em relação àquela conhecida como a adulta, e subordinada a uma função utilitário-pedagógica, dissociando-a de seu papel artístico.

A fim de melhor conhecermos os “bastidores” de sua história, farei um breve percurso até chegar nas produções brasileiras.

## 2.2 A TRAJETÓRIA DO DISCURSO LITERÁRIO: HISTÓRIA CHEIA DE PÉS, DE MÃOS E DE CABEÇAS

A literatura destinada à infância tem a sua origem na tradição oral, com os contadores de histórias, os cavaleiros, os aedos, os rapsodos, que iam de aldeia em aldeia relatando/cantando os casos. Não havia a imprensa, então essas pessoas contavam as histórias de boca em boca. Os registros mais antigos que se têm de literatura são os mitos, as lendas, as fábulas. Cabe lembrar que mesmo naqueles tempos mais remotos havia a censura. Os contadores de histórias, muitas vezes, eram presos, colocados nos calabouços, porque falavam contra a realeza. Alguns de seus relatos refletiam as angústias e injustiças sociais do povo contra seus opressores. *As mil e uma noites*, não se sabe ao certo, datam aproximadamente de nove séculos a.C. Diz-se que na tradição islâmica, "mil e uma" significava “infindáveis”.

A Antiguidade nos legou Homero, Esopo, Fedro, os dois últimos grandes fabulistas. Retomaram as fábulas e as lendas da tradição oral para construir suas narrativas. Vários textos desses autores mereceram releituras ou foram e continuam sendo recontados por escritores modernos e contemporâneos.

Com a invenção dos tipos móveis, Gutenberg contribuiu para que as artes gráficas tomassem um impulso considerável que proporcionaram uma revolução: os textos orais ganharam um registro escrito. Tudo aquilo que estava rabiscado nas cavernas, ou fixado na boca do povo, foi para o livro.

A partir do séc. XVI, escritores recolheram da tradição oral vários textos, entre eles os italianos Giovanni Caravaggio (*O gato de botas*) e Giambattista Basile (*A gata borralheira, Branca de Neve, A bela adormecida no bosque*). O português Gonçalo Trancoso assim procedeu dando voz a narrativas bem-humoradas, os "causos". Na atualidade, Rolando Boldrin, Olavo Romano, Saulo Laranjeiras, Maurício Tizumba, Roberto Carlos Ramos, excelentes contadores de histórias, interpretam esses autores, assim como escrevem muitos de seus textos com base nas narrativas de Trancoso.

No Séc. XVII, começou a ser elaborada especificamente como tal a literatura para crianças. Durante o classicismo francês, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura apropriada à infância. Nessa época, o fabulista francês Jean de La Fontaine retomou Esopo e Fedro. Escreveu as *Fábulas*, editadas entre 1668 e 1694. Remontam a essa data *As aventuras de Telêmaco*, de François de Salignac de La Mothe-Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os *Contos de Mamãe Gansa*, de Charles Perrault, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*. Caracterizou uma época de valorização da intertextualidade, na medida em que um texto ia retomando outro(s), através desse diálogo.

Charles Perrault, escritor palaciano muito conhecido, realizou o trabalho de um adaptador. A partir de um tema popular, acresceu-o de detalhes que responderam ao gosto da burguesia, cujos propósitos moralizantes nada tinham a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses. *A bela adormecida* fazia referência à vida na corte; *Cinderela*, à moda feminina; *O Barba Azul*, ao nobiliário, para citar alguns. Coletou contos e lendas da Idade Média e os adaptou, constituindo os chamados contos de fadas, nos quais se manifestavam a magia e o elemento maravilhoso. Escreveu também contos de advertência, chamados admonitórios, cuja finalidade era a de causar medo nas crianças, nas meninas principalmente. Sempre lidos à noite, ao pé das lareiras, um dos mais famosos, *Chapeuzinho Vermelho*, imortalizou-se na pena desse importante escritor.

Existia o constante perigo das feras. Naquela época não havia ainda o portão eletrônico, os muros altos com cacos de vidro, o porteiro, o interfone, o alarme, as câmeras escondidas. Para as meninas, eram dois os tipos de perigos: as feras (lobos, onças) e os lenhadores (estupradores). A primeira versão de *Chapeuzinho Vermelho* aludia a uma história de sangue e carnificina. O lobo devorava a vovó e a menina. Atribui-se a Perrault a iniciação da literatura infantil, mas, de acordo com Cademartori (1987):

essa literatura já existia antes dele, sob duas formas: a de literatura pedagógica, na cultura erudita, de que são exemplos os textos dos jesuítas, e a de literatura oral, de vertente popular, no vasto domínio dos contos de advertência com ditos e provérbios. E um dos elementos, entre tantos, que garantiu a receptividade dos contos de Perrault foi, exatamente, a utilização de grande número de ditos, ao mesmo tempo pitorescos e fáceis de serem retidos na memória pelo público infantil. (Cademartori, 1987, p. 40)

No século XVIII, destacou-se Mme. Leprince de Beaumont, autora de um livro marcante: *A bela e a fera*. Walt Disney, quando produziu o filme homônimo, em momento

algum colocou os créditos, ou seja, informou se tratar de uma produção adaptada da obra dessa autora. Toda criança e até alguns adultos pensam que o conto *A bela e a fera* é de sua autoria. Rui de Oliveira a reescreveu, em forma de texto imagético, muito importante para a produção de sentidos por parte do leitor no início de sua escolarização.

Os Irmãos Grimm (*João e Maria*, *Rapunzel*), contemporâneos da escritora francesa, realizaram outra coleta de contos populares. Eram filólogos e saíam pesquisando as histórias nas aldeias alemãs. Um século depois de Perrault, reescreveram *Chapeuzinho Vermelho*.

Os contos de fadas sempre constituíram paradigmas do gênero infantil. No século XIX, novas coletas alargaram as várias antologias. Através de soluções narrativas diversas, o dinamarquês Hans Christian Andersen (*O patinho feio*, *Os trajes do imperador*), o italiano Collodi (*Pinóquio*), o inglês Lewis Carrol (*Alice no país das maravilhas*, *Alice no espelho*), o americano Frank Baum (*O mágico de Oz*), o escocês James Barrie (*Peter Pan*), entre outros, representaram padrões de literatura infantil. De certo modo, converteram em sinônimo de literatura para crianças os livros de histórias de aventuras, vividas em espaços exóticos e comandadas por personagens valentes e audazes. É o caso de James Fenimore Cooper (*O último dos moicanos* (1826); Jules Verne, nos vários livros publicados a partir de 1863, ano de *Cinco Semanas num balão*; Mark Twain, em *As aventuras de Tom Sawyer* (1876) e Robert Louis Stevenson, em *A ilha do tesouro* (1882).

Por outro lado, surgiram ainda obras que valorizavam os relatos do cotidiano e procuravam apresentar a vida diária como motivadora de ação e interesse. Enquadram-se nessas categorias o cômico von Schmid (*Os ovos de Páscoa* -1816), a condessa de Ségur (*As meninas exemplares* -1857), Louise M. Allcott (*Mulherzinhas* -1869), Johann Spiry (*Heide* -1881) e Edmondo De Amicis (*Coração* -1886). Torna-se importante salientar que muitos desses autores não escreveram para criança, pois, na verdade, visavam o público adulto.

Sem a pretensão de inventariar a literatura infantil brasileira, este estudo faz menção a alguns autores cujas obras constituem representatividade significativa tanto no cenário do século passado como no atual.

No Brasil, a edição de livros infantis ocorre somente na última década do séc. XIX e vai até os anos 20, com a implantação da Imprensa Régia e, mesmo assim, voltada para a produção de textos com características pedagógicas e fortemente ideológicas, além de privilegiar traduções e adaptações de obras bem sucedidas na Europa.

De acordo com Zilberman e Magalhães (1987), a partir do século XVIII, a literatura infantil, historicamente, vinculou-se ao contexto de uma pedagogia para educar e controlar moralmente as crianças. Essa preocupação pedagogizante é dada a conhecer por Cadermatori

(1986), quando enfatiza ter sido, ainda, uma preocupação inicial atrelar o ensino da literatura à prática de ensino da língua. Ficava subentendido que os textos deveriam cumprir seu papel de suprir as lacunas intelectuais dos leitores e mencionar neles uma preocupação com elementos formativos e informativos. Nessa perspectiva tradicionalista, constatava-se nas obras destinadas à infância “um discurso monológico, sem brechas para interrogações, para choque de verdades, para desafio da diversidade, tudo homogeneizado na voz do narrador” (Cademartori, 1986, p. 24).

A partir da Proclamação da República, a produção nacional consolida-se. Na época, à escola cabe o papel fundamental de promover a transformação da sociedade rural em urbana. Os novos tempos solidificam uma leitura ufanista do país, imageticamente edênico, exuberante e predestinado a um futuro glorioso. Nesse momento histórico, os textos produzidos têm caráter modelar não só no plano temático, mas especialmente no âmbito da linguagem.

A segunda fase da literatura infantil brasileira inicia-se sob a égide de um dos nossos mais destacados intelectuais – Monteiro Lobato –, e estende-se até a década de 1940. Com a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, em 1921, o escritor de Taubaté revela a preocupação em escrever textos para esses pequenos leitores numa linguagem compreensível e, ao mesmo tempo, atraente para eles. Rompe a dependência com o padrão culto e instaura a oralidade tanto no discurso do narrador como na fala das personagens. Dona Benta, personagem narradora e exímia contadora de histórias, recupera o clima das antigas narrativas orais. Representa o adulto que aceita a imaginação criadora das crianças, admitindo as novidades que vão modificando o mundo. Por sua vez, Tia Nastácia delinea o adulto sem cultura, que vê no que é desconhecido o mal, o “pecado”.

Emília, alter ego lobatiano e “grande amiga dos neologismos”, diz tudo o que pensa, denuncia sem poupar a mordacidade. Leitores do criador da literatura infantil no Brasil decerto se recordam da defesa das novas lexias feita pela boneca arrelenta em *Emília no país da gramática*, no capítulo “Os vícios de linguagem”, remetendo-se à avó, Dona Benta: “Se numa língua não houver Neologismos, essa língua não aumenta. [...] É preciso que haja na língua uma contínua entrada de Neologismos. Se as palavras envelhecem e morrem como já vimos, e se a senhora impede a entrada de palavras novas, a língua acaba acabando” (2019, p. 97).

Com a figura do Visconde de Sabugosa, Lobato critica o sábio que só acredita nos livros já escritos. Narizinho e Pedrinho são as crianças de ontem, hoje e sempre, abertas a tudo, querendo ser felizes. Confrontam suas experiências com o que dizem os mais velhos,

mas sempre acreditando no futuro. *Caçadas de Pedrinho*, *Geografia de Dona Benta*, *Aritmética da Emília*, entre muitas, são obras criativas cujos personagens instigam os leitores por suas posições questionadoras. Em seus livros, o "maravilhoso" realça como certeza; os acontecimentos fantásticos não aparecem sonhados, mas vividos; a clássica varinha de condão dá lugar ao pó de pirlimpimpim.

O universo ficcional lobatiano estabelece uma ligação entre a literatura e as questões sociais. Para Cademartori (1987, p. 51), a produção do contista, ensaísta e tradutor paulista, "estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios" por apresentar uma interpretação da vida nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. Em Lobato, enfatiza a estudiosa, "a discordância é prevista. O grande desafio das personagens de Lobato é o conhecimento, é através dele que se impõem. A moralidade tradicional é dissolvida, o grande valor passa a ser a inteligência".

A fase seguinte da Literatura Infantil começa no final dos anos 1940 e perdura até meados de 1970, com textos criados à luz do modelo lobatiano, absorvido pelos novos autores e repetido à exaustão, mas vivendo um retrocesso quanto à criatividade ou sem preocupação com a diversidade de culturas e linguagens do país.

Uma quarta fase inaugura-se nos começos da década de 1970. Quanto à produção, algumas obras privilegiam a reescritura dos contos de fadas, enfatizam temas voltados para o cotidiano da criança, veiculam denúncias sociais ou se apropriam dos elementos da cultura de massa.

Entre as décadas de 1970 e 1980, vive-se no Brasil o *boom* da literatura infantil, com uma promoção sem precedentes de livros. A criança passa a ser vista como um consumidor em potencial, o que impulsiona as publicações de obras infantis. A maior parte da produção literária brasileira, nessas décadas, constitui-se de narrativas realistas, tematizando conflitos pessoais, sociais e familiares dos jovens, tais como gravidez juvenil, AIDS, drogas, pobreza, exclusão social, marginalidade, separação dos pais, desagregação familiar.

Essa preocupação excessiva com temas tidos como polêmicos fez com que a literatura infantil se inscrevesse na tradicional tendência utilitarista, perdendo as histórias o princípio da gratuidade que a verdadeira obra de arte possui. Surgiram obras descompromissadas com o leitor infantil, que pecaram pela imbecilização da infância, por ignorá-la como produtora de sentidos ou por percebê-la incapaz de se identificar com as propostas contidas nas diversas narrativas. Nesse período, a cultura letrada atingiu um público mais expressivo, houve uma explosão de publicações, e a Literatura Infantil, como bem de consumo, viu-se atrelada à

constante exigência do novo, o que, muitas vezes, comprometeu e enfraqueceu a sua qualidade.

Todavia, uma visão acerca da literatura infantil buscou novo caminho, por meio do entrecruzamento de vozes, ao tentar abolir a perspectiva educativa veiculada nas obras. Sob esse viés, uma história contada ou lida deveria possibilitar à criança construir um recorte do real de modo a enxergá-lo de outro modo e, conseqüentemente, por meio do signo verbal, ampliar o seu domínio sobre a linguagem e mediar a sua relação com o mundo.

Cademartori (1986, p. 69) reafirma esse pressuposto ao apontar que “o ludismo verbal exerce um papel importante no estímulo à expressão verbal”, além de justificar a necessidade de contato do infante com a leitura e os jogos verbais. Nesse sentido, a escolha das obras que deveriam chegar às mãos da criança precisava se relacionar à adequação do domínio linguístico e aos interesses em cada faixa etária, dispensando-se aquelas ainda vinculadas a uma linguagem simplória cujo conteúdo se voltava para algo a ensinar.

Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” significa revisitar cada instante vivido pela humanidade em sua evolução. Investigar a literatura que determinada época destinou às suas crianças é apreender os principais fundamentos que edificaram a sociedade no seu momento histórico relativo.

Na verdade, desde as origens, a Literatura aparece ligada a essa função social: *atuar sobre as mentes*, onde se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, onde se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a Literatura (ou com a Arte em geral) os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade. (Coelho, 1991, p. 25)

O mercado de livros infantis no Brasil, hoje, mantém-se com toda a força e apresenta um quadro de larga produção de textos pela indústria editorial, exigindo do leitor-consumidor um olhar acurado sobre a qualidade estético-literária das obras. Ao lado de escritores apenas preocupados com a mera comercialização de seus produtos, há os que oferecem produções de qualidade para todas as idades. Surgem os livros de imagens, para crianças leitoras de textos visuais, que estimulam a apreensão da narratividade por meio da visualização, além de incentivarem o interesse ativo da mente sobre o objeto. Entre as obras que privilegiam os signos não verbais encontram-se *Esconde-esconde*, *Cabra-cega*, *Todo dia* e *De vez em quando*, de Eva Furnari; *Outra vez*, *Cena de Rua*, de Ângela Lago; *Ida e volta*, de Juarez Machado, para citar algumas.

Há textos que, além de privilegiarem a imagem, integram palavras à história e se destinam a pequenos leitores ainda em processo de alfabetização. *Chuva, Dia e noite*, de Mary e Eliardo França; *A Dinha*, de Tenê; *Estória em três atos*, de Bartolomeu Campos Queirós englobam essas narrativas.

Para crianças já com certo domínio na leitura da língua, existe uma produção literária bastante ampla. Entre os autores de vasta publicação destacam-se Sylvia Orthof (*Maria vai com as outras; A limpeza de Teresa; Uxa, ora fada, ora bruxa*); Jandira Mansur (*O frio pode ser quente*), Joel Rufino dos Santos (*A pirilampeia e os dois meninos de Tatipurum*); Ana Maria Machado (*História meio ao contrário*), Fernanda Lopes de Almeida (*A fada que tinha ideias*), Ruth Rocha (*O reizinho mandão; Dois idiotas sentados cada qual no seu barril; Marcelo, marmelo, martelo*), Ziraldo (*O menino maluquinho*).

A atualidade tem privilegiado os leitores com a produção literária de autores como Bartolomeu Campos Queirós, Mirna Pinsk, Leo Cunha, Mário Alex Rosa, Ângela Lago, Ricardo Aleixo, Roseana Murray, Elza Beatriz, Sérgio Caparelli, Marina Colasanti e, especialmente, Lygia Bojunga Nunes. Através das personagens e da urdidura de seus textos, esses autores apresentam uma literatura libertária, demolidora de tabus e preconceitos. Seu mundo ficcional reflete a infância, mas atinge temas adultos. Os leitores muito se identificam com suas narrativas, por encontrarem nelas, de forma especular, as suas experiências. Propagam como valores o diálogo, a inventividade, o companheirismo; incentivam a reflexão crítica; apresentam o mundo com novas ordenações e mudanças no funcionamento da estrutura social. Em muitas delas, a fantasia desmistifica e desmitifica o real, além de mostrarem a vida também em seus desacertos.

Muitas obras literárias, até os dias atuais, têm marcado sua passagem pela representatividade significativa do universo infantil. Entre tantos, um livro icônico é *Marcelo, marmelo, martelo*, de Ruth Rocha, cuja primeira edição data de 1976. A personagem criança, que dá nome ao livro, exercita suas habilidades linguísticas ao criar novas palavras para aquelas já existentes. Com isso, questiona alguns signos linguísticos, para os quais propõe mudanças, valendo-se dos recursos ofertados pela própria língua para valorizar sua expressão literária.

Segundo muitas crianças da sua idade, Marcelo é um perguntador/questionador insistente e incansável na sua lida cotidiana para rebatizar os objetos. O protagonismo do personagem traz à tona uma das formas de resguardar um espaço para a dicção infantil, por vezes esquecida ou mesmo desprezada em produções voltadas para a infância. Ao fim e ao cabo, o que se constata com a leitura desse livro é o conflito entre dois universos: o infantil e

o adulto. Do lado da criança, uma visão da língua e de suas possibilidades como formas de valorizar a inventividade, o ato criativo/criador; da parte do adulto, no caso seus pais, a prisão às convenções, à linguagem socialmente aceita. Muita semelhança com o embate diário dos neologismos na tentativa de desconstruir o mito de empobrecedores da linguagem para se firmarem como fator de enriquecimento da língua.

A escola tem perseguido o objetivo de criar o “hábito de ler”. Na ânsia de atender ao que consideram o gostar de ler, alguns professores privilegiam a indicação de textos que constituam mera distração para o leitor ou que se preocupem em divertir sem questionar. Trata-se de uma lacuna ainda existente no ensino da literatura para as infâncias. Conforme muito bem pontua Uchôa (2009, p. 49), “Minimizar o ensino do texto literário será sempre um empobrecimento, e grave, para os estudantes, quando se pensa numa educação linguística e numa participação mais plena e crítica dos futuros cidadãos na sociedade em que vivem”.

Na contramão dessa perspectiva, fica difícil encaixar nessas características os textos de alguns autores contemporâneos, esses, sim, questionadores, densos, rompedores de esquemas, audaciosos nas propostas de linguagem e leitura, porque têm consciência de que suas produções exigem um leitor aberto, ousado, libertário. Nesse universo estão as obras literárias vencedoras do Prêmio Jabuti entre 2017 e 2022, propositalmente escolhidas como representantes do *corpus* da minha pesquisa.

Há os críticos, estudiosos e analistas que, às vezes, rotulam suas narrativas de “complexas”, talvez porque estas repelem a mesmice, o óbvio, a sensaboria, ou porque são histórias profundamente humanas, falam corajosamente de nossas perdas e danos, de desamor, de exclusão, de desencontros e desencantos, mas também de esperança, desejos, conquista, vitórias, e não traem o leitor, escamoteando o real e a verdade.

Por todos esses postulados, os livros de literatura infantil se superam, despertam a curiosidade de adultos, jovens e crianças e trazem em si os caminhos que permitem a esses leitores produzir novos sentidos a cada leitura, porque eles se tornam, como evidenciado neste estudo, uma referência de prazer e encantamento para o resto de suas vidas.

A busca pela valorização da literatura e da produção nacional fez surgir, entre outros, o Prêmio Jabuti.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: “DECIFRAR UM MISTÉRIO QUE VALE MAIS QUE OURO”<sup>20</sup>:

*E quanto mais destecia sua imensa teia de palavras mais passarinhas elas pousavam em seus lábios de fazedor. Muitas e muitas, centenas, milhões, milhares de velhas novas palavras”*

(Lúcia Castello Branco)

#### 3.1 ABRE-TE, LÉXICO<sup>21</sup>: O TERRITÓRIO DE GUARIDA DOS NEOLOGISMOS

O léxico das línguas naturais engloba os conhecimentos que seus falantes possuem sob a forma de unidades lexicais. Entre os subsistemas da língua, de acordo com Vilela (1994, p. 6), “o léxico é a parte da língua que primeiramente configura a atividade extralinguística e que arquiva o saber linguístico de uma comunidade”. E complementa: “Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos, crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico”. Enquanto “repositório do saber linguístico, é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade”. (Vilela, 1994, p. 6)

Por extensão, o léxico corresponde ao conjunto de elementos do código linguístico por meio do qual se estabelecem as relações entre a língua de uma dada comunidade, sua história e sua cultura. Assim posto, o patrimônio lexical das línguas constitui uma espécie de inventário das aquisições culturais de um povo, razão pela qual ele integra o movimento dialético de criação/transmissão de conceitos sociais. O código linguístico, por sua vez, representa um sistema de significação que abarca um sistema de signos.

<sup>20</sup> Do livro *Da minha janela*, de Otávio Júnior.

<sup>21</sup> Expressão cunhada por analogia a “**Abre-te, sésamo**” (em francês: *Sésame, ouvre-toi*), do conto “Ali Babá e os quarenta ladrões”. Ao verbalizar tal senha, abre-se a boca de uma caverna na qual quarenta ladrões esconderam um tesouro. A frase deriva da planta gergelim (*sésamo*). Essa expressão mágica aparece pela primeira vez em *Le mille et une nuits (As mil e uma noites)*, de Antoine Galland (1704–1717), como *sésame, ouvre-toi*. Na história, Ali Babá ouve um dos quarenta ladrões dizendo “abre-te, sésamo”. Mais tarde, seu irmão não consegue se lembrar da frase e a confunde com os nomes de outros grãos que não sésamo, ficando presos na caverna mágica. Tal como no conto a montanha se abriu a partir da palavra mágica, nesta pesquisa a expressão “abre-te, léxico” oportuniza uma abertura para o conhecimento e a análise de formações neológicas, que sobressaem nas obras literárias analisadas, por seu poder expressivo e, ao mesmo tempo, encantatório.

### 3.1.1 As ciências do léxico

As ciências do léxico compõem um amplo campo de estudos da linguagem, mais especificamente associados ao conjunto de palavras do vernáculo. Trata-se de um campo interdisciplinar que estuda o léxico de uma língua, ou seja, o conjunto de palavras e expressões que uma língua possui. Elas investigam como essas palavras são formadas, usadas e organizadas, tanto em termos de significado quanto de estrutura. Nesse âmbito, torna-se necessário, antes, diferenciar léxico comum de léxico especializado. O primeiro abarca todas as palavras da língua cujo sentido não requer do falante um conhecimento técnico especializado. O segundo, como o próprio termo indica, compõe-se de palavras empregadas em contextos específicos de comunicação, denominados técnico-científicos.

Os estudos que envolvem o léxico são antigos; no entanto, os trabalhos de Guilbert (1975), Dubois (1978) e, mais recentemente de Sablayrolles (2003), citando alguns estudiosos da área, servem de suporte para a compreensão dos principais conceitos necessários à análise tanto da neologia formal como da literária. No Brasil, emprega-se a expressão “Ciências do Léxico”, tradicionalmente, como referência ao conjunto de disciplinas que se ocupam do estudo das unidades léxicas da língua: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia.

Além dessa tríplice configuração e em razão do desenvolvimento dos estudos fraseológicos, com a Fraseologia entendida como ciência independente, para certos estudiosos, e não mais como subárea da Lexicologia, pode-se identificar uma quadripartição dessas áreas do saber.

A **Lexicologia** tem por objeto o léxico comum e produz estudos de referência voltados para a linguagem geral. Assim, preocupa-se com o estudo dos aspectos teóricos do léxico e sua organização, de pontos de vistas diversos, incluindo a análise da estrutura e do significado das palavras, as relações entre elas e a evolução do vocabulário ao longo do tempo. Estuda a palavra – lugar de inspiração e de interesse de muitas ciências – sob diversas perspectivas: aspectos morfosintáticos, formação, estrutura, significado, evolução histórica, entre outros, e fundamentalmente seu uso. Para Biderman (2001, p. 16), a Lexicologia “tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”.

Entendida como o estudo científico do léxico, constitui-se como disciplina a partir da Linguística Estrutural, nos anos trinta do século XX. Modernamente representa um ramo importante da Linguística, destacando-se por suas teorias e metodologias próprias com um

sem- número de aplicações. Por se voltar para o componente lexical da língua, busca descrever sua natureza, além de se debruçar sobre os empréstimos de palavras, os diferentes fenômenos de criação, as estruturas sintáticas, fonomorfológicas e semânticas do léxico.

A **Lexicografia** foi definida por Biderman (2001, p. 17) como a “ciência dos dicionários”. Portanto, compreende a prática de composição, elaboração ou compilação de dicionários e outras referências lexicais, ou seja, busca traçar os pressupostos teóricos e metodológicos dessas obras e do tratamento dos dados lexicográficos. Isso envolve a seleção e a definição de palavras, bem como a organização das entradas e a apresentação das informações de forma útil para os usuários. Nesse sentido, sua atividade está fundamentada nas orientações e nos fundamentos lexicológicos.

Por oportuno, ressalta-se que, no âmbito dos estudos lexicográficos, há uma subárea, a Lexicografia Pedagógica, que busca promover um diálogo entre educação e a produção de dicionários, fundamentalmente envolvendo, mas não somente, o ensino de línguas.

A **Terminologia** diz respeito ao conjunto de termos próprios a uma área específica ou técnico-científica, bem como ao campo de estudos teóricos e metodológicos que se ocupa dos termos técnicos de uma determinada área. Apesar de haver diferenças entre dicionários comuns e especializados, a prática terminográfica mantém estreita relação com o fazer lexicográfico.

Segundo Dubois *et al* (2014, p. 548), “Qualquer disciplina, e, com maior razão, qualquer ciência tem necessidade de um conjunto de termos, definidos rigorosamente, pelos quais ela designa as noções que lhe são úteis: este conjunto de termos constitui sua *terminologia*”.

A **Fraseologia**, para alguns autores, é a disciplina que se dedica ao estudo das expressões idiomáticas próprias de determinada língua, além de estruturas bastante variáveis, entre as quais se incluem palavras e grupos de palavras, expressões, locuções, orações, frases entre outras. Outros consideram que ela inclui os ditados, os provérbios e a lexias compostas e complexas. Segundo Dubois *et al* (2014, p. 272), “chama-se, geralmente, de *fraseologia* a uma construção própria de um indivíduo, de um grupo ou de uma língua”. Como se observa, existe uma diversidade quanto à sua denominação. A fraseologia, enquanto ramo da linguística, tem suas origens no início do século XX, com os estudos de Charles Bally.

Ao longo do século passado, diversos trabalhos foram sendo desenvolvidos, com foco nas unidades fraseológicas, que, com o tempo, adquiriram uma complexidade terminológica crescente. Consolidou-se como um campo abrangente de análise, à medida que os fraseologismos se multiplicaram. Dentro deste universo, é possível identificar diversas

estruturas lexicais que contribuem para essa variedade, sendo responsáveis pelas distintas formas dos fraseologismos. Embora esses elementos apresentem características particulares, também compartilham pontos em comum, como a exigência de “mais de um componente lexical para sua formação, a coesão entre seus elementos e um alto grau de fixidez” (Ferraz, 2014, p. 232).

### 3.1.2 Léxico, vocabulário, palavra, unidade lexical

Quando se estuda a materialização dos signos, conseqüentemente necessita-se estudar a língua inserida na cultura e seu repositório lexical. A esse respeito, enuncia Polguère (2018, p. 28): “As regras gerais que permitem combinar as palavras ou, mais globalmente, os signos da língua para formar frases constituem a *gramática* da língua”. Conseqüentemente, podemos inferir que léxico e gramática são partes constitutivas da língua. Por esse motivo, Polguère (2018, p. 28) enfatiza: “Aprender uma língua consiste em assimilar esses dois conjuntos de conhecimentos, em desenvolver os automatismos que possibilitam utilizá-los espontaneamente.”

À luz das ideias de Bakhtin (1995, p. 49), “o que faz da palavra uma palavra é a sua significação”. Portanto, sob o viés bakhtiniano, trabalhar a palavra, suas configurações e os sentidos que assume nos vários contextos de uso, especialmente na literatura infantil, associa-se a um movimento dialógico, no qual as interações discursivo-enunciativas se encontram repletas de relações semânticas permeadas por estilos de linguagem, pontos de vista, vozes sociais, visões de mundo, valores sócio-históricos e ideológicos, dialetos, expressões idiomáticas, estrangeirismos, empréstimos, novos itens lexicais, enfim, um sem-número de situações de comunicação.

Fiorin (2009, p. 152), em sintonia com o pensador russo, orienta-nos que “o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem e, portanto, é seu princípio constitutivo” e deve ser entendido como as relações de sentido engendradas entre enunciados no âmbito discursivo. Como se depreende, para o filósofo moscovita e para o linguista brasileiro, mas sem maior aprofundamento na discussão teórica acerca do dialogismo neste meu estudo, a palavra constitui o material privilegiado da comunicação e mais especialmente da literatura, pois, de acordo com Bakhtin, a palavra constitui “um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra” (Bakhtin, 2008, p. 232).

Todavia, o conceito de “palavra”, nos últimos tempos, passou por discussões, dado apresentar certa ambiguidade ou mesmo por se situar nos vários ramos da Linguística, como a Fonética e a Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe e a Semântica, a Lexicologia e a Lexicografia, permitindo o surgimento de termos como “lexia”, “lexema”, “unidade lexical” entre outros.

Especificamente neste estudo, por ser de natureza lexical, utilizo com mais frequência a expressão “unidade lexical”, doravante UL, por permitir a expressão de sentimentos e ideias através de lexias simples, compostas e complexas (Pottier, 1978), isto é, trata-se de uma unidade de significação que pode ser composta por um ou mais elementos lexicais, mesmo que separadas por espaços em branco. Nesse caso, a unidade lexical é designada de lexema<sup>22</sup>.

Em face de a abordagem adotada nesta pesquisa envolver a neologia em obras literárias de alguns autores brasileiros contemporâneos, torna-se importante realçar a pertinência do emprego do termo “unidade lexical” não somente no plano linguístico, mas sobretudo do plano do discurso, principalmente quando da análise dos neologismos coletados em cada obra componente do *corpus*. Não significa, porém, que “lexia”, “item lexical” e, particularmente, “palavra” deixarão de ser mencionados, até porque os termos se relacionam e se aplicam, inclusive, à literatura.

Até o final do século XIX, o léxico permaneceu à margem nos estudos linguísticos. Entre os motivos para isso ter acontecido, estavam as dificuldades encontradas para a sua sistematização. Todavia, a partir do século XX, o vocabulário passou a ser visto e reconhecido como o repositório das mudanças culturais e socioeconômicas de um povo e, por isso, deu guarida a estudos em maior escala.

Nessa perspectiva, muitas investigações aconteceram tanto no âmbito dos estudos linguísticos – nestes com mais ênfase – como no campo ficcional, mais especificamente na literatura para as infâncias. Por meio da linguagem a literatura se concretiza. Ao escritor cabe saber utilizar competentemente o sistema, para transmitir suas ideias e pensamentos. Portanto, são diversos os cenários para o surgimento de novas unidades lexicais e um deles encontra guarida no campo ficcional.

### 3.1.3 Léxico e neologia: da palavra à unidade lexical

---

<sup>22</sup> O emprego do termo “lexema” foi esclarecido na nota de rodapé 14.

O léxico, território onde os neologismos se instalam, oportuniza a criação de novas designações, que podem ser de ordem social, comercial ou estilística. Ao produzirem histórias, os artistas da palavra deixam entrever, implícita ou explicitamente, um desejo de impressionar o destinatário. Como reconhece Cardoso (2010), “pode-se afirmar que por trás de uma escolha existe sempre uma intenção e, dependendo de sua intenção, esse indivíduo que produz o texto pode criar um ou outro efeito de sentido” (p. 76).

Partindo desses pressupostos, busco, neste estudo, destacar alguns aspectos da produtividade lexical por meio da recolha de neologismos na literatura cujo receptor é a criança, por reconhecer que o vocabulário em muitas obras literárias ocupa um lugar de destaque na língua portuguesa, tendo em vista que o estilo e a produtividade lexical existentes nessas produções oferecem, também, rico material para os estudos linguísticos.

O léxico constitui um universo tão imprevisto e, por vezes, indefinido, que nem sempre se torna possível prever, com exatidão, o momento da criação de uma palavra ou mesmo quando esta entrará em desuso. Significa dizer, portanto, que o acervo lexical de toda e qualquer língua viva, em face dessa dinamicidade, está constantemente se renovando. À luz do pensamento de Ferraz (2006, p. 219), “à medida que ocorrem mudanças sociais, a língua se adapta a essas mudanças e produz novas unidades léxicas. Um dos recursos de que se utilizam as línguas para a sua continuidade é a inovação lexical”. Em relação aos conceitos teóricos básicos da Lexicologia, sigo, neste estudo, a orientação de Biderman (1996, p. 33): “O léxico é constituído por todos os elementos lexicais da língua: os *lexemas de valor lexical* (as palavras plenas) e os *lexemas de valor gramatical* (as palavras gramaticais, vocábulos-morfemas), chamados pelos linguistas de *gramemas*”.

Quando penso no enriquecimento das línguas vivas, a neologia constitui um processo fundamental ao operar por meio da observação, da análise e da descrição de seu produto final, os neologismos. No instante de seu surgimento, ratificam o processo dinâmico de seu nascedouro por meio dos recursos disponíveis na língua, entre os quais a formação de novas unidades lexicais, a composição e a derivação, a atribuição de novos significados aos lexemas já existentes. Os falantes a eles recorrem para se comunicar, ora munindo-se das regras de formação disponíveis, ora ofertando guarida, com ou sem adaptação, a outras unidades tomadas de empréstimos.

Para me apropriar do conceito de neologismo, centro-me, primeiramente, naquele formulado por Boulanger (1979), ao mencioná-lo como aquela unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda uma palavra recentemente empregada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito em uma língua. É, pois, nesse

sentido triplo que emprego o conceito neste estudo.

Segundo Alves (2004, p. 5), o surgimento de novos itens lexicais, ou seja, o processo de elaboração de novas unidades léxicas é denominado de *neologia*, sendo o *neologismo* o seu produto. Ainda de acordo com a estudiosa, quando se cria um neologismo não se perpetra nenhuma situação de violação do sistema linguístico, mas, ao contrário, faz-se uso de suas estruturas para construir a nova unidade. Se empregados em diversos contextos de comunicação e se bem aceitos pelos usuários da língua, os novos itens lexicais podem ser dicionarizados. Levam-se em conta os processos de formação do neologismo, a sua frequência e a sua aceitação, fazendo-se assim um estudo linguístico.

Por outro lado, as palavras criadas para uma obra literária ficam presas a esse contexto e, diferentemente dos neologismos empregados em situações de comunicação comuns, passam a ter um valor estilístico e momentâneo. Nesse sentido, o estudo dos aspectos expressivos da morfologia lexical, circunscrito às novas lexias, inclusive no discurso literário, enseja mais investigações acerca da expressividade das criações de novas palavras dentro daquele contexto ficcional, fazendo-se, pois, um estudo estilístico. Nesse âmbito, a ocorrência do neologismo lexical no discurso, por razões estilísticas, torna-se muito comum no texto literário, “ficando, em alguns casos, fora do uso geral e corrente. (Alves, 2010, p. 259)

O estudo de neologia pode se dividir em dois campos: neologia na língua e neologia na literatura. Apesar de, nos dois casos, haver um objetivo comum – o sucesso na comunicação – existem diferentes abordagens para ambos. Os neologismos utilizados na língua, se empregados em diversos contextos de comunicação e se bem aceitos pelos seus usuários, podem ser dicionarizados. Nesse caso, são abordados os seus processos de formação, a sua produtividade, a sua frequência e a sua aceitação, fazendo-se assim um estudo linguístico.

Já os itens lexicais criados para um conto, um romance ou para um poema ficam presos a esses contextos e, diferentemente dos neologismos empregados em contextos de comunicação comuns, apresentam um valor artístico e, por vezes, fugaz. Pode ser investigada a expressividade das criações de palavras no âmbito literário, fazendo-se, pois, um estudo estilístico e, nesse aspecto, nas línguas vivas, as criações lexicais são válidas para aquele dado instante e certamente não chegarão a fazer parte do dicionário, pois são produzidas com o objetivo estilístico.

Permanece incógnito o destino de novas palavras urdidas por um escritor, todavia é inegável constatar que esses atores fazem emergir em seus textos as potencialidades de criação e de renovação lexical por meio de seus formadores, lexemas e morfemas. Ratificando esse postulado com vistas nas obras literárias, Martins (2000, p. 111) testifica: “Ainda que as

novas palavras tenham existência efêmera, elas revelam um meio de o falante realizar o seu desejo de expressividade”. E complementa: “Muitas delas são realmente de emprego restrito, e não poucas se limitam a uma ou outra ocorrência, da mesma forma que as metáforas que se criam para um único enunciado. Mas, pela sua novidade, causam um inegável efeito expressivo que não se pode menosprezar”. (2000, p. 111).

A partir desses pressupostos iniciais e considerando-se como neologismo aquela unidade lexical que é sentida como nova na comunidade linguística, a literatura, e especialmente aquela destinada às crianças, constitui um dos universos de manifestação discursiva em que a presença de neologismos tem sido frequente.

Embora as pesquisas sobre as novas lexias em obras literárias voltadas para as infâncias ainda sejam de pouca monta, a neologia estilística constitui um recurso empregado por muitos escritores, pois é no seu labor, por meio do trabalho com a linguagem, que percebem e dão a conhecer a seus receptores as diversas maneiras de o léxico se manifestar, em especial na formação de palavras novas. Esse universo artístico pouco explorado ou até mesmo desconhecido merece investigação, pois comprova a mais valia dos neologismos na literatura para as infâncias e a colocam como importante fonte mantenedora e propagadora de neologismos.

Por outro lado, os neologismos estão, no que tange à formação, em um lugar especial dos estudos morfológicos, envolvendo aspectos que englobam, entre outros, as questões pragmáticas e estilísticas e, em suma, constituem uma presença inevitável na língua viva. Nas obras de ficção é possível encontrar uma diversidade de formações neológicas e demonstrar como o trânsito dos novos itens lexicais encontrados no tecido textual comprova uma das principais contribuições dos neologismos para a literatura infantil: dar dinamismo ao texto por seu caráter lúdico e, por vezes, bem-humorado.

#### 3.1.4 Criações lexicais: neologia denominativa, neologia estilística

Guilbert (1975, p. 40-44) define dois tipos diferenciados de criações lexicais: neologia denominativa e neologia estilística. Para o teórico, a **neologia denominativa** diz respeito à premência de se inovar no plano da língua e não especificamente se volta para o seu aspecto estético. Nasce da necessidade de nomear objetos e visa à adequação entre o nome e objeto ou conceito.

Esse tipo de neologia pode envolver a combinação de morfemas existentes, empréstimos de outras línguas, ou a formação de palavras compostas. O objetivo é criar um

termo que se ajuste às estruturas morfológicas e fonológicas da língua receptora. Os novos termos introduzidos ajudam a nomear e a categorizar outras realidades de forma que sejam compreendidas e integradas no uso cotidiano da língua.

Por vezes, ela é impulsionada por avanços científicos e tecnológicos ou por mudanças culturais. Termos técnicos, por exemplo, são frequentemente criados para descrever novas invenções ou descobertas científicas, caracterizando um processo dinâmico, pois acaba por refletir mudanças na sociedade e nas necessidades comunicativas dos falantes. Assim, Guilbert considera a neologia denominativa uma parte essencial do processo de evolução linguística, pois ela permite que a língua se adapte às novas realidades e inovações, garantindo que a comunicação permaneça precisa e relevante.

O segundo tipo de criação lexical apontado por Guilbert (1975, p. 40), a **neologia estilística**, refere-se à criação de novos termos ou ao uso inovador de palavras e expressões com o objetivo de criar um efeito estilístico particular no discurso. Trata-se de uma estratégia usada para enriquecer a expressão linguística e oferecer uma nova dimensão ao texto ou discurso. Poetas e escritores muitas vezes criam neologismos estilísticos para explorar novas formas de expressão ou para evocar imagens e sentimentos específicos.

De acordo com o linguista francês, esse tipo de criação é “próprio de todos aqueles que têm alguma coisa para dizer e querem usar; para isso, criaram as suas próprias palavras, as suas combinações” (Guilbert, 1975, p. 41). Faz sentido, portanto, a escolha do *corpus* desta pesquisa, pois os autores das obras vencedoras do Prêmio Jabuti, entre 2017 e 2022, enquadram-se perfeitamente nessa situação, em face de trazerem para o mundo exterior toda a fantasmagoria presente nos enredos disponibilizados para os leitores. Apropriam-se dos diferentes recursos de que dispõem para criar novas unidades lexicais, algumas por empréstimos internos e externos, outras por renovação de sentido, como no caso dos neologismos semânticos.

A neologia estilística torna-se mais significativa neste estudo, pois se baseia na expressividade da própria palavra ou frase. Trata-se de uma lexia virtual e, portanto, mais difícil de fazer parte do léxico da língua. Estamos diante de uma criação poética pela qual inventa-se uma nova unidade lexical com uma significação diferente. Trata-se, portanto, de uma ferramenta linguística poderosa que permite aos autores e oradores manipular a linguagem de forma criativa para atingir objetivos expressivos e estéticos.

Gilbert (1975, p. 31), ao definir a neologia lexical como “a possibilidade de criação de novas unidades lexicais com base nas regras existentes no sistema lexical”, refere-se, ainda, à **neologia de discurso**, também estilística, que diz respeito à procura de maior expressividade

do discurso para traduzir ideias de modo novo ou para exprimir de maneira inédita certas visões de mundo. Os neologismos criados constituem formações efêmeras, raramente entrando no sistema da língua, pois tendem a desaparecer de forma rápida. São bastante comuns nos discursos jornalístico e humorístico, na crônica política e no texto literário, para citar alguns.

Esse tipo de neologia diz respeito, portanto, à criação e à introdução de novos termos ou expressões dentro de um discurso com o objetivo de alcançar certa originalidade, expressividade ou clareza em um contexto comunicativo. Ao contrário da neologia denominativa, que se preocupa com a criação de termos para designar novas realidades ou conceitos, a neologia de discurso foca na inovação linguística no nível do discurso, buscando enriquecer a expressão e impactar a comunicação.

Na leitura mais aprofundada das cinco obras vencedoras do Prêmio Jabuti, entre 2017 e 2022, é possível observar como seus autores exploram mecanismos da criação lexical, produzindo neologismos estilísticos próprios de seu discurso literário, ao inventarem lexemas e expressões como, por exemplo, “fritemburguesa” (D), “Sagatrissuinorana” (S), “Filho Preto e Branco” (AAA), “Sonho-bicicleta” (SO) e “sereio do mar” (DMJ). Por se apoiarem na expressividade, eles exprimem, de forma inédita, certas visões pessoais de mundo, de acordo com o contexto onde as palavras novas circulam. Evidentemente que estes e outros neologismos não constituirão registros dicionarísticos, por não durarem tempo suficiente de modo a serem reconhecidos pela comunidade dos falantes.

Nesse âmbito, os procedimentos usados para a criação neológica resultam de uma mistura saudável de recursos, que transformam a língua em um grande móvel. Longe de empobrecê-la ou descaracterizá-la, essa manipulação linguística de feição nova ressalta seu potencial expressivo alcançado pela novidade e, ao mesmo tempo, pelo “estranhamento” de algumas construções. Significa compreender que o acervo lexical de toda e qualquer língua viva, em face dessa dinamicidade, está constantemente se renovando.

A nova lexia, se adotada pela comunidade linguística, pode perder essa condição, ser dicionarizada e fazer parte do vocabulário comum. Todavia, há uma tendência de seu uso prolongar-se por certo tempo. Por esse motivo, como lá explicitiei antes, adoto o critério lexicográfico para a sua delimitação. Nesse caso, será “nova” aquela palavra ainda não registrada em repertório lexicográfico representativo do português brasileiro.

Para identificar os tipos de neologismo, sigo as orientações de Ferraz (2019, p. 183-184): “o **neologismo formal**, em que a unidade léxica foi criada a partir dos padrões de formação e estruturação lexicais disponíveis na língua; o **neologismo semântico**, em que a

forma lexical se apresenta com uma significação diferente da atestada; e o **neologismo por empréstimo**, em que um estrangeirismo lexical é adotado”.

Vale salientar que me aproprio de tal tipologia para a elaboração da minha proposta denominada **Categorias Neolúdicas**, apresentada no item 4.7.4 deste estudo e na qual me baseio para sugerir um caminho ainda inédito de análise dos neologismos estilísticos recolhidos nas obras literárias elencadas no *corpus*. Com elas busco facilitar o trabalho do professor na sala de aula, além de tornar mais lúdica a lida com a presença de novas lexias em textos de ficção.

Para tratar dos principais processos de criação lexical no português brasileiro, minha base investigativa concentra-se, também, nas contribuições de Guilbert (1975), de Alves (1990) e de Ferraz (2019). Há três mecanismos distintos por meio dos quais os neologismos se erigem: a construção, a reutilização (a partir de renovações de significado) e a importação de palavras de outras línguas. A partir deles, são estudados os três principais tipos de neologismos: os formais, os semânticos e os de empréstimo.

### 3.1.5 A neologia formal

Toda língua em uso tem seus mecanismos de ampliação do léxico. A neologia formal se refere ao processo de criação de novas palavras ou termos dentro de um sistema linguístico de maneira estruturada e sistemática. Esse processo envolve a aplicação de regras e convenções gramaticais e lexicais para criar palavras que se ajustem às normas do português brasileiro e permite a categorização em diferentes tipos, dependendo dos processos e técnicas utilizados para a criação de novos termos.

Há diferentes abordagens sobre os processos de formação de novas lexias. Entre eles, destacam-se os neologismos sintáticos resultantes de “combinatórias de elementos já existentes no sistema linguístico português” (Alves, 2002, p. 14). Os neologismos formais, também denominados lexicais, vocabulares ou da língua, caracterizam-se pela fabricação de um novo significante advindo de processos de composição ou derivação. Quanto ao aspecto formal, orienta Ferraz (2019, p. 186): “Cumpre-nos assinalar a atuação de dois tipos de operação indissociáveis: uma operação semântico-categorial, da base para o produto, e uma operação morfo-lexical que concerne às formações neológicas mais produtivas no português brasileiro”.

Na **composição** ocorre uma associação significativa entre dois significantes, da qual resulta um significado novo. “Revela um caráter sintático, subordinativo ou coordenativo”

(Alves, 2002, p. 41). Na composição por justaposição, o segundo termo, em geral, acrescenta uma informação ao primeiro, modificando-o. Já na composição por aglutinação, bem mais rara, duas ou mais bases se unem para formar uma terceira lexia, com perda da integridade formal de uma delas.

A **composição por siglas ou acronímica** diz respeito a um processo de formação de palavras ou expressões em que uma nova unidade linguística é criada a partir das letras iniciais de uma frase ou grupo de palavras. Este processo pode resultar em siglas, acrônimos ou na combinação de ambos e a nova palavra ou expressão é formada a partir das letras dos termos que compõem a expressão original. Sendo um tipo especial de composição sintagmática, “resulta da lei de economia discursiva. O sintagma é reduzido de modo a tornar-se mais simples e mais eficaz no processo de comunicação” (Alves, 2002, p. 56). “Trata-se, portanto, da redução de um sintagma às iniciais das palavras que o compõem, sem perda de valor semântico” (Ferraz, 2019, p. 192).

Ainda segundo o estudioso, “a sigla derivada e o sintagma original são, do ponto de vista semântico e pragmático, intercambiáveis, uma forma pode perfeitamente substituir a outra sem alteração de sentido” (Ferraz, 2019, p. 192). Por conta disso, as siglas “constituem unidades léxicas com funcionamento normal, como as palavras comuns, no sistema linguístico” (Ferraz, 2019, p. 192). As siglas são formadas pelas letras iniciais de uma expressão e geralmente são pronunciadas como uma sequência de letras, letra por letra ou como uma palavra, dependendo do idioma e do uso.

As siglas e os acrônimos – estes pronunciados como palavras completas – são frequentemente usados em contextos técnicos, científicos, militares e administrativos para simplificar a comunicação e a fim de economizar espaço. Eles também podem aparecer em linguagem informal ou popular. À medida que se tornam mais comuns, podem sofrer uma transformação na forma como são percebidos e usados, passando até a se integrar ao vocabulário cotidiano como termos comuns. Esse tipo caracteriza um modo eficiente e prático de criar novas palavras e expressões, refletindo a necessidade de simplificação e especialização na comunicação escrita e falada.

Na **derivação**, chamada por alguns estudiosos de derivação própria, processo bastante produtivo no português brasileiro, a um morfema lexical pré-existente se acrescenta um morfema gramatical derivacional para formar um signo novo, ou seja, o conjunto de significante e significado. Nesse processo, deve-se considerar a prefixação e a sufixação. No primeiro caso, “ao unir-se a uma base, o prefixo exerce a função de acrescentar-lhe variados significados” (Alves, 2002, p. 14-15). Na derivação sufixal, o sufixo “atribui à palavra-base a

que se associa uma ideia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical” (Alves, 2002, p. 28). Entre prefixos e sufixos, há os que acrescentam ideias valorativas, pejorativas ou relacionadas à qualidade, quantidade e tamanho, ou ainda aqueles responsáveis pela criação de verbos e nomes.

Quando prefixo e sufixo se unem à mesma base nominal ocorre a chamada **derivação parassintética**. “Nesse processo, é fundamental que os dois afixos se incorporem ao mesmo tempo à palavra-base” (Alves, 2002, p. 40). Trata-se de um processo morfológico que envolve a formação de novas palavras por meio da adição simultânea de prefixo e sufixo a uma base. É um fenômeno particularmente interessante porque combina dois tipos de afixos (prefixo e sufixo) em um único processo de derivação. Apresenta uma característica interessante da morfologia das línguas e revela a complexidade e a riqueza dos processos de formação de novas unidades lexicais.

Pode-se falar ainda da **derivação regressiva**, aquela cuja criação da nova unidade “deve-se à supressão de um elemento, considerado de caráter sufixal” (Alves, 2002, p. 70) e envolve a remoção de um ou mais afixos da unidade lexical derivada. Nesse processo morfológico, ocorre a alteração do significado, mas o foco é na transformação, que reduz ou simplifica a palavra derivada para sua forma base. A lexia resultante desse tipo de derivação é geralmente uma forma mais simples ou básica em comparação com a palavra derivada. Esse processo é mais comum com sufixos, mas, em alguns casos, prefixos também podem estar envolvidos. A derivação regressiva é menos comum do que outros processos de derivação, como a prefixal ou a sufixal, e pode ser mais complexa de identificar e analisar, especialmente em línguas onde as formas derivadas não se mostram tão evidentes ou onde o processo é menos regular.

Ao se referir à **truncação**, Alves (2002, p. 68) diz se tratar de “um tipo de abreviação em que uma parte da sequência lexical, geralmente a final, é eliminada”. Consiste em um processo de formação de palavras com a criação de uma nova forma reduzida de uma unidade lexical base, geralmente pela eliminação de uma ou mais partes da original. Esse processo resulta em uma forma mais curta e frequentemente mais informal ou coloquial da nova lexia. A truncação pode ocorrer em vários contextos e servir a diferentes propósitos, como simplificar a comunicação, criar termos mais familiares ou ajustar a forma da palavra para se adequar a um determinado estilo ou contexto social.

Constitui um fenômeno linguístico que demonstra a flexibilidade das línguas em adaptar e simplificar formas de comunicação, criando palavras ou expressões que são mais adequadas ao contexto em que são usadas. Ferraz (2019, p. 1860) enfatiza tratar-se de um

“fenômeno morfofonológico de encurtamento de uma sequência lexical, gerando formas de até três sílabas, quase sempre com acréscimo de vogal à base truncada, e que, em geral, passam a coocorrer com a palavra-matriz”. Esse tipo de formação converge para si, por vezes, o uso informal, ora com ênfase no pejorativo, no jocoso, no irônico, ora no emprego de modo afetivo e familiar. O estudioso também alerta acerca da ausência “de um tratamento mais amplo sobre o processo de truncamento” (Ferraz, 2019, p. 1860) nas gramáticas tradicionais brasileiras, sendo este um processo produtivo de destaque na formação de novas lexias.

Outro tipo – a **derivação imprópria** ou **conversão** – “designa um tipo de formação lexical pela qual uma unidade léxica sofre alterações em sua distribuição sem que haja manifestação de mudanças formais” (Alves, 2002, p. 60). Caracteriza um processo morfológico de formação no qual um termo de uma classe gramatical é transformado em outro tipo de classe gramatical sem a adição de afixos, mas através de um processo de mudança de função. Esse fenômeno é diferente da derivação própria, que envolve a adição de prefixos ou sufixos para criar novos lexemas. Por exemplo, um substantivo pode ser convertido em um verbo, um adjetivo em um substantivo, e assim por diante. Ela pode, ainda, refletir a flexibilidade e a criatividade da língua. É um processo comum que permite a expansão e a adaptação do vocabulário para novas necessidades comunicativas e contextos.

Entre os neologismos situa-se a **composição sintagmática** que se processa “quando os membros integrantes de um segmento frasal se encontram em uma íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica” (Alves, 2002, p. 50). Refere-se ao processo de formação de palavras ou expressões por meio da combinação de elementos linguísticos que são colocados em sequência de forma que criam uma unidade de significado. Envolve a junção de morfemas, palavras ou frases que se organizam de acordo com regras sintáticas específicas para formar esse novo significado.

Elementos como lexemas, morfemas ou unidades maiores são combinados de modo a formar um novo conjunto com um significado específico. Isso pode envolver a junção de lexias simples para criar uma expressão ou frase mais complexa. A combinação dos elementos linguísticos deve seguir regras sintáticas que garantam a criação de uma expressão que faz sentido dentro do sistema da língua. Enquanto a derivação lida com a criação de palavras novas por meio da adição de afixos, a composição sintagmática envolve a combinação de unidades linguísticas para formar novos significados através da organização sintática. Trata-se, portanto, de um processo fundamental na formação de expressões e unidades de significado na língua, na qual a combinação e a organização de elementos linguísticos seguem regras sintáticas para criar novas formas de comunicação.

Dependendo do tipo de ocorrência dos morfemas, é possível identificar, também, casos especiais, considerados “processos deformacionais de formação de palavras e, que, embora muito raramente tratados pelas gramáticas tradicionais, são produtivos no português brasileiro contemporâneo” (Ferraz, 2019, p. 186).

Entre esses processos encontra-se a **reduplicação**, “que se dá pela repetição parcial ou total de uma palavra-matriz [...] É parcial quando ocorre a cópia de segmento fônico menor que uma palavra, em geral uma das sílabas da palavra-matriz” (Ferraz, 2019, p. 197). Segundo Alves (2002, p. 70-71), “refere-se a um recurso morfológico em que uma mesma base é repetida duas ou mais vezes a fim de constituir um novo item léxico, geralmente pitoresco, por causa do inusitado procedimento de formação”, a fim de formar uma nova palavra ou modificar o significado da palavra original. Esse processo é comum no português do Brasil e pode servir para expressar uma variedade de nuances, como intensidade, repetição, pluralidade ou aspectos específicos do significado.

A característica central da reduplicação é a repetição de uma parte da palavra original. Isso pode incluir a repetição de um morfema, uma sílaba ou de uma parte significativa da palavra. A parte repetida pode ser no início, no final ou no meio da palavra original, dependendo das regras da língua. Embora não seja muito comum, a reduplicação pode aparecer em formas coloquiais; na linguagem infantil, pelo encurtamento da base; nos hipocorísticos, quando, “após a redução de um antropônimo aplica-se a repetição da sílaba tônica” (Ferraz, 2019, p. 197).

Na Linguística, os **hibridismos** referem-se à formação de palavras ou expressões que resultam da combinação de elementos de diferentes origens linguísticas. Esses elementos podem ser morfemas, palavras ou até mesmo estruturas sintáticas provenientes de diferentes línguas ou dialetos. Trata-se de um item abordado sem maior profundidade nas gramáticas tradicionais brasileiras, estudo voltado apenas para a classificação de formas já existentes e consagradas no português do Brasil, por vezes oriundas do latim e do grego, desconsiderando, portanto, novas formações criadas contemporaneamente. Assim, a principal característica dos hibridismos é essa mistura ou fusão de componentes de diferentes sistemas linguísticos, o que facilita a aproximação da nossa com outras línguas.

A formação de hibridismos pode refletir a influência cultural e a troca entre diferentes grupos linguísticos. Eles são um testemunho da dinâmica e da flexibilidade da língua materna ao se adaptar e se enriquecer com elementos de outras línguas. Desempenham um papel importante na evolução linguística, refletindo como os idiomas se influenciam mutuamente e se adaptam às novas realidades culturais e tecnológicas.

O **cruzamento lexical** – também denominado cruzamento vocabular, palavras-entrecruzadas, amálgama, palavra-valise, contaminação, palavra *portmanteau*, *blending* – corresponde a um processo morfológico e semântico que ocorre quando duas palavras ou raízes de diferentes línguas, dialetos ou variantes linguísticas se combinam para formar um novo item lexical, geralmente resultando em um termo híbrido. Esse fenômeno é comum em contextos de contato linguístico e pode ocorrer tanto na formação de novas palavras quanto na adaptação de palavras estrangeiras para um novo contexto linguístico.

Conforme nos orienta Ferraz (2019, p. 190), o cruzamento lexical “é aquele que resulta do cruzamento de duas bases, quando estas perdem parte de seus elementos para formarem uma nova unidade lexical, por meio da mesclagem lexical de palavras já existentes”. A nova lexia criada pode passar por um processo de adaptação e normalização dentro da língua que a adota. Com o tempo, também pode se tornar parte do vocabulário padrão e ser usada sem consciência do seu cruzamento original.

Alves (2002, p. 68) chama a atenção para uma particularidade desse processo de formação, pois ocorre um tipo de redução no qual “duas bases – ou apenas uma delas – são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde sua parte final e outra, sua parte inicial”. Um aspecto importante desse processo é o fato de ele ilustrar como as línguas são dinâmicas e adaptáveis, refletindo a interação entre diferentes culturas e sistemas linguísticos. Esse fenômeno contribui para a diversidade e a riqueza do vocabulário nas línguas.

### 3.1.6 A neologia de empréstimos

Nos estudos linguísticos, a neologia de empréstimos se refere ao processo pelo qual uma língua adota novas palavras ou expressões de outra língua. Esse fenômeno é uma forma de enriquecimento do léxico e pode ocorrer de várias maneiras, com a incorporação direta de termos estrangeiros ou a adaptação desses termos ao sistema fonológico e morfológico da língua receptora.

Segundo Alves (2002, p. 72), “numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua. É então denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma”. Os estrangeirismos lexicais se manifestam na língua de várias maneiras e podem ter diferentes impactos na língua receptora. Por vezes, a lexia é adotada quase que na forma original, com pouca ou nenhuma alteração ou a forma de origem é ajustada para se alinhar com a ortografia

da língua enfocada.

Ainda de acordo com Alves (2002), a segunda etapa, nomeada pela pesquisadora como “tradução do neologismo”, acompanha a unidade importada uma definição de seu significado, pois o emissor pressupõe não “ser interpretado pelos receptores do texto” (Alves, 2002, p. 76). Já na terceira fase de integração do neologismo, a palavra emprestada de outra língua pode manifestar alguma adaptação gráfica, semântica ou morfológica. Em outras palavras, há situações em que a pronúncia da palavra é modificada para se ajustar aos padrões fonéticos da língua coletora. Ora a expressão estrangeira é traduzida literalmente, ora novas palavras são criadas baseadas em estrangeirismos para se adaptarem melhor ao contexto ou usadas em contextos específicos. Por fim, a palavra emprestada pode adquirir um significado diferente do original ou ser usada em um contexto diverso. À luz do pensamento de Alves (2002, p. 73), “em consequência do efeito estilístico pela busca da cor local, itens léxicos de diferentes idiomas são empregados” com frequência no português brasileiro.

Guilbert (1975 *apud* Alves, 1984, p. 121) aponta três critérios para identificar a passagem de uma unidade lexical importada por essa fase: o morfossintático, o semântico e o fonológico.

No **critério morfossintático**, a palavra proveniente de outro sistema linguístico constitui base de composição e/ou derivação de novas formas na língua coletora ou, ainda, novos termos são criados com sufixos estrangeiros associados a bases vernáculas, podendo ocorrer, também, o **decalque**, uma tradução literal da palavra importada. Envolve, portanto, a adaptação da forma e estrutura do termo para se conformar às regras morfológicas da nova língua. Isso inclui alterações na flexão e na conjugação; incorporação de morfemas típicos da língua receptora; alterações na pronúncia, na ortografia e na fonologia como forma de ajuste; incorporação de regras derivacionais, com a formação de substantivos a partir de verbos e adjetivos, por exemplo; ou mesmo a hibridização, quando o elemento estrangeiro passa a combinar com morfemas nativos para formar palavras híbridas que seguem parcialmente as regras morfológicas locais. Assim, o ajuste morfológico se integra de modo mais eficaz à estrutura da língua receptora.

Quanto ao **critério semântico**, observa-se que o elemento linguístico estrangeiro, ao ser introduzido na língua receptora com um significado único, torna-se polissêmico. Nesse caso, ele é modificado ou ampliado para melhor se encaixar nas necessidades da referida língua. Como consequência, o termo pode carregar conotações ou associações culturais relevantes que levam a uma adaptação semântica a fim de que ele se torne mais significativo para os falantes da língua receptora. Ou ainda ser usado em contextos específicos nos quais

seu significado passa por ajustes para se adequar às práticas ou conhecimentos locais, momento no qual se tornará familiar e natural para os nativos, acarretando a adoção mais fluida e a integração semântica mais completa. Essas características ajudam a determinar como um elemento estrangeiro é assimilado e como seu significado se ajusta à nova língua, influenciando a forma como ele é usado e compreendido pelos falantes.

O **critério fonológico** está relacionado com a adaptação sonora da unidade lexical ao sistema da língua local e ocorre na pronúncia do termo estrangeiro para que ele se encaixe melhor nos padrões fonológicos dos nativos. Todavia, nem sempre corresponde a uma adaptação gráfica, pois a ortografia pode ser alterada para refletir a pronúncia de origem. Outros recursos são a substituição de fonemas; o ajuste às estruturas silábicas típicas da língua receptora; a redução ou eliminação de sons, pois trazem dificuldade de pronúncia para os falantes locais e, por isso, são omitidos ou simplificados; a entonação e o ritmo do termo estrangeiro podem ser ajustados para se alinharem com as características prosódicas da língua receptora, o que pode incluir alterações no acento ou na intensidade da sílaba; ou, em alguns casos, os sons do termo estrangeiro são fundidos ou separados para se adaptarem aos padrões fonológicos do sistema da língua local. Todas essas adaptações fonológicas ajudam a tornar o termo estrangeiro mais pronunciável e compreensível para os falantes da língua receptora, facilitando a sua integração no vocabulário vernáculo.

A partir de então e aos poucos, a unidade lexical importada passa a ser aceita pela comunidade linguística, por seu uso frequente, vai perdendo seu caráter de estrangeirismo e passa a caracterizar a etapa final de integração do neologismo por empréstimo. Sua incorporação e sua permanência dependerão de fatores de ordem cultural, social e comunicativa, com sua inserção em um dicionário, momento no qual lhe é conferido o estatuto de elemento lexical dessa língua. Nesse particular, segundo Alves (2002, p. 77), “a fase propriamente neológica do item léxico estrangeiro ocorre quando está se integrando à língua receptora, integração essa que pode manifestar-se gráfica, morfológica ou semanticamente”.

A neologia de empréstimos sempre se fez presente em nossa construção identitária como também na história de formação da língua portuguesa, principalmente pela contribuição de europeus, orientais e africanos, responsáveis, nesse caso, por fornecerem um conjunto de experiências e conhecimentos linguísticos e culturais para o léxico do português. Ignorando essa particularidade do nosso idioma, ainda nos deparamos com “pessoas puristas e conservadoras que, movidas muito mais por interesses ligados à política do que propriamente ao estudo da língua, acreditam num expressar linguístico homogêneo, em um país

monolíngue” (Ferraz & Cotiero, 2014, p. 50). Como salientam os dois estudiosos, “o que deveria estar em pauta nesta arena de discussão são questões meramente linguísticas, permitindo ao falante entender que não existe um uso ‘mais moderno’, ‘mais correto de uma língua’” (2014, p. 51). Além disso, boa parte dos teóricos e estudiosos concorda que os empréstimos são um fenômeno linguístico tão natural quanto os demais processos neológicos.

Na sala de aula do Ensino Fundamental II, é incompreensível negar aos alunos esse conhecimento, em face de sua contribuição para o português contemporâneo. O empréstimo de palavras pode enriquecer o léxico da língua, oferecendo novos termos para conceitos, objetos ou fenômenos que não eram previamente nomeados. Por sua vez, facilitam a comunicação, pois termos emprestados muitas vezes preenchem lacunas lexicais e permitem que os falantes discutam novas ideias, tecnologias e produtos de forma mais precisa e eficiente. O uso de palavras estrangeiras pode refletir e promover o intercâmbio cultural e, às vezes, até mesmo levar a mudanças na forma como os falantes percebem certos conceitos.

Quanto ao desenvolvimento linguístico do falante, salienta-se a sua relevância para a evolução da língua, ao mesmo tempo importando novas denominações, introduzindo novas realidades e novas formas gramaticais e fonéticas que enriquecem o sistema linguístico. Em todos esses aspectos, o uso de palavras emprestadas pode levar a debates sobre a preservação da língua e a influência de línguas dominantes, além de desafios na adaptação e aceitação dessas palavras na língua receptora. Portanto, a neologia por empréstimos é um fenômeno dinâmico que demonstra a interconexão entre línguas e culturas e desempenha um papel crucial na evolução e expansão do vocabulário de uma língua.

### 3.1.7 A neologia semântica

Na criação estilística, um dos processos de renovação lexical resulta no neologismo semântico. Trata-se de um fenômeno linguístico no qual um novo significado é atribuído a uma forma existente, ou um significado existente é alterado. Ocorre, portanto, alteração no conjunto de semas referentes a um item lexical (Alves, 2002, p. 62), na ordem dos constituintes de combinações complexas, como, por exemplo, substantivo/adjetivo e vice-versa e, também, por meio de processos estilísticos (metáfora, metonímia), quando uma UL pode adquirir diferentes significados. Esse processo é fundamental para a evolução da linguagem e pode ser analisado de diferentes perspectivas teóricas na Linguística.

Segundo Alves (2002, p. 62), “qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento. Fala-se, nesses casos, do neologismo

semântico ou conceptual”. Valente (2014, p. 50) se refere ao neologismo semântico como o correspondente “ao emprego de um significante que já existe na língua [...], conferindo-lhe um conteúdo que ele não tinha até então”. Ferraz (2010, p. 67) conceitua-o como um tipo de formação neológica que se dá “sem qualquer alteração formal em unidades léxicas já existentes”. Cardoso (2010, p. 107) preconiza: “A neologia semântica reflete uma atividade consciente do usuário da língua que, ao dar a uma palavra um novo significado, altera sua estrutura semântica, enriquecendo, dessa forma, o universo lexical”. No tocando à literatura para as infâncias, e para ela convergindo o pensamento da estudiosa, quando o usuário recorre ao sistema linguístico, diferentes meios são acionados

para dizer a mesma coisa. Trata-se da escolha que se pode fazer entre várias unidades lexicais ou, ainda, entre maneiras diferentes de construir o enunciado. Um autor de texto literário pode redistribuir os elementos do sistema linguístico e também reformulá-lo” (Cardoso, 2010, p. 107).

À luz das ideias de Guilbert (1975, p. 72), o conteúdo semântico das lexias condiciona sua combinação em frases, do mesmo modo que a estrutura sintática. Porém, a criação de um novo sentido implica uma ruptura nas regras de combinação. Criativamente, a neologia semântica se manifesta pela alteração/transgressão de regras, ora com a mudança da classe gramatical, ora pela metaforização por um modo de transferência. A seleção e a análise de algumas ocorrências significativas de neologismos semânticos no *corpus* selecionado para este estudo possibilitam perceber esses procedimentos inovadores sintonizados com as virtualidades da língua ao longo dos enredos de todas as cinco narrativas.

Guilbert (1975) sinaliza para a existência de três tipos de neologia semântica. A primeira situa-se no campo da Retórica, com ênfase para a metáfora, a comparação, a metonímia, a sinédoque, entre outras. Em *Sagatrisuinorana*, por exemplo, o processo analógico repercute na seguinte comparação: “Agora era tal a situação: três porcos porcando-se no interno de uma casa de tijolos; como se cofre” (S, p. s/n). Segundo se observa, a palavra “cofre”, nesse contexto, está empregada com outro sentido, ou seja, o de “abrigo seguro”. Como uma fortaleza, segundo o enredo, a casa de tijolos, à semelhança do cofre, impede a entrada do Lobo e traz segurança para os três porquinhos irmãos. Em *A Avó Amarela*, por exemplo, o substantivo <boca> aparece empregado no sentido de “dentadura”: “A <boca> da minha avó passava as noites de molho num copo, em cima do criado-mudo, sem dizer uma palavra” (AAA, p. s/n).

A segunda forma, também chamada de neologia por conversão, incide sobre a

modificação categorial, ou seja, afeta a categoria gramatical do lexema. Em dado momento da narrativa de *Sonhozzz*, outro nome dado à bicicleta, que “faz a gente sentir aquela tontura maluca quando a magrela d i s p a a a a r a” (SO, p. s/n). Observa-se, pois, a mudança de categoria gramatical de <magrela>, de adjetivo para o substantivo.

A terceira, a sociológica, ocorre quando a unidade lexical migra de um vocabulário especializado para o léxico comum, podendo sofrer alterações tais a ponto de se constituir, também, como exemplo de linguagem figurada. Neste estudo, os dois primeiros tipos estão mais presentes e, por isso, vão merecer maior ênfase nas análises das novas lexias.

Nas cinco obras literárias do *corpus*, um fenômeno semântico significativo contribui para a renovação lexical e diz respeito à neologia intertextual. Ela decorre da referência analógica de termos ancorados em um neologismo-fonte. Por exemplo: Em *Drufts*, a partir de <insetólogo>, surgem <coisólogo> e <explicóloga>; de <Neurônio>, cunha-se <zurônio>. Em *Sonhozzz*, encontramos <Sonho-bicicleta> e <Sonho-voador>.

Ainda no terreno da intertextualidade, e especialmente em *Sagatrisuinorana* (2020), o fraseologismo neológico se faz presente. Na referida obra literária, o autor, ao usar a língua, emprega combinações de palavras entre si para expressar, via narrador, um diálogo com a escrita de Guimarães Rosa, ao mesmo tempo em que interage, criticamente, com os fatos que deram origem ao desastre ambiental de Mariana e Brumadinho utilizando, analogicamente, a dicção roseana. São unidades sintagmáticas significativas como, por exemplo: “O primeiro – quase rosa – trançou a fibra do buriti em <palha nova de arrimo>”; “o segundo ergueu paliçada de taquara verde. <Telhou cumeeira> com folhas de embaúba, lá da Vereda de Matosinhos”; “Porque o diabo não há. Existe é ruindade humana. Travessia. E a Lama trespassou o vale no meio do redemunho, mastigando, banguela, com suas <gengivas de terra>, o tão frágil e breve corpo”. Esses frasemas<sup>23</sup> se harmonizam com o que propõe Ortiz Alvarez (2000, p. 126), pois “...refletem, especialmente, por sua natureza metafórica, a história, a cultura e a forma de pensar de determinada comunidade; [eles] constituem a síntese dos valores espirituais, dos costumes e da idiosincrasia de um povo”, representados nessa obra literária pela dicção do narrador. Considerando-se que, para alguns autores, a Fraseologia inclui, além das expressões idiomáticas, os provérbios, as locuções e os ditos, no nosso estudo privilegiamos as lexias compostas e as lexias complexas (Pottier, 1974).

Vários teóricos abordam a neologia semântica sob diversos enfoques, que exploram como os significados das palavras são moldados por nossas percepções e experiências.

---

<sup>23</sup> O termo empregado representa uma estrutura formada por vários lexemas cujo significado não se pode deduzir a partir dos significados das partes constituintes, das particularidades morfológicas ou da configuração sintática.

Segundo essa abordagem, ela ocorre quando novas experiências e conceitos levam a novas formas de entender e utilizar palavras existentes. Neste estudo, entendo ser a neologia semântica um processo por meio do qual acontece a reutilização de novas estruturas formais já existentes na língua, quando ocorre a alteração total ou parcial de seu significado. Torna-se importante esclarecer: trata-se de palavra ou expressão nova cuja forma se encontra nos dicionários, todavia o sentido com o qual foi empregada não está contemplado nas acepções registradas por tais obras lexicográficas.

Como nesta pesquisa o enfoque converge para a análise léxico-semântica de neologismos presentes em produções literárias destinadas ao público infantil, os autores das obras componentes do referido *corpus* são, nesse particular, os maiores inovadores do sistema. Com a invenção de novos itens lexicais e expressões, eles promovem um entrosamento maior entre falantes, por meio da linguagem e das mudanças socioculturais. Ao criarem neologismos, por exemplo, os artistas da palavra não apenas tecem subliminarmente críticas a situações de momento, sem deixarem, contudo, de se sentirem partícipes delas.

### 3.1.8 Campo lexical e campo semântico

Uma das peculiaridades das palavras diz respeito à sua faculdade de estabelecerem, entre si, incontáveis relações de sentido, conforme nos orienta Garcia (2011, p. 79). Cardoso (2018, p. 127) valida esse pressuposto ao afirmar que “todas as palavras estão cercadas por uma rede de associações que as ligam com as outras”. Ainda de acordo com a estudiosa, “Essas associações baseiam-se em ligações semânticas (entre os sentidos), ligações formais (palavras que têm uma estrutura morfemática semelhante) e ligações que envolvem, ao mesmo tempo, forma e significado” (2018, p. 127). Tais relações englobam um sem-número de variedades, pois ensejam semelhanças, contiguidades e ainda associações de ordem psicológica, subjetiva e linguística, entre elas a sinonímia, a antonímia, a homonímia, a paronímia, a hponímia para citar algumas.

Sob outro viés e na esteira do pensamento de Dubois *et all* (2014, p. 88), a Lexicologia, na busca de uma definição para o termo “campos linguísticos”, esbarra no terreno da ambiguidade, pois torna-se possível “encarar o campo semântico de uma palavra, o campo lexical de uma família de palavras ou o campo lexical de uma realidade exterior à língua”. Ainda segundo esses teóricos, o campo léxico de um termo do vocabulário encerra “as diversas acepções do termo, se se parte de um tratamento polissêmico da palavra” e, ainda, quando se menciona o campo léxico de um grupo de termos, “trata-se de estabelecer os

laços entre uma série de termos do vocabulário” (2014, p. 343).

Dubois *et all* (2014, p. 345-346), ao destacarem os campos léxico e semântico, referem-se ao primeiro como o responsável por indicar “o conjunto de palavras que designam os aspectos diversos de uma técnica, uma relação, uma ideia etc.”. Já o termo “campo semântico” diz respeito “à indicação do conjunto das distribuições de uma unidade de significação nas quais essa unidade possua um semantismo específico” (2014, p. 344). Ou seja: trata-se de um determinado enfoque no domínio da significação envolvendo uma palavra ou um grupo de palavras de uma dada língua em uso. No caso do português brasileiro, envolve afirmar, por exemplo, que no título do livro “Da minha janela”, componente do *corpus* deste estudo, a palavra “janela” possui, entre outros, os seguintes campos semânticos: abertura na parede, buraco, rasgão, lacuna, passagem, ou ainda, como na referida obra, um modo diferente de se ver o lugar onde se vive, sob a ótica de uma criança.

Na perspectiva de Polguère (2018, p. 198), “uma lexia pode muito bem ser considerada como pertencente simultaneamente a vários campos semânticos”. Assim, quando lemos sobre a “Família Bótom”, no livro *Drufs*, por exemplo, no contexto analisado, os nomes próprios das personagens – “Juta, Jérsei, Polaina, Crochê, Musselina, Paetê” – pertencem ao campo semântico da costura e ao da moda, já que todas são estilistas. Por conta disso, complementa o linguista francês: “um campo semântico é um agrupamento de lexias” (2018, p. 199).

Assim, a partir das escolhas lexicais e dos campos léxico-semânticos investigados torna-se possível, neste estudo, analisar os universos por onde circulam os neologismos nas obras partícipes do referido *corpus*. Ao leitor é dado perceber a sua formação, a sonoridade, a expressividade, além de conhecer as emoções, as sensações, as vivências, enfim, os aspectos atitudinais de todos os personagens, estabelecendo um vínculo promissor não apenas com as novas lexias com também com a leitura literária. As concepções abordadas também contribuem para as análises que pretendo fazer das novas UL a partir das **Categorias Neolúdicas**.

### 3.1.9 Neologismos formados por analogia

A renovação lexical de uma língua pode acontecer de diversas formas, resultando em diferentes tipos de inovações lexicais, entre eles os neologismos por analogia. Eles dizem respeito a palavras recém-criadas a partir de um processo de comparação e adaptação com modelos linguísticos já existentes. Nesse âmbito, uma nova palavra é formada com base em

uma estrutura ou padrão que já faz parte da língua, preservando características fonológicas, morfológicas ou sintáticas de palavras anteriores. Trata-se de uma tendência da língua de ampliar seu vocabulário. Assim, ao criar novas palavras, o processo segue padrões reconhecíveis, o que facilita a aceitação e o entendimento dessas inovações.

Segundo Ferraz, (2023, p. 67), “A analogia está diretamente associada à criação por meio do espelhamento de uma forma anterior, entendendo-se que a formação analógica gerada não implica necessariamente o desaparecimento da forma que lhe serviu de fonte”. Assim, em *Drufs*, por exemplo, quando a personagem criança, Bijuéli Pristila, exercita seus dotes na cozinha do restaurante da “Família Suflê” para o que ela denominou de sorvete de <fristache>, uma nova iguaria no ramo dos gelados, conforme nos orienta Ferraz (2023, p. 67), a analogia ocorrer por meio do espelhamento analógico. Remete, portanto, a “sorvete de pistache”, “em cuja gênese subjaz o princípio da analogia” (Ferraz, 2023, p. 69), processo que facilita a interpretação do leitor. Utilizando o mesmo procedimento, novas criações lexicais se processam por meio de uma comparação com as unidades já existentes na língua.

### 3.1.10 Neologismos fonológicos

Além da tríade tipológica apresentada, acrescento à classificação de inovações lexicais aquele denominado por Alves (2002, p. 11) de neologismo fonológico, um fenômeno linguístico no qual novas lexias ou formas são criadas baseadas em modificações fonológicas, ou seja, por meio de mudanças na forma como os sons são organizados. Esses novos itens lexicais podem surgir de diferentes maneiras: por alterações na pronúncia daqueles já existentes que resultam em formas novas, como mudanças no som e na sua combinação; quando a nova unidade lexical, emprestada de outra língua, é adaptada fonologicamente para se encaixar na fonética do idioma de destino; ou, ainda, quando ocorrem combinações fonológicas inovadoras, sem necessariamente se basearem em termos já existentes. A esse respeito, salienta Alves (2002, p. 11): “a unidade léxica tem caráter neológico à medida que é interpretada pelo receptor. Um significante original, não-conforme ao sistema de uma língua, provavelmente não será decodificado e, nesse caso, a comunicação não será efetuada”.

Na sala de aula do Ensino Fundamental II, levar o aluno à construção de uma leitura significativa a partir dos diálogos verbal, visual e sonoro presentes em textos literários e a se dar conta, dentre outros elementos da linguagem, do valor sonoro e expressivo das novas lexias, principalmente das onomatopeias neológicas encontradas nesse gênero, com certeza vão favorecer a compreensão e a interpretação textual. Nesse âmbito, ocorrerá uma

oportunidade para transformar o estudante em um leitor/construtor de sentidos para o que lê, assumindo seu protagonismo como sujeito histórico pensante.

Nesse âmbito, Alves (2002, p. 12) chama a atenção para as onomatopeias, “processo bastante produtivo em certas linguagens” e que “se baseiam numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos ou gritos” (2002, p. 12). Segundo Cardoso (2018, p. 175), “podendo ser tratada como um recurso de expressividade ou como um processo fonológico de formação de palavras, a onomatopeia [...] é a transposição para a língua articulada de sons inarticulados”. Sob outro prisma, os recursos onomatopaicos ensinam a representação do oral no escrito ofertando ao discente a possibilidade de se considerar o ritmo, a entonação e demais recursos prosódicos, além de elementos não verbais, como expressões faciais, gestos, atitudes, entre outros, assim como lhe proporcionar experiências sensoriais auditivas com elementos puramente visuais. Ele terá, ainda, oportunidade de compreender diferentes possibilidades de uso da língua face à associação de sentidos existente entre as palavras.

Os recursos fonológicos também são mencionados por Alves (2002, p. 12), considerados “extremamente raros” pela estudiosa, todavia podendo “ser usados com o intuito de provocarem alterações no item lexical [...] além de outras variações causadas no significante em consequência de uma relação analógica”.

Outro recurso identificado nos textos do *corpus* deste estudo é processado quando se identifica a transformação gráfica do significante, o que, segundo a linguista, “não impede que o leitor a interprete adequadamente” (2002, p. 12). Essas criações, muitas vezes, buscam refletir novas realidades ou conceitos e se tornam parte do vocabulário da língua à medida que são adotadas e usadas pela comunidade linguística. No caso das formações neológicas estilísticas, presentes em textos literários, esse fenômeno é muito raro e dificilmente as novas lexias onomatopaicas e gráficas, nesse caso, serão dicionarizadas.

Um esclarecimento se faz pertinente: os processos neológicos mencionados até aqui serão comentados e exemplificados posteriormente no momento da análise léxico-semântica dos neologismos identificados em cada uma das obras componentes do *corpus*, com ênfase na sua função lúdica, oportunizada dentre os tantos procedimentos de (re)invenção do léxico.

A leitura das cinco obras literárias vencedoras do Prêmio Jabuti entre 2017 e 2022 propicia condições para que o professor trabalhe em sala de aula os diferentes processos de formação de palavras mencionados anteriormente, de maneira a conferir às abordagens linguísticas apontadas quiçá um olhar revitalizado, consciente e consistente, promovido pelo significativo diálogo articulado entre língua e literatura, essencial para a formação de leitores

proficientes, e facilitado pela proposta de análise fomentada pelas **Categorias Neolúdicas**.

Revela-se, ainda, um universo linguístico instigante em que palavras e expressões aparecem combinadas de forma inventiva, prova cabal da renovação da língua, trazendo-lhe dinamismo por meio da exploração máxima de suas potencialidades. Ao fim e ao cabo, os escritores se servem das normas e das regras do idioma, reaproveitam o convencional, mas revitalizam a língua por meio de multiplicidade de experimentos. Os novos itens lexicais criados instauram a magia da palavra malabarista, bailarina na tecitura textual, pois eles manipulam o material de que dispõem para ratificar o ludismo verbal a fim de gerar a expressividade emanada de suas produções ficcionais.

Assim, na sala da aula do Ensino Fundamental final a exploração e a análise do léxico constituem uma estratégia didático-pedagógica imprescindível para ampliar o repertório do alunado, além de levá-lo a perceber a importância da literatura no diálogo estabelecido com a língua materna em suas variadas manifestações, pois o lúdico é essencial para o leitor compreender o mundo e suas nuances. Segundo Cademartori (1986, p. 69), “o ludismo verbal exerce um papel importante no estímulo à expressão verbal”.

As histórias narradas nas cinco obras componentes do *corpus* levam os alunos a fazerem um recorte do real e observá-lo de outro modo, ao mesmo tempo que lhes fornecem material para ampliar o domínio sobre a linguagem. No que tange aos neologismos, estes se constituem, também, a partir do signo verbal e isso colabora para mediar a relação do leitor com o mundo. Por isso, a premiação do Jabuti procura envolver sempre a preocupação na escolha das obras vencedoras de forma a se relacionarem à adequação, ao domínio linguístico e aos interesses do público infantil, em cada faixa etária.

Além de apontar a função lúdica dos neologismos na literatura para as infâncias, com minhas investigações e análises procuro ativar a curiosidade de leitores e professores para uma das particularidades do dinamismo da língua - a criação neológica - e oferecer mais uma possibilidade de leitura dos textos de ficção na sala de aula. Portanto, minha pesquisa encontra-se ancorada na recolha de neologismos na literatura contemporânea direcionada à infância, a fim de indicar, entre outros aspectos, que há muitas palavras na linguagem literária que ainda não foram dicionarizadas. Um dos meus objetivos pedagógicos é o de apoiar docentes em um modelo de análise literária que seja funcional o suficiente para abordar, também, aspectos formais, semânticos e fonológicos da língua.

A partir das vozes de estudiosos e de pressupostos teóricos relevantes, tenho a pretensão de sinalizar para a mais valia desta pesquisa, pois, além de apontar no *corpus* um elenco de neologismos presentes nas obras analisadas, procuro ativar a curiosidade de leitores

e de professores para uma das particularidades do dinamismo da língua – a criação neológica – e oferecer, como já afirmei, mais uma possibilidade de leitura dos textos ficcionais durante um dos momentos fundamentais da escolarização do aluno/leitor.

Com isso, evidencio que meus pilares teóricos são múltiplos. Os estudiosos dos quais me servi e suas ideias me instigaram a construir a minha abordagem para a análise de novas UL, visando, nesse processo, a necessidade de união entre língua e literatura, o que justifica a escolha da Linguística Aplicada como área de concentração da pesquisa, cuja linha se concentra no ensino do Português. Conseqüentemente, a minha tese enseja a união entre escrita acadêmica e literária. Eu me permiti beber na fonte da Neologia para criar minhas próprias novas unidades lexicais, com o firme propósito de levar o leitor a construir conjuntamente os significados.

Se novos itens lexicais frequentam as páginas da literatura para as infâncias, por que os neologismos ainda são subestimados e vistos como vícios de linguagem ou responsáveis por uma pobreza vocabular? Prosseguindo, procuro refletir acerca da mais valia das novas lexias e reivindico seu reconhecimento e contribuição para léxico e para o enriquecimento linguístico.

### 3.2 AO NEOLOGISMO O QUE É DO NEOLOGISMO: QUEBRAR O SILÊNCIO E REIVINDICAR UM ESPAÇO DE PERTENCIMENTO PARA AS NOVAS LEXIAS

Um dos meus propósitos, neste estudo, é chamar mais atenção para a presença e a relevância dos neologismos na literatura voltada às infâncias, principalmente com ênfase na sua contribuição para o letramento literário do alunado do Ensino Fundamental dos anos finais, assim como para a necessidade de um trabalho mais aprofundado com as novas lexias no seu cotidiano. Também procuro enfatizar o grande legado da literatura infantil, tanto na cultura como na constituição da linguagem e de suas variantes.

Nesta pesquisa, ressalto que o léxico já deveria visitar com mais intensidade e frequência a sala de aula e as atividades apresentadas pelos professores, pois os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) e a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (2018) –, documentos de abrangência nacional, entre outros, orientam para que ele seja um dos conteúdos ensinados. Compreendo o léxico como uma das manifestações da língua pelo falante por meio da qual verificam-se, nas organizações sociais, a exposição da história, da memória e da identidade linguística.

Nos PCN do Ensino Fundamental dos anos finais, os neologismos aparecem explicitamente relacionados a procedimentos voltados para o desenvolvimento da competência gramatical e, não, da competência lexical, desconsiderando o que propõe Biderman (1996, p. 33), segundo mencionei anteriormente neste texto. Por conta disso, o que me preocupa é que tal atitude pode contribuir para se perpetuar a ideia, inclusive nas práticas escolares, de que a criação lexical nova não possui relevância na contemporaneidade e, pior ainda, de que a língua é estável e homogênea, distanciando-se do que orienta Fiorin (2009, p. 149) ao afirmar: “as línguas, tanto no léxico, quanto na gramática, categorizam o mundo”. E mais: “O que é certo é que a língua é produto do meio social e, uma vez constituída, tem um papel ativo no processo de conhecimento e comportamento do homem.” (Fiorin, 2009, p. 150)

Insisto: embora não seja esse o meu objetivo neste estudo, torna-se importante investigar por que os estudos neológicos na escola, especialmente na sala de aula, envolvendo a literatura para as infâncias, continuam no limbo e até que ponto são permeados por relações de poder e (pré) conceito. “Se a cultura se transformou, no nosso tempo, num meio de afirmação, também revelou novas formas de dominação” (Eagleton, 2000, p. 114).

A esse respeito, Fiorin (2009, p. 153), citando Bakhtin, reflete sobre “os conceitos de forças centrípetas e forças centrífugas”, ao apontar “para a existência de jogos de poder entre as vozes que circulam socialmente”. Segundo o linguista brasileiro,

o dialogismo incessante é “a única forma de preservar a liberdade do ser humano e do seu inacabamento; uma relação, portanto, em que o outro nunca é reificado; em que os sujeitos não se fundem, mas cada um preserva sua própria posição de extra espacialidade e excesso de visão e a compreensão daí advinda”. A singularidade do sujeito ocorre na “interação viva das vozes sociais” e, por isso, ele é social e singular. (Fiorin, 2009, p. 153)

É o caso de também perguntar, à luz das ideias de Power-Carter e Zakeri (2019), ao reforçarem a necessidade de compreendermos de que modo as relações de poder são configuradas nos letramentos, e de Fiorin (2009, p. 153-154) acerca das formas de censura, se o “silenciamento” e o “inacabamento” a que são submetidos os estudos neológicos são propositais e inerentes a uma dominação que se quer perpetuar e tornar vigente, apenas para marcar o território de quem manda, e se estão significativamente associados ao pressuposto de que “Não se pode criticar, não se pode duvidar, não se pode dissentir... Pode-se apenas aceitar e repetir. Aparecem todas as formas de silenciamento”. (Fiorin, 2009, p. 153-154)

Bourdieu (2008) também acena para a possibilidade de melhor elucidar tal inquirição e buscar possíveis respostas às minhas indagações, ao destacar o desvendamento da mais valia

do estudo das unidades lexicais na escola e o de ser possível compreendê-las na perspectiva de análise de contextos sociais recheados de tensões quando não se valoriza seu legado para a competência lexical do alunado. Seus esclarecimentos acerca da produção linguística, associando-a ao funcionamento de um mercado linguístico, são fundamentais no estudo que pretendo realizar sobre a presença profícua dos neologismos na literatura para as infâncias, pois acenam para a constituição do poder simbólico instituído a partir da linguagem. Segundo o filósofo francês,

todo ato de fala e, de um modo geral, toda ação é uma conjuntura, um encontro de séries causais independentes: de um lado, as disposições, socialmente modeladas, do *habitus* linguístico, que implicam uma certa propensão a falar e a dizer coisas determinadas (interesse expressivo), definida ao mesmo tempo como capacidade linguística de engendramento infinito de discursos gramaticalmente conformes e como capacidade social que permite utilizar adequadamente essa competência numa situação determinada; do outro, as estruturas do mercado linguístico, que se impõem como um sistema de sanções e de censuras específicas. (Bourdieu, 2008, p. 23-24)

Power-Carter e Zakeri (2019) ajudam a compreender que os neologismos não constituem “déficit” linguístico e sem importância para os estudos da linguagem e não podem passar pelo processo excludente a que são submetidos, conforme já considerei neste texto. Eles precisam ser retirados do “ponto cego” para se tornarem visíveis e se legitimarem como ferramenta linguística (trans)formadora. Nesse sentido e de acordo com as duas linguistas, negar a contribuição neológica é impedir que outras linguagens surjam, pela imposição de algo que vem de fora e considera o que está vigente como único e universal. Complementando, reforço, mais uma vez, o caráter social da linguagem. Chamo a atenção para duas dicções importantes: a dos autores, por meio de sua atividade criadora de formações neológicas nas obras literárias, e a dos falantes, aqueles que decidem a sua permanência ou não no léxico. Todas são vozes da língua.

Circunscritos às ideias até então apresentadas nesta pesquisa, sei da necessidade de maior aprofundamento investigativo acerca da relevância dos estudos sobre o léxico e os neologismos na literatura infantil. Assim, após o nascedouro de um objeto de pesquisa e em consonância com o pensamento de Bourdieu (2008) e de Power-Carter e Zakeri (2019), procuro avançar nesse construto. A partir da circulação das obras de ficção na escola, também pensar em como contribuir para valorizar o ensino do léxico por meio dos fenômenos neológicos que pretendo pesquisar – até então quase totalmente excluídos da sala de aula do

Ensino Fundamental final, por não serem legitimados pelos discursos dominantes – e lhes conferir um espaço de pertencimento, considerando a sua relevância para a ampliação da competência e do capital lexical dos alunos.

Conforme já esclareci antes, as unidades lexicais de uma língua constituem um inventário ilimitado, em permanente renovação. Todavia, embora haja consenso entre estudiosos de que sempre houve e haverá criação de palavras novas e de que esse fenômeno caracteriza a vitalidade e a dinamicidade das línguas vivas, infelizmente os neologismos ainda são vistos e estudados como um vício de linguagem ou como fator de empobrecimento ou de degeneração linguística e, conseqüentemente, devem ser evitados no ensino da língua materna.

Para gramáticos como Cegalla (2008, p. 634), “vícios de linguagem são incorreções e defeitos no uso da língua falada e escrita. Originam-se do descaso ou do despreparo linguístico de quem se expressa”. Portanto, se assim são vistos os neologismos, por vezes estigmatizados, significa dizer que essas características que lhes são conferidas sugerem sua situação à deriva em relação aos estudos lexicais, especificamente na sala de aula do Ensino Fundamental final, meu foco neste estudo. Além disso, é possível dizer que, por esse tipo de tratamento, os livros didáticos não valorizam o seu estudo de modo sistemático.

Polguère (2018, p. 111), por sua vez, ao se referir às classes lexicais abertas, afirma que os neologismos “integram mormente essas classes, e são as lexias dessas classes que se tornam mais facilmente obsoletas”.

Ampliando-se a discussão, Bueno (2014, p. 581), embora menos contundente e mais reflexivo, mas sem associar valor linguístico/estilístico aos neologismos, afirma serem eles uma “criação ou adaptação de novas palavras que são introduzidas no idioma **pela ausência de termos que possam atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de modo geral.**”<sup>24</sup> Novamente permanecem à margem e desvalorizados ou, apropriando-me mais uma vez das ideias de Power-Carter e Zakeri (2019), parecem constituir um “déficit” linguístico por sua desimportância para os estudos das linguagens voltados para a sala de aula.

A esse respeito, alerta-nos Ferraz (2016, p. 11): “em grande parte dos livros didáticos, a neologia lexical ou não é tratada ou é abordada apenas em certos gêneros”. E esclarece: “Em muitos casos, o estudo da formação de palavras, quando abordado nos livros didáticos de português, passa a ser apenas uma classificação de formas já existentes na língua, sem levar em conta a criação contemporânea de unidades lexicais”.

---

<sup>24</sup> Grifo meu.

Antunes (2012, p. 20-21), assim como os teóricos mencionados anteriormente, contempla meus questionamentos e consolida minha argumentação, ao pontuar que, em boa parte dos livros didáticos, inclusive no nível fundamental final, as orientações sobre o ensino de léxico e as atividades propostas ficam circunscritas aos processos de análise e formação de palavras. Os estudos neológicos permanecem à deriva, a criação de “novas palavras pouco importa”, pois “o destino que terão as palavras criadas é **silenciado**”<sup>25</sup>. Ainda segundo a estudiosa, “Tampouco importa a vinculação de tais criações com as demandas culturais de cada lugar e de cada época. Importa reconhecer o componente gramatical implicado nesses processos” (2012, p. 21). Em conclusão, oferta-se pouco espaço para as questões do léxico e, por extensão, à dos neologismos.

É possível inferir, portanto, a falsa visão de menos valia dos estudos neológicos como coadjuvantes na formação de falantes e de leitores proficientes em língua materna no período de sua escolarização. No âmbito dessas considerações e, segundo esclareci anteriormente, Maroneze e Bazarim (2008, p. 6), ao se referirem aos PCN, apregoam, de forma crítica, que os neologismos “constituem palavras ‘limitadas a certas condições histórico-sociais’ e o seu emprego adequado deve ser objeto de ensino apenas na prática de análise linguística. E, quando mencionam os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – Linguagem, Códigos e suas Tecnologias (PCNEM+), os dois estudiosos esclarecem que “os neologismos aparecem explicitamente relacionados aos procedimentos para o desenvolvimento da “competência gramatical” e não da competência lexical. Manifestam, também, já constituir fator positivo essa abordagem pelos documentos oficiais, todavia esboçam uma preocupação a respeito: “o fato de que determinadas leituras de ambos os parâmetros sustentam uma visão preconceituosa e equivocada a respeito da criação lexical.” (Maroneze; Bazarim, 2008, p. 7)

Faraco (2001, p. 138-139) ajuda a entender melhor essa tendência de se negar valor linguístico aos estudos neológicos e, por extensão, o porquê de uma “leitura” equivocada nesse sentido, quando busca refletir acerca de um comportamento “purista” e de uma “percepção corriqueira da língua” nesse particular: “Apresentam-na como uma realidade marcada por permanência (e nunca por mudança), por legitimidade (e nunca por mistura) e por perfeição (e nunca por variabilidade e heterogeneidade)”. Segundo Faraco (2001), trata-se de uma visão idealizada, como se fosse permanentemente uniforme. A língua passa a ser erroneamente “concebida, portanto, como uma realidade estática, una, homogênea, pura e perfeita, sendo a mudança, a heterogeneidade e a mistura percebidas como fenômenos desviantes, como ‘erros’, como ‘vícios’, que ameaçam a integridade e o futuro” do idioma,

---

<sup>25</sup> Grifo meu.

razão pela qual as novas lexias precisam ser combatidas e eliminadas. Esse comportamento reflete o “discurso purista que tem variadas faces, variados alvos e variadas intensidades em diferentes circunstâncias históricas”. (Faraco, 2001, p. 138-139)

Para enfatizar a atitude preconceituosa existente nos enunciados de tais puristas, complementa o linguista: “Defende-se a pureza cultural, étnica e linguística, o que, em geral, faz irromper sentimentos xenófobos em diferentes graus, condenando-se gestos, atitudes, comportamentos ou grupos sociais considerados ‘estrangeiros’” e, portanto, interpretados como ameaça àquilo que é "genuinamente nosso" e, por consequência, à "unidade nacional". Segundo o estudioso, neste ponto é interessante deixar claro que **“o senso de nacionalidade - isto é, a consciência de pertencimento a uma coletividade**<sup>26</sup> [...] envolve múltiplos fatores. (Faraco, 2001, p. 142).

Por outro lado, quanto à situação da Educação Básica no Brasil, observa-se uma significativa carência de informações sobre os estudos lexicais tanto nos documentos e programas que orientam as atividades em sala de aula de língua portuguesa, apontada por pesquisas como as de Cunha (2012), Dionísio e Bezerra (2001), Kleiman (1996), Santos (2013) e Travaglia (2003), entre outros, daí a ausência dessa “consciência de pertencimento” quando se trata dos neologismos como partícipes frutíferos da língua.

Em minha pesquisa, considero neologismo aquela unidade lexical sentida como nova na comunidade linguística e concebo a literatura como um dos universos de manifestação discursiva em que a sua presença tem sido frequente. O usuário de uma língua recorre ao neologismo não só para nomear novos objetos e conceitos como também para se comunicar com sucesso. Isso ocorre quando o vasto acervo de unidades lexicais oferecido pela língua não é suficiente para expressar aquilo que ele pretende comunicar com exatidão. Para tanto, faz uso de seus conhecimentos linguísticos, a fim de formar uma nova palavra que garanta sucesso na comunicação. Os neologismos se encontram, no que tange à formação, em um lugar especial dos estudos morfológicos, envolvendo aspectos que englobam, entre outros, as questões pragmática e estilística e, em suma, constituem uma presença inevitável na língua viva, segundo já afirmei em alguns momentos neste estudo.

Constato a existência de um conjunto de pressupostos correspondentes a investigações de estudiosos acerca da criação de palavras, mostrando que, para os primeiros lexicólogos, o conceito de neologismo foi determinado a partir de uma oposição entre aspectos formais (no nível morfológico) e semânticos. Após a evolução dos estudos iniciais, inclusive aqueles

---

<sup>26</sup> Grifo meu.

voltados para a formação de novas unidades lexicais, é notória a observação de que estes se referiam apenas aos aspectos linguísticos dessa formação.

Todavia, o léxico é dinâmico e sempre passou por inúmeras modificações inerentes ao sistema linguístico, pois as mudanças sociais nele interferem. Os acontecimentos moldam a sociedade e esta, por meio dos falantes, oferta contornos à linguagem, juntamente com fatores internos e externos à língua. Fazem parte dessas modificações as novas unidades lexicais, responsáveis por dar nomes a seres e a objetos. A qualquer momento a mais valia dos neologismos se concretizará. Todavia, se isso não acontecer de imediato, vale continuar usando e insistindo em meu bordão: “Ao neologismo o que é do neologismo”. Como poeticamente nos diz Prisca Agustoni (2024, p. 12), “Será preciso esperar / a estiagem / para que as palavras encharcadas / amadureçam”.

### 3.3 BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA: DOS PRIMEIROS GLOSSÁRIOS À CONSIDERAÇÃO DOS NEOLOGISMOS

Biderman (1984) esclarece que, na Antiguidade, houve a preocupação de se produzirem glossários, de remota origem e voltados para a explicação do significado das palavras, sendo mais conhecidos os da escola grega de Alexandria; entre os latinos, o *Appendix Probi*, direcionado para a compreensão de textos literários e a correção de erros linguísticos. Um dos principais objetivos dessas obras lexicográficas era a descrição da língua, assim como a ideia de fixar-lhe o padrão e normalizá-la, a fim de facilitar a comunicação entre os falantes. Na Grécia Antiga, a relação entre o pensamento e a palavra, entre a coisa e seu nome, foi objeto de discussão para os estudiosos da época.

Uma das primeiras menções aos neologismos na língua portuguesa pode estar ligada ao gramático descritivista Fernão de Oliveira (1536[2000], p. 118). Ele já mencionava em seus estudos as *dicções* “alheas; comuns; apartadas ou simprezes ou singelas; juntas ou compostas; **velhas e novas**<sup>27</sup>; dições usadas e dições próprias”. As velhas se referem às “que já foram usadas, mas agora são esquecidas [...] algumas palavras que já não são agora ouvidas” (1536[2000], p. 49). As novas, “aquelas que novamente ou de todo fingimos ou em parte achamos [...], mas, porém, se achássemos hua cousa nova em nossa terra, bem lhe podemos dar nome novo [...]” (1536[2000], p. 50).

Em 1576, Duarte Nunes do Leão (1576[1983]), linguista português, autor de estudos pioneiros sobre o nosso idioma, notadamente nas áreas da etimologia e da lexicologia, lançou

---

<sup>27</sup> Grifo meu.

a *Ortografia e origem da língua portuguesa*, obra por meio da qual é visto como fundador dos estudos ortográficos em Portugal. Nessa obra, salienta vocábulos “peculiares aos portugueses”, segundo ele próprio mencionava, que poderiam ser considerados inovações quinhentistas e, portanto, palavras novas e uma provável referência a neologismos no fim do século XVI, embora não tenha sido muito claro em relação a isso.

Na Idade Média, o estudo do vocabulário pautou-se na explicação de etimologias, muitas vezes fantasiosas, e, também, na elaboração de glossários que, por estarem vinculados a uma concepção mística do mundo e da linguagem, apresentavam uma visão adulterada da natureza das palavras. Assim sendo, vale ressaltar que o estudo sistematizado do vocabulário, apesar das limitações, deu-se no período renascentista. A esse respeito, esclarece Biderman (1984, p. 2): “O homem começou a ampliar seus horizontes culturais abandonando de vez a sua reclusão medieval dentro da sua própria cultura e descobriu a necessidade de aprender línguas”. Isso porque ele “precisava de outros instrumentos de intercâmbio linguístico no mundo que se abria para um novo diálogo e trocas entre nações emergentes”.

Outro grande evento registrado no século XVI se relaciona à produção de dicionários; todavia, a partir do século XVII, com o aperfeiçoamento das pesquisas e das técnicas, centralizou-se na preocupação com o significado das palavras e seu emprego. Na esteira dessas considerações, pode-se interligar o estudo do vocabulário e o conceito de neologismo a tempos históricos das línguas. Nestas, uma constatação torna-se pertinente: as palavras vão sempre desaparecer e reaparecer, dependendo de seus falantes, porque estes, sim, continuarão a lhes conferir diferentes roupagens, outros usos, novas instâncias de significação, frutos da inovação, da mutabilidade, da maleabilidade e do dinamismo de toda língua viva.

Como salienta Said Ali (2008, p. 210), “com o progredir da civilização o vocabulário necessariamente foi-se enriquecendo de expressões novas, criadas no seio da língua”, a que ele denomina “um fenômeno de vitalidade” (Said Ali, 2008, p. 207), pois “umas expressões desaparecem cedendo o lugar a outras, que conquistam o favor do povo que fala a mesma língua” (2008, p. 224). Menciona, ainda o estudioso: “Pelo *Glossário* de Fr. Francisco de S. Luís, [...], muitíssimas dicções novas que fizeram fortuna [...] são hoje parte integrante do léxico de todas as nações civilizadas”, dado que “as ideias modernas reclamam novos vocábulos para a sua expressão, e é de todo impossível escrever um capítulo sobre hodiernas instituições sociais ou políticas sem recheá-lo de neologismos criados (Said Ali, 2008, p. 218). Sob esse aspecto lexicográfico, um dos importantes apontamentos do filólogo brasileiro diz respeito ao fato de que “as inovações no léxico se adotam não somente em nossos dias, mas em todas as épocas” (Said Ali, 2008, p. 222).

A partir desse breve percurso, pode-se observar que os estudos linguísticos naqueles momentos históricos tinham como enfoque o vocabulário. De acordo Alves (2012, p. 179-195), o trabalho investigativo sistematizado e de relevância acerca do fenômeno da neologia aconteceu, de fato, com o surgimento dos chamados “observatórios de neologismos”, cujo precursor foi o linguista Bernard Quemada, na década de 60 do século XX, na Universidade de Besançon, na França, através da criação do *Observatoire du français contemporain*. A recolha das novas unidades lexicais aconteceu a partir de um *corpus* jornalístico e tendo como um de seus objetivos observar, sob o viés descritivo, a formação de palavras por intermédio de mecanismos internos à língua ou por meio de elementos advindos de idiomas estrangeiros.

Na contemporaneidade, conforme já salientei anteriormente, os estudos de neologia podem se dividir em dois campos: **neologia na língua** e **neologia na literatura**. Apesar de, nos dois casos, haver um objetivo comum – o sucesso na comunicação –, existe um aspecto que afasta a abordagem de estudo uma da outra. Os neologismos utilizados na língua, se empregados em diversos contextos de comunicação e se bem aceitos pelos usuários, podem ser dicionarizados. Já as palavras criadas em uma obra literária ficam presas a esse contexto e, diferentemente dos neologismos empregados em contextos de comunicação comuns, têm um valor de momento e estilístico. Sendo assim, no primeiro caso, podem ser abordados os processos de formação do neologismo, a sua frequência e a sua aceitação, fazendo-se assim um estudo linguístico; e, no segundo, objeto mais específico da pesquisa aqui apresentada, é investigada a expressividade das criações de palavras dentro daquele contexto literário, fazendo-se, pois, um estudo estilístico.

A presença de novos itens lexicais, em especial aqueles que visitam as salas de aula no Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, por meio da leitura de textos ficcionais, mostra-se extremamente pródiga nas produções literárias contemporâneas e os neologismos estão à espera de leitores para decifrem seus sentidos, trabalho este a ser desenvolvido pelos professores na interação com seu alunado. Justifica-se, portanto, mais uma vez, a minha insistência no estudo conjunto entre língua e literatura para análise dos novos itens lexicais, o que reforça os pressupostos desta tese.

Nesse sentido, é imprescindível credibilizar os estudos neológicos associando-os às ideias de Said Ali (2008, p. 226): “Língua viva imutável, língua que, chegada a um tipo de perfeição modelar, cesse de modificar-se e absorver elementos estranhos ao seu passado, é coisa que não há nem nunca houve. A linguagem é a expressão da nossa inteligência”. Ao se referir à inteligência humana, o filólogo brasileiro diz que ela “não se petrifica; pode volver

olhar saudoso para a sabedoria de alguma era remota, porém esta, com todo o seu esplendor, não lhe produz desmaio, nem a paralisa”. E reforça: “Se tal calamidade houvesse, o intelecto se atrofiaria e da maior parte das línguas modernas já não restariam mais que ruínas.” (Said Ali, 2008, p. 226)

#### 3.4 CONHECIDA A SENHA, AS NOVAS LEXIAS, A LITERATURA E A CULTURA SE ENTRELAÇAM: ALGUMAS FUNÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Considerando-se a relação professor/aluno e os textos ficcionais que circulam na sala de aula do nível fundamental final, significa dizer que as palavras existem nas situações nas quais são empregadas. Assim sendo, suas variações e os seus contextos de uso não podem ser ignorados nem elas podem passar despercebidas, pois, como elucida Polguère (2018, p. 25), “o domínio de uma língua é resultado de uma aprendizagem assídua, longa...”.

Na sala de aula, conforme já afirmei anteriormente, o trabalho do professor com a palavra literária em suas múltiplas faces, acepções e variedades, incluindo-se os neologismos estilísticos, deve se assemelhar ao do historiador quando executa minuciosamente a análise de um palimpsesto: é de escavação. Necessita trazer à tona os sentidos pretendidos ou a serem desvendados no plano textual que recobre o universo diegético das obras. Assim, o texto disponibilizado por ele para chegar às mãos do aluno, tal como os manuscritos antigos, deve ser “raspado” cuidadosamente para dar lugar a outro(s), na decifração, na tradução, na produção de novas instâncias sógnicas, somente possíveis na relação interacional exitosa entre esses dois atores.

Conforme orienta Street (2014, p. 131), na escola o professor precisa considerar as práticas sociais de letramento: “muito do discurso de sala de aula gira explicitamente em torno da língua e do que ela significa para as crianças”. Reitera, ainda, ser necessário tratar a língua não como “algo externo aos alunos [e ao professor], como se tivesse qualidades autônomas, não sociais, que se impusessem a seus usuários” (p. 131). E complementa: “Quando participamos da linguagem de uma instituição, seja como falantes, ouvintes, escreventes ou leitores, ficamos posicionados por essa linguagem; ao se dar esse assentimento, uma miríade de relações [...] se reafirmam”. Significa compreender que “no cerne dessa linguagem, na sociedade contemporânea, existe um compromisso ininterrupto com a instrução”. (Street, 2014, p. 143)

Por conta disso, a valorização da leitura de gêneros diversos é responsável pela construção de significados. Por consequência, um evento de letramento literário, entre outros

aspectos, implica leitura, com as possibilidades de se delinear suas características e funções. Nesse particular, torna-se importante conduzir o aluno/leitor a se familiarizar com esses eventos para deles se apropriar, (re)conhecê-los, saber empregá-los e analisá-los nos momentos em que a leitura da literatura acontece. Segundo orienta Street (2014, p. 144), compete aos administradores da escola, aos professores e demais gestores compreenderem que, no interior da instituição de ensino, circulam processos essencial e profundamente sociais: “a associação da aquisição do letramento com o desenvolvimento pela criança de identidades e posições sociais específicas; o privilegiamento da língua escrita sobre a oral; a interpretação da consciência ‘metalinguística’ em termos de práticas letradas específicas e terminologia gramatical; e a neutralização e objetificação da língua que disfarçam seu caráter social e ideológico” (2014, p. 144). Portanto, não há como negar que tais processos contribuem para a construção de sujeitos que se identificam não apenas como cidadãos, mas também com um conceito de cidadania vinculado ao pertencimento a uma nação.

Assim posto, a escolha do *corpus* norteador deste estudo não é aleatória. Como já salientei, *Drufs*, de Eva Furnari (2017); *A Avó Amarela*, de Júlia Medeiros (2019); *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior (2020); *Sagatrisuino*, de João Luiz Guimarães (2021) e *Sonhozzz*, de Silvana Tavano (2022) constituem um conjunto de obras literárias vencedoras do Prêmio Jabuti no período de 2017 a 2022 e, não, “um punhado de obras artísticas”, segundo critica Eagleton (2000, p. 41), às quais a questão da cultura<sup>28</sup> pode ser associada. De acordo o filósofo e crítico literário britânico, a cultura, para além disso, envolve criatividade, é dialética, são relações sociais, representa força transformadora. Embora “a palavra ‘cultura’ [seja] simultaneamente demasiado ampla e demasiado restrita [...], o seu significado antropológico abrange tudo”, inclusive “a acepção estética da palavra” (Eagleton, 2000, p. 49), como a encontramos na literatura, em especial aquela voltada para o estudo dos neologismos.

Eagleton vale-se, ainda, das ideias de Raymond Williams, que propõe “quatro diferentes significados de cultura: como hábito mental individual; como estado de desenvolvimento intelectual de toda uma sociedade; como o conjunto das artes; e como forma de vida global de um grupo de pessoas ou de um povo” (2000, p. 53). Meu estudo concentra

---

<sup>28</sup>Neste estudo, o termo “cultura”, segundo Eagleton (2000, p. 29), “pode incluir a atividade intelectual em geral (ciência, filosofia, atividade acadêmica e afins) ou ser ainda mais reduzida para fins alegadamente mais ‘imaginativos’ tais como a música, a pintura e a literatura. Pessoas ‘cultivadas’ são pessoas que têm cultura neste sentido mais específico”. “Neste contexto, cultura significa um corpo de obras artísticas e intelectuais de reconhecido valor, bem como as instituições que as produzem, disseminam e regulam” (Eagleton, 2000, p. 35), a exemplo das estudadas e analisadas no *corpus* desta pesquisa.

sua proposta no segundo e terceiro significados, pois neles há uma possibilidade de discussão acerca dos neologismos literários. Em parte, as conjecturas de Raymond Williams acerca da cultura desaguam na literatura quando pensamos na sua feição/dimensão ontológica.

Eagleton, (2000, p. 51), citando Clifford Geertz, “vê a cultura como as redes de significação em que a humanidade está envolta”. Assim, ao subverterem a linguagem comum, inclusive por meio de neologismos, os textos literários realizam, com as novas lexias, jogos verbais de toda ordem, emprestando-lhes sentidos diversos, para além dos usuais.

A cultura desempenha um papel fundamental na criação de neologismos. O avanço tecnológico e a criação de novos dispositivos e conceitos frequentemente demandam novos itens lexicais. À medida que as sociedades evoluem, novas práticas e comportamentos aparecem, criando a necessidade de novas palavras. A popularização de conceitos como "empoderamento", "sustentabilidade" e "diversidade" são exemplos de neologismos que refletem mudanças culturais, sociais e comportamentais. Por outro lado, a influência da mídia e da cultura pop também é significativa. Termos como "influencer" (pessoa que influencia opiniões e comportamentos em plataformas digitais) e “fashion” (tudo o que está relacionado à indústria da moda), por exemplo, surgiram através do impacto da mídia e das redes sociais. Nesse particular, Ferraz e Cotiero (2014, p. 48) defendem que “cultura e língua são dois aspectos indissociáveis”.

Segundo Biderman, 2001, p. 179), “As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares”. Isso porque as experiências de um povo e os valores partilhados por ele incidem sobre o léxico da língua, que vai se renovando por meio das ações de seus falantes, a fim de nomear objetos e conceitos advindos de mudanças significativas movidas pelas transformações culturais e sociais. Trata-se de um processo dinâmico de expansão nascido da necessidade dos usuários de dada comunidade que confirma a estreita relação entre léxico e cultura. Nesse âmbito, a evidência mais expressiva dessa renovação lexical desagua nos neologismos, criados pelos falantes exatamente para suprir determinada necessidade comunicativa ou mesmo para conferir força expressiva ao discurso.

A globalização e o contato intercultural promovidos pela interação entre diferentes culturas pode levar ao empréstimo e à adaptação de palavras de outras línguas, que se tornam neologismos. Por exemplo, a expressão inglesa "pop art" foi incorporada ao vocabulário de muitos idiomas devido à popularização da música e das artes em geral. Por sua vez, lexias surgem em resposta a movimentos políticos e sociais, refletindo novas ideias e ideologias. Termos como "modernidade líquida" e "movimento negro" exemplificam como a linguagem evolui para descrever novas correntes de pensamento e ações.

Torna-se fundamental discutir as questões culturais veiculadas em obras de ficção para os jovens leitores e associá-las à criatividade e à expressividade oriundas dos processos de invenção de novos itens lexicais encontrados na literatura para as infâncias. Escritores frequentemente os criam para revelar conceitos inovadores ou explorar ideias de maneira original. A literatura constitui campo fértil para a invenção de novas lexias, como será demonstrado na análise léxico-semântica das obras componentes do *corpus*. Portanto, a cultura não apenas influencia a criação de neologismos, mas também é moldada por eles, refletindo e contribuindo para a evolução da linguagem.

Em adição aos aspectos culturais, a literatura, segundo Jauss (1994, p. 28), apresenta, também, uma função social, que se manifesta no instante em que a experiência literária adquirida pelo leitor penetra no horizonte de expectativas da sua própria vida, dialoga com as vivências que ele já possui, aguça sua memória e o conduz a novas posturas diante da realidade circundante. Um ponto de convergência se estabelece entre literatura e cultura. Esta, por sua vez, enquanto também tradutora de processos comunicativos, materializados em uma diversidade de sistemas simbólicos, valores e convicções produzidos e transmitidos, sinaliza para os sujeitos leitores entendê-la como representante de saberes coletivos e de processos cognitivos e comunicativos plurais, em função dos quais esses sujeitos, sempre em constante transformação, definem as suas esferas de realidade, potencializadas nos diálogos com a literatura.

Nesse momento, o entendimento do mundo auxilia, inclusive, na formação do comportamento social do usuário da língua, contribuindo significativamente para um processo voltado para o diálogo entre texto e receptor. Ato contínuo, em uma situação de sala de aula, o professor, ao atuar como mediador, ratifica o protagonismo do alunado, além de desfazer o mito de se associar a literatura a uma atividade difícil de se realizar no âmbito da escola. Nessa instância, a leitura literária possibilita a compreensão direta da realidade em suas várias instâncias.

Jauss (1994, p. 50) complementa esse postulado ao enfatizar a literatura como uma forma de expressão artística de valor estético, pelo uso especial da(s) linguagem(ns), e considerar, também, as suas funções cultural e social, quando atua alterando o comportamento do indivíduo na sociedade. Na esteira dessa concepção, Jauss (1979, p. 43) concebe a literatura como palimpsesta

Por outro lado, dentre as várias funções que edificam a literatura, a estética é responsável por colocar em movimento, de forma harmoniosa e lúdica, a fantasia e o intelecto dos leitores, sem preocupação com fins utilitários. Assim, pressupostos como a

plurissignificação, a relevância no plano da expressão, a intangibilidade da organização linguística e a desautomatização da percepção delineiam a tessitura textual. Nesse âmbito, observa-se, no interior do texto, a retirada do sentido mais óbvio e automático das palavras para lhes ofertar um significado mais surpreendente, por meio, inclusive, da criação de novos itens lexicais.

Além do mais, a literatura é uma forma de evasão, um meio de fuga às limitações existenciais, sociais e individuais. A leitura de um texto literário possibilita processos de criação, no plano imaginário, e faculta a quem lê, principalmente às crianças, a compensação para suas frustrações por meio da (re)visita a espaços distantes, exóticos ou mesmo fantasmagóricos – com a possibilidade de ruptura com as limitações impostas pelo mundo real, factual, objetivo –, catarticamente em busca de paz e harmonia íntimas. Nessa pluralidade de universos, novas lexias são criadas por meio dos artistas da palavra.

A esse respeito, Eagleton (2000, p. 65) salienta:

Uma das nossas palavras-chave para o alcance global do espírito é ‘imaginação’, e talvez nenhum outro termo no léxico da crítica literária tenha tido uma carga mais incondicionalmente positiva. Tal como ‘comunidade’, ‘imaginação’ é uma daquelas palavras que todos aprovam [...].

Para o filósofo e crítico literário britânico, “a imaginação é a faculdade através da qual é possível ter empatia com os outros – através da qual, por exemplo, conseguimos orientar-nos no território desconhecido de outra cultura”. Significa compreender que as obras de ficção exploram essa palavra-chave – **imaginação** – em toda a sua potencialidade, inclusive pela presença de experimentos lexicais e criação de novas lexias, pois estas, de forma clara ou mais velada, esboçam não só a cultura vigente, em vários de seus aspectos, mas apontam para o conhecimento de outras tantas não conhecidas pelos leitores, com suas características, peculiaridades e potencialidades. Como exemplo, aponto a importância significativa do *corpus* desta pesquisa e sua relação com a cultura: em *Sagatrissuinorana*, ao veicular o desastre ambiental ocorrido em Mariana; em *Da minha janela*, ao realizar um passeio por uma favela sob o olhar voyeur de uma criança; em *A Avó Amarela*, ao discutir a velhice e a relação familiar sob a ótica de uma personagem idosa; em *Drufs*, ao discutir as várias concepções de família na sociedade contemporânea; e ainda em *Sonhozzz*, ao revelar as manifestações do onírico e sua importância para a mundividência infantil.

Escritores decifram e reconstroem o mundo via ficção, apresentando-o aos leitores. Estes, por sua vez, reinventam-no e, nesse processo de compreensão das relações do homem

com o mundo, vários saberes se processam e se constroem, tanto para quem lê quanto para outros sujeitos culturalmente construídos, a partir das características de cada sociedade sinalizada nos diversos gêneros escritos. Por isso a literatura é, também, uma forma de conhecimento.

Outra dimensão da literatura, a lúdica, já mencionada neste estudo, assemelha-se às simulações do faz de conta da infância, pois reflete, entre outros aspectos, sobre o jogo que revela e esconde culturas, identidades e sociedades nas quais personagens e sujeitos líricos transitam, além de fotografar suas vivências e suas experiências existenciais, anulando as fronteiras e os limites entre o imaginário e o real. Nesse âmbito, Eagleton *apud* Raymond Williams, (2000, p. 51) reforça tal constatação quando observa “a cultura como ‘processo significativo através do qual [...] uma ordem social é comunicada, reproduzida, experimentada e explorada’”, por trás da qual “existe uma latente acepção [...] da natureza *ativa* da significação” [...] sendo “um elemento constitutivo de outros processos sociais, não o seu simples reflexo ou representação”.

Eagleton (2000, p. 142) cita, ainda, o filósofo italiano Sebastiano Timpanaro, que escreve: “O amor, a brevidade e a fragilidade da existência humana, o contraste entre a insignificância e a fraqueza do homem e a infinidade do cosmos estão plasmados em obras literárias de diferentes formas”. Esse movimento ocorre “em diversas sociedades historicamente determinadas, mas não de maneiras tão diferentes que não façam referência a experiências constantes da condição humana” (2000, p. 142). Desse modo, a cultura está representada, também, de forma pródiga, na tessitura textual das narrativas de ficção, por uma diversidade de formações neológicas bastante produtivas encontradas nas linhas e nas letras dessas obras e que necessitam ser investigadas mais profundamente.

Ciente de toda essa capacidade de mobilização da linguagem e da cultura e diante do que já ressaltar nesta pesquisa sobre a importância do estudo dos neologismos na escola, interessa-me continuar questionando: se as unidades lexicais de uma língua constituem um inventário com limites de difícil demarcação e em permanente renovação, por que as palavras novas não têm recebido guarida de forma explícita e enfática nos documentos institucionais que regem as diretrizes curriculares do Ensino Fundamental II, muito menos em algumas gramáticas e em certos livros didáticos? Se esse estudo é tão relevante para a compreensão dos processos de formação de palavras, além dos aspectos linguísticos, pois permitem explorar as características semânticas, psicolinguísticas, fonológicas, morfossintáticas, sociolinguísticas e pragmáticas desses itens lexicais, por qual motivo os neologismos ainda não foram “legitimados” – nos dizeres de Power-Carter e Zakeri (2019) – nos currículos

escolares da escola básica e, especialmente, na análise de certas obras literárias onde se encontram em profusão? Mesmo não sendo este um dos objetivos específicos do meu estudo, valem a pena os questionamentos no sentido de sinalizarem para futuras pesquisas nesse âmbito.

Embora seja consenso entre estudiosos e pesquisadores de que sempre existiu e, em toda época e em distintos momentos, haverá criações de novas palavras e de que esse fato configura a vitalidade das línguas vivas, ainda se lida com a concepção por vezes recorrente de que os neologismos empobrecem o léxico e, por conta disso, não merecem investigações mais aprofundadas. Infelizmente também se torna constante deparar com o desconhecimento de que, do ponto de vista cultural e político, eles possuem relevância, pois o seu surgimento se liga a necessidades sociais e culturais, entre elas à nomeação de conceitos novos, nos tempos atuais, tão comuns na tecnologia e nas ciências.

Sabedora de que estudar uma língua é, entre outros aspectos, estudar uma cultura, preciso me atentar para as orientações de Ferraz (2006, p. 219-221), que ratifica, de certa forma, o propósito de algumas reflexões expostas no estudo que proponho, ao explicitar seu pensamento acerca das relações existentes entre léxico, cultura e sociedade:

são, indubitavelmente, muito fortes, considerando-se que o léxico, com seu estatuto semiótico, é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico por se reportar, em grande parte do seu conjunto, a um mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico, em que se situa o homem. [...].

Refletindo sobre o papel do léxico e seu significado para uma sociedade, Ferraz (2006, p. 220) considera-o como “repositório de experiências seculares das comunidades humanas que usaram e usam a língua”. Para além desse pressuposto, afirma o estudioso ser o léxico constituído de unidades criadas a partir da necessidade, expressa pelos grupos sociais, de interação com o universo sociocultural, e, por isso mesmo, essas unidades, emanadas desses grupos, “carreiam informações diretamente relacionadas às experiências humanas”. (2006, p. 221). Segundo Faraco (1991, p. 25), citado por Ferraz e Cotiero (2014, p. 49), o léxico “é um dos pontos em que mais claramente se percebe a intimidade das relações entre língua e cultura”.

Por outro lado, conforme salienta Carvalho (1984, p. 14) “A língua, espelho da cultura, reflete essa busca frenética de novidade, evoluindo rapidamente, introduzindo novos termos, logo aceitos”. Ainda de acordo com a autora, “criar uma palavra é impor um conceito por intermédio de sua representação escrita ou falada. Mais que um ato linguístico, portanto, a

criação é um ato social, uma tentativa de impor uma visão a uma comunidade” (1984, p. 15), razão pela qual se justifica investigar os neologismos na literatura para as infâncias não só por sua feição de novidade, como também por sua importância na renovação, ampliação e enriquecimento da língua, ao carrear a visão de mundo de uma dada comunidade, sua cultura e sua evolução, muito presentes nos textos que ensinam.

À medida que a cultura se desenvolve, e conforme já salientei, esse fenômeno ocasiona as criações neológicas às quais são atribuídos significados e roupagem nova, entre outros aspectos, prova inequívoca da dinamicidade na língua, responsável por ela estar sempre em constante renovação e superação. Esse fenômeno ocorre porque o léxico de uma dada comunidade de falantes repercute os reflexos daquela cultura e de sua identidade linguística, de sua região, de seus costumes, que se manifestam, ao longo de sua história, por meio da linguagem. Todos esses componentes se encontram nos significados e ressignificados das lexias constitutivas do seu léxico e são a forma de se manter viva a história e a identidade de grupos sociais a partir de seus modos de singularizar e de nomear seres e objetos.

Dessa forma, os neologismos constituem expressiva representatividade, pois se ligam ao retrato social dos falantes ou a épocas históricas de uma dada língua, representam o seu desenvolvimento e os processos de criação a ele associados, além de acompanharem e delinear suas inovações. Portanto, quando se estudam as novas lexias, não se investiga apenas o seu processo de formação, mas também a evolução cultural de uma sociedade. Esse posicionamento é ratificado por Ferraz e Cotiero (2014, p. 48) quando afirmam:

à medida que novos contextos, novas realidades vão surgindo, o léxico se superpõe para nomear as coisas do mundo, introjetando valor humano e caracterizando o modo de relação entre o homem e o objeto nomeado, ressignificando-o, atualizando e reatualizando os conhecimentos de uma cultura.

Epstein (1986, p. 21) propõe que “um signo é signo quando há alguém que possa interpretá-lo como signo de algo. O significado é então a interpretação desse signo [...]. O significado é a ‘outra’ face do signo, a ‘outra coisa’ pela qual está o ‘algo’”. Nesse âmbito, prossegue, “o significado de uma palavra depende de quem a usa, quando a usa, onde, com que objetivos, em que circunstâncias e com que sucesso.” (p. 1986, p. 23)

Neste estudo, busco demonstrar, em várias de suas nuances, a impropriedade da alusão à menos valia dos neologismos, à ideia de apresentam aspectos nebulosos, e valorizar o entendimento de que investigar a presença de novas lexias nas obras literárias traz ricas contribuições para o léxico e, como tal, não constitui um trabalho inócuo, desimportante, sem

serventia na visão de alguns estudiosos da língua. A esse respeito, Eagleton (2000, p. 86) assevera: “a obra de arte foi, mais do que qualquer outra coisa, considerada pela modernidade como a grande solução alternativa para um dos seus mais persistentes problemas: a controversa relação entre o individual e o universal”. E ratifica: “É, sem dúvida, por esta razão que as questões estéticas surgem tão frequentemente numa sociedade que tem cada vez menos tempo para a arte”. (2000, p. 86)

Estudos lexicográficos de toda monta possibilitam a compreensão da realidade social, linguística e cultural de comunidades de falantes, objetos de pesquisa e de investigação. O conhecimento das formas de neologismos oportunizados pela própria língua “armam” os educandos com a capacidade de compreensão e de entendimento de um conjunto muito maior de termos e significados, aumentando seu vocabulário, sua competência lexical e sua capacidade de expressão na sociedade em que se inserem. Por isso, a urgente necessidade de aqueles que legislam sobre a educação e, extensivamente, acerca dos modelos de ensino da língua materna, reverem seu posicionamento sobre os estudos lexicais, em especial aqueles voltados para os neologismos, extensivos à literatura. Não é mais possível “esconder” a sua contribuição para o enriquecimento vocabular do acervo lexical do alunado.

Neologismos, ratifico, muitas vezes refletem mudanças culturais e sociais. Ao estudar esses itens lexicais, os alunos podem obter uma visão mais profunda sobre como a língua evolui em resposta a novas realidades sociais, tecnológicas e culturais. Na sala de aula, quando o professor estimula a análise de neologismos, permite que os alunos compreendam melhor a influência das mudanças sociais e culturais na linguagem e na literatura, promovendo uma perspectiva crítica sobre a evolução do idioma e suas implicações culturais.

Procuro evidenciar, com meu posicionamento, como a neologia pode expandir o vocabulário dos alunos. Ao aprenderem novas palavras, os estudantes têm a oportunidade de enriquecer seu repertório linguístico e compreender melhor a dinâmica do idioma. Estudando os neologismos exploram como novas lexias são usadas e empregadas no cotidiano, ajudando-os a compreender como o léxico se adapta e se expande ao longo do tempo.

Quando penso na sua contribuição para a literatura, entendo que essa manifestação artística valoriza a presença de neologismos nos vários enredos gerados de maneira inventiva pelos escritores para criar mundos imaginários ou para transmitir conceitos inovadores. Estudantes orientados a identificar, analisar e traduzir os sentidos dos neologismos nos contextos de uso podem aprender como autores empregam novas palavras para fomentar suas narrativas e criam efeitos estilísticos também enriquecedores para a língua. Trata-se, pois, de instigar a compreensão de como novos itens lexicais são formados e inspirá-los a também

inventares suas próprias lexias e expressões em atividades de escrita criativa, estimulando, inclusive, suas habilidades ficcionais.

Ao promoverem a exploração da linguagem na literatura, autores podem criar neologismos para expressar ideias e sentimentos de modo inovador. Analisar esses termos permite que os alunos compreendam como a criatividade linguística contribui para a construção de mundos fictícios e moldam a profundidade de personagens e enredos. O professor habilidoso e conhecedor da língua e da arte literária conduz seus alunos a reconhecerem como a criação de novas lexias desafia convenções estabelecidas e explora novas formas de expressão. Estudar esses casos ajuda-os, também, a reconhecer tendências e inovações literárias.

Na sala de aula, o docente precisa engajar o alunado em atividades de criação de neologismos, explorando como palavras novas podem ser formadas e utilizadas, sempre realizando um trabalho conjunto de união entre língua e literatura. Esse diálogo não pode nem deve ser desarticulado. Isso não só melhora o entendimento da estrutura da língua, mas também estimula a imaginação. Além disso, a análise de textos literários com a presença de neologismos pode ser uma atividade rica e envolvente, permitindo-lhes visualizarem como esses termos contribuem para o significado e o estilo dos textos. Em resumo, a neologia constitui uma ferramenta poderosa no Ensino Fundamental final, proporcionando aos estudantes uma compreensão mais profunda da evolução da língua, além de estimular a criatividade e o pensamento crítico. Nesse âmbito, as obras literárias adquirem o *status* que merecem, além de conferirem mais valia àquelas que propagam novas palavras via imaginação e fantasia. Portanto, sistematizar esse estudo justifica, mais uma vez, a mais valia de uma abordagem de análise literária dos novos itens lexicais sinalizada pelas **Categorias Neolúdicas**.

### 3.5 LÉXICO E LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS: VIVENCIAR A LÍNGUA EM TODAS AS SUAS POTENCIALIDADES E POSSIBILIDADES

Ao se debruçar sobre léxico de qualquer língua, é fato associá-lo, de forma bem genérica, a um vasto repertório de termos disponibilizados aos seus falantes e usuários, estes, sim, a matéria-prima para legitimar toda a comunicação e as ações de linguagem. O léxico corresponde, portanto, ao inventário dos itens linguísticos utilizados para dialogar com o outro, a quem se recorre, e por representar uma dada memória “dinâmica, em movimento constante, que se vai reformulando passo a passo, assim como as manifestações culturais que

ele expressa” (Antunes, 2012, p. 28). Nesse sentido, importa também perceber a língua por seu caráter instável, flexível e variável.

Segundo Goldstein (2020, p. 90), “a língua é dinâmica, passa por constantes inovações”. Na esteira dessa manifestação, Polguère (2018, p. 25) esclarece:

Graças à sua natureza social e às ligações estreitas que ela mantém com a sociedade humana que a utiliza, cada língua está sujeita a evoluir, a se transformar e, eventualmente, a desaparecer, acompanhando, nesse sentido, a evolução das sociedades que as usa.

Conjuntamente, a literatura é um dos universos de manifestação discursiva em que a língua se renova e onde se instaura a presença de novos itens lexicais. Nesse sentido, Hunt (2010, p. 46-47) torna-se esclarecedor: “A literatura traz a criança para um encontro com a língua em suas formas mais complexas e variadas”. Significa reconhecer a necessidade de envolver as crianças com as palavras e, no caso deste estudo, especialmente com a lexia neológica literária estilística.

À luz dessas constatações, o texto literário constitui o *corpus* ideal para que se vivencie a língua em todas as suas potencialidades e possibilidades. Nele a unidade neológica desliza sobre a tessitura textual, executando, conforme salientei anteriormente e, segundo enfatiza Ferraz (2006, p. 219), movimentos em seus vários planos – fonológico, morfossintático, léxico-semânticos e pragmáticos – não por se querer desvendar a intencionalidade dos autores em si, mas pelos efeitos de sentido que ela pode produzir para tocar os leitores, resgatando o jogo verbal no que tange não só à correção e à adequação, mas à inventividade linguística. Diante disso, torna-se importante debruçar sobre o que salienta Uchôa (2009, p. 43) – e que se coaduna com minha abordagem para as **Categorias Neolúdicas** – acerca do papel do professor de Português: “deve ensinar em conjunto língua e literatura. Querer um ensino separado de língua e literatura, um ensino compartimentado, como também o de redação do de gramática, adotado em tantos colégios, é um reducionismo para o professor do idioma”.

Conforme orienta Bakhtin (2019, p. 40), “é necessário observar que as análises estilísticas, mesmo as mais profundas e elaboradas, são bastante acessíveis e agradam muito aos alunos desde que sejam realizadas de modo animado” e conduzam tais leitores a uma participação ativa nas atividades propostas em sala de aula. Para tanto, o filósofo e pensador russo ressalta o “empenho perseverante do professor”, pois só assim será possível mudar a produção escrita dos discentes, que “precisa ser obtida com afincos e aproximada novamente

do discurso oral, vivo e expressivo, isto é, da linguagem da vida viva” (2019, p. 42). E, em continuação, expõe: “Porém, essa aproximação deve acontecer em um nível mais elevado de desenvolvimento cultural”, pois “precisamos aqui não da espontaneidade ingênua da linguagem infantil, mas da confiança corajosa e da ousadia da produção linguística adquirida por meio do estudo da língua dos clássicos da literatura”. (Bakhtin, 2019, p. 42)

Com base na contribuição bakhtiniana, a análise estilística das obras literárias, principalmente por meio da contribuição do léxico e da neologia – e nesse particular reforça-se a importância da escolha do *corpus* para a análise das UL neológicas nesta pesquisa – e as ações e atividades que envolvem esse trabalho no Ensino Fundamental final poderão “tirar os alunos do beco sem saída da linguagem livresca, para colocá-los no caminho daquela utilizada na vida: uma linguagem tanto gramatical e culturalmente correta, quanto audaciosa, criativa e viva” (Bakhtin, 2019, p. 42). Em sintonia com o filósofo russo, Uchôa (2009, p. 53), citando Cezar (2007, p. 196), almeja um ensino em que se torne a valorizar a linguagem literária, em suas estratégias linguísticas, mas sabendo “apurar-lhe o prazer estético que provoca o leitor, pois não se pode negar que é no discurso literário que se articula a pluralidade da língua, ou seja, a língua em sua plena funcionalidade”. Em outras palavras, vivenciar a língua em todas as suas possibilidades significa reconhecer e experimentar a riqueza e a complexidade do discurso humano em toda a sua diversidade e dinamismo, de modo a possibilitar ao alunado uma experiência prazerosa, inovadora, singular, única, inigualável.

Na esteira dessas ideias, a língua é vista e entendida como um espaço de interação entre diferentes vozes e perspectivas. Tal vivência implica entender que o discurso é sempre um diálogo no qual diferentes pontos de vista e contextos interagem e se confrontam. Cada enunciado é um ponto de partida para um novo diálogo, moldado pelas respostas e críticas geradas por ele. Uma dessas vozes é a do estudante, observada nas atividades de leitura e escrita, quando se torna perceptível a sua individualidade no trato com a língua. Conforme propõe Bakhtin (2019, p. 43), “resta ao professor ajudar nesse processo de nascimento da individualidade linguística do aluno por meio de uma orientação flexível e cuidadosa”.

Outro aspecto importante salientado pelo mestre russo diz respeito à polifonia. Durante o estudo das obras literárias, no momento da interpretação, da tradução e da busca dos sentidos pretendidos com a criação de um neologismo e de seus efeitos no contexto de uso, torna-se fundamental o papel do docente no sentido de descrever, por exemplo, como diferentes vozes e pontos de vista podem coexistir em um texto ou discurso. “O professor tem essa responsabilidade. O sucesso da missão de introduzir o aluno na língua viva e criativa do

povo exige, é claro, uma grande quantidade e diversidade de formas e métodos de trabalho”. (Bakhtin, 2019, p. 43)

Para esse pesquisador da linguagem humana, um texto não é uma monologia, mas uma multiplicidade de dicções que refletem diferentes estilos, registros, formas de expressão, ideologias, culturas e modos de entender, diversidade de classes sociais, profissões, além de variados contextos históricos e culturais. Vivenciar a língua é, portanto, conhecer todas as suas possibilidades, experimentar essa multiplicidade, reconhecer a variedade de perspectivas que ela pode oferecer, estar consciente dessa diversidade e ser capaz de navegar entre diferentes formas de discurso, pois, conforme orienta Bakhtin (2019, p. 42), “a língua tem ainda uma influência poderosa sobre o pensamento daquele que está falando”.

O pensador nascido em Oriol preconiza que o significado se constrói no contexto do diálogo e da interação social. Compete ao professor demonstrar que a língua não constitui apenas um sistema fixo de signos, mas um processo dinâmico que é continuamente moldado e redefinido pelos usos que se fazem dela. Portanto, para ele, vivenciá-la nas suas possibilidades, especificidades e potencialidades caracteriza um exercício de engajamento ativo com a complexidade da comunicação humana, apreciando a forma como as diversas vozes e contextos interagem e moldam o significado. E esclarece: “O pensamento criativo, original, investigativo, que não se afasta da riqueza e da complexidade da vida, não é capaz de se desenvolver nas formas da linguagem impessoal, uniformizada, não metafórica, abstrata e livresca.” (Bakhtin, 2019, p. 43)

A atualidade, salvo as exceções, apresenta o livro de literatura infantil como objeto de desejo, para pensá-lo na dimensão de prazer proporcionado por aqueles que tornam possível a existência do texto: o autor, porque o produz; o leitor, pois, durante a leitura e por meio do exercício interpretativo dos vários discursos instaurados nas narrativas, constrói sentidos para o que lê; e o próprio texto, porque traz suas marcas, mas acolhe também aquelas deixadas pelo receptor, conforme orienta Jauss (1979), segundo explanei anteriormente. A obra literária apresenta no seu bojo uma dimensão lúdica, mas também constitui uma forma de conhecimento e instrui ao mesmo tempo, além de dialogar com o universo simbólico do leitor, respondendo, quando possível, às suas demandas.

Na literatura para as infâncias, os recursos expressivos da língua, com privilégio para a criação de neologismos, ao transitarem esteticamente no cenário textual, nos seus vários planos, dão forma à linguagem literária, resgatando o jogo verbal no que tange à correção, à adequação e à inventividade linguística. A palavra criada desliza sobre a tessitura textual, executando malabarismos de toda ordem. Segundo orienta Cardoso (2018, p. 255), “Na luta

com as palavras na busca por esses efeitos, poetas modernos e contemporâneos surpreendem o leitor e apontam que por trás das impressões sensoriais e das representações imaginativas estão os conhecimentos armazenados na memória social”.

Uma obra literária de qualidade esboça, assim, uma escultura peculiar, com a criação de um inusitado móbil lexical, rico em movimento e pródigo de significado. Retomando Epstein (1986, p. 21), citado anteriormente, “um signo é signo quando há alguém que possa interpretá-lo como signo de algo”. Portanto, o significado se constrói a partir da interpretação de signos. Eles são, segundo esclarece, “a ‘outra coisa’ pela qual está o ‘algo’”. Nesse âmbito, “o significado de uma palavra depende de quem a usa, quando a usa, onde, com que objetivos, em que circunstâncias e com que sucesso” (1986, p. 23). No tecido textual, os novos itens lexicais, por sua vez, ligam-se como hastes finas ao todo do texto, giram livremente, incentivando os leitores/alunos a lhes conferir (novos) sentidos, indicando que aquela produção ficcional se consuma como exercício de linguagem, por meio da qual se realiza o jogo com os signos linguísticos. Nela o neologismo se territorializa, isto é, encontra guarida e se torna chave para o estudo de que resulta imprescindível o enfoque discursivo. Por meio dele se desnuda o processo de geração de sentidos.

Para ampliar meus argumentos acerca da literatura infantil como território que abriga neologismos de toda ordem, o que faz dela uma disseminadora de novas unidades lexicais, e ratificar o estudo de ambos de forma conjunta, esboço a seguir a metodologia utilizada nesse processo investigativo.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: “UM TRABALHO TRABALHOSO, MINUCIOSO”<sup>29</sup>:

*As palavras sabem muito mais longe.*

Bartolomeu Campos Queiroz

Em consonância com os objetivos propostos neste estudo, parto das observações do fenômeno neológico na tessitura textual das obras literárias citadas no *corpus* recolhido para a análise, segundo sua configuração, de acordo com os processos de formação de palavras em língua portuguesa, em consonância com a teoria das lexias de Bernard Pottier (1974), os pressupostos da neologia formal e as propostas de análise enfocadas nas **Categorias Neolúdicas**, além de explicitar seus sentidos no contexto do discurso realizado. Portanto, esta pesquisa envolve uma abordagem feita pelo viés qualitativo, de caráter exploratório e interpretativo, porque a investigação busca analisar as particularidades de cada nova lexia encontrada nas referidas produções ficcionais, por meio do diálogo entre língua e literatura.

Possui, ainda, caráter descritivo porque as especificidades dos neologismos são abordadas considerando-se as particularidades da relação língua/linguagem/literatura/sentidos. Os procedimentos técnicos, de cunho bibliográfico, realizaram-se a partir da leitura de textos específicos voltados para os estudos neológicos e, seguidamente, das produções literárias selecionadas, cujos dados coletados constituíram a base para a formulação do *corpus* de análise.

Uma vez que o fenômeno pesquisado se volta para uma proposta de categorização dos neologismos estilísticos como um ponto de partida para o professor estudá-los e analisá-los

---

<sup>29</sup> Do livro *Drufs*, de Eva Furnari.

em sala de aula, sua investigação mostra-se mais satisfatória, já que eles serão observados no contexto onde ocorrem e do qual fazem parte, ou seja, nas obras literárias para as infâncias vencedoras do Prêmio Jabuti entre 2017 e 2022. Nesse sentido, os dados coletados e analisados poderão dinamizar a compreensão do fenômeno neológico em si. Assim, a metodologia que conduziu esta pesquisa de doutorado fundamentou-se no cruzamento de leituras entre Lexicologia, Neologia, Língua e Literatura, que são pertinentes no âmbito dos estudos das ciências do léxico, assim como no universo literário, complementada por outras, necessárias para a ampliação das reflexões ao longo do percurso de pesquisa realizado.

Considerando-se que o termo “método” enseja caminho previamente traçado para se alcançar um resultado, neste capítulo abordo os seguintes pressupostos: (i) objeto de pesquisa; (ii) apresentação do *corpus*; (iii) definição do *corpus* de exclusão; (iv) *corpus* utilizado na pesquisa; (v) descrição do *corpus*; (vi) método de abordagem e de procedimentos de análise das amostras selecionadas no *corpus*; (vii) procedimentos de coleta de dados e as **Categorias Neolúdicas**; (viii) procedimentos de análise de dados.

A organização implementada torna-se pertinente, pois seu objetivo primordial é o de facilitar para o leitor a compreensão da lógica desenvolvida para a elaboração deste trabalho de pesquisa, assim como das etapas que foram cumpridas para o seu desenvolvimento.

#### 4.1 OBJETO DE PESQUISA

A análise das formações neológicas presentes na literatura contemporânea para crianças em fase de escolarização permite verificar que tais inovações colaboram fortemente para a ampliação vocabular dos alunos leitores, conforme explicitarei em capítulo anterior sobre competência lexical. Com este estudo, pretendo pontuar, ainda, a função lúdica dos neologismos na literatura, bem como atiçar a curiosidade de leitores e professores para uma das particularidades do dinamismo da língua – a criação neológica – e oferecer mais uma possibilidade de leitura dos textos ficcionais na sala de aula. Mais que isso, e segundo já afirmei anteriormente, quando penso na produtividade lexical nesse reino das novas palavras, atribuo à literatura para as crianças a credencial de disseminadora de neologismos e, por fim, a mais valia de seu estudo na sala da aula.

Consequentemente, visualizo a língua em movimento e em constante renovação. Se a língua muda é porque ela está em funcionamento, não é estática, pelo contrário, mostra-se maleável, reajusta-se e conduz os falantes a absorvê-la de modo tácito e espontâneo. Até

porque, segundo Polguère (2018, p. 25), “As línguas não formam um sistema inerte, indefinidamente congelado no tempo. As línguas se formam, evoluem no tempo”.

## 4.2 APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

Durante o processo da leitura, os neologismos foram identificados, coletados e analisados nos cinco livros vencedores do Prêmio Jabuti, entre 2017 e 2022, classificados no eixo “Literatura”, na categoria “Infantil”: *Drufs*, de Eva Furnari (2017); *A Avó Amarela*, de Júlia Medeiros (2019); *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior (2020); *Sagatrissuinorana*, de João Luiz Guimarães (2021) e *Sonhozzz*, de Silvana Tavano (2022). O Prêmio, no eixo “Literatura”, contempla textos em versos, prosa ou quadrinhos em diversos gêneros. Em minha pesquisa, privilegio a investigação em obras narrativas ficcionais e reitero a intenção de apresentar apenas os exemplos considerados mais produtivos e expressivos. Portanto, algumas UL encontradas durante este estudo não foram aproveitadas no *corpus* final.

Com relação à análise, optei pela recolha de neologismos, considerando dois aspectos singulares: por se tratar de uma literatura voltada em especial para as crianças em fase final de escolarização do Ensino Fundamental e por sua representatividade como um manancial para o estudo dos neologismos, pela patente riqueza do gênero literário, constituindo-se mais uma possibilidade de sua contribuição para o estudo de obras escritas artísticas na sala de aula pelo viés da neologia.

Primeiramente e de forma bastante sintética, esboço alguns dados acerca do Prêmio Jabuti e de sua relevância no cenário nacional.

### 4.2.1 O Prêmio Jabuti

Organizado pela Câmara Brasileira do Livro – CBL, entidade que produz a ficha catalográfica de todos os livros inscritos no Prêmio Jabuti, esse evento artístico-literário consolidou-se, ao longo dos tempos, além de ser considerado um patrimônio da nossa cultura.

Desde a sua criação, em 1958, acolhe e valoriza não apenas os autores premiados, como também ilustradores, editoras, agentes e profissionais envolvidos na criação e na produção de obras de gêneros variados. Trata-se do mais tradicional prêmio literário do Brasil. Em 1959, seu idealizador, Edgard Cavalheiro, concebeu-o com o propósito fundamental de premiar profissionais que atuavam com a

literatura e a produção de livros no Brasil, entre eles livreiros, editores, tradutores, gráficos, autores e ilustradores que mais se destacassem em cada ano.

A lexia “Jabuti”, parte do título símbolo desse importante prêmio literário e mascote desse evento, tem uma explicação veiculada no próprio site da organização:

Por que “jabuti” para nomear um prêmio literário? A resposta encontra explicação no ambiente cultural e político da época, influenciado, sobretudo, pelo modernismo e pelo nacionalismo, pela valorização da cultura popular brasileira, das raízes indígenas e africanas, de suas figuras míticas, símbolos seculares carregados de sabedoria e experiência de vida e legados de uma geração à outra. Sílvio Romero, Mário de Andrade, Monteiro Lobato e Luís da Câmara Cascudo, entre o final do século XIX e o início do século XX, foram pioneiros na pesquisa, no estudo e na divulgação dessa rica cultura popular. E foi Monteiro Lobato, provavelmente, o mais prolífico na recriação literária das histórias desses personagens meio enigmáticos, meio reveladores e sempre sedutores do folclore nacional. Um desses personagens da literatura infantil de Lobato é, como se sabe, o jabuti. O pequeno quelônio, já familiar no imaginário das culturas indígenas tupi, ganhou vida e personalidade nas fabulações do autor das “Reinações de Narizinho”, como uma tartaruga vagarosa, mas obstinada e esperta, cheia de tenacidade para vencer obstáculos, para superar concorrentes mais fortes e chegar à frente ao final da jornada. Com essas credenciais, o jabuti ganhou também a simpatia e a preferência dos(as) dirigentes da CBL, que o elegeram para inspirar e patrocinar um prêmio que homenageia e promove o livro.  
Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/historia/>.

No Brasil, há eventos similares bastante significativos, como o Prêmio Camões, o Prêmio Hans Christian Andersen, o Prêmio SESC, o Prêmio São Paulo, para citar alguns. Porém, o Jabuti se destaca não apenas pelo impacto econômico e social que gera para o mercado editorial, mas por constituir um mostrador por onde circulam todos os segmentos desejosos de aceite e de adesão do público-leitor, na medida em que este opta por valorizar obras literárias entre as inúmeras produções selecionadas e, posteriormente, classificadas.

A sua mais valia se torna especial, considerando-se que, de modo geral, o brasileiro não é leitor assíduo. Estudos como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), – um dos mais representativos sobre educação no mundo – tem apontado o nosso país como aquele cujos estudantes apresentam baixa proficiência em leitura. Em 2024, por exemplo, ele ficou entre os quinze piores na avaliação do referido Programa sobre criatividade. Tais índices também aparecem declinados em outros documentos oficiais. Assim, quando obras literárias, em especial, são selecionadas nesse certame, um número significativo de produções escritas se faz conhecido, inclusive por setores midiáticos, e sua veiculação pode ser uma ferramenta instigante do ponto de vista da recepção.

No site do concurso – <https://www.premiojabuti.com.br/historia/> – encontram-se importantes informações acerca de uma particularidade específica do Prêmio:

O maior diferencial do Prêmio Jabuti em relação a outros prêmios é a sua abrangência: além de valorizar escritores, ele destaca a qualidade do trabalho de todos(as) os(as) profissionais envolvidos(as) na criação e produção de um livro. Anualmente, editoras dos mais diversos segmentos e escritores(as) independentes, de todo o Brasil, inscrevem suas obras em busca da tão cobiçada estatueta e do reconhecimento que ela proporciona. Receber o Prêmio Jabuti é um desejo acalentado por aqueles(as) que têm o livro como instrumento de cultura.

Desde o seu nascedouro, o Jabuti passou por alterações, foi se modernizando e atualizando seu formato. Em 2023, já na 65ª edição, suas categorias se distribuem em quatro eixos distintos: literatura, não ficção, produção editorial e inovação. Nos três últimos anos, houve uma ampliação significativa do volume de inscrições, cujas temáticas se mostram, por vezes, potencialmente contemporâneas, como, por exemplo, aquela explorada em *Sagatrissuinorana*, de João Luiz Guimarães, ganhadora em 2021 – releituras de *Sagarana*, do escritor mineiro João Guimarães Rosa, e da fábula *Os três porquinhos*. O livro contempla a “estória” viva, cujo mote são os rompimentos das barragens de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais, e representa uma das obras analisadas no *corpus* deste estudo.

Outro aspecto importante a ser destacado nesse concurso é o fato de haver espaço para editoras consagradas, como a Record, a Globo, a Ática, a Companhia das Letras, assim como para aquelas menos conhecidas, porém com representatividade bastante significativa, como a Ozé, a Peirópolis, a Aletria, a Companhia das Letrinhas, para citar algumas, das quais já saíram muitos títulos vencedores do Jabuti.

Por essas especificidades, a escolha de obras premiadas nesse certame se torna relevante uma vez que, sendo um trabalho acadêmico, também joga luz sobre o celeiro de bons autores nacionais, assim como projeta a relevância da literatura para as infâncias como disseminadora de neologismos.

Esse breve mapeamento historiográfico sobre o Jabuti se conecta aos “pesadelos” a que se refere Zats (1995, p. s/n). Não no sentido dicionarizado da palavra em si, mas pela possibilidade de (re)visitação de universos cuja conexão se faz possível quando o elemento onírico está no poder. Esses mundos fantasmagóricos, “sem pé nem cabeça, quer dizer, cheios de pés, de mãos e de cabeças”, privilegiam a imaginação e lhe ofertam *status*. Portanto, delineia-se a relevância da escolha das cinco obras ganhadoras do referido prêmio, entre 2017 e 2022, escolhidas para análise neste estudo. Nelas se fazem presentes e pródigas as novas

lexias. Nelas se materializa a mais valia dos estudos neológicos, por constituírem um repositório onde se constata, por excelência, o lugar de pertencimento que reivindico para os neologismos estilísticos.

#### 4.3 DEFINIÇÃO DO *CORPUS* DE EXCLUSÃO

Para se determinar o caráter neológico de uma UL, há critérios responsáveis para que as fases desse trabalho sejam cumpridas, pois sabe-se que os neologismos não possuem existência própria. Por isso, parâmetros teóricos e conceituais são imprescindíveis a fim de determinar essa situação, pois o simples ‘sentimento de novidade’ me parece ser um critério demasiadamente subjetivo para lidar com a questão.

Gilbert (1975, p. 34) e Cabré (1993, p. 445), entre outros estudiosos, orientam acerca dos diferentes critérios que podem ser empregados para a identificação de uma UL: o **psicológico** (se os usuários da língua a percebem com sensação de novidade; o **diacrônico** (se ela surgiu em um período recente; o **critério de instabilidade sistemática** (se, em suas ocorrências, apresentar traços de instabilidade formal – morfológica, gráfica ou fonética); o **lexicográfico** (se ainda não estiver registrada em um dicionário de língua).

Como princípio metodológico, adoto nesta pesquisa o critério lexicográfico por sua feição prática e objetiva. Torna-se de conhecimento que tal critério se ressentir de maior precisão, pois os dicionários, além de não se atualizarem com frequência, em momento algum poderão armazenar todas as palavras de uma língua. Todavia, é reconhecido por ser o mais usual entre os que lidam com os neologismos e pela objetividade na obtenção dos dados.

Assim, para a delimitação da palavra neológica nas cinco obras literárias vencedoras do Prêmio Jabuti entre 2017 e 2022, optei pelo critério lexicográfico presente em registros dicionarísticos e denominado por Boulanger (1979) de “corpus de exclusão”. Assim, o pressuposto a ser adotado neste estudo para definir se uma unidade lexical é neológica ou não consiste em comprovar se ela figura em algum dos seguintes repertórios lexicográficos de referência para o português brasileiro:

- ✓ Dicionário Houaiss Conciso, Editora Moderna (2001);
- ✓ Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, Editora Lexicon (2011);
- ✓ Dicionário UNESP do Português Contemporâneo, Editora Piá (2011);
- ✓ Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara, Editora Nova Fronteira (2011);
- ✓ AULETE, C. Aulete Digital. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa:

Dicionário Caldas Aulete, online. Lexikon Editora digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>.

Em síntese, significa dizer que, para a palavra recolhida ser considerada neológica, não deve estar registrada nas referidas obras lexicográficas elencadas as quais compõem o acervo tipo 4 do Programa Nacional do Livro Didático – Dicionários (PNLD-Dicionários), como dicionários escolares.

#### 4.4 ACERCA DO *CORPUS* UTILIZADO NA PESQUISA

Com relação à análise, segundo já esclareci, optei pela recolha de neologismos em obras vencedoras do Prêmio Jabuti, contempladas no eixo “Literatura”, correspondentes aos textos narrativos *Drufs*, de Eva Furnari (2017); *A Avó Amarela*, de Júlia Medeiros (2019); *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior (2020); *Sagatrissuinorana*, de João Luiz Guimarães (2021) e *Sonhozzz*, de Silvana Tavano (2022), selecionados na categoria “Infantil”, considerando dois aspectos singulares: por se tratar de uma literatura voltada em especial para as crianças e por sua representatividade como um manancial para o estudo dos neologismos, diante da patente riqueza desse gênero e da sua contribuição ao representar mais uma possibilidade de estudo de obras literárias na sala de aula pelo viés da neologia.

#### 4.5 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

##### 4.5.1 – *Drufs*

Figura 1 – Capa do livro *Drufs*, de Eva Furnari



Fonte: Disponível em: <https://www.moderna.com.br/literatura/catalogo?termo=Drufs>

Inicialmente, enfatizo que o trânsito da palavra neológica no universo do texto literário se constata na leitura mais acurada de *Drufs*, de Eva Furnari, ilustrado pela própria autora e Prêmio Jabuti de 2017. Eva é italiana, nascida em Roma, em 1948, tendo vindo para o Brasil com quase dois anos de idade. Seus livros circulam por bibliotecas, livrarias e escolas não só do Brasil, como por outros países como Guatemala, México, Bolívia, Equador, para citar alguns, além da própria Itália. Suas produções literárias já foram agraciadas com distintas premiações, inclusive vários prêmios Jabuti. Rabiscos e desenhos sempre fizeram parte de sua infância. Quando adolescente, participou de diversos cursos para aperfeiçoar sua arte. Estudou Arquitetura na USP e aprimorou os estudos acerca da ilustração de livros sem texto. Concluída a graduação, lecionou artes no Museu Lasar Segall. Ao longo de sua vida e carreira notabilizou-se por uma particular afinidade com o universo estético.

Vários de seus livros receberam adaptação para o teatro, como *Lolo Barnabé*, *Pandolfo Bereba*, *Abaixo das canelas*, *Cocô de passarinho*, *A bruxa Zelda e os 80 docinhos*, *A Bruxinha Atrapalhada*, *Cacoete e Truks*, este último laureado com o prêmio Mambembe em 1994. *Trudi e Kiki* e *Godofredo*, entre outros, inspiraram animações. Durante sua carreira, foi premiada pela Fundação Nacional Infantil e Juvenil (FNLIJ) e pela Associação Paulista de Crítica (APCA) referente ao conjunto da obra. Da parceria com a Editora Moderna, onde publica desde 2012, nasceu a Biblioteca Eva Furnari, um repositório de inúmeras produções, entre as quais obras inéditas, reeditadas e reformuladas.

O título do livro – *Drufs* – é construído a partir de um item lexical inusitado: a nova palavra, criada com o uso de fonemas do português brasileiro, não traz registro dicionarístico do seu significado. Metalinguisticamente, a autora, no início do livro, explica o sentido proposto: *Drufs* “são seres parecidos com a gente, só que menores. No mundo dos <drufs><sup>30</sup> também tem escola, professor, aluno e lição de casa” (2016, p. 4). Nessa perspectiva, há a possibilidade de o aluno/leitor receber *insights* para se identificar com a proposta narrativa colocada em suas mãos pelo professor. Na capa e nas páginas de cada relato há dedos decorados com tampinhas, botões, lãs, peças para decorar bolos, chapéu de folha de jornal, miçangas, componentes de máquinas, enfim, um sem-número de imagens compondo as figuras das personagens, que traduzem a mundividência infantil e sua representatividade.

Por meio da produção dessa obra literária, um dos propósitos da autora é trazer à tona o conceito de “família” na contemporaneidade. Com o humor e a irreverência que marcam os

---

<sup>30</sup> Doravante, os neologismos transcritos do *corpus* serão grafados entre esses dois símbolos: <>.

seus quase 40 anos de carreira, Eva Furnari constrói narrativas instigantes, cujos personagens/crianças falam de suas famílias e, ao mesmo tempo, abordam conflitos e dilemas, similares às nossas particularidades e diferenças. Ao leitor é dado conhecer as experiências de vida sobre o mundo e as sociedades nas quais se inserem, um verdadeiro *puzzle* sendo montado com as histórias encenadas. Além disso, cria a professora Rubi e as diversas tarefas que ela solicitava de seus alunos quando levava para a sala de aula “sua CAIXINHA DE SURPRESAS” na qual colocava “uns cartõezinhos com lições especiais”. E, a cada encontro, havia um “desafio trabalhoso” endereçado aos estudantes (2016, p. 4-5). Segundo a escritora, “A professora Rubi achou tão adorável o resultado dessa tarefa que guardou com carinho os trabalhos de seus 16 alunos” (2016, p. 5), revelados por meio do relato de cada “família” Drufs.

Os neologismos, em grande número na obra, nascem, portanto, das muitas “famílias” criadas e descritas pelos alunos/personagens, ressignificadas de acordo com a percepção de cada infante, oportunidade que o professor terá para discutir como as crianças compreendem a noção de estrutura familiar e se existe aquela mais adequada para elas. Ao mesmo tempo, texto verbal, sonoro e imagético também dialogam, com valorização dos aspectos *verbivocovisuais* – palavra, som e imagem –, conforme preconizadas nas **Categorias Neolúdicas**.

Essas novas palavras e tantas outras encontradas em *Drufs*, dada sua expressividade, constituem prova cabal da literatura infantil como disseminadora de neologismos e apontam para a necessidade de as novas lexias frequentarem as salas de aula, em variadas situações de leitura e de produção escrita. Tantas delas reveladas, sem cair no didatismo de permitir uma interpretação única, e provocadoras do riso, não o da ofensa ou da humilhação, mas o do humor libertário, sinalizado diante da possibilidade do exercício de uma consciência lexical voltada para a valorização do léxico, viandante no texto literário.

#### 4.5.2 – *A Avó Amarela*

Figura 2 – Capa do livro *A Avó Amarela*, de Júlia Medeiros



Fonte: Disponível em: <https://www.ozeeditora.com/catalogo-infantil>

Outra narrativa instigante é *A Avó Amarela*, de Júlia Medeiros, com ilustrações de Elisa Carareto e Prêmio Jabuti de 2019. Júlia, mineira de São João del-Rei, além de escritora, é gestora cultural, atriz, compositora e dramaturga. O livro, publicado pela Editora ÔZé, em 2018, foi vencedor do prêmio FNLIJ e selecionado para o catálogo “White Ravens”, da Biblioteca Internacional da Juventude, de Munique – Internationale Jugendbibliothek. *Temporina* e *Zalém e Calunga* são duas outras obras publicadas, em 2022, pelas editoras ÔZé e Ponto de Partida, respectivamente. Além de integrante do grupo de teatro Ponto de Partida por 16 anos, possui composições registradas em DVD e CD. Um dos discos, *Retumbante*, de Pablo Bertola, venceu o Prêmio Flávio Henrique, do BDMG, como melhor disco de canções de 2021.

O enredo de *A Avó Amarela* se constrói a partir das lembranças de um contador de histórias que revisita seu passado e traz à tona relatos sobre sua avó. Ainda que represente a memória individual, a narrativa constitui formas de discurso que se organizam a partir de experiências anteriores desse narrador, rapsodo moderno, dotadas de significado. Culturalmente fotografa, também, a sociedade familiar de qualquer coletividade, pois são relatos carregados de plausibilidade do que está sendo lembrado ou recontado: “Na casa da minha avó, não a Azul, a Avó Amarela, tinha uma mesa que ocupava toda a varanda. [...] Vó Amarela amava os domingos. Acordava antes do dia e se aprontava sem dar um pio...” (AAA, p s/n).

Ratificando essa discussão e direcionando a análise para o entendimento acerca da força expressiva do nome da personagem-avó, Cardoso (2018) orienta, preliminarmente, para a compreensão dos efeitos expressivos das palavras e a considerar, para tal, seus campos lexicais e semânticos: “As escolhas lexicais de um autor revelam, no discurso literário, elementos do pensamento humano e marcas de diferentes culturas, de diversos contextos sócio-históricos e de maneiras de ver o mundo”. E, conclui a estudiosa, isso contribui

para a análise da expressividade dos campos léxico-semânticos e para afirmar que as escolhas lexicais de um autor constroem representações, usando conhecimentos armazenados na memória social e despertando no leitor a busca por conhecimentos previamente estabelecidos, transportando-o para o contexto local.

O título do livro constitui uma formação pela soldagem de um substantivo mais um adjetivo, operada pela justaposição de duas palavras, à maneira das unidades lexicais neológicas contempladas pela tradição. As novas lexias, centradas nas expressões – <Avó Amarela> e <Avó Azul> – remetem, inicialmente, à ideia de que a cor sempre se presentificou nas mais diversas sociedades humanas, com suas variadas simbologias. Os dois matizes que nomeiam as avós exteriorizam elementos básicos da composição visual que vão distinguir uma personagem da outra. Kandinsky (2015, p. 65) declina acerca da cor e suas ações sobre o receptor/leitor: “Do ponto de vista estritamente físico, o olho sente a cor. Experimenta suas propriedades, é fascinado por sua beleza. A alegria penetra na alma do espectador, que a saboreia como um gourmet, uma iguaria”.

Assim, a tentativa de um entendimento sobre o porquê de o narrador nomear as avós com essas duas cores instiga o leitor a buscar explicações para essas escolhas, a descobrir e a compreender, ao longo da leitura, que o emissor tem toda a razão, pois o amarelo passa a significar para o receptor uma cor inspiradora no sentido de ativar seu raciocínio e suas atividades mentais e conduzi-lo a fim de perceber a criatividade dessa escolha para referenciar a avó.

O próprio Kandinsky, por meio das relações entre si, analisa os matizes e seus contrastes, assim como as sensações que deles emanam. Enquanto o azul, por ser uma cor fria, remete, entre outras, à ideia de monotonia, passividade, o amarelo simboliza descontração, luz, calor, alegria, otimismo, cumplicidade. “O amarelo é excêntrico; o azul, concêntrico” (Kandinsky, 2015, p. 89). Em outras palavras, tudo o que o narrador deseja relatar representa a Avó Amarela, “não a Azul”, como salienta no início a história. Como orienta Cardoso (2018, p. 141), “tenta construir, por meio das pistas dadas [...] a figura dessa mulher de tantas

faces”<sup>31</sup>. Porque, nesse livro, o amarelo é a marca do eu protagonista, com seu simbolismo, seu estado de espírito, seu temperamento: “Embrulhado em pano de prato, o carinho era sempre dividido ‘irmãmente’: teríamos todos uma fatia de Avó Amarela em casa. Com essa maneira de encolher lonjuras, poderíamos visitá-la em cada mordida” (AAA, p. s/n).

O livro de Júlia Medeiros pode ser trabalhado pelo professor não apenas por esses aspectos que envolvem as tonalidades e a representatividade da figura feminina avó, mas também pela presença de neologismos. Paralelamente a um texto poético e sensível, cuja narrativa envolve uma fotografia de um dado cotidiano familiar, “os campos léxico-semânticos criam imagens visuais, auditivas, gustatórias e táteis” (Cardoso, 2018, p. 142).

A expressividade gerada por tantas novas criações lexicais encontradas na referida obra atesta o lugar de poder da palavra neológica por sua função semântica, quando se identificam em *A Avó Amarela* formações de palavras para dar nomes a seres, objetos, fatos culturais novos, entre os quais: <telessinho> (sorteio imaginário de bilhetes de loteria pela televisão); <Filhos Coloridos> (e seu vestuário de matizes variados); <grande-vencer-do-campeonato-do-bar da rodoviária> (referência ao avô, marido da vó Amarela); <arremedo de morcego> (alusão ao galo carregado de cabeça para baixo que a Avó trazia da feira), para citar alguns exemplos.

Basílio (...) *apud* Cardoso (2018, p. 187), orienta sobre os processos de formação de palavras: “podem desempenhar duas funções, a semântica e a sintática, às quais se pode acrescentar, conforme o caso, uma função discursiva”. Porém, quando os efeitos expressivos resultam na criação de nova lexia na qual se opera uma mudança de classe de palavra, “faz-se presente a função sintática. Vale ressaltar que uma não exclui a outra” (Cardoso, 2018, p. 187). É o caso, por exemplo, da expressão <baixar-lhe a crista> (AAA, p. s/n). Se analisada no sentido figurado, alude à rebeldia do galo, encomendado na feira para o almoço de domingo, e associada à atitude da avó no sentido de corrigir o comportamento indesejável do galináceo. Esse sintagma, todavia, pode ser entendido, também, no seu sentido literal: relaciona-se à ave se debatendo, preso na sacola, tanto que a Avó Amarela empurrava sua cabeça e a crista para baixo, comprimindo-o a fim de ficar quieto, submisso, e se sentir derrotado, reconhecendo a superioridade da vencedora.

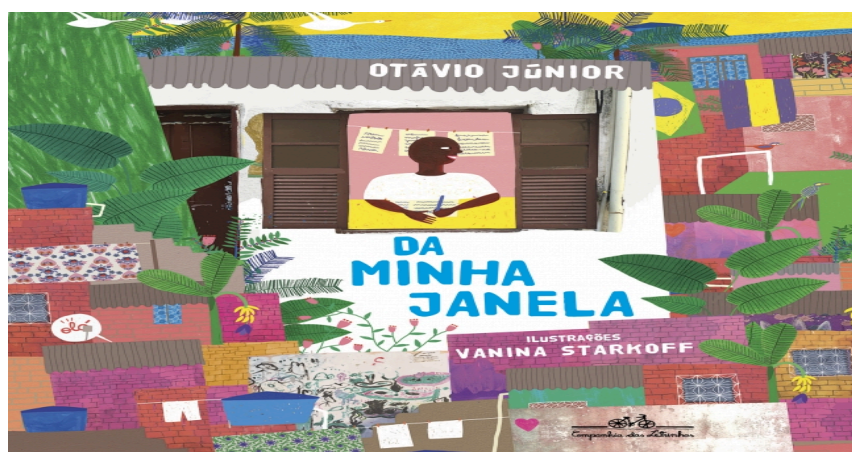
---

<sup>31</sup> Uma alusão à personagem Mira-Celi, citada por Cardoso ao analisar o livro *Anunciação e Encontro de Mira-Celi*, de autoria de Jorge de Lima. A frase empregada representa uma analogia extensiva à figura da Avó Amarela.

Assim, novos itens lexicais surgem na estrutura narrativa, nascidos a partir de imagens, sabores, memórias, rituais por vezes nostálgicos vivenciados em família. Em seu trânsito pela tessitura textual, a autora, via narrador, chama a atenção do leitor pela originalidade, “pelo efeito de sentido que essas criações trazem ao contexto em que se inserem [...] geradas pelo choque da novidade, associado ao estranhamento do leitor diante da nova construção lexical” (Cardoso, 2018, p. 193).

#### 4.5.3 *Da minha janela*

Figura 3 – Capa do livro *Da minha janela*, de Otávio Júnior



Fonte: Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788574068749/da-minha-janela>

*Da minha janela*, de Otávio Júnior e ilustrações de Vanina Starkoff, foi a obra vencedora do Prêmio Jabuti, em 2020, na categoria de melhor livro infantil. Além de fazer performance literária, Otávio é produtor teatral, contador de histórias e ator. Obteve reconhecimento nacional ao abrir a primeira biblioteca nas favelas do Complexo do Alemão e no Complexo da Penha, no estado do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1983.

Outra faceta de sua veia artística está ligada à criação de conteúdos infantojuvenis, como games, histórias em quadrinhos e audiovisuais. Atualmente desenvolve projetos para ler e brincar nas comunidades da Penha e do Alemão, no Rio de Janeiro. Criador do “Lab de desenvolvimento”, gera pesquisas nas áreas de mediação e promoção de leitura e produz jogos e outros materiais lúdicos para auxiliar atividades literárias tanto nas escolas como em instituições afins. *O garoto da camisa vermelha*, *Maria Preta* e *Chuva de jabuticabas* são produções destinadas ao público infantil e têm aceitabilidade comprovada nessa faixa etária.

Com a *Coleção lá do beco*, uma antologia de histórias infantis ambientadas na favela, buscou atingir crianças daquele universo e estas muito se identificaram com os relatos. Mas outros leitores de outros ambientes também se sentiram instigados a lê-las, até porque, mediante os enredos, puderam conhecer um pouco mais daquela realidade e da cultura das comunidades, sem o estereótipo ligado à miséria, à violência, à invisibilidade que cerca a condição de seus moradores, enfim, às demais questões negativas relacionadas à cosmovisão dos aglomerados e circunscritas ao seu entorno.

A narrativa de *Da minha janela*, sob o olhar reflexivo de um narrador/criança, atento às coisas do mundo e da janela da casa onde mora, conduz o leitor, em parceria e cumplicidade, a percorrer, visual e poeticamente, um roteiro incitante, pois lhe é dado conhecer uma favela (muito similar a quaisquer aglomerados e bairros periféricos de grandes cidades do Brasil e do mundo), com suas particularidades e seu modo de ser tão singular.

O enredo contempla um relato cuja ambientação sugere se transcorrer no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, onde o autor realizou projetos voltados para a valorização da leitura. Diz respeito a lugares reais, como a referência à Basílica da Penha, logo no início da história, “um castelo iluminado”, localizada em uma região onde ele nasceu e reside. Assim, o livro, publicado pelo selo *Companhia das Letras*, evidencia experiências vivenciadas pelo próprio locutor. Sob outra ótica, do ponto de vista da diegese, enseja um narrador que conta e descreve os acontecimentos, assumindo sua própria identidade.

As ilustrações do livro são concretas e nascem de material encontrado na própria favela. Colorem com tintas multifacetadas o relato e dão vez ao conjunto de elementos visuais para materializar, sob a ótica e na perspectiva da dicção infantil, a relação entre metrópole e morro, perpassada pelas questões culturais, sociais e ideológicas que fotografam essas coletividades. Por isso, é possível afirmar que as imagens, no livro, são elemento central tanto quanto a palavra. Nele, a escrita, a textual e a visual estão a serviço da narrativa.

A verossimilhança, fundamental nessa exposição de fatos, entrelaça os sentimentos, os olhares do narrador-menino com as vivências do leitor. Ela oportuniza, ainda, a construção de um *eu*, contador da história, que ultrapassa o nível meramente pronominal, e que também é *outro*, pois, em um processo de mesclagem, acata as marcas deixadas pelo destinatário do texto, a partir do registro de suas sensações/emoções experienciadas durante a leitura. O narrador constitui, por assim dizer, o agente por meio do qual se estabelece o jogo ficcional nascido dos diferentes pactos celebrados com o leitor. Ao mesmo tempo, em tom de exaltação, vai desnudando os feitos dos moradores da favela e conduzindo os que o escutam/leem a pensar nas palavras/imagens oriundas desse cantar/contar.

A espacialização se erige sob as marcas explícitas de uma polifonia, representada por outras vozes da favela, que dão fiança à veracidade e à autenticidade das ações: das pessoas que “trazem o mar para dentro de suas casas” a fim de abafar o calor e tornar o dia “mais fresco”; das crianças, amigas de folguedos do narrador, durante a brincadeira preferida, o “microfone sem fio, que vira punk”; do vozerio daquela gente que deixa o menino triste, sem poder “jogar bola lá fora”; da “gente para todo lado”, inclusive a que remendava telhados, destruídos pela chuva, mas que ainda sonhava “indo em busca do seu tesouro”; e dos estudantes “com livros nas mãos, a caminho da escola” (DMJ, p. s/n).

Metaforicamente, pena (o narrador) e papel (o lugar do relato) ressignificam a narrativa pela palavra, que não se restringe apenas à história contada, mas, principalmente, oferta aquiescência às experiências do receptor. A linguagem verbo-visual, por si, oportuniza uma experiência estética particular, estimula a fabulação e o torna sujeito da história e participe de um tempo da infância como um lugar de invenção, de possibilidades, de acontecimentos. Assim, a presença constante de substantivos concretos (janela, céu, lajes, casas, barracos), de adjetivos visuais (estrelado, iluminado, escuros, cinzento, triste) e de verbos (ver, descobrir, escutar, decifrar) reafirma a composição por imagens flagradas pelo olhar arguto desse fotógrafo/observador criança/contador de histórias.

Cardoso (2018, p. 17), ao discorrer acerca do discurso literário, considera-o “um ato linguístico e não pode ser isolado dos outros gêneros e estudado apenas pela literatura”. E mais:

Não deve ser tratado como algo à parte, estudado apenas pela tradição e pela crítica literária. Tem que ser compreendido linguisticamente em função de seu contexto e de seu *cotexto*<sup>32</sup>. Precisa, portanto, ser analisado com foco na história e compreendido em função de suas condições – temporais e espaciais – de leitura e de circulação.

Por intermédio do léxico, das escolhas lexicais e do campo léxico-semântico, torna-se possível perceber, no livro, a rede de associações que interliga as palavras no tecido textual. Conforme enfatiza Cardoso (2018, p. 127), “essas associações baseiam-se em ligações semânticas (entre os sentidos), ligações formais (palavras que têm uma estrutura morfológica semelhante) e ligações que envolvem, ao mesmo tempo, forma e significado”. Por isso, a análise dessa obra literária permite, entre outros aspectos, a percepção dos sentimentos e

---

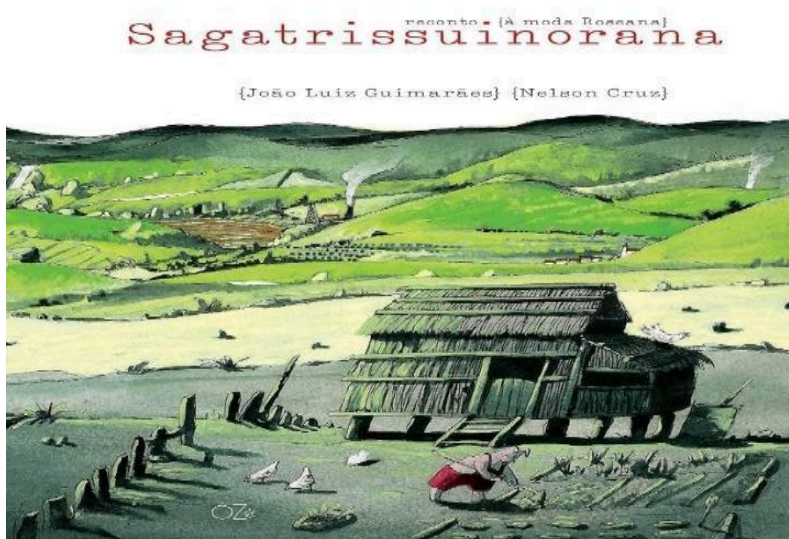
<sup>32</sup> Segundo Cardoso (2018, p. 17), “entende-se *cotexto* como o contexto linguístico e *contexto* como o situacional”.

emoções do narrador-menino, além de situá-lo em um espaço revelador do cotidiano social de uma favela, com as personagens que fazem parte desse ambiente.

Para além disso, observa-se no livro a ampliação do léxico por meio da formação de novas lexias, principalmente para atender a necessidades expressivas. Os neologismos estilísticos se ligam a aspectos semânticos e gramaticais das palavras, valorizando a criatividade lexical do escritor, e, muitas vezes, nascem de uma relação metafórica observada entre seus elementos, configurando a união inusitada entre eles, como em <biquíni-paixão>; da composição por meio de elementos já conhecidos, porém com a mudança de gênero, desfazendo-se a cristalização, como em <sereio do mar>; da lexicalização de palavras, como, por exemplo, <telhados remendados>, pela perda de composicionalidade e, por consequência, das propriedades semânticas de seus constituintes.

#### 4.5.4 - *Sagatrissuinorana*

Figura 4 – Capa do livro *Sagatrissuinorana*, de João Luiz Guimarães



Fonte: Disponível em: <https://www.ozeeditora.com/catalogo-infantil>

O autor João Luiz Guimarães, de *Sagatrissuinorana*, livro ilustrado por Nelson Cruz e Prêmio Jabuti, versão 2021, é um escritor carioca, jornalista e roteirista, cujas produções literárias têm como público-alvo o infantil e o juvenil. Também venceu o “11º Prêmio Barco a Vapor” com *O Vento de Oalab*, em 2015, e o “Prêmio Off FLIP Bibliomundi de Literatura”, com *Papo Reto & Papo Curvo*, em 2016. Apesar de ter vivido a maior parte de sua infância em Vancouver, no Canadá, hoje reside em São Paulo. *Sagatrissuinorana* recebeu,

ainda, o Selo Distinção da Cátedra Unesco, o Prêmio FNLIJ e integra o Catálogo Brasileiro da Feira de Bolonha e a Biblioteca ODS da ONU.

Sobre o título do livro, um neologismo, e para oportunizar uma leitura voltada para o entendimento do que seja a criação de uma nova *lexia*, o receptor é orientado pelo próprio autor na menção ao subtítulo: “reconto à moda roseana”. Esclarece, portanto, sobre a possibilidade de um diálogo com o livro de contos “Sagarana”, de João Guimarães Rosa. Para além da homenagem ao escritor mineiro, a narrativa, concomitantemente, constitui uma releitura de “Os três porquinhos”, presente no termo “trissuino”, identificado no centro da *lexia*. Se desmembrado, remete à fábula da tradição anglo-saxônica, servindo de base para dar sustentação e veracidade a um fato real, ao reunir no relato o reconto do texto clássico, empregando a sintaxe roseana, e situar a ação em Minas Gerais ao realizar uma releitura da saga repleta de incidentes dos personagens da tradição oral, análoga àquela vivida pelos habitantes quando das tragédias socioambientais de Brumadinho e Mariana.

Ao longo da narrativa, os três irmãos, no conto de século XVIII, têm suas casas ameaçadas (e como pano de fundo o rompimento das barragens e seus moradores) por um lobo mau mineiro assoprador (simbolicamente a mineradora Vale, responsável pelas barragens), e são inseridos na paisagem/tragédia brasileira a quem o ilustrador, Nelson Cruz, faz a seguinte dedicatória: “Para todos que são de Bento. Para todos que são de Bruma”. Assim, a releitura da fábula clássica, a partir do diálogo com o texto roseano, é atualizada e nesse contexto nasce o referido neologismo. O real e o ficcional se fundem na tessitura textual e nessa mescla deixam para o leitor refletir acerca da representatividade metafórica da figura do lobo diante da tragicidade dos dois registros, o tradicional e o contemporâneo.

Na sala de aula, o professor, além de levar ao aluno esse conhecimento, também pode explorar a formação do neologismo <Sagatrissuinorana>. Entre outras interpretações possíveis, há, de início, a percepção de uma ruptura na escrita do item léxico “Sagarana”. Entre as duas bases é introduzida uma nova *lexia* – “trissuino” – composta por “tri”, com função de numeral, e “suino”, uma referência ao mamífero doméstico. Se observada atentamente, identifica-se uma forma inovadora no modo de construir esse item lexical à semelhança de um *puzzle*, ou seja, de encaixes processados como no quebra-cabeças, um jogo cujas diferentes peças/palavras são ligadas de maneira a compor um todo e isso ativa não apenas a consciência lexical do estudante como seu repertório vocabular, além do conhecimento de mundo e de seu entorno.

É possível conduzir o discente a compreender como esse elemento lúdico é fundamental para a apreensão dos sentidos pretendidos pelo narrador e cujo nascedouro se

realiza a partir dessas três palavras bailarinas presentes no tecido textual. Complementando, a partir da interpretação de uma lexia até então inusitada para ele, somam-se, ainda, a percepção do léxico em movimento na obra de ficção, extensivo à sala de aula, e uma reflexão acerca do simbólico e do real como componentes importantes de *Sagatrissuinorana*, uma obra de arte literária importantíssima para a (trans)formação do leitor em sua fase de escolarização.

Esse neologismo pode ser visto, a priori, como resultado da pura criatividade do escritor, pois revela seu inegável conhecimento linguístico, ao mesmo tempo em que a palavra inventada decorre não apenas do modo original de seu nascedouro como da força do léxico. A criação desse novo item lexical, no âmbito do discurso prosaico, justifica-se, também, pela capacidade que a nova UL tem de dinamizar o tecido narrativo, no qual sobressai ludicamente o experimento linguístico analisado.

#### 4.5.5 - *Sonhozzz*

Figura 5 – Capa do livro *Sonhozzz*, de Silvana Tavano



Fonte: Disponível em:

<https://www.moderna.com.br/catalogo-2/resultado-da-busca.htm?hidFiltroDigitado=Sonhozzz>

Em 2022, o livro *Sonhozzz*, de Silvana Tavano, com ilustrações de Daniel Kondo, venceu o Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil do Ano. A escritora, formada pela Escola de Comunicações e Artes da USP, com Pós-graduação em Formação de Escritores pelo Instituto Superior Vera Cruz, de São Paulo, nasceu na capital paulista, em 1957. Como jornalista, atuou em revistas femininas, entre elas a Marie Claire da qual foi editora.

De suas principais produções, muitas delas veiculadas na Alemanha, Suécia, Itália, Turquia, Argentina, México, Japão e Coreia, entre outros países, destacam-se *Creuza em crise – 4 histórias de uma bruxa atrapalhada*, publicado pela Companhia das Letrinhas, o primeiro de seus diversos títulos para o público infantil e juvenil, e também *Como começa?*, da editora Salamandra. Já o livro *Psssssssssssiu!* foi indicado ao Jabuti, em 2013, e premiado com o João de Barro de Literatura para Crianças. Juntamente com outros autores, participou dos livros *Contos do quintal*, 15 histórias da revista *Crescer*, da Globo, e *Aconteceu na escola*, da Globinho.

Temáticas como “sono” e “sonho” transitam pela narrativa do livro vencedor do Jabuti em 2022, atestando o uso criativo do léxico, por exemplo, na grafia do título, ao explorar de forma bastante expressiva o significado não apenas referencial, denotativo, assim como o conotativo, simbólico da palavra, que provoca alteração no item lexical, caracterizando o que Alves (2002, p. 13) denomina de “transformação gráfica do significante”, um recurso empregado para exemplificar a neologia gráfica.

Essa nova lexia traz uma alusão, também, ao início do estado onírico do enunciador: “Lá vêm os carneirinhos... E o soninho gostoso! Zzz!” (SO, p. s/n), enfatizado pela repetição do fonema “z”, em variações de tamanho, para caracterizar o percurso temporal do sono, bastante usado também nas histórias em quadrinhos. Trata-se de um neologismo cujo emprego do recurso imagético, “não impede que o leitor o interprete adequadamente”, segundo (Alves, 2002, p. 12), e reconheça o prenúncio de breve desligamento da realidade, início da sonolência e consequente letargia.

Ao longo do relato, o leitor acompanha o diálogo entre dois personagens, permeado por texto e ilustrações, acompanhados de questionamentos. Algumas tentativas de desvendar os significados dos sonhos recaem sobre sua natureza. Concretamente, um divertimento, como o <Sonho-bicicleta>, ou algo abstrato, fruto da imaginação, como o <Sonho-voador>. Ou ainda ideal, porque “Gostoso mesmo é aquele Sonho que a gente quer que dure pra sempre!” (SO, p. s/n). Talvez monótonos, “sem pé nem cabeça”, quiçá angustiantes, quando parecem confusos. Ou, também, uma forma de acionar a memória para ativar lembranças. Na relação entre o mundo real e o fictício, o narrador revela personagens e suas fantasmagorias, representativos da mundividência infantil. Por meio da interlocução realidade-imaginação, os personagens, à semelhança das crianças, revelam como são tênues os limites entre esses dois universos, pois o segundo transcende o concreto do dia a dia por meio da potência criativa do sonho/devaneio.

As imagens direcionam o leitor para uma situação cotidiana – o ato de dormir. Na sequência imagética pode-se acompanhar o movimento dos olhos, seu piscar pausado, do cochilo ao sono profundo. Daniel Kondo, o ilustrador, consegue, com seu traço, captar o onírico na infância e seu sem-limite, enquanto espaço infinito, sem fronteiras ou barreiras. Os personagens, nas suas atitudes e comportamentos, atestam a imaginação fruindo na qual o sonho circula entre dois territórios antagônicos: “Eu adoro quando o Sonho inventa coisas que não existem. É o que ele faz de melhor. [...] Mas ele também inventa coisas horríveis” (SO, p. s/n). Para representar esse antagonismo, utiliza na ilustração da referida página tonalidades variadas em contraste com uma cor única.

Refletir sobre o sonho por meio de uma obra literária destinada ao público infantil torna-se relevante porque, nessa faixa etária, como em qualquer outra, sonhar constitui uma atividade psíquica inerente e inseparável da sua existência, como da de todo ser humano. A leitura dessa obra literária, na sala de aula, ratifica o fato de que o aluno, quando desenvolve melhores soluções de linguagem, amplia seu repertório e aprofunda a percepção de si frente à realidade que o cerca, pois, segundo Cardoso (2018, p. 29),

por trás de todo ato de comunicação, existe algo mais do que simplesmente a transmissão de uma mensagem. Mesmo que o texto seja puramente referencial, objetivo, carrega consigo um aspecto intencional, seja um desejo de impressionar o destinatário, seja um desejo de marcar uma posição.

Para o professor, o grande desafio, a partir desse enfrentamento, é, também, proporcionar à criança leitora, pela fantasia, uma transfiguração do real. Na escola, a leitura literária constitui um momento propício para experienciar, nos textos, os efeitos lúdicos, os jogos de palavras, o uso criativo do léxico em movimento e de que modo se configuram as reações do leitor na produção de sentidos.

Justifica-se, portanto, um dos propósitos desta pesquisa que é o de comprovar ser a literatura uma disseminadora de neologismos. O discurso literário, segundo Cardoso (2018, p. 16), “deve ser tratado também pela linguística como um gênero discursivo plural que mescla aspectos linguísticos e estilísticos, refletindo o contexto, a ideologia do autor, o momento sócio-histórico cultural etc.”.

Assim posto, uma ênfase necessita ser dada pelo professor à leitura literária e, como proponho neste estudo, mais especificamente aos aspectos lexicais e aos efeitos de sentido em situações de comunicação nas obras ficcionais. Isso evidencia a contribuição significativa do léxico, associada ao desenvolvimento da consciência linguística do estudante, um dos

principais objetivos do ensino de língua materna. A escola, portanto, representa uma das instituições que busca formar usuários competentes da língua, capazes de produzir e compreender adequadamente textos orais e escritos, entre estes os ficcionais, em diferentes momentos de interação comunicativa.

Uma vez que o evento pesquisado tem um propósito orientador para o docente na sala de aula, sua investigação mostra-se mais satisfatória, já que ele será observado no contexto onde ocorre e do qual faz parte. Nesse sentido, os dados coletados e analisados poderão dinamizar a compreensão do fenômeno neológico em si.

#### 4.6 MÉTODO DE ABORDAGEM E DE PROCEDIMENTO DA ANÁLISE DAS AMOSTRAS SELECIONADAS NO *CORPUS* E AS CATEGORIAS NEOLÚDICAS

Nesta pesquisa, foi realizada a análise de cada uma das amostras selecionadas das obras literárias ganhadoras do Prêmio Jabuti, entre 2017 e 2022, cuja fundamentação se baseia na teoria das lexias, proposta por Bernard Pottier (1974, p. 269), e nas contribuições de estudiosos e seus arcabouços teóricos relevantes, com a pretensão de também oferecer, como já mencionei, uma nova possibilidade de leitura dos textos ficcionais em um dos momentos cruciais da formação do aluno/leitor do Ensino Fundamental final, por meio do aporte conjunto de língua e literatura.

Antes, porém, reforço o que apresentei no capítulo 3: meus fundamentos teóricos para o construto dessa tese são diversos. As obras dos pesquisadores que consultei e suas ideias foram fundamentais para a construção de minha abordagem sobre a análise de novas unidades lexicais, com ênfase na necessidade de integrar língua e literatura nesse processo. Isso justifica a escolha da Linguística Aplicada como área de concentração da pesquisa, cuja linha de estudo se concentra no ensino de Português. Assim, minha tese visa a convergência entre a escrita acadêmica e literária. Permiti-me, portanto, recorrer à Neologia para apresentar minha própria abordagem, com minhas sugestões de análise das unidades lexicais ao criar as **Categorias Neolúdicas**. Com isso, objetivo envolver o leitor na construção coletiva dos significados identificados na literatura para as infâncias, subsidiada pelas contribuições da língua, por intermédio da neologia formal.

Retomando, a teoria das lexias de Pottier (1974) foi assim sintetizada por Welker (2004, p. 19-20):

Uma “lexia” pode ser:

- ✓ um “lexema” (isto é, um morfema lexical, uma palavra com significado próprio);
- ✓ um “gramema” (morfema gramatical: artigo, pronome, advérbio, preposição);
- ✓ um “lexema” e um ou mais “gramemas”: casas, dormiu, bonita, interminavelmente (cf. Faulstich, 1980, p. 18s.).

Existem:

- ✓ lexias simples (casa, casas, dormir, dormiu, bonito, bonita);
- ✓ lexias compostas (palavras compostas, como mestre-de-obras, e palavras derivadas, como deslizar);
- ✓ lexias complexas (Faulstich 1980, p.18), “uma sequência em vias de lexicalização, em diversos graus: guerra de nervos, conjunto habitacional, luz negra”);
- ✓ lexias textuais (Faulstich *ibid.*: “uma lexia complexa que alcança o nível de um enunciado ou de um texto. [...] provérbios, hinos, adivinhações etc.”).

Como se observa e considerando-se sua estrutura morfossintática e léxico-semântica, a lexia pode apresentar, na sua constituição, um único lexema ou uma sequência lexemática. Ainda conforme nos orienta Pottier (1974)<sup>33</sup>, as lexias, enquanto elementos lexicais ou lexemas, são unidades funcionais significativas de comportamento linguístico – em oposição ao morfema e à palavra –, e constituem formas e estruturas linguísticas de natureza diferente. Nesse caso, ao empregar o termo “lexia”, julgo notória a contribuição deste teórico, face ao importante serviço destinado aos estudos lexicográficos, dado que “palavra” e “vocábulo”, como já demonstrei anteriormente, apresentam certa imprecisão (Biderman, 2001, p. 69). Assim, “lexia”, em minha escolha metodológica, cumpre papel significativo enquanto representação discursiva de “lexema”, também usado nos campos lexicológicos e lexicográficos.

O termo “lexema” foi criado para designar a unidade léxica abstrata da língua. Dubois *et al* (2014, p. 338) apresentam-no como “a unidade de base do léxico, numa oposição léxico/vocabulário, em que o léxico é colocado em relação com a língua e o vocabulário, com a fala”, conforme já explicitiei anteriormente. Em aditamento, as manifestações discursivas dos lexemas constituem as lexias, definidas por Pottier (1974, p. 25-26) como aquela unidade lexical memorizada, e distinguidas em quatro tipos: a simples; a composta; a complexa e a textual.

---

<sup>33</sup> Usei a teoria de Pottier com um objetivo específico: para a classificação formal das unidades lexicais, pois ele não associou “lexia” à atualização, que é o nível discursivo-pragmático com o qual eu trabalho na pesquisa.

Neste estudo, usarei as três primeiras terminologias – lexia simples, lexia composta e lexia complexa – adaptadas da proposta de Pottier (1974). Dubois *et al* (2014, p. 339) expõem:

lexia simples pode ser uma palavra: cão, mesa, cegetista (membro da C.G.T.-Comando Geral dos Trabalhadores). A lexia composta pode conter várias palavras em via de integração ou integradas: quebra-gelo. A lexia complexa é uma sequência estereotipada: a cavalo, C.G.T. (acrescentar-se-ão os provérbios (...) etc.).

Biderman (2001, p. 138), por sua vez, opõe o conceito de lexia simples ao de lexia complexa, distinguindo-as. E, assim como Pottier, ressalta sua classificação pela quantidade de elementos que as compõem. Salienta-se que, acerca das lexias simples, há uma grande quantidade de estudos, contudo, o mesmo não é visto em relação às outras duas, as quais ainda carecem de aprofundamento.

Reconheço mostrar-se intrincado delimitar os limites de uma lexia, fundamentalmente considerando-se as compostas e as complexas, e concordo com Biderman (2001) ser tarefa difícil e complicada para quem deseja realizá-la. Assim, optei por empregar essas nomenclaturas para fins de sua classificação, observando-as quanto à sua estrutura e posições apontadas por Pottier (1974), a fim de demonstrar a sua diversidade presente no meu *corpus* de análise. Esclareço, também, que esses conceitos de Pottier (1978) serão utilizados na análise lexical das UL com o objetivo específico voltado para a classificação formal dos neologismos. No nível semântico, a análise se baseará nas **Categorias Neolúdicas**. Diante disso, será feita o que denomino de análise léxico-semântica das novas lexias.

Reiterando o que já foi exposto, considero que a **lexia simples** é monolexemática, ou seja, apresenta um só radical, de um único lexema, com ou sem afixos. Coincide, pois, com a noção de palavra simples e/ou derivada da gramática tradicional. Podemos citar como exemplo os vocábulos “gol” (lexia simples) e “goleiro” (lexia derivada: radical + sufixo).

Por outro lado, a **lexia composta** é polilexemática, pois contém mais de um tema ou radical e coloca lado a lado duas lexias simples ou derivadas, unidas pela significação. Por isso, como a própria designação a especifica, apresenta-se aglutinada ou justaposta, separada ou não por hífen. É o caso, por exemplo, de “planalto” e “cachorro-quente”.

A **lexia complexa**, sendo polilexemática, representa uma sequência lexemática, com mais de dois lexemas que, dependendo de seu uso acentuado pelos falantes da língua, podem se transformar em construções fixas – processo tal denominado de lexicalização semântica –, por meio do qual adquire significado único, em graus diversos: “andar a cavalo”, “fazer papel

de bobo”, “bater o pé”. São os fraseologismos, entre eles expressões, sintagmas, locuções e construções gramaticais.

Assim posto, o conjunto de neologismos recolhidos das obras literárias analisadas neste estudo constitui um *corpus* significativo cuja filtragem se orienta pela ocorrência da lexicalização, baseada nos critérios gramaticais de formação tradicional e na teoria das lexias de Pottier (1974), e desagua nas **Categorias Neolúdicas**. Como busco refletir neste estudo, os neologismos que pretendo investigar encontrados no *corpus* são mantenedores dos traços estilísticos de cada autor. A criatividade buscada encontra-se na maneira de cada um deles trabalhar, combinar e (re)aproveitar a imensa gama de recursos linguísticos da língua materna, sendo criado, pelos escritores, um sistema eficiente, mas, sobretudo, instigante e original. As combinações linguísticas engendradas resultam em marcas próprias que alcançam efeitos surpreendentes, operacionalizados com mestria. A palavra, considerada em diferentes níveis, numa abordagem linguística plena, será apreciada porque possibilitará ludismo, aliado à sensibilidade, conforme os princípios literários.

Diante do exposto, insisto, sem hesitação, no que já afirmei anteriormente: na minha atuação como pesquisadora, estudiosa da língua e professora de literatura, tanto no ensino básico quanto universitário, sou completamente favorável à integração do ensino de língua e literatura. Acredito que a proposta de uma abordagem segmentada, que separa essas duas áreas, resulta em um método restrito e limitante, pois diminui o potencial do professor e empobrece sua prática em sala de aula. Essa divisão acaba levando o ensino a uma perspectiva excessivamente metalinguística, focada em regras e normas, frequentemente priorizando a memorização em detrimento de uma compreensão mais abrangente e profunda da língua e da literatura.

Feitas essas considerações, posso dizer que o léxico investigado nas obras vencedoras do Prêmio Jabuti, assim como nas demais produções ficcionais destinadas às infâncias, carrega a identidade linguística dessas faixas etárias, pois muitas lexias criadas pelos autores reproduzem as dicções de crianças, assumem essas vozes. Os neologismos criados vão recheiar as histórias, diversas delas representantes do vocabulário desse público: “Muitas e muitas, centenas, milhões, milhares de velhas novas palavras” (Castelo Branco, 1996, p. s/n).

Esse desvendamento, na prática, torna-se necessário para se concretizar o processo investigativo dessas “palavras passarinhas”, de que nos fala a referida escritora, pois elas pousam nos “lábios de fazedor” desses ganhadores do Prêmio Jabuti entre 2017 e 2022 e dos demais autores de tantas outras produções literárias de qualidade. Tecendo e destecendo essa “imensa teia” constitutiva de suas obras, automática e certamente vão dar guarida a outros

tantos neologismos cuja demanda oportunizará estudos lexicais neológicos envolvendo a literatura para as infâncias.

#### 4.7 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS E AS CATEGORIAS NEOLÓGICAS

##### 4.7.1 Identificação dos neologismos

Em seguida à leitura exploratória dos textos componentes do *corpus* de extração, realizei a etapa da leitura seletiva e a da leitura analítica. De modo manual, destaquei e registrei em fichas neológicas as novas lexias, estabelecendo-se dessa forma o critério de identificação.

##### 4.7.2 Catalogação dos novos itens lexicais

Após a submissão do *corpus* ao crivo de exclusão, descartei os que não foram considerados neologismos. Em seguida, cataloguei e registrei em fichas neológicas aqueles confirmados.

Assim, a leitura minuciosa das obras literárias me conduziu a levantar as novas UL encontradas nelas. Em seguida, transcrevi e analisei uma a uma, na sequência em que apareceram em cada narrativa, observando os itens do quadro-síntese a seguir.

Quadro 1 – Ficha neológica adaptada

Lexia			
Monolexêmica	Polilexêmica		
Lexia simples	Lexia composta		Lexia complexa
Derivada; acréscimo de afixos	Aglutinação	Justaposição	Fraseológica

Fonte: *Grammaire de l'Espagnol*, adaptada, posteriormente, para o Português com o nome de *Estruturas Linguísticas do Português* (conforme Evandro Silva Martins). Adaptado.

##### 4.7.3. Definição da ficha para registro das novas lexias

A ficha, cuja fundamentação, em um de seus componentes, baseou-se na teoria das lexias proposta por Bernard Pottier (1974, p. 269) e adaptada por mim, complementou-se com

um novo item de identificação, na qual inseri uma coluna para a classificação dos neologismos conforme as denominações das subcategorias propostas nas **Categorias Neolúdicas**, explicitadas mais adiante. Com essa metodologia, entendo, como propõe Cardoso (2018, p. 127), que “todas as palavras estão cercadas por uma rede de associações que as ligam com outras”. Na esteira desse postulado e segundo já expus, concordo com a estudiosa quando afirma: “Essas associações baseiam-se em ligações semânticas (entre os sentidos), ligações formais (palavras que têm uma estrutura morfológica semelhante) e ligações que envolvem, ao mesmo tempo, forma e significado”.

Por meio das escolhas lexicais encontradas nos textos literários é possível criar um conjunto de categorias que orientem não apenas as análises das formações neológicas estilísticas, como também a função exercida por elas através de jogos lexicais extremamente criativos. Ainda na esteira do que expõe Cardoso (2018, p. 151), minha proposta para a análise dos neologismos literários busca demonstrar, entre outros, “os aspectos linguístico-situacionais responsáveis pelo efeito lúdico e de que forma ele provoca as reações no leitor”.

À luz do pensamento de Cardoso (2018), neste estudo, portanto, repousa a ideia de uma categorização para a análise dos neologismos presentes em obras literárias dirigidas à infância, componentes do *corpus*, mas que também poderá servir de base teórica para a análise de quaisquer neologismos identificados em outras produções artísticas destinadas às infâncias. Grande parte da produção ficcional, na atualidade, para essa faixa etária, esboça nuances carregadas por uma linguagem inovadora, marcada por um tempo iconográfico e célere, cujo nascedouro se inaugura a partir das produções de autores pródigos no seu fazer. Por seus textos circulam palavras bailarinas, dançarinas, que deslizam pela tessitura textual executando malabarismos de toda ordem: sintáticos, morfolexicais, fônicos e léxico-semânticos.

Na leitura e no trabalho investigativo realizado nas obras vencedoras do Prêmio Jabuti, entre 2017 e 2022, analisadas neste estudo, observei a preocupação de seus autores em demonstrar conhecerem o sistema linguístico do português brasileiro; por isso, podem ser vistos como artesãos da palavra, dado se exprimirem pela diversidade de meios que a língua oferece, para gerar expressividade. Essa mistura saudável de recursos transforma-a em um grande móbil. Longe de empobrecê-la ou descaracterizá-la, aponta para uma configuração cujo resultado manifesta a manipulação linguística em potencial, exercida com genialidade e talento por autores capazes de ofertar feição nova, construto equilibrado artesanalmente, cujo

objetivo é o de encaixar, como em um quebra-cabeça, fenômenos linguísticos e literários diversos.

Posso afirmar que os novos itens lexicais encontrados nos livros objetos de análise nesta investigação, pertencentes ao *corpus* analisado, ocorrem por formação esporádica e não por formação institucionalizada, exatamente por sua condição de se ancorarem nos livros de ficção. Segundo Rocha *apud* Bauer (1999, p. 81), “Uma formação esporádica pode ser definida como uma palavra complexa nova, criada pelo falante/[escritor], sob o impulso do momento, para satisfazer alguma necessidade imediata”. Todavia, deixará “de ser considerada como tal, ou seja, passa a ser uma formação institucionalizada, a partir do momento em que o item se torna familiar, isto é, conhecido de uma comunidade linguística”. (1999, p. 81)

Constata-se que a forma e a função de cada uma das novas lexias presentes nas referidas obras literárias são pertinentes, caso se leve em conta uma reflexão sobre a língua. Os escritores criaram esses neologismos provavelmente para suprir a ausência de uma forma que realizasse a função almejada, e por tal procedimento, configuram um momento especial de enriquecimento do léxico. Com a adoção do critério lexicográfico para delimitação da palavra neológica, mencionado anteriormente, que considera como “novas” as lexias não identificadas nos registros dicionarísticos, ou seja, em repertórios lexicográficos representativos da língua, a análise dos neologismos detectados nas obras literárias selecionadas nesta pesquisa me diz que tais unidades léxicas foram criadas com base nos padrões de formação e estruturação lexicais disponíveis na língua e, portanto, construídas por meio de regras do próprio sistema linguístico. Englobam os mais variados processos formais de criação, entre os quais os neologismos semânticos e os sintáticos. Estes, segundo Alves (2002, p. 14), são assim denominados porque

A combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical (junção de um afixo a uma base), mas concerne também ao nível frásico: o acréscimo de sufixos pode alterar a classe gramatical da palavra-base; a composição tem caráter coordenativo e subordinativo; os integrantes da composição sintagmática [...] constituem componentes frásicos com valor de uma unidade lexical.

Assim, por envolverem questões pragmáticas e estilísticas, constituem, em suma, uma presença inevitável na língua viva. Consequentemente, serão analisados os neologismos sintáticos, formados por composição e derivação; as conversões; os processos de truncação, de palavras-valise, de reduplicação, de derivação regressiva e imprópria; as composições

sintagmáticas, além dos neologismos por empréstimos. Além desses, também os fonológicos e os semânticos, todos descritos de modo mais amplo em 3.1 desta pesquisa e, como foi explicitado, vão merecer exame mais minucioso quando da análise de cada novo item lexical transcrito de cada obra do *corpus*.

Da mesma forma, as novas lexias serão analisadas neste estudo, tanto pela utilização das regras do próprio sistema linguístico, por meio de procedimentos formais internos, nos níveis morfológico, fonológico e sintático, assim como nos seus componentes estilísticos, norteadas pelos postulados das **Categorias Neolúdicas**. Nesse processo, uma constatação reside no fato de as novas UL representarem formações produtivas em destaque.

#### 4.7.4 As Categorias Neolúdicas nas aulas de literatura

Diante da minha experiência de leitura feita desses cinco Prêmios Jabuti e dos mecanismos morfemáticos observados, nasceu uma proposta para a criação das **Categorias Neolúdicas**, consideradas, nesta pesquisa, como um conjunto de critérios para a análise dos processos de criação de novas lexias estilísticas especificamente no discurso literário, com vistas a facilitar o trabalho do professor na sala de aula do Ensino Fundamental final, quando do percurso exploratório voltado para o campo semântico de tais itens lexicais.

Trata-se de um fenômeno linguístico no qual o que chama a atenção não é o processo de formação de palavras, de criação em si, mas a expressividade e o modo como os autores “brincam” com os signos. Importam especialmente nesta investigação aquelas novas UL representativas de recursos verbais, sonoros, visuais e suas ligações com a semântica, a fim de mostrar a maneira como os autores, ao criarem palavras, aproveitam as virtualidades do sistema para manifestar a sua criatividade no tecido textual.

Uma vez delineado o construto das **Categorias Neolúdicas**, posteriormente a ficha neológica apresentada no Quadro 1 passou a ser denominada *Ficha léxico-semântica*, cujo esboço traz a seguinte configuração:

Quadro 2 – Ficha léxico-semântica

a) Lexia	b) Fonte	c) Manifestação do lexema (análise da estrutura da lexia, segundo Pottier)	d) Abonação	e) Recurso(s) para a formação neológica	f) Classificação de acordo com as Categorias Neolúdicas e suas subcategorias	g) Análise léxico-semântica e discursiva; sentido pretendido, a partir do contexto de uso
----------	----------	--	-------------	---	--	---

Fonte: a autora.

Como se observa, fiz constar o detalhamento do processo da criação lexical a partir do preenchimento dos seguintes campos:

- a) **lexia**: neologismo em sua forma de palavra-ocorrência;
- b) **fonte**: obra literária onde consta o neologismo encontrado e recolhido;
- c) **Manifestação do lexema**: análise da estrutura da lexia a partir da teoria de Bernard Pottier (1974);
- d) **abonação**: contexto linguístico em que o neologismo aparece registrado, seguido do número da página (quando houver);
- e) **recurso(s) para a formação neológica**: configuração do novo item lexical de acordo com os processos de formação de palavras em língua portuguesa; descrição do processo linguístico criador do neologismo e as bases (lexias e/ou formantes), quando houver;
- f) **classificação de acordo com as Categorias Neolúdicas e suas subcategorias**: inserção do neologismo na categoria específica;
- g) **Análise léxico-semântica e discursiva; sentido pretendido, a partir do contexto de uso**: enquadramento do neologismo em um campo léxico-semântico.

Na esteira das orientações de Goldstein (2020) e de Ramos (1972), procurei criar categorias para classificar as novas unidades lexicais com base em seus elementos intrínsecos, isto é, nos seus componentes materiais, considerando os estratos verbais, fônicos e ópticos, além de explicitar suas funções e os sentidos pretendidos nos respectivos contextos de uso. Para tanto, retomei a metáfora da palavra *palimpsesta*, à qual me referi anteriormente neste estudo, pois, ao identificar no léxico uma nova unidade, esse procedimento faz incidir sobre ela um trabalho de escavação, à cata de seu deciframento.

Nessa trajetória, o quadro teórico para essa categorização se completa com a apropriação do termo *verbivocovisual*, tomado de empréstimo da poesia concreta<sup>34</sup>, movimento artístico e cultural iniciado na década de 1950, no Brasil. A referida expressão

---

<sup>34</sup> O movimento da poesia concreta brasileira foi inaugurado por Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari, quando os três fundaram, em 1952, o grupo Noigandres e a revista homônima. “Como um grande guarda-chuva enciclopédico, a poesia concreta assimilou além dos movimentos teóricos e artísticos, o neologismo de James Joyce (palavras-valise como: “riocorrente”, “pretrendentro”, “mentecaptados”), o princípio cinematográfico de montagem (colisão de imagens) de Serguei Eisenstein, a música incidental de John Cage e muitas outras fontes textuais, visuais, sonoras e tecnológicas. É, efetivamente, através da confluência de imagem, forma, ritmo, som e movimento que se concebe o projeto ‘verbivocovisual’. Ao trabalhar de forma integrada o som, a visualidade e o sentido das palavras, a poesia concreta propôs novos modos de fazer poesia, visando uma ‘arte geral da palavra’. A expressão joyceana ‘verbivocovisual’ sintetiza essa proposta.” (Poesia concreta: o projeto verbivocovisual. Belo Horizonte, 2007. Palácio das Artes, 04 a 28 out. 2007. Exposição).

encabeça três dimensões, constitutivas deste estudo, por meio das quais sugiro uma classificação dos itens lexicais neológicos, não como base para uma investigação acerca do Concretismo em si, mas pela contribuição na análise que pretendo fazer do *corpus* nos seus aspectos verbal, fônico e gráfico, que fundamentam as dimensões pretendidas, com seus subitens.

Na esteira dessas reflexões, entram em evidência as obras analisadas pertencentes ao *corpus*, sua circulação na escola dos anos finais do Ensino Fundamental e a relação professor/aluno quando das discussões feitas durante as respectivas leituras. Em outras palavras, significa dizer que as unidades neológicas identificadas merecem estudo nas situações empregadas, de acordo com suas funções e variações, motivo pelo qual não podem ser ignoradas.

Assim, do ponto de vista de sua organização, salientam-se três dimensões: 1. *Verbi*: o caráter palimpsesto das novas unidades léxicas; 2. *Voco*: o cântico das lexias e 3. *Visual*: os malabarismos lexicais.

#### 4.7.4.1 Verbi, a primeira dimensão: o caráter palimpsesto das novas UL

Nessa dimensão, o termo “Verbi” possui caráter palimpsesto, ou seja, aquele representado pela palavra bailarina neológica, a que executa malabarismos de toda ordem na tessitura lexical.

Nessa dimensão verbal, os autores chamam a atenção por seu modo peculiar de escrita, suas intenções possivelmente premeditadas, na tentativa de se desviarem da linguagem comum e imprimir ao seu texto certa marca pessoal, sua forma inusitada de comunicar e exprimir “emoções ou pensamentos”, como indica Monteiro (1991, p. 9). Esses experimentos oportunizam a constatação de que a língua, em especial nos textos literários, transforma-se em grande aliada a seus processos criadores, tanto no nível da palavra, como no da frase ou no do enunciado.

Busco investigar de que modo as novas palavras ou expressões são introduzidas e se manifestam na linguagem, especialmente em contexto específico de comunicação como o literário. Seus aspectos semânticos envolvem como esses novos itens adquirem e transformam significados dentro da língua. Trata-se de uma estratégia rica utilizada pelos autores para atender a necessidades estilísticas especiais a fim de evocar sentidos de maneira inovadora, podendo ter uma variedade de funções e efeitos na obra literária. Nessa instância, é o

momento de considerar e avaliar toda a rede de significação da nova UL e não apenas seus significados mais conhecidos ou mais frequentes.

Do ponto de vista verbal, os neologismos estilísticos na literatura desempenham um papel crucial na inovação linguística, na expressão de novos conceitos e na criação de atmosferas únicas de interpretação dos enredos. Seu potencial expressivo pode ser corroborado, alterado ou subvertido pelo modo como os escritores o empregam no tecido narrativo. Reafirmando o que propõe Cardoso (2018, p. 188), trata-se de valorizar os “aspectos expressivos ligados aos componentes semânticos e gramaticais das palavras, levando-se em conta também sua função sintática e discursiva”.

Eles constituem ferramentas poderosas para professores que desejam explorar a linguagem de maneiras novas e inventivas, oferecendo aos alunos/leitores uma experiência enriquecida e muitas vezes desafiadora. A análise estilística conduzida pelo docente pressupõe, primeiramente, a identificação desse potencial expressivo; em segundo lugar, de que formas o contexto de uso o atualiza.

Nessa dimensão, criei as seguintes subcategorias:

#### **a) Metaludismo**

Os novos itens léxicos apresentam operações metalinguísticas com função lúdica. Nessa subcategoria, a metalinguagem, entendida como “a linguagem sobre a linguagem” (Chalhub, 2001, p. 27) e vista enquanto fenômeno inerente ao universo infantil, consiste no fio condutor da análise dos traços expressivos identificados nas obras pertencentes ao *corpus*. Para a estudiosa, a função metalinguística “pode ser percebida quando, numa mensagem, é o fator código que se faz referente, que é apontado”. E prossegue: “aprender uma língua é sobretudo operar metalinguisticamente” (p. 28).

Portanto, trata-se de um conjunto de marcações compostas por uma gama de estratégias a que recorre o escritor, via narrador, ao criar metalinguagem no interior de acontecimentos envolvendo, por vezes, a comparação, a metáfora e a paráfrase. Em *Sagatrisuinorana*, por exemplo, na passagem “O leitãozinho – <defunto adiado> – que ainda carregou-se de um tanto que ultrapassasse seu próprio guinchar” (p. s/n), ocorre a metalinguagem, pois a composição neológica <defunto adiado> traduz o substantivo “leitãozinho”, aquele que superou e venceu o perigo iminente.

No Ensino Fundamental final, o exercício do metaludismo na análise neológica conduz os alunos à compreensão mais profunda da linguagem e de seu funcionamento e lhes

proporciona a faculdade de refletir acerca de como os textos e as palavras funcionam. Além disso, aprimora suas competências crítica, reflexiva e criativa, pois aprenderão a questionar e a entender melhor os discursos quando o professor os leva a perceberem as estruturas e convenções dos textos. Isso facilita a interpretação, amplia as habilidades de leitura e escrita, além de levar os estudantes a aprenderem a brincar com a linguagem de maneira lúdica e criativa, desenvolvendo, assim, habilidades de expressão que são importantes para a sua formação escolar e pessoal.

Em sala de aula, o professor, tendo o metaludismo como coadjuvante, oportuniza ao seu alunado saber que o conceito de metalinguagem também se aplica não só à língua verbal, como também à corporal, à visual, à sonora, entre outras, proporcionando-lhe a compreensão das interconexões entre diferentes formas de expressão, de modo a alargar seu horizonte cultural e comunicativo.

#### **b) Neo-humor**

As novas unidades lexicais são criadas com a intenção de provocar o riso, instaurando o território propício para dar guarida ao humor. Segundo Liska (2012, p. 3), “O discurso humorístico é uma das melhores formas para a abordagem na sala de aula do processo de (re)criação textual”. Nas obras analisadas, a preocupação não envolve apenas o ato de divertir. Nelas

percebe-se que tanto o emissor como o receptor da mensagem possuem papel ativo na produção do significado, mesmo que este seja diferente para ambos. A seleção das palavras a fim de produzir vários efeitos de sentido proporciona a dinamicidade do texto. (Liska, 2012, p. 3-4)

Os neologismos, no registro baseado no neo-humor, articulam-se com base na combinação de palavras cuja mistura de componentes linguísticos, em um enunciado, projeta várias significações coexistentes em planos semânticos diversos em uma dada frase. O objetivo é expressar o hilário, o cômico, o divertido, o brincar com as palavras com alguns elementos do contexto, mas sem se voltar para a ironia, o pejorativo, o jocoso, o sarcasmo ou a zombaria. Assim, a unidade lexical funciona como uma espécie de gatilho que desencadeia o riso, pois o efeito de sentido humorístico pode ser obtido pela expressividade da lexia. Nesse caso, o tom de humor se concretiza pela exploração de algo envolto em graça, impulsionado pela criação de novas UL ou de novos sentidos para lexias pré-existentes.

Trabalhar com textos de humor na sala de aula evoca uma série de benefícios importantes para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos. O humor é uma ferramenta poderosa que pode ser utilizada para orientar, engajar e estimular o pensamento crítico de maneira divertida, dinâmica, envolvente e significativa,

Esse aprendizado por meio do neo-humor é valioso para aprimorar suas habilidades de interpretação, de produção textual e de criação de novas lexias, à semelhança do que fez o narrador em *A Avó Amarela*. O signo “boca”, por exemplo, adquire novo significado, pois faz convergir para si o sentido de “dentadura”, como se observa no trecho: “A <boca> da minha avó passava as noites de molho num copo, em cima do criado-mudo, sem dizer uma palavra”. (AAA, p. s/n), e que impossibilitava a senhora/personagem de falar, porque estava “sem sua boca”. A analogia da palavra “boca” com “dentadura” e a maneira como o narrador a descreve ao longo da narrativa confere comicidade ao relato.

### c) Lexironia:

O que chama a atenção na unidade neológica enquadrada nessa subcategoria é a ambiguidade, a incongruência, o dizer desdizendo, a contradição entre o que é dito e o que é realmente significado, o falar algo querendo significar outra coisa, com presença, por vezes, do trocadilho. No estudo de obras literárias na sala de aula, a identificação de situações irônicas encoraja e estimula a criança/leitora a ir além da perspectiva que é imediatamente dada pela narrativa. Em alguns casos, a lexironia se faz presente na entonação ofertada por meio de sinais de pontuação, como as aspas, o travessão e o ponto de exclamação.

O importante é o professor orientar o aluno/receptor acerca da diferença entre o literal e o intencional, quando a ironia deve ser percebida sem, no entanto, ser dada como evidente, pois ela ocorre diante da discrepância entre o dito (literalmente) e o que é realmente pretendido. O papel do professor na orientação sobre o que enseja a lexironia é fundamental, pois, segundo Duarte (1994, p. 55),

não há ironia sem ironista, sendo este aquele que percebe dualidades ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciados irônicos, cujo propósito somente se completa no efeito correspondente, isto é, numa recepção que perceba a duplicidade de sentido e a inversão ou a diferença existente entre a mensagem enviada e a pretendida.

A lexironia se faz presente, ainda, em múltiplas situações detectadas nos textos: no uso de um tom aparentemente elogioso ou positivo em contextos negativos; no matiz exagerado,

com valorização da hipérbole; nas reações contraditórias dos personagens; nos contrastes entre o comportamento do personagem e a expectativa do leitor; nas metáforas ou expressões que têm um sentido implícito diferente do seu uso literal, entre outras. Torna-se imprescindível atentar para as relações existentes entre o que é dito e o contexto, os aspectos atitudinais dos personagens, as falas e as formas como o narrador conduz os relatos. Além disso, a lexironia envolve o distanciamento entre o que parece ser verdade e o que realmente é, além de carrear uma crítica, dependendo da intencionalidade existente, viabilizada pelos itens lexicais neológicos identificados.

Em *Drufts*, no trecho “A minha mãe se chama Tusnila. Ela e minha tia Cosmila são irmãs. Minha mãe está grávida. O bebê vai se chamar Dusdimila. O pai do bebê é o <Nunco>, o novo marido da minha mãe”. (p. 18), identifica-se a ironia, inclusive a do destino, pois torna-se possível compreender a representatividade do nome do novo marido da mãe do personagem – <Nunco> – ou seja, aquele a quem o narrador criança chama de pai, mas nunca, jamais será o “pai de verdade” (D, p. 18). O novo item lexical apresenta, portanto, um componente irônico. Assim, quando o narrador o chama de pai, na verdade refere-se a ele como o “não pai”, de acordo com o contexto em que a palavra aparece, perfeitamente coadunado com seu nome: <Nunco>.

#### **d) Literoexpressividade**

Os itens lexicais neológicos, na literoexpressividade, são motivados por processos de criação nascidos da inventividade dos escritores, com ênfase na expressividade da própria palavra ou da frase e nos processos analógicos, para exprimir, de maneira inusitada, uma visão pessoal de mundo. Nessa subcategoria são analisadas as novas palavras considerando-se os aspectos semânticos, ou seja, faz-se o estudo de seus significados e dos efeitos estéticos e estilísticos emanados da tessitura textual. A literoexpressividade ocorre e centraliza-se, portanto, nos recursos de linguagem e seu emprego lúdico, conduzindo o leitor a se concentrar no resultado expressivo e na polissemia dos neologismos e seus significados no tecido narrativo.

Uma atenção especial deve ser dada pelo professor aos procedimentos usados para a criação dos novos itens lexicais no português brasileiro, a partir, principalmente, do entendimento do que seja um neologismo. Muitas das novas palavras resultam da mistura de recursos com vistas a mostrar o funcionamento da língua em plenitude e, também, os seus limites.

Quando o aluno é levado a conhecer os mecanismos de criação neológica, vive experimentos de toda ordem. Cada um, à sua maneira, é surpreendido pela novidade e instigado a inventar outras novas palavras, como se pôde observar em *Drufs*, com os itens lexicais “Fritemburgo”, “fritemburguesa” e “sorvete de fristache”. Por vezes ele se surpreende com a ousadia das criações e, ato contínuo, transforma-se em criador ousado também. De acordo com Paula & Leme (2017, p. 53), a produção de neologismos caracteriza “uma evidência do modo dinâmico como registramos e recuperamos da memória nosso conhecimento linguístico e morfológico”, habilidade aprendida e desenvolvida ao longo da vida e que resulta no desenvolvimento cognitivo por meio do aprendizado da língua.

Na literoexpressividade – a expressividade neológica na literatura – são analisados o discurso ficcional, as novas criações, as escolhas vocabulares, os campos semânticos e os jogos de palavras envolvendo a neologia literária. Pode “condensar uma frase, uma locução, um sintagma, dando ao texto mais agilidade” (Cardoso, 2018, p. 231). Envolve a criatividade lexical centrada nos neologismos estilísticos e sua função discursiva se coaduna com o que orienta Cardoso (2018, p. 192-193) ao se referir a seus criadores: “aproveitam-se [...] para expressar sua ideologia, sua identidade cultural”. A estudiosa atesta, também, a mais valia dos neologismos literários: “muitos [...] aparecem apenas uma vez, mas sua recepção espalha-se ao longo do tempo, e novos leitores podem sempre tomar conhecimento deles.” (2018, p. 193)

Dessa forma, em *Da minha janela*, a literoexpressividade confere à composição sintagmática <sereio do mar>, flexionada neologicamente no masculino e representativa da dualidade sereia/sereio. Denominação quiçá de um ser mitológico não designado no conjunto de crenças da cultura nacional, traz significado plausível caso se pense em um personagem marinho, típico das águas do mar carioca, onde se passam algumas cenas do enredo, e suas manifestações voltadas para o imaginário religioso, cultural e popular do Rio de Janeiro.

Tal escolha lexical torna-se importante no contexto, pois é dado ao leitor conhecer o ambiente carioca em uma de suas faces, por meio da experiência vivida pela personagem narradora que se comporta como um “flâneur”<sup>35</sup> benjaminiano no exercício de seu passeio feito de sua janela. Citando Bakhtin (2003, p. 294), Cardoso orienta que a expressividade “nasce do ponto de contato da palavra com a realidade concreta e nas condições de uma situação real, contato esse que é realizado pelo enunciado individual.” (2018, p. 29)

---

<sup>35</sup> Walter Benjamin descreveu o *flâneur* como a figura essencial do espectador urbano moderno, um detetive amador e investigador da cidade.

#### 4.7.4.2 Voco, a segunda dimensão: o cântico das lexias

Na segunda dimensão, o termo *Voco* conota o “cântico das lexias”, ou seja, nas novas unidades lexicais são valorizadas por seus aspectos sonoros. A escolha vocabular recai sobre o seu valor essencialmente acústico, dinâmico e expressivo, pelo paralelismo entre o som e o sentido que projetam, com soluções muito originais, no contexto em que estão empregadas. Trata-se de mais uma forma de trabalhar a língua portuguesa na sala de aula, com o aproveitamento das relações estabelecidas nos campos lexical, semântico e sonoro da palavra. A leitura das obras literárias indicadas pelo professor deve explorar, portanto, a musicalidade recorrente nas novas lexias e como estas são grafadas nos variados gêneros.

As UL são criadas por intermédio dos recursos oportunizados pelos sistemas fonético/fonológico da língua, nas suas multivariadas faces. Nesse sentido, como orienta Ramos (1972, p. 45), “a utilização de elementos sonoros como recurso expressivo [torna] a ‘pintura sonora’ um meio estilístico fundamental”. Os elementos sonoros também desempenham um papel crucial na criação e na eficácia dos neologismos, influenciando não apenas a forma como as novas palavras são percebidas, mas também como elas funcionam no contexto linguístico e cultural. Na sala de aula, neologismos com uma sonoridade agradável ou marcante tendem a ser mais memoráveis e atraentes. A combinação de sons pode tornar a nova palavra mais fácil de lembrar e pronunciar, pela associação de sons que são fáceis de articular e têm uma sonoridade envolvente.

Quando se valoriza a sonoridade dos novos itens lexicais, é possível perceber que os empregos de padrões rítmicos e melódicos dos autores soam naturais e fluem bem na fala. Além disso, palavras que têm um ritmo agradável são frequentemente mais aceitáveis e adotadas com maior facilidade, constituindo um elemento facilitador para seu entendimento no ato da leitura. Isso ocorre porque certos sons podem transmitir conotações específicas ou evocar certas imagens. Por exemplo, palavras com sons mais suaves e fluidos podem sugerir leveza ou elegância, enquanto sons mais duros e abruptos podem transmitir força ou intensidade.

Na sala de aula, quando o professor trabalha com as novas lexias, com certeza precisa instigar os estudantes a observar que a presença de sons específicos em algumas palavras pode influenciar a sua resposta emocional. Em certos casos, inclusive, os alunos percebem que sons distintos ajudam a diferenciar um neologismo de outras palavras existentes na língua, evitando confusão e assegurando que o novo item se destaque no seu vocabulário, tornando-se uma palavra mais natural no seu cotidiano, a fim de perceberem como uma

determinada sonoridade reflete a precisão e a formalidade do discurso, enquanto neologismos informais podem representá-la de maneira bem mais descontraída e acessível.

Nesse particular, os elementos sonoros integrantes dos neologismos são fundamentais para a sua aceitação e eficácia na sala de aula. A sonoridade identificada nos novos itens lexicais influencia sobremaneira a expressão emocional, tornando-os mais impactantes e funcionais no aprendizado da língua.

Diante de tal singularidade, proponho as subcategorias:

#### **a) Novissom**

Nessa subcategoria, em que se destacam as onomatopeias, enquadram-se as criações de novos sons e elementos acústicos, representadas por ruídos, gritos, estalidos, enfim, um sem-número de formações que privilegiam a sonoridade das unidades neológicas. Uma de suas contribuições diz respeito a desenvolver a competência e a consciência lexicais, assim como a competência comunicativa, e isso tem sido um grande desafio para o professor do vernáculo.

Nesse âmbito, levar o aluno à construção de uma leitura significativa a partir do diálogo verbo-visual presente em textos literários e a se dar conta, dentre certos elementos da linguagem, do valor expressivo das onomatopeias e de outros componentes sonoros neológicos encontrados nas obras literárias certamente favorecerá a compreensão e a interpretação textuais. Além disso, existirá uma oportunidade para transformar o estudante em um leitor/construtor de sentidos para o que lê, assumindo seu protagonismo como sujeito histórico pensante.

No novisson, os recursos acústico-onomatopaicos ensejam a representação do oral no escrito ofertando ao discente a possibilidade de considerar o ritmo, a entonação e demais recursos prosódicos, além de proporcionar lhe experiências sensoriais auditivas. Ele terá, também, oportunidade de compreender diferentes possibilidades de uso da língua face à associação de sons e sentidos existente entre as palavras. Nessa subcategoria encontram-se, também, os aportuguesamentos e as tentativas de aproximação gráfico-sonoras entre a palavra ou expressão de determinado idioma com a língua materna.

A experiência sinestésica, advinda da fusão entre o verbal, o sonoro e o semântico, deixa de ser uma sequência de frases lidas silenciosamente e passa a constituir uma experiência multissensorial que coloca em evidência o olhar e o acústico, promovendo a fusão entre som e a forma gráfica da palavra.

Assim, em *Drufts*, o nome do hamster de quem a avó do personagem Tusto mais gosta – o <RARARÁ> (D, p. 6) – sugere representar uma onomatopeia da risada e cujas sílabas, justapostas, trazem expressividade e harmonia nessa construção neológica. A grafia da palavra em caixa-alta pode ser entendida, na pronúncia, como uma representação acústica da gargalhada em voz alta, emitida pela avó quando brinca com o animalzinho.

## **b) Sonorolexia**

A sonorolexia denota outro tipo de imagem acústica habitual usada pelos autores. Nessa subcategoria, a palavra é por si só “cantante”, pois nasce de recursos oportunizados pelo sistema fonético-fonológico da língua, nas suas múltiplas variações. Dá guarida, também, às sinestésias, na medida em que os novos itens lexicais se constroem a partir da associação de sensações proporcionadas pela sonoridade dos fonemas constitutivos dos neologismos, a partir de uma combinação de sons e/ou sílabas inusitados.

Na sonorolexia, a disposição das letras a fim de significar o som reproduzido torna-se um recurso fundamental para complementar a ideia pretendida, fornecendo, ainda, ação e movimento aos relatos. Com isso, as representações sonoras constituem elementos linguísticos vivenciados no cotidiano dos alunos, seja por meio da oralidade, seja por escrito, ou através de recursos verbais e visuais, relacionados à forma como as palavras estão escritas/representadas nos contextos em que aparecem.

Os estudantes são direcionados, ainda, a conhecer, de modo mais aprofundado, o processo neológico de formação de palavras no português contemporâneo representado por esses recursos fonológicos. Construir o sentido das novas lexias relacionando sons e palavras e interpretando componentes acústicos é desenvolver no alunado uma habilidade essencial para a formação de segmentos cognitivos, pois eles passam a entender que a parte verbal das palavras é indissociada do elemento sonoro e vice-versa.

Diante disso, o sentido global a ser decifrado dependerá das relações estabelecidas por meio da articulação dessas duas linguagens: a verbal e a sonora. Para tanto, o professor precisará desenvolver nos estudantes habilidades de interpretar e compreender, nos textos, a presença desses neologismos de modo mais amplo. E, ao inventá-los durante as atividades em sala, saberão utilizar recursos acústicos bastante expressivos. O docente os orientará a construir e a utilizar estratégias enunciativas para identificar a construção semântica dos

novos itens lexicais nos textos lidos assim como a empregá-las naqueles produzidos por eles próprios.

Em *Drufs*, por exemplo, a sonorolexia pode ser identificada no signo “murchô” que se transforma em <Murchum>, nome do tio do personagem-criança, o único que “não fala de festa” e “tem depressão”. Nesse novo item lexical, a repetição do fonema /u/ seguida da nasalização silábica final tornam a palavra cantante, pois lembram o ruído do balão se esvaziando até murchar.

#### 4.7.4.3 Visual, a terceira dimensão: os malabarismos lexicais

*Visual*, a terceira dimensão, contempla o que estou nomeando de malabarismos lexicais. Similares aos neologismos gráficos, as novas unidades lexicais correspondem a vários artifícios empregados pelos escritores, entre os quais a fragmentação do signo, além do emprego de símbolos, de imagens, de ícones, enfatizando a presença da palavra bailarina/malabar mencionada anterior, que vai marcar estilisticamente a produção textual dos ficcionistas.

Os aspectos óticos e visuais desempenham um papel significativo na recepção e na aceitação de neologismos, influenciando como os novos itens lexicais são percebidos e por vezes se tornam parte do vocabulário do dia a dia do alunado. Esses aspectos envolvem a forma como os neologismos se apresentam visualmente e como esses elementos visuais podem contribuir para sua compreensão.

Na sua forma inovadora de grafar, os autores de textos literários ofertam novas formatações para as letras e fonemas, promovendo alterações gráficas exemplificadoras de malabarismos lexicais de toda ordem, razão pela qual ainda não encontram guarida nos dicionários.

Para se avaliar a importância do estrato óptico na grafia dos novos itens lexicais é necessário considerar que eles, segundo se apresentam nos textos, deixam de existir nas instâncias de significação pretendidas pelos autores caso as palavras sejam escritas simplesmente conforme aparecem nos dicionários ou ainda com outros tipos de caracteres que não os escolhidos. Eles organizam as novas unidades lexicais de maneira a desenhar a figura daquilo que elas procuram representar, pois o elemento visual funciona como significante adicional, uma voz a mais na polifonia do texto. Pode-se afirmar ainda que, além de

acrescentarem uma nova dimensão às novas lexias, escritores e poetas, por vezes, podem sair da norma para serem os criadores de um cossistema morfológico.

Torna-se importante salientar que o estrato óptico sobressai na grafia e na constituição imagética das novas lexias e proporciona a conjugação funcional de elementos diversos: cores, tipografias, composições. Sem dúvida, esse novo desenho gráfico caracteriza um conjunto de estímulos que favorece a recepção e a produção de sentidos por parte dos destinatários do texto. Assim, a ocupação do espaço branco do papel com a palavra-imagem conecta o público leitor às mais variadas interpretações, advindas ora de jogos polissêmicos, ora de plurilinguismos oportunizados pelas novas grafias.

A mensagem visual e escrita por vezes “brinca” com os signos, ofertando-lhes originalidade devido ao apelo visual, criado pelos artistas da palavra, que culmina na exploração sintagmática. As estratégias de criação, suas escolhas lexicais, conseqüentemente, oportunizam leituras persuasivas em que a ocupação espacial com o neologismo possui muita relevância, face a toda a rede de significados gerada a partir da composição gráfica e de seus efeitos de sentido. Desse modo, amplia-se a expressividade, nascida das técnicas de construção da nova lexia.

Neologismos que têm uma aparência visual atraente ou que são bem apresentados em materiais gráficos tendem a causar uma impressão mais forte e duradoura nos alunos. Isso pode ajudar a promovê-los como constituintes importantes da leitura sugerida e a garantir que eles se destaquem na sua mente por transmitirem familiaridade e reconhecimento. Nesse âmbito, o estilo gráfico pode ajudar a solidificar o neologismo na mente estudantil. Além disso, aspectos óticos e visuais, construídos a partir de um design visual atraente e bem pensado, podem aumentar a visibilidade e o impacto do neologismo, consolidando sua contribuição enriquecedora para a interpretação, o que ajuda a garantir sua receptividade e mais valia.

Assim, para a palavra neológica analisada nessa terceira dimensão, adotei as seguintes subcategorias:

#### **a) Ludigrafismo**

Nessa subcategoria, o neologismo gráfico expressa a tentativa lúdica de comunicação formal e um meio de representação e simbolização visual capazes de conduzir o receptor ao deciframento de sentidos oportunizados pela nova lexia.

Para identificá-lo, o professor deve orientar os alunos a observarem a palavra

neológica não apenas como um veículo de significados, mas também enquanto um elemento visual que poder ser manipulado para criar novas lexias, a fim de provocar a interação entre texto e imagem. Trata-se de um trabalho de experimentação executado pelos escritores cujo propósito imediato é organizar as palavras na página, onde o arranjo gráfico, a disposição das letras, sua distribuição e ordem no papel constituem elementos essenciais na construção literária e criam efeitos visuais que ampliam o sentido do texto.

No ludigrafismo verifica-se uma aproximação com a língua oral, pois a situação comunicativa é instantânea, econômica e imediata. O autor escreve como se estivesse dialogando com um personagem ou mesmo com o receptor. Detecta-se a expressividade e o impacto emocional oportunizado pela nova palavra por meio de jogos de linguagem realizados em diferentes níveis – gráfico, morfológico e de formação de palavras –, pois, conforme já destaquei em alguns momentos deste estudo, os escritores “brincam” com a forma de escrever e de falar. É possível dizer que, ao adotar tal procedimento lúdico, emprega-se o uso não canônico da linguagem e isso permite ao artista da palavra mostrar suas habilidades inventivas para expressar sua personalidade linguística individual que o distingue de outros autores.

Assim, o ludigrafismo se faz presente, por exemplo, não apenas na palavra “Sonhozzz”, que dá título ao livro, como também na ilustração de Daniel Kondo para o trecho “Pra gente sentir aquela tontura maluca quando a magrela <d i s p a a a a r a>”. (SO, p. s/n). Notadamente o novo item lexical não se altera quanto à grafia ou à acentuação, mas existe uma reduplicação do fonema “a”, provavelmente na tentativa de transmitir a maneira de falar do usuário da língua ao enfatizar o seu passeio rápido, eletrizante e frenético juntamente com as pedaladas.

Todavia, tal repetição torna-se indicativo de que há, de fato, uma ênfase quanto à velocidade empreendida pelo veículo de duas rodas no seu deslocamento espacial, ofertando dinamicidade ao sentido pretendido. A esse respeito, orienta-nos Biderman (1998, p. 103): “como os falantes utilizam as palavras livremente para etiquetar seus próprios processos de conceptualização, o significado estático das palavras registrado pelos dicionários não parece restringir as atividades cognitivas dos falantes”. Se a autora/falante tivesse escrito somente “dispara”, o efeito de sentido destoaria do estado emocional empreendido para dar significação ao relato. Nesse caso, a língua escrita faz sobressair o sentimento demonstrado com os recursos da língua oral. Além disso, vale ressaltar que se trata de um neologismo justamente porque, da forma como está grafada, a palavra “dispara” não será encontrada nos dicionários mencionados em nosso *corpus* de exclusão.

## **b) Malabarismo lexical**

Nessa subcategoria identificam-se experimentos de toda ordem, por vezes até incompreensíveis; alguns deles surgem para testar a imaginação do destinatário, por exigirem dele inúmeras associações a fim de atingirem a decodificação. No universo da ficção, tal malabarismo incorpora um experimento verbal criado para não só conferir expressividade à nova lexia como também a fim de evocar a palavra malabar, aquela que executa acrobacias com os fonemas para gerar o sentido pretendido.

Incorpora-se o malabarismo léxico-semântico na medida em que se identifica um experimento verbal criado pelos autores efetivamente possível no universo imaginoso e fantasmagórico da literatura para as infâncias e surge para testar a imaginação do leitor e instigá-lo a decodificar seu significado.

No malabarismo lexical, a organização espacial das palavras, para além do ludigrafismo, sofre modificações na sua disposição tanto do ponto de vista vertical quanto horizontal a ponto de sugerir novas leituras e interpretações. A palavra passa a ser vista não somente como uma sequência linear e será distribuída em movimentos, de forma dinâmica no espaço branco do papel, de acordo com a ideia que o autor deseja expressar. A nova lexia nasce da manipulação dos fonemas que deságua na fragmentação dos signos e realça a inventividade da ação criativa para dar vez e voz ao neologismo.

Na passagem “O almoço era seguido de café, depois os filhos se revezavam entre os cochilos e as rodadas de buraco comandadas pelo <grande-vencedor-do-campeonato-do-bar-da-rodoviária>, o meu avô”, transcrita de *A Avó Amarela*, o personagem é muito mais do que um jogador de cartas comum. Ele é sempre o vencedor, ou porque joga bem ou porque os filhos sempre deixam-no ser o protagonista do carteadado. No contexto de uso, percebe-se graficamente a representatividade do hífen na escrita do sintagma para determinar esse evento: a provável representação visual de como as cartas do baralho estão dispostas nas mãos do personagem, percebida pelo emprego do referido sinal separando as palavras da UL, vistas como massa gráfica, às quais a estrutura morfológica confere expressividade ao relato. Sob ótica do malabarismo lexical, o efeito óptico avoluma o sentido pretendido.

Na sala de aula, quando o professor esclarece para seus alunos que, se a autora grafasse

“grande vencedor do campeonato do bar da rodoviária”, mais comum à sua realidade, o efeito de sentido seria outro, distante daquele desejado significar. Nesse caso, a nova lexia credita à passagem uma representatividade própria, única, ou seja, um caráter de exclusividade, que desagua na valorização do significado contextual.

Um realce precisa ser dado às ações do professor em sala de aula quando considera esse tipo de material lexical, pois ele atesta a necessidade de um trabalho mais abrangente com os neologismos gráficos enquanto resultado da criatividade de escritores e poetas. O uso ocasional dessas UL no discurso literário, por meio de jogos de linguagem, destaca a sua função expressiva e lhe confere caráter de ludicidade. Envolve os receptores com a leitura e chama a atenção para pontos-chave do processo comunicativo, transformando a leitura literária, inclusive, um momento de descontração e ludicidade.

A partir dessas três dimensões e considerando-se a estrutura mórfica do léxico do português do Brasil, as novas unidades lexicais encontradas no *corpus* procurarão indicar os processos mais produtivos de formação de palavras, além de clarear que, na literatura para as infâncias, os novos itens lexicais configuram situações recorrentes merecedoras de investigações mais aprofundadas. Por outro lado, as subcategorias propostas não devem ser vistas nem constituem entidades estanques, podendo coexistir na mesma palavra ou expressão neológica.

Doravante, considerando-se o Quadro 2, a proposta inicial, portanto, diz respeito a uma investigação dos neologismos encontrados no *corpus* por meio do léxico possível, cujas invenções se baseiam nas regras morfológicas da língua. Pretendo realizar a recolha de neologismos vocabulares nas obras literárias investigadas no âmbito da neologia formal. Esta constitui um processo muito produtivo presente nos textos literários por conta dos mecanismos morfemáticos que proporcionam a produção de unidades novas no léxico, pois ocorrem por meio de “regras do próprio sistema linguístico, com a utilização de procedimentos formais internos no nível morfológico, sintático e fonológico” (Ferraz & Silva Filho, 2016, p. 12-13).

Esses elementos estão contemplados, a seguir, nos itens de “a” a “e” da *Ficha léxico-semântica modificada* (Quadro 3), que se baseiam em normas já existentes na língua para classificação de neologismos.

a) Lexia	b) Fonte	c) Manifestação do lexema (contemplados pela tradição / teoria das lexias, de Bernard Pottier)	d) Abonação	e) Recurso(s) para a formação neológica	f) Classificação, segundo as Categorias Neolúdicas	g) Análise léxico-semântica e discursiva; sentido pretendido, a partir do contexto de uso
----------	----------	--	-------------	---	--	---

Fonte: a autora.

No Quadro 3, a inserção da coluna “f” – “Classificação, segundo as **Categorias Neolúdicas**” – indica o caráter de novidade da minha proposta, porque, com essa categorização, pretendo fornecer aos professores uma possibilidade de análise de neologismos literários, de caráter estilístico, em obras de ficção voltadas para as infâncias. Ao elencar os itens “e” e “f”, ratifico a minha propositura de análise conjunta dos neologismos identificados no *corpus* com a contribuição linguística e literária, cuja culminância desagua no item “g” do referido quadro, e que ratifica os pressupostos da minha abordagem, momento carreado pela análise léxico-semântica das novas UL.

#### 4.8 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

Concluída a recolha, a catalogação e a distribuição dos neologismos na *Ficha léxico-semântica*, passo à etapa interpretativa de cada um, para lhes conferir significado mais amplo a partir da leitura, sob um olhar analítico baseado e respaldado nos pressupostos teóricos considerados para esta etapa. Concomitantemente, busco compreender os seus sentidos, analisando-os no contexto linguístico em que apareceram e as exclusividades expressivas, empregadas nos discursos dos narradores e dos personagens, para designar os campos semânticos que esses neologismos revelam no conjunto de cada obra analisada. Nesse particular, a pesquisa dialoga com os conhecimentos oriundos não apenas dos estudos do léxico como, especialmente, da literatura, consultados em produções de caráter acadêmico.

Ao proceder às formulações dos campos semânticos, tive a acuidade de abolir a ideia de caracterizar uma arbitrariedade advinda de meu comportamento como analista. Por isso, considero os neologismos em si para depois compreender o campo semântico com os sentidos pretendidos que os lexemas evocavam.

Conforme salientei anteriormente, chamo a atenção em especial para o fato de que os neologismos circunscritos aos rótulos linguísticos, associados às **Categorias Neolúdicas**, não ficam aprisionados àquele determinado apontamento, sendo possível ocuparem mais de uma categoria.

Feito todo esse percurso, o próximo passo desemboca no estudo crítico-reflexivo das amostras, conforme demonstro no capítulo a seguir, a fim de compreender melhor suas informações e, a partir delas, proceder à análise qualitativa dos dados e seus resultados, ciente de que, conforme propõe Queirós (2004, p. s/n), “As palavras sabem muito mais longe”.

## **5 ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA E DISCURSIVA DOS DADOS: “LUGAR ONDE CABEM QUASE TODAS AS CORES DO MUNDO”<sup>36</sup>**

*Para entendermos um livro, temos que passar a mão na pele do papel, sentir os contornos das letras e, depois, imaginar o que está além da casca das palavras. Toda palavra espera, dentro dos livros, para ser tocada. Ao tocarmos uma palavra com os olhos do sentimento, ela também nos toca.*

Bitarães Netto

Nesta pesquisa, pretendo aplicar ao *corpus* uma análise dos neologismos que alia as perspectivas léxico-semântica e estilística à descrição dos aspectos linguísticos e morfemáticos, ação que venho propondo de forma sistemática ao longo deste estudo, cujo construto alia língua e literatura para a consecução da análise neológica. Esse procedimento justifica ter optado por me inscrever em uma linha de pesquisa linguística no meu doutorado. Mais uma vez ratifico que um dos meus propósitos como pesquisadora é uma união entre a

---

<sup>36</sup> Do livro **A Avó Amarela**, de Júlia Medeiros.

escrita acadêmica e a literária, tanto assim é que me permiti empregar neologismos na redação da minha tese, inclusive nos paratextos e em alguns títulos e subtítulos.

Reconheço não ser possível compreender uma lexia de forma isolada, pois ela está sempre a serviço de um enunciado. Da mesma forma, apre(e)nder a significação de um discurso diz respeito a considerar as circunstâncias de comunicação efetivadas, em face de o contexto extralinguístico nem sempre se fazer explícito. Barbosa (1981, p. 105) enfatiza esse pressuposto: “Para que possamos depreender seu verdadeiro sentido, isto é, seu valor de comunicação específico, toda a informação que o emissor do texto quis transmitir, é necessário que recorramos ao contexto extralinguístico”.

Nesse trabalho de análise das UL considero as circunstâncias de produção dos enunciados, pois o julgo de fundamental importância para chegar ao alcance do sentido pretendido pelos autores no contexto de uso dessas novas lexias e ao seu valor comunicativo. Assim, conforme já mostrei anteriormente, além da descrição dos mecanismos existentes, identificados a partir da contribuição da língua, disponíveis no léxico dos falantes e que facultam a construção de novas palavras, as quais também pretendo analisar conforme preconizam as **Categorias Neolúdicas**, recorrendo a explicações necessárias, além de me servir de referencial teórico com citações de estudiosos para embasar minha argumentação.

A amostra que representa a totalidade dos neologismos encontrados no *corpus* é de 63 (sessenta e três) novas lexias. Por se tratarem de criações neológicas estilísticas, possuem caráter meramente literário, dado não serem de uso geral por uma comunidade linguística. Porém, seu valor é incontestável como manifestação linguística que segue os padrões lexicais da língua, mesmo quando circunscritas aos textos literários, como nas cinco obras vencedoras do Prêmio Jabuti, entre 2017 e 2022. Reafirmo o que salientei antes: nem todos os neologismos presentes no *corpus* foram aproveitados na versão final deste estudo. Conforme também elucidei, fiz um levantamento prévio e selecionei os mais representativos, ou por conta do aspecto linguístico referente às construções inusitadas ou pela carga expressiva observada no contexto discursivo onde aparecem.

Essas novas unidades lexicais, portanto, merecem tratamento neste estudo por representarem novidades semânticas e, em alguns momentos, não há como analisá-las de forma isolada, fora de um contexto. Por isso, em dados momentos da minha seleção, elas aparecem reunidas e estudadas em conjunto no mesmo sintagma.

Por fim, importa esclarecer que, nas cinco obras analisadas, as novas UL representam lexias de aparição única, integrando o conceito derivado do grego denominado *hapax legomena*. Esse termo é usado na linguística e na literatura para se referir a palavras ou formas

que aparecem apenas uma vez em um determinado *corpus* de texto ou em um autor específico. No meu estudo, esse conceito é crucial para entender a variação e a riqueza do vocabulário nas obras vencedoras do Prêmio Jabuti assim como a análise linguística e literária sugerida por mim para os neologismos. Conforme esclarece Biderman (1998, p. 176), os *hapax legomena* identificados nos cinco livros, todavia em maior número em *Drufs*, de Eva Furnari, são, em grande parte, substantivos, eventualmente adjetivos e, em menor índice, verbos, mas bastante comuns no gênero literário, responsável por registrar um alto índice de itens léxicos raros.

Ainda de acordo com a estudiosa, essas lexias buscam representar especificidades estilísticas e a inventividade dos autores, resultantes da busca de inovação, de necessidade de transgressão do código linguístico e da valorização do seu fazer, características típicas da arte: “O artista viola a norma por razões estéticas, aproveitando as virtualidades de criação que o sistema lexical lhe permite e propicia. O criador literário deseja exatamente não escrever como o vulgo e evita o vocábulo banal, usual” (Biderman, 1998, p. 176).

Reconhece-se, portanto, ser a linguagem literária uma fonte significativa para o estudo dos *hapax legomena*, pois, além das questões estilísticas, armazena um sem-número de construções morfológicamente complexas e por vezes únicas, fenômeno recorrente em meu *corpus* de investigação.

Alcanço, assim, a fase de apresentação e análise dos neologismos nas cinco obras literárias vencedoras do Prêmio Jabuti entre 2017 e 2022.

### 5.1 NEOLOGISMOS NO LIVRO *DRUFS*, DE EVA FURNARI (2017)

1. <RARARÁ>

Figura 6 – Família Gorrinhos



Fonte: Livro *Drufs*, p. 6

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexêmica.

**Abonação:** “Minha mãe prefere gatos e minha avó gosta mesmo é do hamster dela, o RARARÁ”.

**Formação neológica:** criação onomatopaica; reduplicação.

**Categoria Neolúdica:** novissom.

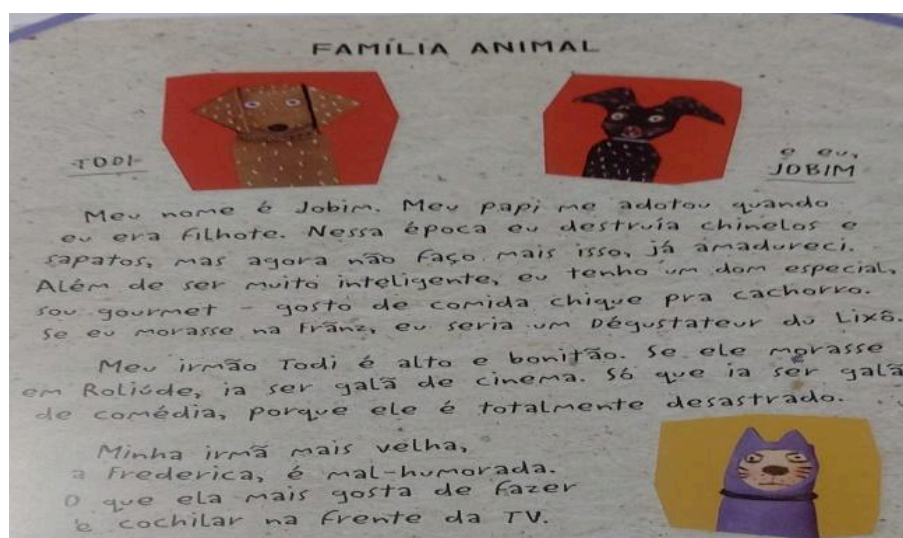
**Sentido:** nome de um animal de estimação.

**Análise léxico-semântica:** Na “Família Gorrinhos”, a avó de “Tusto”, o menino personagem, tem um bicho preferido – o hamster <RARARÁ> – cujo nome pode ser entendido como uma onomatopeia da risada e cujas sílabas, justapostas e duplicadas, trazem expressividade e harmonia nessa construção neológica. Significa dizer que, “quando se encontra no texto um conjunto de modulação sonora obtido pela repetição de fonemas, de palavras, de frases, [...] pode-se falar em harmonia imitativa. (Cardoso, 2018, p. 176). Segundo Alves (2002, p. 12), uma criação onomatopaica desse tipo “está calcada em significantes inéditos” e “se baseia numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos ou gritos”. Associando-se o som do nome do bichinho com a sua imagem, e como orienta Alves (2002, p. 12), infere-se que o significado de <RARARÁ> não é “imotivado”, pois o desenho do hamster surge engraçado, provoca risos no leitor, cujo enfeite na cabeça lembra a figura de um parafuso borboleta. Observa-se que Eva Furnari soube utilizar elementos sonoros e visuais de forma a “desenhar” o nome do animal com delicadeza e clareza, cumprindo o que Durand & Bertrand (1975) recomendam para livros que utilizam figuras de animais a fim de tratar de questões de interação entre adultos e crianças, um dos assuntos mais comuns na literatura infantil contemporânea: “Pois é finalmente sobre a graça destes mundos humanizados que

repousa boa parte de seu sucesso junto à criança” (p. 56). Por outro lado, o **novissom** se manifesta na grafia da palavra em caixa-alta e remete à sua pronúncia em voz alta, imitando, conforme preconizam os pressupostos onomatopaicos, o som da risada: “construída com base em uma sequência inédita de fonemas, mas, motivada por um som que se quer representar linguisticamente, a onomatopeia pode ser considerada um dos tipos de criação neológica propriamente dita” (Cardoso, 2018, p. 177). Esses aspectos acústicos e a representação sonora da risada enquadram esse novo item lexical na categoria **novissom**.

## 2. <Dégustateur du Lixô>

Figura 7 – Família Animal



Fonte: Livro *Drufs*, p. 7

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “Se eu morasse na Fränz, seria um <Dégustateur du Lixô> (p. 7).

**Formação neológica:** Composição sintagmática; hibridismo.

**Categoria Neolúdica:** novissom.

**Sentido:** cachorro gourmet.

**Análise léxico-semântica:** Na “Família Animal”, Jobim é um cachorro cujo “papi” o adotou “quando era ainda filhote” (D, p. 7). Na passagem “Se eu morasse na Fränz, seria um <Dégustateur du Lixô> (p. 7), a ideia de cunhar a expressão sintagmática “degustador do lixo” nasce do fato de o personagem ser um “gourmet”. Assim, <Dégustateur du Lixô> corresponde a uma tradução bem-humorada, jocosa e, ao mesmo tempo, irônica e pejorativa, pois, se no Brasil Jobim gostava de “comida chique pra cachorro”, na “Fränz”, isto é, na

França, ele seria um degustador de “iguarias” encontradas no lixo, ou seja, provavelmente um cãozinho em situação inferior e subalterna na classe social dos cachorros. Trata-se de uma lexia polilexemática, em que se colocam lado a lado duas lexias: “degustateur” e “lixô”. A primeira palavra da expressão está grafada em língua francesa. Na segunda parte, observa-se uma brincadeira aludindo a uma tentativa de aportuguesamento de “du Lixô”, uma aproximação foneticamente afrancesada. Assim, o início do sintagma neológico caracteriza um estrangeirismo; o final, um afrancesamento de uma expressão brasileira. Salienta-se um sistema linguístico, o francês, emprestando “elementos léxicos ao português contemporâneo” (Alves, 2002, p. 75). Por sua vez, identifica-se uma inovação semântica cujo sentido é oportunizado por uma palavra francesa e uma expressão brasileira afrancesada e deslocada de sua grafia original: “du lixô” / “do lixo”. Além disso, ocorre uma tentativa de aproximação gráfico-sonora entre a expressão advinda do francês com a correspondente na língua materna que enquadra essa nova lexia na categoria **novissom**.

### 3. <Roliúde>

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “Se [meu irmão] morasse em <Roliúde>, ia ser galã de cinema” (p. 7).

**Formação neológica:** empréstimo.

**Categoria Neológica:** ludigrafismo.

**Sentido:** cidade imaginária de personagens famosos.

**Análise léxico-semântica:** A lexia <Roliúde> evoca uma brincadeira gráfico-sonora para se referir, analogicamente, a uma cidade imaginária que abriga artistas também nascidos da ficção, como Todi, personagem do relato. Na “Família Animal”, ele é irmão de Jobim. Seu aspecto estético, “alto e bonito”, oferta-lhe semelhança física com os grandes astros do cinema americano, no qual, por consequência, ganharia o papel de galã, em Hollywood, distrito da região central de Los Angeles, Califórnia, cidade símbolo do *show business*. <Roliúde>, uma lexia simples, mantém a base sonora gramatical do idioma de que provém, pois permanece como substantivo. Representa um empréstimo linguístico deslocado de sua grafia original caracterizando também uma inovação semântica. Observa-se a busca de comunicação formal para provocar a aproximação fonético-acústica entre o vocábulo estrangeiro, nome da região estadunidense, e seu suposto correspondente sonoro em português do Brasil. No contexto empregado, segundo Alves (2002, p. 79), esse novo item

lexical adquire outro valor semântico e se torna polissêmico, pois remete ao nome não de uma cidade real, mas de uma localidade fictícia, cujos moradores e/ou visitantes são, entre outros, personagens famosos. Essa nova palavra remete à categoria **morfoexpressividade** porque, além do elemento expressivo na sua construção, verifica-se a inovação na forma, produzindo efeito bem-humorado no momento da pronúncia.

#### 4. <Família Ui>

Figura 8 – Família Ui



Fonte: Livro *Drufs*, p. 8.

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexemática.

**Abonação:** “Família Ui”. (p. 8)

**Formação neológica:** composição sintagmática; neologismo semântico.

**Categoria Neolúdica:** novissom.

**Sentido:** família dolorida.

**Análise léxico-semântica:** O segundo elemento do sintagma neológico <Família Ui> exemplifica uma onomatopeia interjetiva inserida na categoria dos neologismos fonológicos: a lexia <Ui> caracteriza um grito breve de dor. Na ilustração que encabeça a página, a forma gráfica das iniciais do título dessa narrativa remete a essa ideia: o fonema “F” traz, na sua representação, o desenho semelhante a pontos dados em machucados; e a vogal “U”, algo similar a um curativo feito com esparadrapo. A narradora, Zizi Ui, é uma criança e demonstra preocupação com o trabalho do pai e dos tios em sua fábrica de canivetes. Por isso, os personagens têm nomes que transitam no campo lexical da dor: <Tio Dó>, <Tio Dói> e <Tio



distribuída no espaço branco do papel. O referido vocábulo gráfico constitui uma lexia simples, indivisível, e adquire novas propriedades semânticas. A novidade vem do referente, o novo objeto assim nomeado – “comemoração malabarista de um evento” –, muito mais amplo e significativo do que o de “festa” no seu sentido dicionarizado. Constatase, ainda, com a sua criação, um conjunto de ações mobilizadas por um mesmo fim: enfatizar algo, isto é, o assunto preferido daquela família. Nesse evento, o novo item lexical, formado por uma única base, é destituído de imobilidade, surge desenhado com um novo modo de escrevê-lo no texto literário e executa movimentos similares aos de uma dança ou ao deslocamento das pessoas em um dado espaço de diversão. Nesse sentido, além da disposição gráfica inusitada, esse neologismo, não encontrado, em sua forma de grafar, nos dicionários contantes do nosso *corpus* de exclusão, enseja, por seus aspectos enfático e estilístico, nova forma de comunicar, artisticamente, uma ideia já conhecida na nossa cultura: o ato de comemorar e festejar. A propósito, Biderman (1998, p. 103) ajuda a compreender esse fenômeno neológico tendo em vista a escolha lexical da autora, Eva Furnari: “(...) como os falantes utilizam as palavras livremente para etiquetar seus próprios processos de conceptualização, o significado estático das palavras registrado pelos dicionários não parece restringir as atividades cognitivas dos falantes”. Seguindo o pensamento da estudiosa, o **ludigrafismo** se manifesta na lexia em face do dinamismo que o elemento gráfico confere à sua escrita.

6. <Murchun>

**Manifestação da lexia:** simples, monolexemática.

**Abonação:** “O único que não fala de festa é o tio Murchun. Ele tem depressão”. (D, p. 10)

Figura 10 – Tio <Murchun>



Fonte: Livro *Drufs*, p. 10

**Formação neológica:** recurso fonológico; criação onomatopaica.

**Categoria Neolúdica:** sonorolexia.

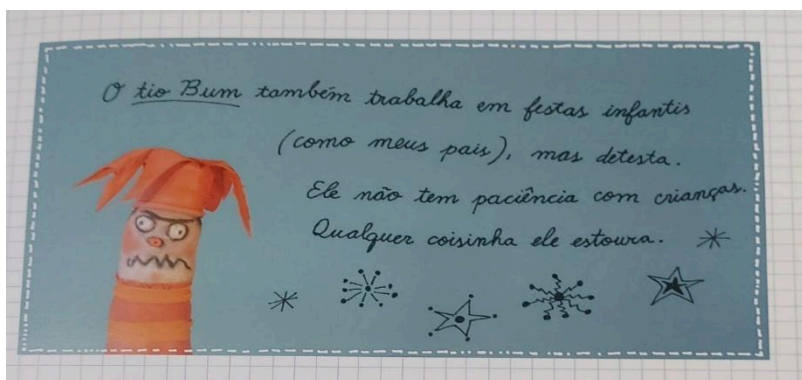
**Sentido:** pessoa desprovida de alegria e de vivacidade.

**Análise linguística:** No livro *Drufs* (2017), outra família é a “Balum”. Sonoramente, o substantivo próprio remete a “balão”, dado seus membros serem muito festeiros. Tanto assim é que a palavra “festa”, conforme demonstrado antes, ocupa graficamente três linhas da narrativa, disposta em forma ondulada de movimento no tecido textual, para dar a ideia de dinamicidade transmitida por esse substantivo, um dos “assuntos preferidos da família” (D, p. 11). <Murchum>, uma unidade léxica substantivada, mas proveniente de um adjetivo, representa uma lexia neológica formada a partir de uma base única – murch – que recebe transformação no nível do significante (murcho/murchum), provocando alteração no item lexical (Alves, 2002, p. 12). De forma imediata, o receptor estabelece, analogicamente, o sentido pretendido porque a substituição da vogal final “o” pelo fonema “u”, nasalizado (un). Na sua construção, apresenta uma sonoridade que destoa da vivacidade familiar e desagua em uma palavra nova criada para dar significação oposta, já implícita no signo “murcho”, que se transforma em <Murchum>, para nomear o tio do personagem-criança, o único que “não fala de festa” e “tem depressão”. Nesse sentido, há um traço irônico no nome do personagem, pela ênfase a uma particularidade específica – o fato de se parecer com um balão murcho –, contrapondo-se à característica alegre e jubilosa da “Família Balum”. Esse novo item lexical se enquadra na categoria **sonorolexia**. A repetição do fonema /u/ seguida da nasalização silábica tornam a palavra “cantante”, pois lembram o ruído do balão se esvaziando até murchar. Em *Drufs*, torna-se importante observar que os nomes próprios se manifestam na obra de modo recorrente e de diversas maneiras. Todavia, o saliente na formação de cada nova lexia é “o ludismo verbal presente [...] em relação aos nomes próprios não convencionais”

(Machado, 2006, p. 146), como é o caso de “Murchun” entre vários outros ao longo das narrativas. Por meio da manipulação expressiva de elementos gramaticais ou da (re)criação de elementos lexicais, surgem possibilidades infinitas, pois nomeiam-se “coisas, animais, situações e, principalmente, pessoas, de modo a individualizá-los, mas mantendo o humor e/ou lirismo característicos de sua linguagem. Assim, tais nomes são significativos por si mesmos.” (2006, p. 146). Na esteira do pensamento da autora, configura-se e se aplica no livro o que a estudiosa preconiza.

## 7. <Bum>

Figura 11 – Tio <Bum>



Fonte: Livro *Drufs*, p. 11

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “O tio <Bum> também trabalha em festas infantis. [...] Qualquer coisinha ele estoura”. (p. 11)

**Formação neológica:** criação onomatopaica.

**Categoria Neológica:** novissom.

**Sentido:** animador de festas arrelento e barulhento.

**Análise léxico-semântica:** A “Família Balum” é festeira. O tio <Bum> anima festas infantis, mas, segundo o narrador, detesta seu ofício. Diante de qualquer intercorrência, “ele estoura” tal como uma bexiga inflável ao ser furada. Figurativamente, a associação ao verbo “estourar” remete a seu comportamento atitudinal por não se conter nas suas emoções e gritar bem alto. Seu nome também se aproxima sonoramente do som produzido pelo estampido de um artefato explosivo. A expressão onomatopaica <Bum> se baseia, conforme salienta Alves (2002, p. 32), “numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada” e o ruído que

representa, ou seja, alude à característica irritadiça do personagem. No estudo fonostilístico, as construções onomatopaicas são dotadas de expressividade. Palavras foneticamente motivadas como a exemplificada denotam a face representativa da linguagem por meio de pinturas sonoras e se transformam, segundo Martins (2000, p. 38), em “um processo lúdico agradável ao ouvido”, especialmente quando encontrada em um texto literário. A sonoridade da palavra, unida às demais da Família Balum, enriquece a experiência de leitura e estimula a imaginação da criança/leitora, motivo pelo qual essa UL pode ser analisada como pertencente à categoria **novissom**, ao criar, também, uma sensação de novidade e encantamento.

## 8. <Tico Tampinha>

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexemática.

**Abonação:** “Meu nome é <Tico Tampinha>. A coisa que mais gosto de fazer é estudar a vida dos insetos”. (p. 12)

**Formação neológica:** composição sintagmática.

**Categoria Neolúdica:** neo-humor.

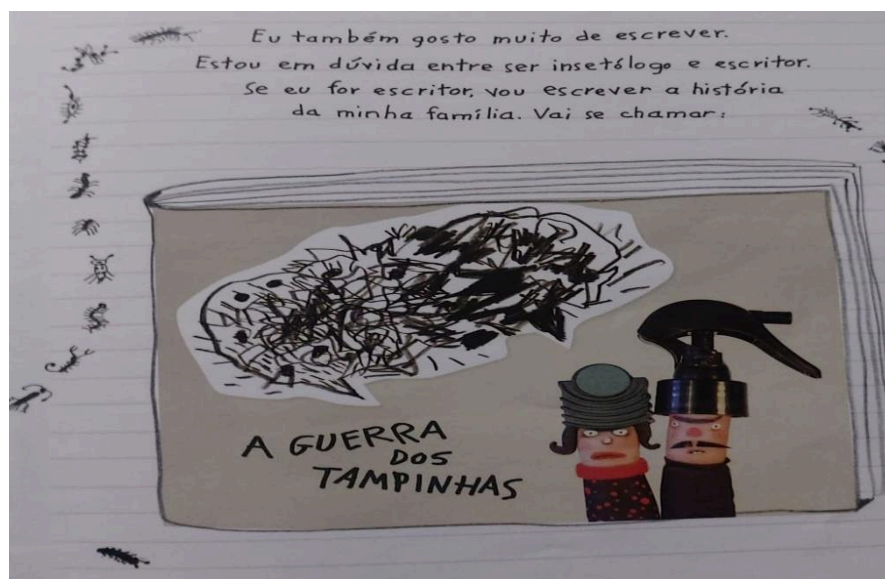
**Sentido:** criança muito pequena, tiquinho de gente.

**Análise léxico-semântica:** A unidade lexical sintagmática nominal “Tico Tampinha” nomeia o menino personagem da “Família Tampinhas” e se constitui de um determinado – <Tico> – seguido de um determinante – <Tampinhas>. Segundo expõe Barros (2007, p. 399), trata-se de “um grupo de lexemas e morfemas gramaticais (palavras nocionais e gramaticais) não ligados por hífen”. Os dois componentes parecem apresentar aspectos de adjetivo, embora se possa admitir que ambos mantêm, formalmente, a natureza de substantivos, por sua especificidade de nomes próprios. Por outro lado, também é possível atribuir ao segundo substantivo uma função adjetival. Nos registros dicionarísticos, “tico” significa “pedacinho”, e “tampinha”, na linguagem popular, “indivíduo de baixa estatura”. “Tico” ainda remete ao substantivo masculino “tiquinho”, que é seu diminutivo. Nesse caso, o nome da personagem, composto por diminutivos, um neologismo estilístico, faz jus ao que ela representa na narrativa: uma criança ainda de pouca idade. A composição sintagmática neológica <Tico Tampinha> se insere na categoria **neo-humor** porque desafia normas e convenções, levando a novas e inesperadas combinações. Palavras engraçadas ou lúdicas muitas vezes são mais facilmente lembradas e compartilhadas entre as crianças leitoras. O humor traz leveza e engenhosidade ao processo linguístico, tornando novas palavras não apenas úteis, mas também agradáveis e memoráveis. O caráter cômico da narrativa pode surgir por meio do

jogo de palavras, da criatividade e do *nonsense*. Nesse sentido, Lya Luft (2004) compartilha o impacto que as histórias podem gerar: “O mundo não tem só coisas preciosas, sérias e complicadas, mas muitas coisas engraçadas e maravilhosas... Para quem souber olhar direito e abrir seu coração para elas” (2004, p. 39).

## 9. <Guerra dos Tampinhas>

Figura 12 – A <Guerra dos Tampinhas>



Fonte: Livro *Drufs*, p. 12

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “Se eu for um escritor, vou escrever a história da minha família. Vai se chamar: <A Guerra dos Tampinhas>.” (p. 13)

**Formação neológica:** composição sintagmática.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** referência ao título hipotético de uma narrativa ficcional.

**Análise léxico-semântica:** Na composição sintagmática <Guerra dos Tampinhas> identificam-se duas sequências de palavras circunscritas no ambiente sintático, dado possuírem uma estrutura de constituintes diferentes, formada por um item léxico determinado e outro determinante (Dubois *at al.*, 2014, p. 170-171). Sintoniza-se com outros títulos de livros voltados para o público infantil e juvenil como “A guerra dos bichos”, de Luiz Carlos Albuquerque, “A guerra do pão com manteiga”, de Dr. Seuss, e “A guerra das formigas”, de José Mavíael Monteiro, para citar alguns. Também guarda semelhança sonora com “Guerra de

tampinhas”, um jogo infantil feito com material reciclável, cujo propósito é o de colocar todas as tampas metálicas de garrafas de refrigerantes e outras bebidas dentro do espaço do adversário para haver um vencedor na peleja. Como o próprio nome evoca, a “Família Tampinhas” tem esse atributo porque seus componentes representam essas peças móveis com que se cobre alguma coisa, como remédios, produtos de limpeza, xampus, entre outros. Diferentemente do que sugere o jogo, por se tratar de uma brincadeira, “Tico Tampinha”, um dos personagens da história, embora ainda criança e distante da ideia de diversão ensejada pelo jogo, pensa em algo mais sério para seu futuro: deseja ser um insetólogo, pois o que “mais gosta de fazer é estudar a vida dos insetos” (D, p. 12), ou um escritor, para “escrever a história da [sua] família” (D, p. 13). Por outro lado, no contexto de uso, não se emprega o termo “tampinhas” no sentido pejorativo nem depreciativo, como, por vezes, ele pode ensejar. Essa composição sintagmática ajusta-se harmonicamente à categoria **literoexpressividade**, pois pode ser o ponto de partida para o desenvolvimento de práticas leitoras junto às crianças, além de se configurar como um convite à brincadeira com os sons e as ideias que compõem a sua formação.

#### 10. <insetólogo>

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemáticas.

**Abonação:** “Estou na dúvida entre ser <insetólogo> e escritor”. (p. 13)

**Formação neológica:** derivação sufixal; hibridismo.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

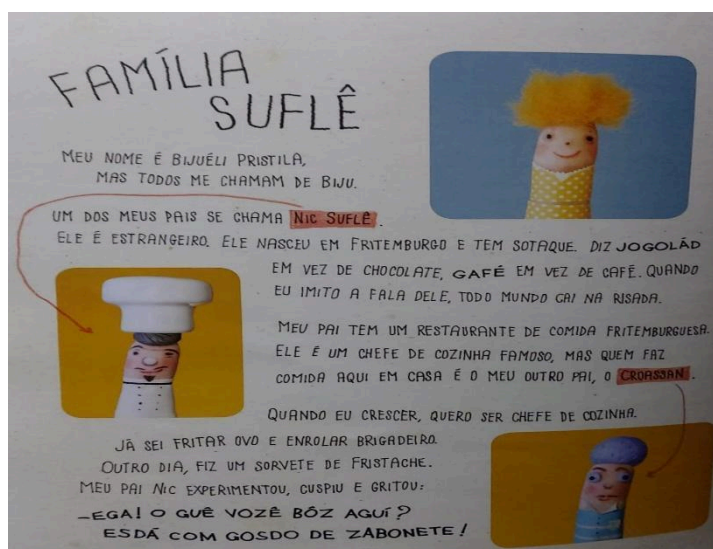
**Sentido:** especialista fictício em insetos.

**Análise léxico-semântica:** A lexia <insetólogo> é formada pelo processo de derivação sufixal. O sufixo “logos” apresenta significado amplo, todavia, no contexto em que foi empregado, remete à noção de “estudioso” ou “especialista”. O garoto da “Família Tampinhas” diz textualmente: “A coisa que eu mais gosto de fazer é estudar a vida dos insetos” (D, p. 12). Nessa nova unidade lexical, a base “inseto” une-se ao referido sufixo formador de substantivos. Como orienta Cardoso (2018, p. 225), muitas vezes, os autores, no seu processo de criação, buscam “unir à base justamente o sufixo inesperado, explorando a situação de conflito entre o sistema e o uso. O sistema permite mais de uma forma, o uso, consagra e privilegia uma”. Com base nesse pressuposto, é possível compreender, portanto, a inventividade processada na criação dessa nova unidade lexical substantivada, pois o registro

dicionarístico traz “insetologista”, profissional versado em insetologia, privilegiando o sufixo -ista, enquanto o narrador se refere ao estudioso dos insetos usando o sufixo -logos para criar uma forma neológica inesperada: <insetólogo>. Insere-se na categoria **literoexpressividade** pela manipulação linguística que permite à criança/leitora dominar a palavra escrita, explorar suas possibilidades, desvendar seu sentido e experimentar prazer nesse convívio. A lexia “insetólogo” faz com que ela reconheça a criatividade da autora na maneira de trabalhar a construção da palavra, aproveitando a imensa gama de recursos linguísticos da língua materna de forma instigante e original. E também que as combinações – inseto + logos – resultam de marcas próprias que alcançam efeitos surpreendentes com fatos simples da língua, operacionalizados com mestria e expressividade.

### 11. <Bijuéli Pristila>

Figura 13 – Família Sufle



Fonte: Livro *Drufs*, p. 14

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexemática.

**Abonação:** “Meu nome é <Bijuéli Pristila>, mas todos me chamam de <Biju>”. (p. 14)

**Formação neológica:** composição sintagmática.

**Categoria Neolúdica:** malabarismo lexical.

**Sentido:** nome próprio feminino fictício.

**Análise léxico-semântica:** <Bijuéli Pristila> é a menina que deseja ser chefe de cozinha “quando crescer”, tanto que já sabe “fritar ovo e enrolar brigadeiro” (D, p. 14). Pertence à “Família Suflê” e seu nome lembra aqueles encontrados em cartórios de diferentes regiões brasileiras, mistura bastante inusitada de montagens onomásticas estranhas e, por vezes, engraçadas. Embora a criação desses nomes seja motivada por distintas motivações, no caso da personagem, seu primeiro nome nasce, provavelmente, da junção do substantivo comum “biju” com a terminação /-éli/, a exemplo de nomes próprios como Jucieli, Emanuéli, Gracieli, Francieli, entre outros. A base “biju”, variação de “beiju”, no universo dos chefes de cozinha e dos gourmets, representa o bolo de tapioca ou mandioca, típico da culinária brasileira. A terminação /-éli/ parece funcionar como um adjetivo, já que a personagem é uma criança pequena, chamada apenas de Biju, um caso de redução. Esse primeiro nome da garota, por lembrar algo comestível, mantém sintonia com a profissão do pai, um hipotético chefe de cozinha famoso, conhecedor e apreciador de iguarias internacionais. Já o segundo componente da lexia lembra “Priscila”, nome muito popular em países do mundo todo, especificamente nas comunidades mais modernas. A mudança de grafia, na troca do “sc” pelo “t”, vai ao encontro da formação onomástica fora do comum – “Pristila” – oportunizada pela semelhança gráfica com o nome próprio feminino. Trata-se de um malabarismo lexical, criação onomástica originada de substantivos. Considerando-se o contexto de uma narrativa literária como *Drufts*, a criação desse neologismo é motivada pela junção de substantivo + substantivo em que os dois “unidos somam-se e integram-se. Mais do que o significado de um e de outro, é o significado de ambos que provoca o efeito de sentido” (Cardoso, 2018, p. 235). Ao criar o nome da personagem, a autora transforma os fonemas da língua em verdadeiros malabares, os quais ela vai manipulando e experimentando na construção da palavra até chegar ao arranjo final. Por isso ele se enquadra na categoria **malabarismo lexical**.

**12. <Nic Suflê>**

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexemática.

**Abonação:** “Um dos meus pais se chama <Nic Suflê>”. (p. 14)

**Formação neológica:** composição sintagmática.

**Categoria Neolúdica:** neo-humor.

**Sentido:** apelido de nome masculino.

**Análise léxico-semântica:** O nome do pai de Bijuéli Pristila é <Nic Suflê>. Nessa expressão sintagmática neológica, o primeiro elemento é uma abreviação que consiste na redução da forma da unidade lexical Nikolas/Nícolas, substantivo próprio bastante apreciado para nomear crianças, nascidas em famílias estrangeiras e também brasileiras, devido à sua sonoridade agradável. O prenome, “Nic”, um apelido comum e de uso familiar, pode ser considerado um hipocorístico, palavra criada com intenção carinhosa e afetiva. O sobrenome “Suflê”, um galicismo do particípio passado do verbo francês *souffler*, remete ao campo lexical da gastronomia e está associado a uma preparação culinária tanto doce quanto salgada. Identifica-se o processo de conversão, a derivação imprópria, pois a autora, ao criar o sintagma neológico <Nic Suflê>, sugere atribuir ao substantivo “Suflê” uma função adjetival, culminando na mudança da classe gramatical do referido termo. Além disso, guarda sintonia sonora com “gourmet”. No enredo, ele é dono de um restaurante e “chefe de cozinha famoso” (D, p. 14). Sua procedência estrangeira o caracteriza como alguém cuja pronúncia das palavras e das frases se torna engraçada e faz todo mundo cair “na risada” quando diz, por exemplo: “jogolád”, “gafé”, “Esdá com gosdo de zabonete”. (D, p. 14). Trata-se de uma sequência lexicêmica inusitada, no entanto bem-humorada. Segundo atesta Cardoso (2018, p. 30), “Em se tratando do uso criativo do léxico, [...] a exploração dos significados de forma original faz com que uma palavra possa ter seu campo semântico ampliado ou, ainda, modificado”. A brincadeira gerada pelo trocadilho sonoro “suflê”/“gourmet” e a maneira de falar de Nic Suflê conferem ao texto um traço bem-humorado, razão pela qual o nome do personagem faz parte da categoria **neo-humor**. Conforme sugere Gurgel (2002, p. 7), “O autor encontra brechas na língua, apresenta alternativas ao leitor de ler nos entremeios, brinca com as palavras, joga com os sentidos”. Para a estudiosa, “O leitor preenche (ou não) as brechas deixadas pelo autor, abre outras e, se for professor, multiplica as possibilidades de leitura, oferece novos caminhos” (p. 7).

### 13. <Fritemburgo>

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “Ele nasceu em <Fritemburgo>. (p. 14)

**Formação neológica:** composição por aglutinação; hibridismo.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** país imaginário das frituras.

**Análise léxico-semântica:** A nova lexia – <Fritemburgo> –, cuja possível tradução é “País fictício das frituras”, decorre da aglutinação de duas bases, caracterizando um hibridismo, e nomeia uma cidade imaginária, onde nasceu <Nic Suflê>. Na primeira base, o verbo “fritar” aparece flexionado e modificado de propósito para indicar uma situação plural, representativa de um lugar cujos habitantes são reconhecidos pelas iguarias que produzem, principalmente as relacionadas a frituras. A ideia de localidade se completa com a segunda base – “burgo” –, palavra vinda do latim *burgus*, cujo significado remete a uma pequena fortaleza povoada muitas vezes por nobres e cercada com muralha de proteção. A partir dessas projeções, a UL pode ser enquadrada na categoria **literoexpressividade** porque a autora fabrica “uma nova unidade lexical” [ofertando a ela] uma significação diferente” (Cardoso, 2018, p. 189), daí a originalidade da criação.

#### 14. <fritemburguesa>

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “Meu pai tem um restaurante de comida <fritemburguesa>”. (p. 14)

**Formação neológica:** derivação sufixal; hibridismo.

**Categoria Neológica:** literoexpressividade.

**Sentido:** originária de Fritemburgo.

**Análise léxico-semântica:** O item lexical <fritemburguesa> exemplifica um adjetivo gentilício hipotético designativo de quem se origina de “Fritemburgo”, país imaginário onde nasceu <Nic Suflê>, pai de <Bijuéli Priscila>. Compõe-se de duas bases – frit (ar/em) e burg – às quais se inseriu o morfema lexical gerador, no caso, o sufixo nominal -esa, de origem latina, para formar o adjetivo que exprime proveniência ou naturalidade. No contexto em que foi empregado, o referido adjetivo indica a procedência da comida feita e servida no restaurante da “Família Suflê”. É possível inferir que o cardápio oferecido naquele ambiente se origina de <Fritemburgo>, o país hipotético das frituras. Nesse caso, na formação da nova lexia a autora de *Drufs* comporta-se como uma “experimentadora linguística” (Cardoso, 2018, p. 224), pois a novidade reside no fato de ela unir o sufixo -esa a uma base inesperada, ao explorar a criação do novo item lexical de forma inusitada no contexto, resultando em um caso de **literoexpressividade**.

15. <Croassan>
----------------

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “...quem faz comida aqui em casa é o meu outro pai, o <Croassan>”. (p. 14)

**Formação neológica:** empréstimo.

**Categoria Neolúdica:** neo-humor.

**Sentido:** nome próprio masculino.

**Análise léxico-semântica:** A unidade lexical neológica <Croassan>, cujo significado é “crescente”, representa a forma aportuguesada de “croissant”, massa folhada em formato de meia-lua. Ao contrário do que muitos pensam, não se trata de uma iguaria francesa. Atribui-se sua origem aos padeiros austríacos, mais especificamente os de Viena. A grafia, modificada em relação à original e adaptada graficamente, refere-se a um substantivo comum que se transforma em substantivo próprio, para nomear o outro pai da menina <Biluéli Pristila>, na verdade aquele quem cozinha na casa da “Família Sufê”. O nome se insere no campo lexical da culinária e exemplifica um recurso fonológico com uma variação causada no significante, “em consequência de uma relação analógica” (Alves, 2002, p. 12). O termo “Croassan”, ainda que alterado na sua grafia, mantém e preserva, na pronúncia, a sonoridade da palavra de origem. A escolha lexical torna-se bem-humorada, na medida em que a nova palavra, assim como <Fritemburgo>, prima pelo *nonsense*, pela ausência de compromisso com o discurso lógico, racional, mostra-se muito comum nos textos literários, conferindo ao texto o que, nas **Categorias Neolúdicas**, denomina-se **neo-humor**. A comicidade repousa, portanto, no trabalho de construção das palavras, a partir dos recursos oferecidos pelo idioma. E mais: segundo apregoa Gurgel (2002, p. 7), “nas obras de Literatura Infantil o humor não visa a um único significado, mas forma um ciclo de sentidos, uma cadeia significativa que desafia a unidade e estabelece a diversidade”.

16. <fristache>
-----------------

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “Outro dia, fiz um <sorvete de fristache>”. (p. 14)

**Formação neológica:** por analogia a pistache.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** tipo de gelado.

**Análise léxico-semântica:** A menina <Bijuéli Pristila> exercitou seus dotes na cozinha do restaurante da “Família Suflê” criando o que ela denominou de <sorvete de fristache>. A nova lexia permanece no campo lexical do verbo “fritar” e guarda uma semelhança sonora com pistache, um fruto seco verde do qual se faz “sorvete de pistache”. Em <fristache>, tem-se um neologismo formado a partir do verbo fritar, em analogia a “pistache”. Na expressão sintagmática em que ocorre, o primeiro elemento, o substantivo determinado “sorvete”, é proveniente do vocabulário da culinária. Já o segundo, o elemento determinante, é o que “imprime um caráter específico ao sintagma” (Alves, 2002, p. 55): “de fristache”. Trata-se de uma nova iguaria no ramo dos gelados: sorvete de fristache. Considerando-se a sua procedência, é possível identificar um contraste na sua denominação, pois o que é comumente gelado, o sorvete, parece resultar de um modo de fazer frito, de existência possível no mundo de fantasmagorias da mundividência e das histórias infantis. A **literoexpressividade** se faz presente quando se reconhece a ocorrência analógica existente nesse processo de formação neológica e que ocorre, conforme nos orienta Ferraz (2023, p. 67) “por meio do espelhamento de uma forma anterior, entendendo-se que a formação analógica gerada não implica necessariamente o desaparecimento da forma que lhe serviu de fonte”. Ainda segundo o pesquisador e lexicólogo, “a analogia deve ser identificada na relação que une as formas entre si, como salientou Saussure (1978)” (Ferraz, 2023, p. 66).

17. <Borbolébulas>

Figura 14 – Família <Borbolébulas>



Fonte: Livro *Drufs*, p. 15

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexemática

**Abonação:** “Família <Borbolébulas>. Minha mãe, borboleta. Meu pai, borboleta. Minha irmã, boboleta. Eu, libélula”. (p. 15)

**Formação neológica:** palavra-valise.

**Categoria Neolúdica:** sonorolexia.

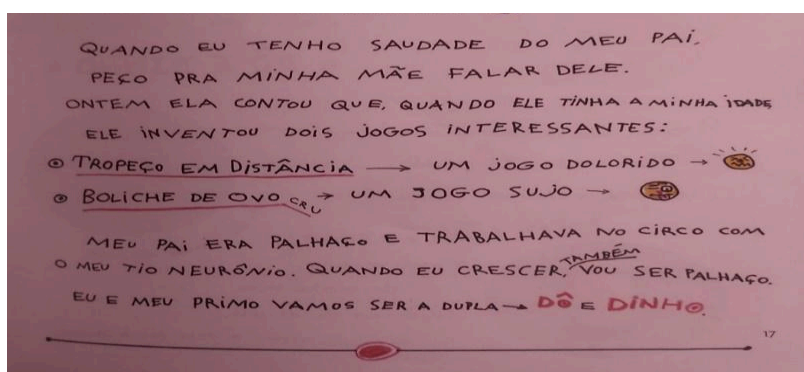
**Sentido:** libélulas que um dia serão borboletas.

**Análise léxico-semântica:** Três dos componentes da “Família Borbolébulas” – pai, mãe, adultos, e a irmã, adolescente – são borboletas. O quarto elemento, um personagem criança, é uma libélula. Assim, tal como o inseto, o infante vive os processos de mudança, transformação e adaptação próprios de sua idade. Faz sentido, portanto, uma comunidade mista ser denominada de <Borbolébulas>, uma palavra-valise neológica, forma amalgamada também chamada de *blend* ou *portmanteau*, formada por duas bases – “borboleta” e “libélula” –, nas quais ocorre uma redução. Assim, as bases, segundo Alves (2002, p. 69), “são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico”. Portanto, nessa nova lexia, parte de cada uma é destituída de seus elementos constitutivos, ou seja, a primeira, da sua parte final, e a segunda, da inicial. Nesse processo de fusão das duas bases substantivas, surge um novo item lexical criado por meio de um cruzamento vocabular. O neologismo <Borbolébulas> surge do encontro inusitado de dois insetos que chamam a atenção por sua

beleza. O elemento inusitado diz respeito à junção das duas UL, que confere ao neologismo uma característica “cantante” na pronúncia desse novo item lexical, ou seja, uma **sonorolexia**, subcategoria para classificar a palavra criada pela mente imaginosa da autora.

### 18. <Tropeço em distância>

Figura 15 - <Tropeço em Distância>



Fonte: Livro *Drufts*, p. 17

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “[Meu pai] inventou dois jogos interessantes: <Tropeço em distância>, um jogo dolorido...” (p. 17)

**Formação neológica:** composição sintagmática.

**Categoria Neolúdica:** metaludismo.

**Sentido:** jogo cujo mote é a saudade.

**Análise léxico-semântica:** Quanto a esse neologismo, o garoto narrador, “Dô Zum”, refere-se a um jogo criado por seu falecido pai. Trata-se de uma composição sintagmática neológica, criada a partir da transformação de significados, segundo Alves (2002, p. 62), “sem que se opere nenhuma mudança formal [nas] unidades léxicas já existentes”. No caso, essa nova lexia não tem guarida nos dicionários. A alteração no conjunto de semas que nomeia o jogo hipotético ocorre estilisticamente, pois a expressão, com a mudança nas bases formais, metaforiza o sentimento de saudade face ao seu atributo “dolorido”. Por se tratar de um jogo, é possível dizer que suas várias etapas são escalonadas e em gradação referenciando lembranças e formas de (re)visitar o tempo da infância, via memória, e seus momentos marcados pela saudade. Na tentativa de compreender o que Polguère (2018, p. 61) denomina de “composicionalidade semântica”, parece contraditório o sentido do enunciado do sintagma,

na medida em que “tropeços” pressupõem algum tangível, próximo, imediato, e “distâncias” enseja exatamente o contrário. Por oportuno salientam-se que as descrições e as menções feitas à “Família Zum” e aos dois jogos criados pelo pai aparecem ilustradas com emojis. O **metaludismo** pode ser identificado no uso do código para nomear o jogo.

**19. <Boliche de Ovo Cru>**

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “Boliche de ovo cru, um jogo sujo”.

**Formação neológica:** composição sintagmática.

**Categoria Neolúdica:** metaludismo.

**Sentido:** diversão imunda.

**Análise léxico-semântica:** Segundo Cardoso (2018, p. 127), “todas as palavras estão cercadas por uma rede de associações que as ligam com outras”, entre as quais a semânticas, baseadas nos sentidos que evocam. Nesse caso, a composição sintagmática neológica <Boliche de ovo cru> expressa uma escolha lexical da autora de *Drufts* que revela, no discurso literário, uma situação própria da mundividência infantil, o folguedo, porém em um contexto no qual a criação da brincadeira hipotética diz de um universo imaginoso e, ao mesmo tempo, próprio da inventividade da criança: um jogo de boliche cujas bolas de madeira, no mundo fantasmagórico do infante, transformam-se em ovos crus, sinalizam e nomeiam “um jogo sujo”. Consequentemente, ainda na esteira de Cardoso (2018, p. 128), essas escolhas lexicais “constroem representações, usando conhecimentos armazenados na memória social”, transportando o leitor para momentos similares aos seus e de um tempo passado, o da infância. Portanto, considerando-se a ordem de suas unidades formadoras, nessa neologia sintagmática, segundo Alves (2020, p. 50), “à base determinada” (“boliche”) seguem-se as determinantes (“ovo”, “cru”) entre as quais a preposição “de” serve como elemento de ligação, enquadrando a UL no **metaludismo**, pois, no contexto, o narrador usa as palavras para explicar o significado do nome do jogo.

**20. <Dô e Dinho>**



Fonte: Livro *Drufs*, p. 18

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “Quando eu crescer, vou ser palhaço. Eu e meu primo vamos ser a dupla: <Dô e Dinho>. (p. 17)

**Formação neológica:** truncamento/redução.

**Categoria Neolúdica:** neo-humor.

**Sentido:** dupla de palhaços.

**Análise léxico-semântica:** A ocorrência dos dois nomes – <Dô e Dinho> – encerra um jogo de palavras que nasce do adjetivo “doidinho”, este sim com registro dicionarístico. O desmembramento da palavra em Dô + Dinho produz um efeito curioso e engraçado para o leitor pela presença do trocadilho. Propp (1992, p.120) conceitua-o como “uma brincadeira baseada no emprego cômico de palavras semelhantes quanto ao emprego, mas diferentes quanto ao significado”. Nesse caso, o adjetivo diminutivo – “doidinho” – transforma-se em substantivos próprios, nos quais o elemento lúdico prevalece. Instaura-se a região do riso, principalmente pelo fato de os itens léxicos referenciarem os nomes de uma dupla de palhaços, enquadrando-se na categoria **neo-humor**. Ressalta-se que tanto o adjetivo quanto os nomes dos personagens ensejam uma brincadeira bem-humorada com as palavras, sem assumir um caráter ofensivo, negativo ou pejorativo. Esse procedimento estilístico pode ser explicado por aquilo que nos orienta Cardoso (2018, p. 157), citando Leminski: o artista da palavra “utiliza o recurso de tirar uma palavra de dentro de outra”, ou seja, “Dô e Dinho saem de “doidinho”, adjetivo que, desfeito, surge truncado e ressemantizado. A primeira apresenta

uma base – *doid* – à qual se une o sufixo *-inho*, caracterizando uma derivação sufixal. Já com os nomes formados por redução, a ampliação do léxico se dá pela mudança de classe gramatical, pois “*Dô*” e “*Dinho*” formam substantivos próprios. Por outro lado, concordo com Araos (2016, p. 259) quando afirma: “O léxico também contribui para o humor, pois o autor ousa incluir neologismos e distorções das palavras em sua forma e significado como recursos de verossimilhança, bem como de criatividade e humor”<sup>37</sup>.

## 21. <Nunco>

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “A minha mãe se chama Tusnila. Ela e minha tia Cosmila são irmãs. Minha mãe está grávida. O bebê vai se chamar Dusdimila. O pai do bebê é o <Nunco>, o novo marido da minha mãe”. (p. 18)

**Formação neológica:** por flexão de gênero e mudança de classe.

**Categoria Neolúdica:** lexironia.

**Sentido:** pai não biológico.

**Análise léxico-semântica:** À luz da exposição de Alves (2002, p. 83), “Ao criar um neologismo o emissor tem, muitas vezes, plena consciência de que está inovando, gerando novas unidades léxicas”. Tal fenômeno ocorre com a nova lexia <Nunco>. Esse item lexical nasce de uma base adverbial – “nunca” –, flexionada neologicamente no masculino para gerar um substantivo próprio, nomeando um dos personagens da “Família Klaun”. Assim, nesse processo, verifica-se a renovação lexical a partir da mudança da classe gramatical da palavra, gerando uma formação inusitada, causadora de estranhamento no receptor (Alves, 2002, p. 46) e estilisticamente encontrada nos textos de ficção. Ainda segundo a estudiosa, “essa sensação de neologia traduz-se graficamente por processos visuais”, entre eles o uso da letra maiúscula, empregada para “realçar o resultado da criatividade lexical” (2002, p. 83). Nesse caso, é possível compreender a representatividade do nome do novo marido da mãe do personagem, ou seja, aquele a quem ele chama de pai, mas nunca, jamais será o “pai de verdade” (D. p. 18). O novo item lexical apresenta, portanto, um componente irônico, com

<sup>37</sup> “El léxico también contribuye al humor, al atreverse la autora a incluir neologismos y distorsión de vocablos en su forma y significado como recursos de verosimilitud a la vez que de creatividad y humor”. (Tradução minha)

intenção satírica, “pelo caráter incomum da associação” (Alves, 2002, p. 46), podendo ser identificado como um caso de **lexironia**.

## 22. <Shampulândia>

Figura 17 – <Shampulândia>



Fonte: Livro *Drufs*, p. 20

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “[Meu pai] não mora aqui, mora em <Shampulândia>. (p. 20)

**Formação neológica:** derivação sufixal.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** país dos xampus.

**Análise léxico-semântica:** “Xampu”, denominação correta na norma ortográfica brasileira, representa uma livre tradução do termo inglês “shampoo”. Quanto à sua procedência, acredita-se ser derivada de uma palavra hindi, “chhamna”, cujo significado é massagear. Em nosso idioma, o sufixo “lândia” exprime a ideia de espaço territorial. Trata-se de uma adaptação feita com o elemento germânico *land*, presente não apenas em diversos topônimos internacionais, como “Disneylândia”, “Tailândia”, “Groenlândia”, como também em nacionais, entre eles “Uberlândia”, “Brasilândia”, “Varzelândia” e “Divinolândia”, para citar alguns. Alves (2002, p. 39) faz menção a “novos sufixos” que têm despontado na imprensa brasileira” e “ocasionado curiosas formações em português” e a quem denomina “falso

sufixo” (2002, p. 39-40). À luz de seus ensinamentos, é possível considerar o sufixo -lândia como exemplo desses afixos. Como se observa, a autora de *Drufs* demonstra conhecimento e sabe como usar o referido sufixo e ainda que sentido ele pode conferir à nova palavra criada: uma cidade imaginária chamada <Shampulândia>. À base – *Shampu* –, acrescenta-se o sufixo -*lândia* – que designa o país de onde vêm os membros da “Família Tabela Blu” e no qual se fala o “shampulês”. O menino dessa família chama-se “Tufo Tabela Blu”, e a mãe, “Tuna Tabela”, é dona de um salão de beleza. Os referidos nomes próprios, similarmente escritos segundo a pronúncia infantil, remetem ao campo lexical capilar e fazem jus ao país dos xampus. Todos esses aspectos apresentados para explicar a criação desse novo item lexical caracterizam a formação denominada **literoexpressividade**, de acordo com as **Categorias Neolúdicas**.

### 23. <coisólogo>

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “Meu pai é <coisólogo>. Ele estuda as REBIMBOCAS das PARAFUSETAS”. (p. 22)

**Formação neológica:** derivação sufixal.

**Categoria Neolúdica:** neo-humor.

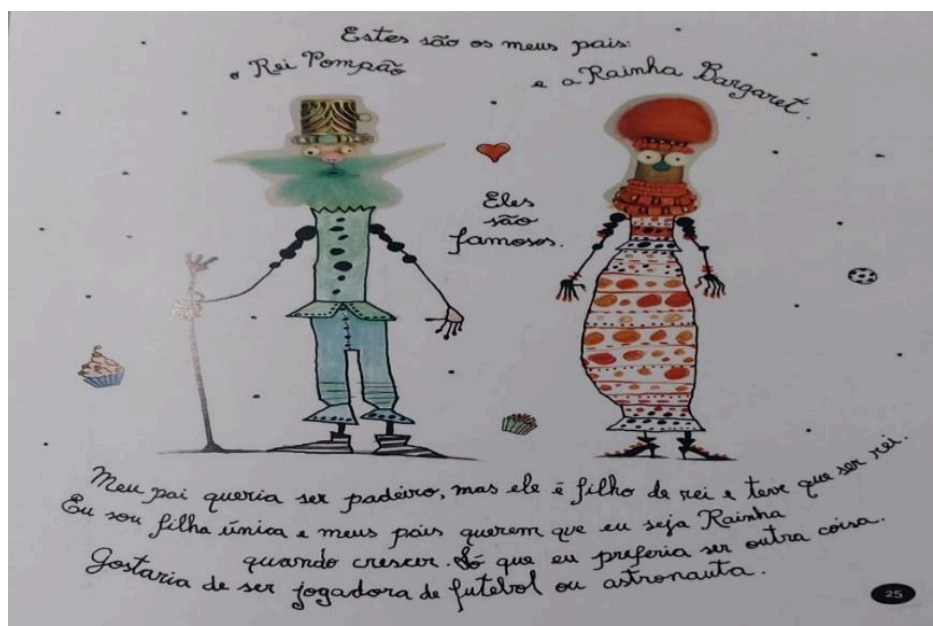
**Sentido:** especialista no estudo de peças fantasiosas.

**Análise léxico-semântica:** A nova palavra <coisólogo> é formada a partir de dois elementos linguísticos: “coisa”, a base, e -logos, o sufixo de origem grega, já integrado ao português. Vale ressaltar, na criação dessa nova lexia, o que Valente (2012, p. 106) denomina de “neologia intertextual”, ou seja “[...] a existência de outro neologismo a que se seguiram, em muitos casos, alguma criações neológicas com a mesma estrutura mórfica”, como, por exemplo, “letrólogo”, “turismólogo”, “enólogo”, “primatólogo” entre outros. Dialogando com essas especialidades, porém de forma lúdica e bem-humorada, e confirmando a propositura de Valente (2012), em *Drufs* encontram-se não apenas <coisólogo>, como também “insetólogo” (D, p. 13) e “explicóloga” (D, p. 29). Nos dicionários, o substantivo “coisa” designa tudo o que pode ter existência real ou abstrata. Nesses mesmos documentos léxicos, essa palavra, popularmente, remete à ideia de tudo o que não se quer designar pelo nome. Tanto assim é que, na Família Brong”, trata-se da profissão do pai do personagem criança, Grebstrung Bronk. “Ele estuda as REBIMBOCAS das PARAFUSETAS [...] analisa objetos raros e

intrigantes. Nomeia, classifica e procura explicar para que servem” (D, p. 22). Ocorre que tal expressão é recorrente em território nacional para designar uma peça de determinada máquina, real ou fictícia, cujo nome e/ou função são desconhecidos. Então, na verdade, o <coisólogo> é aquele que estuda peças fantasiosas, existentes apenas no universo imaginário ficcional. Assim, apesar de bastante utilizada, essa expressão cunhada em caixa alta, não remete a nenhuma peça ou máquina existente e, no texto, faz jus ao lema do <coisólogo>: “PARA QUE SIMPLICIAR SE PODEMOS COMPLICAR?! (D, p. 22). Nesse contexto, o tom é de brincadeira, pois o profissional da área não necessita de conhecimento para estudar o problema técnico, muito menos interesse para descobrir suas funções e corrigi-las, se for o caso. Além desse caráter bem-humorado do termo, converge para si um sentido irônico, pois se trata de um profissional que estuda coisas sem sentido ou desimportantes, por isso a reversibilidade entre o sério e o cômico. Insere-se na categoria **neo-humor** pela manipulação linguística que permite observar, entre outros aspectos, o jogo de palavras e o tom de brincadeira utilizados para a criação desse novo item lexical.

24. <Pompão>

Figura 18 – <Pompão>



Fonte: Livro *Drufs*, p. 24

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “Família Padoca. Estes são meus pais: o <Rei Pompão> e a <Rainha Bargaret>”.

(p. 25)

**Formação neológica:** palavra-valise.

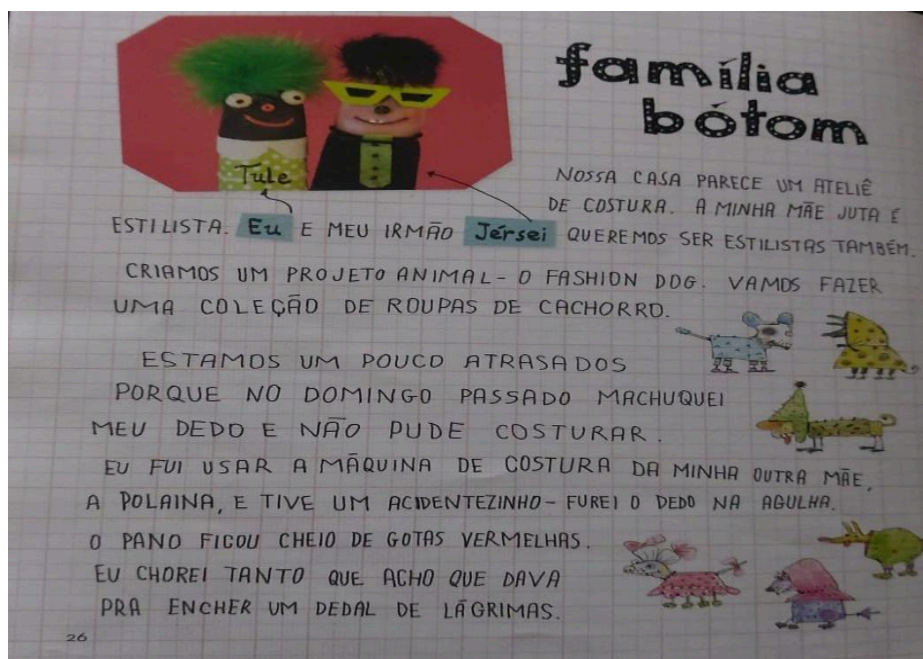
**Categoria Neológica:** sonorolexia

**Sentido:** nome de rei famoso de um país imaginário.

**Análise léxico-semântica:** Os componentes da “Família Padoca” são reis, cuja filha única é a princesa Elezbet. “Padoca” representa o nome popular dado ao substantivo “padaria”. Sua origem deriva da junção de “padaria” com o sufixo -oca. Portanto, não é por acaso que o rei se chama <Pompão>. Quanto à formação, essa nova lexia, sonoramente, guarda sentido com “pompa”, característica associada a algo faustoso, muito comum à realeza, por sua ostentação. Outro componente é o substantivo “pão”, alimento comum nas mesas de todo o mundo. Da fusão de “pompa” com “pão” resultou “Pompão”, que converge para si a ideia de aumentativo, leitura perfeitamente possível designativa de um grande rei, um monarca reverenciado. No contexto, trata-se de uma personagem muito famosa, feérica, pois faz parte de um mundo fantasioso, mágico, e expressa luxo, prosperidade. Assim, “da fusão das bases substantivas [...] resulta o neologismo substantival” (Alves, 2002, p. 70) para constituir uma nova lexia – pompa + pão = <Pompão> –, cuja musicalidade, na pronúncia, é indicativa de seu enquadramento na categoria **sonorolexia**.

## 25. &lt;Bótom&gt;

Figura 19 – Família &lt;Bótom&gt;



Fonte: Livro *Drufs*, p. 26

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “<Família Botom>. Nossa casa parece um ateliê de costura. A minha mãe <Juta> é estilista. Eu e meu irmão <Jérsei> queremos ser estilistas também”. (p. 26)

**Formação neológica:** recurso fonológico; empréstimo.

**Categoria Neológica:** literoexpressividade.

**Sentido:** nome próprio.

**Análise léxico-semântica:** No livro *Drufs*, em um dos relatos sobre as várias “famílias”, o leitor é estimulado a lançar atenção especial a determinadas novas lexias e a seu pertencimento ao campo lexical da moda. Assim, quando o narrador, <Tule>, apresenta a “Família Bótom” (D, p. 26), termo aportuguesado de “bottom”, instiga o leitor a pensar que a palavra se aproxima, sonoramente, de “botão”. Por outro lado, esse mesmo item lexical o transporta para o campo do vestuário, pois os membros da família, cuja casa parece um “ateliê de costura”, são estilistas, fashionistas, e se propõem a criar um <Projeto Animal: o Fashion Dog> e a “fazer uma coleção de roupas de cachorro”. Os nomes dos personagens encontram-se na área semântica da “costura”, conforme explicita o narrador: o menino “Tule”

(tecido leve e transparente); a mãe, Juta (fibra para fazer sacos); o irmão, Jérsei (tecido fino de malha de lã); a outra mãe, Polaina (peça de lã). O desfile vai ocorrer “no dia 4 de outubro – Dia do Cachorro” (2016, p. 27) – e haverá convidados cujos nomes também frequentam o campo lexical da moda: <vovó Crochê> (malha feita com agulha), <Bisa Musselina> (tecido fino de fibra de algodão), <vovô Kilt> (tradução para “saiote”) e <vovó Paetê> (tecido bordado com lantejoulas). Novo realce é dado ao <Tio Ripi>, que lembra acusticamente o substantivo “hippie”, aquele ou quem, em especial nas décadas de 60 e 70 do século XX, entre outras características, usava vestuário pouco convencional e, portanto, no contexto, contrasta com as grifes de luxo onde se encontram os acessórios nomeados. Nesse momento da narrativa de *Drufs*, os termos inventariados fazem parte de um léxico da moda cujo discurso produz denominações conhecidas, porém representando nomes próprios, ratificando o que apregoa Alves (2002, p. 80): “os neologismos por empréstimos recebidos pelo português distribuem-se sobretudo” na classe substantival, como sugere o novo item lexical <bótom>. Quase no final do relato, o narrador “machuca seu dedo” ao trabalhar na máquina de costura. “O pano ficou cheio de gotas vermelhas. Eu chorei tanto que dava pra encher um <dedal de lágrimas>” (D, p. 26), ou seja, externou um pranto copioso. No campo lexical da moda, o dedal é um instrumento cilíndrico usado para proteger a ponta do dedo durante a costura. O diálogo entre a referida expressão neológica e outra mais popular – “vale de lágrimas” –, presente na oração da “Salve Rainha” católica, pode revelar, para o leitor, a anatomia do sofrimento do personagem, com privilégio para o relato leve, bem-humorado, sem a dramaticidade que o trágico requer. O novo item lexical <bótom> faz parte do que Alves (2002, p. 12) denomina de recurso fonológico. Trata-se, também, de um empréstimo, pois guarda semelhança sonora com *bouton*, termo francês designativo de “botão”, peça do vestuário. Outra identificação acústica se dá com *bottom*, termo inglês cujo significado remete a algo fundo, parte/grau de baixo, superfície inferior. Contrariando esses sentidos, a família de estilistas parece bem posicionada socialmente no campo da moda com sua “coleção de roupas para cachorro”, pois, além de possuir um ateliê de costuras, promove desfiles, o que a faz detentora de *status* no universo *fashion* desse segmento. Assim, a “Família Bóton” se constitui de profissionais responsáveis pela parte estética e a imagem da marca no universo onde atua, responsável por definir o conceito visual e as tendências de época do estilo canino. Sonoramente lembra “botão”, pequena peça usada para unir duas partes do vestuário e como peça de decoração. Por todos esses postulados, essa UL situa-se na categoria **literoexpressividade**.

Figura 20 – Personagens da &lt;Família Bótom&gt;



Fonte: Livro *Drufs*, p. 27

## 26. <Fashion Dog>

<projeto animal>

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexical.

**Abonação:** “Criamos um <projeto animal> - o <Fashion Dog>. Vamos fazer uma coleção de roupas de cachorro”. (p. 26)

**Formação neológica:** estrangeirismo.

**Categoria Neológica:** literoexpressividade.

**Sentido:** projeto designativo de uma coleção de roupas caninas.

**Análise léxico-semântica:** <Fashion Dog> caracteriza um estrangeirismo, segundo Alves (2002, p. 73) adotado para designar expressões ou termos “sentidos como externos ao vernáculo da língua portuguesa”. Denota uma unidade importada do inglês que não sofreu quaisquer alterações ou adaptações à língua de chegada. Portanto, produz efeito estilístico sentido como externo, por ainda não fazer parte do acervo lexical da língua portuguesa. Sua formação constitui-se de duas bases: a primeira, “Fashion”, remete àquilo representativo da

moda prevalecente, moderna, elegante e de bom gosto; a segunda, “Dog”, indica um termo inglês que, traduzido, corresponde a “cão”. Nessa sequência textual, enquanto “Fashion” adquire valor de substantivo, “Dog” apresenta valor adjetival no sintagma nominal. Na verdade, a “Família Bótom” se propõe a fazer “uma coleção de roupas de cachorro” (D, p. 26) e, por conta disso, criou o <Fashion Dog> (D, p. 26), em tradução literal “Moda Canina”, um “Projeto Animal” cujo desfile vai acontecer “no dia 4 de outubro, Dia do Cachorro” (D, p. 27). Torna-se possível associar esse neologismo, por analogia, à expressão “Fashion Week”, ou “Semana de Moda”, um evento famoso na indústria do vestuário. A relação existente entre o léxico, uma expressão inventada relativa à moda e o relato em uma obra de ficção legitima um comportamento da sociedade capaz de retratar, para o usuário da língua, o que está em voga como tendência no campo da moda, inclusive a partir de um desfile cujo figurino remete ao universo canino. Talvez por esse motivo, ela se torna familiar para os falantes brasileiros e não lhes causam estranhamento construções dessa natureza, principalmente por se tratar de leitores tanto de cadernos culturais impressos sobre moda em jornais ou veiculados em sites especializados quanto de uma obra ficcional. Pelo que foi demonstrado, o processo que motivou a criação desse estrangeirismo enseja incorporá-lo na categoria **literoexpressividade**.

**27. <dedal de lágrimas>**

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexical.

**Abonação:** “Eu chorei tanto que acho que dava pra encher um <dedal de lágrimas>”. (p. 26)

**Formação neológica:** composição sintagmática.

**Categoria Neolúdica:** lexironia.

**Sentido:** chorar copiosamente feito uma criança.

**Análise léxico-semântica:** A lágrima caracteriza a manifestação emocional deflagrada a partir de determinada vivência. Assim, a composição sintagmática <dedal de lágrimas>, no contexto em que foi empregada, “Tule”, a personagem criança da história, revela ter machucado o dedo em uma agulha quando foi “usar a máquina de costura da [sua] mãe” (D, p. 26) e chorou tanto que “dava para encher um dedal de lágrimas”. Nessa dicção visualiza-se o emprego de elementos para aumentar a fala, ampliar a dramaticidade, causar impacto maior do que o normal. Trata-se de um neologismo formado pelo processo de composição sintagmática, que obedece à seguinte estrutura: N + Prep + N, segundo Ferraz (2008, p. 159), “produzida por uma sequência lexical, cuja união dos membros é de natureza sintática e

semântica, de forma a constituírem, com certo grau de fixidez, uma única unidade lexical”. Identifica-se um exagero intencional representado pela figura de linguagem denominada de hipérbole, empregada com a finalidade de tornar mais expressiva a intencionalidade do emissor. Todavia, tal expressão enseja um paradoxo. Revela, ao mesmo tempo, uma proposição que contraria a ideia sugerida de choro abundante, pois, em um dedal, objeto pequeno de proteção feita à medida dos dedos, caberiam poucas lágrimas. Propositura comum no cotidiano das pessoas é a expressão “chorar um rio de lágrimas”, ou seja, o choro parece tamanho a ponto de as lágrimas, ao caírem, formarem um curso d’água, mas cujo sentido destoa de aparente falta de nexo do sintagma neológico exemplificado anteriormente. Esse dizer desdizendo, o falar algo querendo significar outra coisa enquadra essa UL na categoria **lexironia**.

Figura 21 - <Teteleco>



Fonte: Livro *Drufs*, p. 28.

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “Teteleco (o nosso cachorro)”. (p. 28)

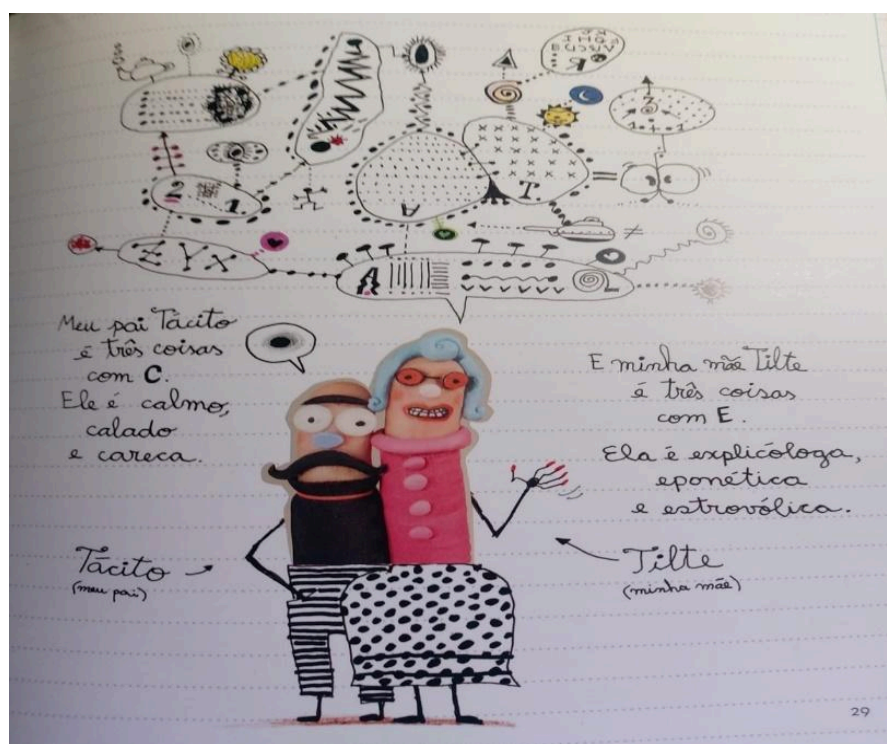
**Formação neológica:** composição por aglutinação.

**Categoria Neolúdica:** sonorolexia.

**Sentido:** cãozinho dócil.

**Análise léxico-semântica:** Na “Família Zólhos”, “todo mundo tem nome que começa com T” (D, p. 28-29): Tatinca, a narradora; Totonco, o irmão; Tácito, o pai, e <Teteleco>, o cachorro. A nova lexia pode ter nascido de “teté”, cujo significado, no imaginário popular, associa-se ao ato de brincar. No universo infantil, o animal de estimação, como o cachorro, normalmente faz companhia para a criança durante os folguedos. Já “Leleco” é um apelido bastante comum no Brasil e remete, entre outros significados, à ideia de meiguice, amabilidade. Quando se observa a ilustração, a imagem do animal transmite doçura e suavidade. A união dessas duas bases – teté e leleco – em que a segunda perde parte de sua composição, ainda lembra, sonoramente, o substantivo “peteleco”, cuja noção é, também, a de jogo, de peraltice, muito comuns à mundividência infantil. Assim, por si só, “Teteleco” é uma palavra brincante e cantante; por conta disso, sua análise associa-se à categoria **sonorolexia**, pois a valorização acústica da grafia feita pela autora, que também é a ilustradora, atesta sua competência inventiva, pois soube, segundo preconiza Cardoso (2018, p. 152), “aproveitar sua criatividade e produzir incríveis efeitos de som e de sentido” com a criação desse novo item lexical.

Figura 22 – Personagem <Tilte>



**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “E minha mãe <Tilte> é três coisas com E. Ela é <explicóloga>, <eponética> e <estrovólica>”. (p. 29)

**Formação neológica:** empréstimo.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade

**Sentido:** mãe muito louca.

**Análise léxico-semântica:** O nome da mãe da menina Tatinca é <Tilte> e pode ser entendido como uma forma aportuguesa de “tilt”<sup>38</sup>, palavra inglesa que possui vários significados. É provável que o nome dessa personagem tenha sido escolhido para reforçar a imagem de alguém excêntrica, fora do padrão, talvez com um toque de humor ou quicá de crítica social. Trata-se de uma escolha deliberada e cheia de significado simbólico, muito coerente com o estilo criativo de Eva Furnari. No contexto em que foi empregada, também se aproxima do sentido com que a palavra é reconhecida no mundo dos videogames: expressão de referência para uma pessoa um tanto bizarra. Tal leitura torna-se perfeitamente possível, pois a descrição dessa figura feminina vem acompanhada de adjetivos condizentes: “estrovólica”, do italiano “extravagante”; e “eponética”, cujo elemento de formação, *-épos*, exprime a ideia de palavra, discurso, razão pela qual ela é “explicóloga”, hipoteticamente alguém inclinada a esclarecer tudo, nos mínimos detalhes e, às vezes, sem lógica. Só que suas explicações para as coisas certas horas saem do prumo, tal como acontecia, no jogo, com a máquina de *fliper*, quando um mecanismo eletromagnético interno se desligava automaticamente, encerrava a partida, punia o jogador e a palavra *tilt* aparecia piscando na tela. A ideia figurativa dessa mãe muito louca oportuniza, ainda, um diálogo com as histórias em quadrinhos, pois sua fala escalafobética está sugerida nos balões. Observando-se com acuidade, vem à tona um discurso aparentemente desconexo, contrastante com a ideia de que, naquele gênero textual, os balões organizam os diálogos com o objetivo de estabelecer relações entre cenas e pensamentos. Na referida narrativa, são letras de cabeça para baixo, de trás para frente ou escritas ao contrário; desenhos misturados com números; figuras fantasmagóricas, enfim, simulando dicções que se conectam e se desconectam de modo “eponético” e “estrovólico”. Do ponto de vista morfossintático, <Tilte> caracteriza uma base emprestada que “mantém a classe gramatical da língua de que provém” (Alves, 2002, p. 80); todavia, de substantivo

---

<sup>38</sup> A interpretação do referido nome como indicativo de excentricidade ou comportamento fora do padrão foi elaborada com o auxílio do modelo de linguagem ChatGPT (OpenAI), com base na análise linguística e no estilo literário da autora. OPENAI. *ChatGPT*. [2025]. Disponível em: <https://chat.openai.com/>

comum passa a substantivo próprio, com o acréscimo da vogal “e”. Todas as características e as especificidades desse empréstimo viabilizam incluí-lo na categoria **literoexpressividade**.

**30. <Rotor desarrepiativo>**

Figura 23 – <ROTOR DESARREPIATIVO>



Fonte: Livro *Drufs*, p. 30

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexêmica.

**Abonação:** “Minha família trabalha limpando casas mal-assombradas. Quando voltam do trabalho, eles guardam as vassouras, tiram as teias de aranha das roupas e passam o <ROTOR DESARREPIATIVO> nos cabelos”. (p. 30)

**Formação neológica:** composição sintagmática.

**Categoria Neológica:** literoexpressividade.

**Sentido:** máquina de desembaraçar cabelos cheios de teias de aranha.

**Análise léxico-semântica:** O item léxico sintagmático <ROTOR DESARREPIATIVO> nomeia uma espécie de máquina elétrica imaginária que a “Família Gruvs” utiliza para limpar os cabelos e retirar as teias de aranha que ficam agarradas nos fios, pois seu trabalho é o de

limpar casas mal-assombradas. A primeira base, o substantivo “rotor”, é um termo dicionarizado e designa a parte giratória desse aparelho. A segunda, um adjetivo, apresenta uma formação neológica parassintética, pois à base “arrepia” se juntam simultaneamente o prefixo des-, indicativo de ação contrária, e o sufixo de origem latina -tivo, que expressa uma função específica destinada a alinhar, colocar em ordem, nesse caso, os cabelos emaranhados da família. Como se observa, nesse processo “os dois afixos [se incorporam] ao mesmo tempo à palavra-base (Alves, 2002, p. 40). A grafia da composição em caixa-alta denota um realce estilístico e representa um recurso gráfico muito comum nas histórias em quadrinhos, um tipo de letramento que integra o texto à imagem, com a combinação de elementos visuais e textuais a fim de reforçar para o leitor, com o uso das letras maiúsculas, um tipo de aparelho tão mal-assombrado como aqueles lugares aonde os *Grubs* trabalhavam. Trata-se de um recurso gráfico que extrapola o registro escrito e, no contexto empregado, suscita as sensações descritas, além de direcionar o receptor para uma dada intenção, conferindo expressividade aos termos. A categoria **literoexpressividade** abriga essa UL, nascida da inventividade da autora ao forjá-la.

31. <Nii>

Figura 24 – <Nii>



Fonte: Livro *Drufs*, p. 31

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “Na minha família somos todos ninjas. Eu <Nii>”. (p. 30)

**Formação neológica:** criação onomatopaica.

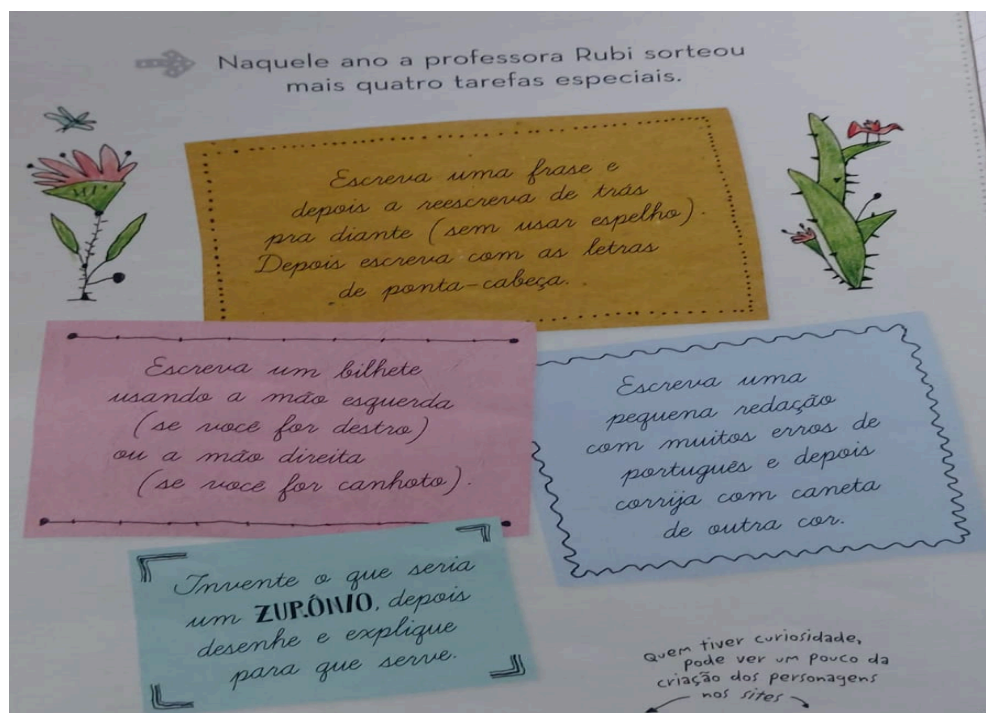
**Categoria Neolúdica:** sonorolexia.

**Sentido:** tipo especial de ninja.

**Análise léxico-semântica:** Na composição sintagmática “Família Ninja”, o segundo componente, etimologicamente, deriva do japonês “ninjtsu” que significa “técnica de aguentar, suportar”. Esse comportamento, no universo infantil, adquire nuances de humor, porque o narrador diz praticar “a arte do autocontrole”, quando, por exemplo, tem que “ficar meia hora diante de um chocolate, sem comê-lo” (D, p. 31). Outra arte é a de “ficar em silêncio e ser discreto”. Nesse caso, sua principal conquista nessa categoria foi “pegar o travesseiro do [seu] avô sem acordá-lo” (D, p. 31). “Ni”, substantivo masculino, é a décima terceira letra do alfabeto greco e corresponde ao “n” (ene), décima quarta letra do alfabeto latino, a mesma que inicia a palavra “ninja”. A duplicação da vogal “i” no nome do personagem-criança, <Nii>, pode estar associada a esse praticante inusitado das artes marciais, por cultivar “certas habilidades” que destoam daquelas associadas ao ninja, um tipo de agente secreto, mercenário no Japão feudal, em cujo comportamento se incluíam ações ortodoxas, normas e princípios seguidos fielmente. É possível dizer que à base “Ni” acrescentou-se a vogal “i”, com a função de um “falso sufixo”, culminando na criação imaginária de um nome próprio. Além disso, pode ser analisada como uma criação onomatopaica, pois reforça, de forma enfática, a pronúncia da sílaba inicial de “ninja”, similar a certos gritos emitidos por esse lutador de artes marciais. A criação/imitação de sons é muito comum na linguagem infantil e no uso espontâneo da fala cotidiana. Nesse âmbito, constitui um mecanismo complementar para que a efetividade discursiva ocorra naturalmente, ligada, portanto, à categoria **sonorolexia**. À luz das ideias de Alves (2002, p. 5), “O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes”. Constata-se, pois, que a autora de *Drufts* faz uso de tal preceito quando inventa o neologismo <Nii> e o disponibiliza para a comunidade linguística.

## 32. &lt;zurônio&gt;

Figura 25 - &lt;zurônio&gt;



Fonte: Livro *Drufs*, p. 32

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “Invente o que seria um <zurônio>, depois desenhe e explique para que serve”.  
(p. 32)

**Formação neológica:** derivação sufixal.

**Categoria Neolúdica:** malabarismo lexical.

**Sentido:** elemento químico imaginário.

**Análise léxico-semântica:** No final do livro *Drufs*, “a professora Rubi sorteou mais quatro tarefas especiais” para seus alunos. Uma delas consistia em inventar o que seria um <zurônio> (D, p. 32). Na formação desse termo, identifica-se uma base neológica “zur” à qual se une o sufixo nominal -ônio, elemento de formação pospositiva, de origem latina, que enseja a ideia de “proveniência”, “origem”. Nessa perspectiva, o referido afixo, ao se aglutinar ao radical, resulta no substantivo <zurônio>, cujo sentido, provavelmente, remete a um novo elemento químico ou a um gás nobre como argônio, criptônio, neônio, xenônio, entre outros. Trata-se de um neologismo literário que atende “a necessidades expressivas [...] utilizadas mais com valor estilístico do que com o objetivo de apenas suprir uma lacuna

existente no léxico” (Cardoso, 2018, p. 187). Assim, a procedência desse elemento químico só possui explicação plausível considerando-se o universo imaginoso e fantasmagórico da ficção, da literatura destinada às infâncias. Por esses motivos, ele se incorpora à categoria **malabarismo lexical** na medida em que se identifica um experimento verbal criado pela professora Rubi para testar a imaginação do alunado no sentido de traduzi-lo, decodificá-lo. Com a leitura de *Drufs*, torna-se válido, portanto, na sala de aula do Ensino Fundamental final, ampliar “a sua compreensão, desenvolvendo atividades que explorem aqueles aspectos mais marcantes do texto. O importante é que eles prolonguem o prazer da leitura e a aprofundem, sempre a partir de atividades lúdicas, artísticas, criativas.” (Frantz, 2005, p. 80)

## 5.2 NEOLOGISMOS NO LIVRO *A AVÓ AMARELA*, DE JÚLIA MEDEIROS (2019)

### 1. <cozinhando a santa ceia>

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “– Cabem mais de doze apóstolos – ela dizia, <cozinhando a santa ceia>. (p. s/n)

**Formação neológica:** expressão conotativa.

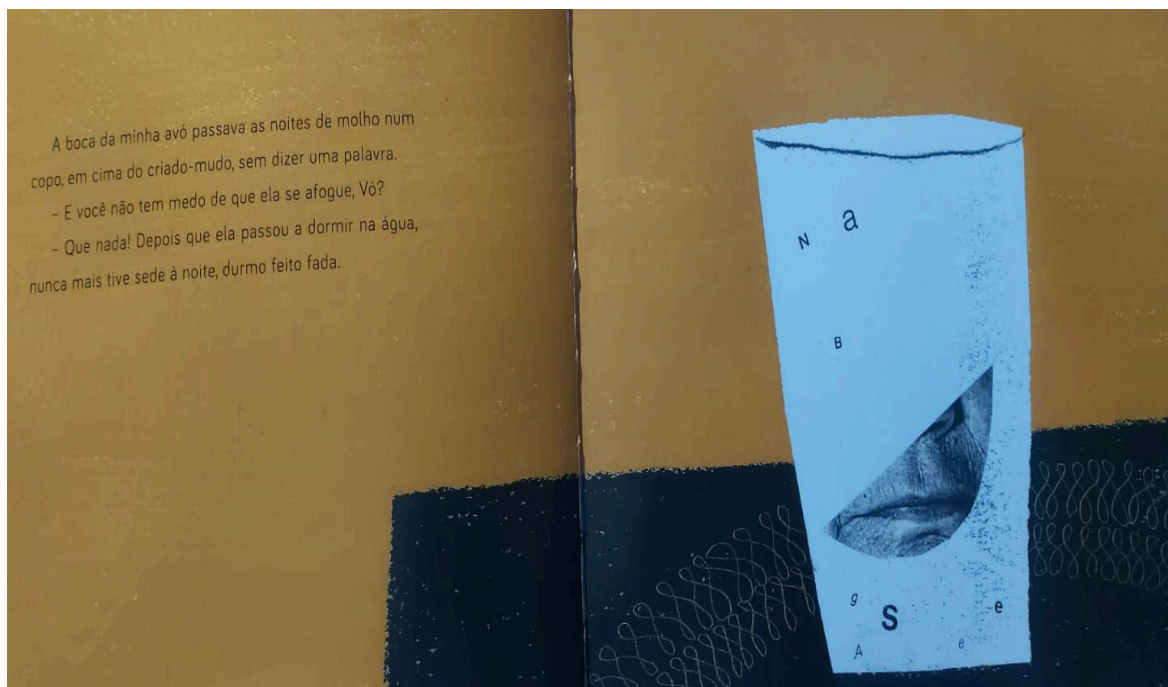
**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** trabalhando e orando.

**Análise léxico-semântica:** Esta expressão constitui uma unidade lexical indivisível que adquire, no contexto, nova propriedade semântica e com as mesmas propriedades sintáticas de inseparabilidade. Seu valor semântico resulta da conotação dos elementos constituintes, cujo significado global não pode ser literal. No contexto de onde emerge o significado, o cenário é a cozinha da casa da Avó Amarela, com a mesa enorme e o quadro da Santa Ceia decorando a parede. À medida que ela vai cozinhando, o vapor saído das panelas atinge a tela. Concomitantemente, o calor emanado sugere, também, seu “cozimento”. O ato de cozinhar lhe oferece *feedback* instantâneo: enquanto trabalha, reza, <cozinhando a santa ceia>. Ao mesmo tempo, o ambiente parece similar ao da cena religiosa: a grande mesa onde se reuniam os apóstolos com o Cristo para degustar os alimentos é similar àquela que abrigará os filhos, noras e netos da Avó Amarela. A **literoexpressividade** se faz presente diante da simbolização visual que conduz o receptor a buscar um deciframento para o sentido pretendido.

### 2. <boca>

Figura 26 – &lt;boca&gt;



Fonte: Livro *A Avó Amarela*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “A <boca> da minha avó passava as noites de molho num copo, em cima do criado-mudo, sem dizer uma palavra”. (p. s/n).

**Formação neológica:** neologismo semântico.

**Categoria Neolúdica:** neo-humor.

**Sentido:** dentadura.

**Análise léxico-semântica:** Guilbert (1975, p. 21) se refere à neologia semântica como “toda mudança de sentido que se produz [no] lexema sem que intervenha simultaneamente uma modificação na forma significante deste lexema”. Assim, no processo de inovação vocabular identificado no sintagma “A <boca> da minha avó passava as noites de molho num copo, em cima do criado-mudo, sem dizer uma palavra”. (AAA, p. s/n), o signo “boca” adquire novo sentido, de maneira que a novidade se dá no significado e não na estrutura do significante. Esse substantivo torna-se polissêmico, pois faz convergir para si o sentido de “dentadura”. Em determinado momento da narrativa, ela impossibilita a senhora de falar, porque estava “sem sua boca”. Em outro momento, aparece personificada, porque “passava as noites de molho num copo em cima do criado-mudo, sem dizer uma palavra”. Depois que sua “boca” “passou

a dormir na água, a Avó Amarela diz textualmente: “nunca mais tive sede à noite, durmo feito fada” e “só vestia sua boca depois de tomar o café. Assim, nem precisava escovar os dentes” (AAA, p. s/n). Novo emprego aparece em dado momento da narrativa, significando “expressão facial”: “seu sorriso repousava num copo cheio de lágrimas”. A analogia da palavra “boca” com “dentadura” e a maneira como o narrador a descreve ao longo da narrativa confere comicidade ao relato, associando-a ao **neo-humor**. Quando Júlia Medeiros oferta voz ao narrador para mencionar que a “boca” da Avó Amarela “passava as noites de molho num copo, em cima do criado-mudo, sem dizer uma palavra”, faz uma escolha deliberada, “cuja finalidade humorística demonstra uma relação de cumplicidade autor-texto-leitor.” (Gurgel, 2006, p. 42)

### 3. <apanhar>

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “...ela saía rumo à feira. A manhã a <apanhava> no caminho”.

**Formação neológica:** neologismo semântico.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** acompanhar, servir de companhia.

**Análise léxico-semântica:** O verbo “apanhar” ganha novo significado e “traz ao contexto uma grande força expressiva (Cardoso, 2018, p. 232), pois conduz o leitor a perceber o sentido pretendido: no trajeto entre sua casa e a feira, a Avó Amarela tinha a manhã como companhia. Significa que ela não estava nem seguia só. O verbo “apanhar” possibilita nova interpretação, diferente daquelas já dicionarizadas: “ajuntar o que está espalhado”; “levantar o que está no chão”; “colher”; “ser espancado”; “pegar, agarrar ou segurar algo”; “prender, não soltar”. Na literatura, sintagmas como <apanhar no caminho> mostram como escritores contemporâneos “buscam a precisão e sintetizam suas ideias, atingindo a perfeita harmonia entre a forma e o sentido” (Cardoso, 2002, p. 235). Por esses aspectos, a **literoexpressividade** se faz presente e encanta não só por meio do lirismo na sua forma de manifestação quanto pela inventividade verbal, ambos impregnados pelo jeito com que a autora palmilha com leveza e graça o caminho da neologia, estabelecendo intensa cumplicidade com o leitor.

### 4. <arremedo de morcego>

Figura 27 - &lt;arremedo de morcego&gt;



Minha avó voltava com a sacola cheia, de um lado, e o bicho dependurado de cabeça para baixo, do outro. Ele não gostava de ter que ficar que nem arremedo de morcego e batia forte as asas, mas vovó sabia bem como baixar-lhe a crista.

Fonte: Livro *A Avó Amarela*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “Minha avó voltava com a sacola cheia, de um lado, e o [galo] dependurado de cabeça para baixo, do outro. Ele não gostava de ter que ficar que nem <arremedo de morcego> e batia forte as asas”. (p. s/n)

**Formação neológica:** neologismo semântico.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

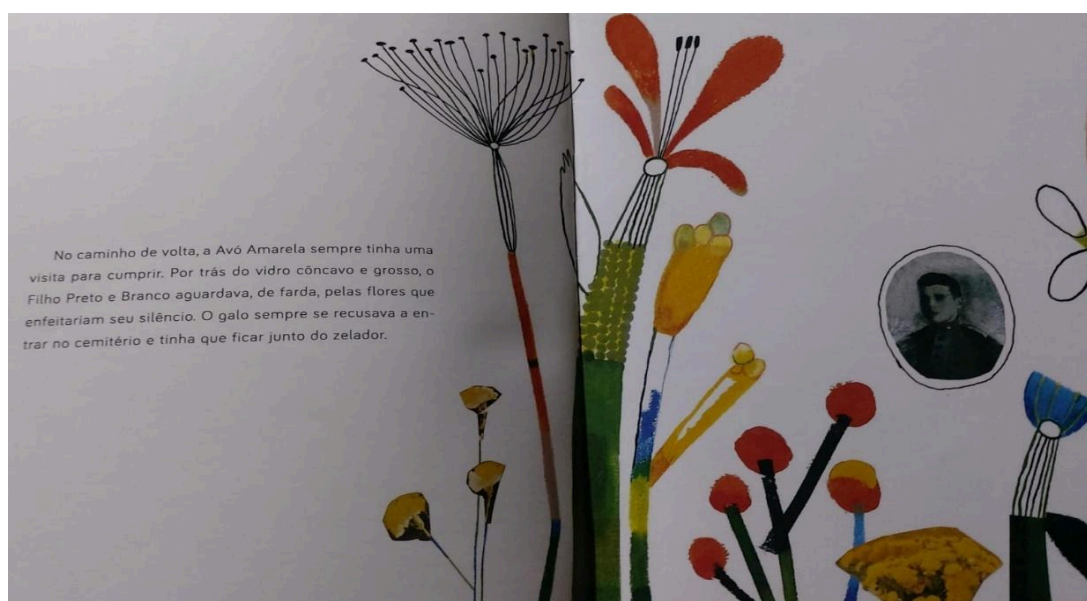
**Sentido:** de cabeça para baixo.

**Análise léxico-semântica:** Do ponto de vista estrutural, temos S+Prep.+S, em que “uma preposição [serve] de ligação entre um determinado e um determinante unidos sintagmaticamente” (Alves, 2002, p. 52). Segundo a estudiosa, essa composição sintagmática identifica um processo de formação em que “os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica” (Alves, 2002, p. 50), gerando <arremedo de morcego>. No português brasileiro encontramos outras expressões com a lexia “arremedo”. Por exemplo: “arremedo de sorriso” (sorriso falso ou forçado); “arremedo de festa” (festa que não tem o brilho ou a grandiosidade esperada); “arremedo de solução” (solução que é apenas

um paliativo e não resolve o problema de forma adequada); “arremedo de profissional” (alguém que se apresenta como tal, mas não demonstra as habilidades ou competência esperadas); “arremedo de comida” (prato que não tem a qualidade ou o sabor aguardado). No livro, a descrição da maneira como a avó carregava a ave nasce de uma analogia à posição daquele mamífero dependurado de cabeça para baixo. A Avó Amarela “sempre deixava um galo encomendado” na feira. “Voltava com a sacola cheia, de um lado, e o bicho dependurado de cabeça para baixo, do outro”. O galináceo “não gostava de ter que ficar que nem <arremedo de morcego> e batia forte as asas, mas a avó sabia bem como <baixar-lhe a crista>” (AAA, 2018, p. s/n). Na sequência frasal, a **literoexpressividade** pode ser identificada, pois, além de tudo, é possível inferir que o neologismo foi criado a partir de um processo imagético. Primeiro o narrador apresenta o galo de cabeça para baixo. Depois se refere a ele como um <arremedo de morcego>, criando um neologismo semântico. Tanto essa como as demais expressões ajudam a transmitir a ideia de uma tentativa de imitar ou representar algo de forma insatisfatória. Decifrar o sentido pretendido constitui um exercício de pura fruição, pois desmistifica o estudo do léxico como algo enfadonho, difícil e pouco digerível, e o elege como instrumento prazeroso e de enriquecimento, inclusive interior.

## 5. <Filho Preto e Branco>

Figura 28 – <Filho Preto e Branco>



Fonte: Livro *A Avó Amarela*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “Por trás do vidro côncavo e grosso, o <Filho Preto e Branco> aguardava, de farda, pelas flores que enfeitariam seu silêncio”.

**Formação neológica:** expressão conotativa.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** filho falecido.

**Análise léxico-semântica:** A unidade lexical neológica <Filho Preto e Branco> obedece à seguinte estrutura: S + Adj. + Conj. + Adj. Não possui acepção nos dicionários. O jogo de palavras está no emprego dos dois adjetivos com valores semânticos diferentes, embora pertençam ao mesmo campo lexical: o das cores. Os dois adjetivos sofrem uma conversão de sua categoria, passando de qualificativos a nomes próprios, assumindo a função de determinar a situação do filho visitado no cemitério. No contexto empregado, <Filho Preto e Branco>, já falecido, opõe-se à expressão <Filhos Coloridos>, aqueles ainda vivos, cujos adjetivos estabelecem o contraste entre luz (os presentes) e sombra (o ausente). A grafia com iniciais maiúsculas aparece figurativamente e remete a uma referência ao filho morto, cujo nome não é mencionado pela Avó Amarela. A **literoexpressividade** conecta-se com o manejo criativo da expressão, uma forma singular empregada para se referir a uma situação triste recuperada pela memória da personagem.

## 6. <engolir todo o barulho do mundo>

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “Era como se a boca da minha avó voltasse a repousar ao lado da cama depois de <engolir todo o barulho do mundo>. (p. s/n)

**Formação neológica:** expressão conotativa

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** assimilar os problemas cotidianos.

**Análise léxico-semântica:** No português brasileiro, há expressões dicionarizadas com o verbo “engolir” que são de conhecimento geral: “engolir em seco (não responder a um insulto ou ser obrigado a calar o que se queria dizer); “não engolir” (não tolerar ou considerar insuportável); “querer engolir” (ter vontade de matar); “engolir a pílula” (deixar-se enganar ou aceitar alguma coisa contrariado); “engolir sapos vivos” (aguentar coisas quase

insuportáveis). Porém a expressão conotativa <engolir todo o barulho do mundo> é inédita, não constituindo um registro dicionarístico. No contexto da narrativa significa “assimilar os problemas cotidianos”. No seu dia a dia, a Avó Amarela vivia “saudade e lágrimas” (AAA, 2018, p. s/n), mas também satisfação e prazer. Essas situações antitéticas ensejam a **literoexpressividade** e representavam “todo o barulho do mundo” que ela armazenava e com as quais convivia aceitando-as. Entre elas estavam a tristeza e a saudade do filho morto e a alegria de reunir a família no domingo e se encontrar com os filhos e netos.

## 7. <Filhos Coloridos>

Figura 29 – <Filhos Coloridos>



Fonte: Livro *A Avó Amarela*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexemática.

**Abonação:** “Os <Filhos Coloridos> chegavam trazendo os outros netos dela...” (p. s/n)

**Formação neológica:** expressão conotativa.

**Categoria Neológica:** literoexpressividade.

**Sentido:** filhos vivos.

**Análise léxico-semântica:** <Filhos Coloridos> é uma expressão conotativa neológica e não possui acepção nos dicionários de língua portuguesa componentes do *corpus* de exclusão.

Trata-se de uma referência aos filhos da Avó Amarela que estão vivos em contraste com outra expressão <Filho Preto e Branco>, já falecido. O adjetivo “coloridos” retrata tons suaves vibrantes e quentes e integra sentimentos de conforto e felicidade, além de transmitir energia e calor humano. A cor preta, combinada com a branca, pode sugerir uma atmosfera de mistério e enigma, resultante da situação do filho morto. A oposição entre as cores indica a transformação pelos quais a Avó Amarela passa quando pensa nos filhos. A mudança do preto e branco para o colorido sinaliza, ainda, alterações importantes na trama e no estado emocional da personagem. Significa dizer que uma cena se transforma de um momento de crise para outro de tranquilidade; as cores podem mudar para refletir essa transição. Assim, quanto aos filhos, o cenário cotidiano da Avó Amarela reflete um ambiente ora mais frio e sombrio que, em outros momentos, transforma-se de tempos de tranquilidade. Por isso as cores podem mudar para refletir essa transição. Tal como os filhos vivos, o domingo, dia de reunião da família, é colorido e alegre, porque os netos também estão presentes. Essa forma de refletir o contexto familiar e ressignificar as relações parentais nos é transmitida pela palavra inventiva – sinalizando a presença da **literoexpressividade** – a partir de uma visão particular da personagem, conduzindo o leitor a pensar junto.

**8. <mesa-que-ocupava-toda-a-varanda>**

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “...a <mesa-que-ocupava-toda-a-varanda> ficava do tamanho do criado-mudo”.

(p. s/n)

**Formação neológica:** neologismo gráfico.

**Categoria Neolúdica:** malabarismo lexical.

**Sentido:** mesa de tamanho inimaginável.

**Análise léxico-semântica:** A lexia complexa <mesa-que-ocupava-toda-a-varanda> enseja um neologismo gráfico marcado pela presença do hífen unindo cada parte do sintagma. Trata-se de uma inovação na escrita que introduz uma convenção visual para expressar a ideia do tamanho inimaginável da mesa que reunia a família da Avó Amarela em sua casa, aos domingos. O referido traço horizontal indica a separação entre as palavras, modificando os elementos existentes para criar uma nova forma de comunicação visual. Tal inovação na maneira de grafar nasce em resposta às necessidades da comunicação, de modo a permitir ao leitor um deciframento do sentido pretendido, facilitando a interação. Observa-se que um

novo contexto é criado para as palavras já existentes na língua e nova conexão entre elas passa a existir. Há uma violação intencional da norma, ao mesmo tempo em que impacta a percepção do receptor, no caso, o leitor/criança. Trata-se de um **malabarismo lexical** empregado para testar a imaginação do destinatário quanto ao seu deciframento. Uma possível inferência diz respeito ao fato de que, mesmo sendo enorme, parecia pequena para a família tão grande, a ponto de seu tamanho se reduzir ao de um “criado-mudo” (AAA, p. s/n). A hifenização pode determinar o intervalo entre uma cadeira e outra na referida dimensão espacial.

**9. <grande-vencedor-do-campeonato-do-bar-da-rodoviária >**

Figura 30 – <grande-vencedor-do-campeonato-do-bar-da-rodoviária>



Fonte: Livro 4, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “O almoço era seguido de café, depois os filhos se revezavam entre os cochilos e as rodadas de buraco comandadas pelo <grande-vencedor-do-campeonato-do-bar-da-rodoviária>, o meu avô”. (AAA, p. s/n)

**Formação neológica:** neologismo gráfico.

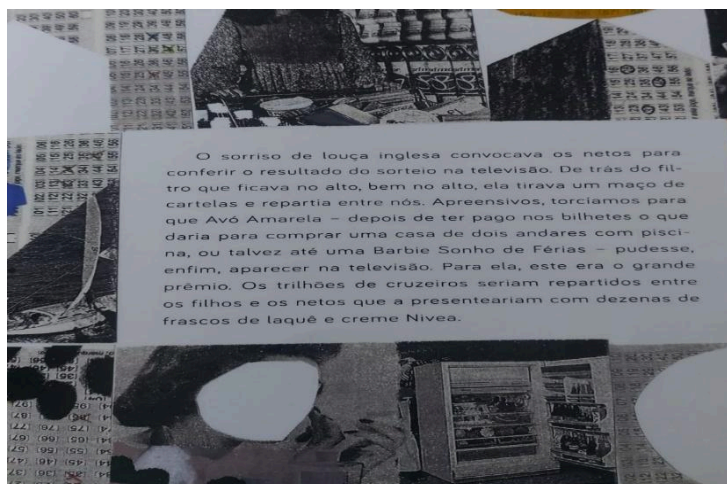
**Categoria Neolúdica:** malabarismo lexical.

**Sentido:** ganhador fictício de uma partida de buraco.

**Análise léxico-semântica:** Cardoso (2018, p. 30), ao discorrer acerca do uso criativo do léxico, aponta que autores de obras literárias como Júlia Medeiros exploram “os significados de forma original”. Esse expediente “faz com que uma palavra possa ter seu campo semântico ampliado ou, ainda, modificado. O significado referencial (denotativo, conceptual) pode dar lugar ao significado não referencial (conotativo, estilístico, emotivo” (2018, p. 30). É possível perceber esse comportamento das palavras na UL <grande-vencedor-do-campeonato-do-bar-da-rodoviária>. A nova lexia sinaliza para a compreensão de que o avô, no enredo de *A Avó Amarela*, é muito mais de que um jogador de cartas comum. Na verdade, ele é sempre o vencedor, ou porque joga bem ou porque os filhos deixam-no ser o protagonista do carteadado. No contexto de uso, o que determinar esse evento é a representação visual de como as cartas do baralho estão dispostas, percebida pelo emprego dos hífen separando as palavras da UL, vistas como massa gráfica, às quais a estrutura morfológica confere expressividade ao relato. Sob ótica do **malabarismo lexical**, o efeito óptico avoluma o sentido pretendido, ou seja, como afirma Cardoso (2018, p. 32), “mostra ao leitor a empreitada que [a escritora] tem pela frente para finalizar seu texto” e clarear para ele a ideia de composição do sintagma. Em outras palavras, em vez de grafar “ganhador da partida de buraco”, mais comum à realidade do receptor, a nova lexia composta – <grande-vencedor-do-campeonato-do-bar-da-rodoviária> – credita à passagem uma representatividade própria, única, ou seja, ofeta-lhe um caráter de exclusividade, que deságua na valorização do significado contextual.

**10. <sorriso de louça inglesa>**

Figura 31 - <sorriso de louça inglesa>



Fonte: Livro *A Avó Amarela*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “O <sorriso de louça inglesa> convocava os netos para conferir o resultado do sorteio na televisão”. (p. s/n)

**Formação neológica:** expressão conotativa.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** sorriso brilhante, de aconchego.

**Análise léxico-semântica:** A expressão <sorriso de louça inglesa> constitui uma unidade lexical complexa, pela forte relação sintático-semântica entre seus elementos: uma base – “sorriso” (determinada) – seguida de um determinante – “de louça inglesa” – introduzido por uma preposição, com a seguinte estrutura: S+Prep.+S+Adj. Esse neologismo é caracterizado por alterações no plano da organização horizontal dos elementos na frase, cujo princípio é a formação de um novo signo a partir da combinação de vários signos distintos já existentes na língua. No português do Brasil, encontram-se formações como: "sorriso de filtro" (aparência de um sorriso que foi embelezado ou alterado digitalmente por meio de aplicativos de edição de fotos ou filtros de redes sociais); "sorriso de hashtag" (sorriso que se tornou uma marca registrada ou um elemento frequentemente associado a uma campanha, tendência ou movimento nas redes sociais); "sorriso de influência" (sorriso que tem a intenção de impactar ou persuadir os outros, frequentemente usado por influenciadores ou figuras públicas), para citar algumas. Considerando que a louça inglesa é símbolo de histórias e tradições, refletindo o estilo de vida e os valores de quem a usa, primeiramente pode-se inferir que o narrador se refere ao sorriso da Avó Amarela como aquele brilhante, largo, afetuoso, que representa o aconchego de alguém que se alegra em receber a família em sua casa aos domingos, combinando tradição (ela é uma pessoa mais velha, com hábitos antigos) e inovação (mas que acompanhou a mudança dos tempos e tem consciência disso, de acordo com o contexto da

narrativa). Trata-se de reconhecer, na expressão, a **literoexpressividade**, pois nessa lexia complexa simbólica, figurada, aplica-se o significante de um signo linguístico a outro referente que repousa na semelhança entre referentes, em que há uma transferência de significado baseada na similitude: sorriso brilhante, similar à porcelana inglesa. Todavia, em segundo plano, trata-se de um processo metonímico, em que <sorriso de louça inglesa> caracteriza “uma simples transferência de denominação” (Dubois *et al*, 2014, p. 383), ou seja, o sintagma “Avó Amarela” é substituído pela referida expressão.

### 11. <Barbie Sonho de Férias>

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “...depois de ter pago os bilhetes o que daria para comprar uma casa de dois andares com piscina, ou talvez até uma <Barbie Sonho de Férias>”. (p. s/n)

**Formação neológica:** expressão conotativa.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** artista de televisão momentânea

**Análise léxico-semântica:** A composição sintagmática obedece à estrutura S+S+Prep.+S. O nome “Barbie” é uma referência a Bárbara Millicent Roberts, filha de Ruth Handler, a criadora da boneca de mesmo nome, juntamente com seu marido, Elliot Handler, cofundadores da Mattel, uma empresa de brinquedos estadunidense. Na linguagem popular, associa-se à imagem da mulher glamourosa. A palavra “Barbie” é usada para descrever uma mulher que tem um físico atraente, semelhante ao da boneca, além de ser símbolo de feminilidade. Pelo contexto, depreende-se o desejo da Avó Amarela de ganhar o grande prêmio na loteria e, para recebê-lo, “aparecer na televisão” (AAA, 2018, p. s/n), ou seja, ser artista por alguns minutos. Para isso, nesse evento, precisaria estar elegante tal como a Barbie. Do ponto de vista de sua estrutura, essa expressão conotativa apresenta entre o determinado (Barbie) e o determinante (Sonho de Férias) uma relação subordinativa em que “de Férias” exerce a função adjetiva. Do ponto de vista simbólico e enquanto representação da figura feminina, a boneca passou a simbolizar que as mulheres podem ser o que quiserem, independentemente das expectativas sociais de sua época. A expressão “Sonho de férias”, no contexto em que aparece, pode representar, para a Avó Amarela, a ideia de empoderamento e ideal de rejuvenescimento, um reflexo de expectativas de beleza moderna, refletindo, inclusive, diferentes aspectos da sociedade, da cultura e das mudanças ao longo do tempo no

que tange ao universo feminino. Enquadra-se no **literoexpressividade**, também, pela originalidade ofertada à grafia, resultante do apelo visual projetado.

## 12. <telessenho>

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “...mais uma vez, o <telessenho> da minha avó era adiado”. (p. s/n)

**Formação neológica:** derivação prefixal.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** sonho distante, de realização quase impossível.

**Análise léxico-semântica:** “Tele” representa um prefixo grego que exprime a ideia de *longe*, *ao longe*, *a distância* e não altera a classe das palavras, o que reforça seu comportamento como prefixo. Quanto à sua estrutura do neologismo <telessenho>, identifica-se a formação prefixo + substantivo, em que a classe gramatical do produto resultante dessa formação coincide com a classe da palavra a que “-tele” está ligado, ou seja, um substantivo: “telessenho”. O falante normalmente usa “tele-” designando duas acepções: 1) televisão (telecine, telejornal, telejogo) e 2) telefone (tele-pizza, tele-gás, telefax), indicando o “modo como”; mas, no contexto de uso, <telessenho> distancia-se de ambas acepções. O esquema imagético da palavra está ligado à estrutura abstrata de uma imagem a que a nova lexia remete: transmite algo longe que pressupõe um posicionamento e um destino final a que se pretende chegar e, para o que, deve-se percorrer um caminho. É isso que a Avó Amarela faz: joga todos os domingos com os netos tentando realizar o sonho de ganhar na loteria. Visualiza-se a **literoexpressividade**, pelo ineditismo no uso do prefixo -tele, conferindo a esse afixo um novo emprego, movido pela inventividade no seu processo de criação.

## 13. <cozinhar lembretes>

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexemática.

**Abonação:** “(Minha avó <cozinjava lembretes>)”. (p. s/n)

**Formação neológica:** expressão conotativa.

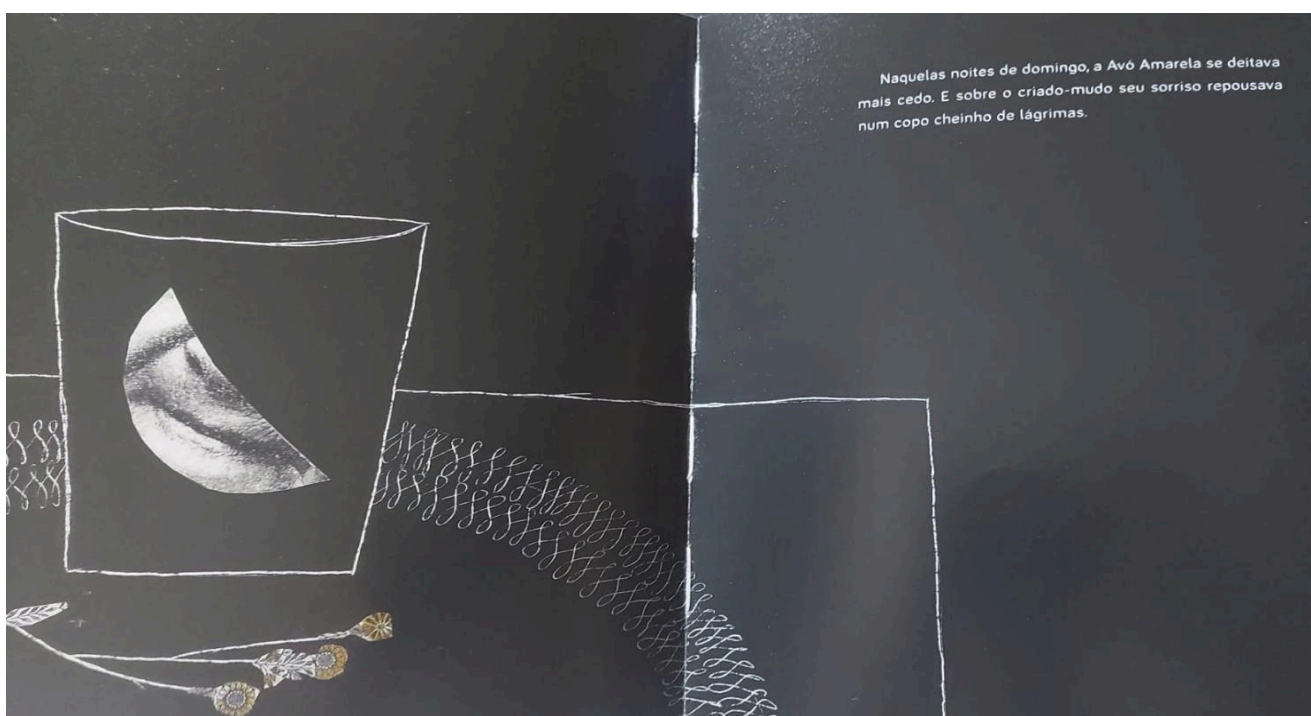
**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** fazer-se lembrada.

**Análise léxico-semântica:** O ato de cozer ao fogo era uma das peculiaridades da Avó Amarela. Aos domingos, quando se encontrava com os familiares, “para cada filho cozinhava um prato: quibe, macarrão, bacalhau, arroz, feijão batido e inteiro, batata frita, frango assado na bacia de alumínio e pernil” (p. s/n). Na expressão <cozinhar lembretes>, o verbo “cozinhar” está empregado no sentido denotativo. Porém, a expressão “cozinhar lembretes” remete a um sentido conotativo, significando “fazer-se presente”. Isso acontecia porque cada um que partia levava um quitute preparado por ela. Simbolicamente designa uma forma de se fazer presente na vida deles, já que “o carinho era sempre dividido ‘irmãmente’”. Assim, ela possuía a certeza de que eles voltariam para “visitá-la a cada mordida” (p. s/n). A expressão conotativa <cozinhava lembretes> é formada por verbo + substantivo, empregada com uma acepção não dicionarizada. No contexto apresentado, em que surge um novo sentido associado ao verbo “cozinhar”, seu emprego nada tem a ver com alimentos, nem com refeição. Pelos postulados elencados, a referida expressão pode integralizar a categoria **literoexpressividade**.

#### 14. <copo cheio de lágrimas>

Figura 32 - <copo cheio de lágrimas>



Fonte: Livro *A Avó Amarela*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “Naquelas noites de domingo, a Avó Amarela se deitava mais cedo. E sobre o criado-mudo seu sorriso repousava num copo <copo cheinho de lágrimas>. (p. s/n)

**Formação neológica:** expressão conotativa.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** saudade.

**Análise léxico-semântica:** De acordo com o contexto, não é possível depreender a expressão <copo cheinho de lágrimas> no seu sentido literal, ou seja, um recipiente no qual a personagem depositou seu choro, sem um significado emocional mais profundo. No epílogo da história fica bem claro que o descanso da avó ocorre depois de um dia intenso de alegria e confraternização familiar. O copo é depositário não apenas do seu sorriso, no caso, a sua dentadura, como também do líquido que metaforiza suas emoções fortes daqueles momentos, profundamente tocada pelo grande sentimento de empatia em relação às visitas domingueiras. Esse sentimentalismo ecoa no emprego do adjetivo no diminutivo, responsável pelo clima de saudade já presente até acontecer o próximo encontro. Estruturalmente, tem-se S+Adj+Prep.+S. Outra interpretação possível diz respeito a compreendê-lo como uma maneira carinhosa, menos formal, de dizer que o final do dia da *Avó Amarela* estava completo, com sentimentos e emoções imaginados por ela. Por outro lado, esse diminutivo desconstrói a ideia de tristeza, momento difícil capaz de causar choro de alguém visivelmente emocionado. A possibilidade de traduzir a multiplicidade de sentidos para a referida expressão torna-a depositária dos pressupostos da **literoexpressividade**, inclusive ao transformar a imaginação do leitor em um momento prazeroso de decifração. A leitura de *A Avó Amarela* remete ao que propõe Hunt (2010, p. 106), acerca dos significados literários: “são frequentemente emotivos ou impressionistas, tanto conotativos como denotativos, e assim os significados literários são também quem os leitores são”. E complementa: “são a capacidade de entendimento que os leitores possuem – todos fatores que contribuem para a formação do sentido.” (Hunt, 2010, p. 106)

### 5.3 NEOLOGISMOS NO LIVRO *DA MINHA JANELA*, DE OTÁVIO JÚNIOR (2020)

<p><b>1. &lt;telhados remendados&gt;</b></p>
--

Figura 33 - &lt;telhados remendados&gt;



Fonte: Livro *Da minha janela*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexemática.

**Abonação:** “Vejo muitas lajes e <telhados remendados>. (p. s/n)

**Formação neológica:** composição sintagmática; neologismo semântico.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

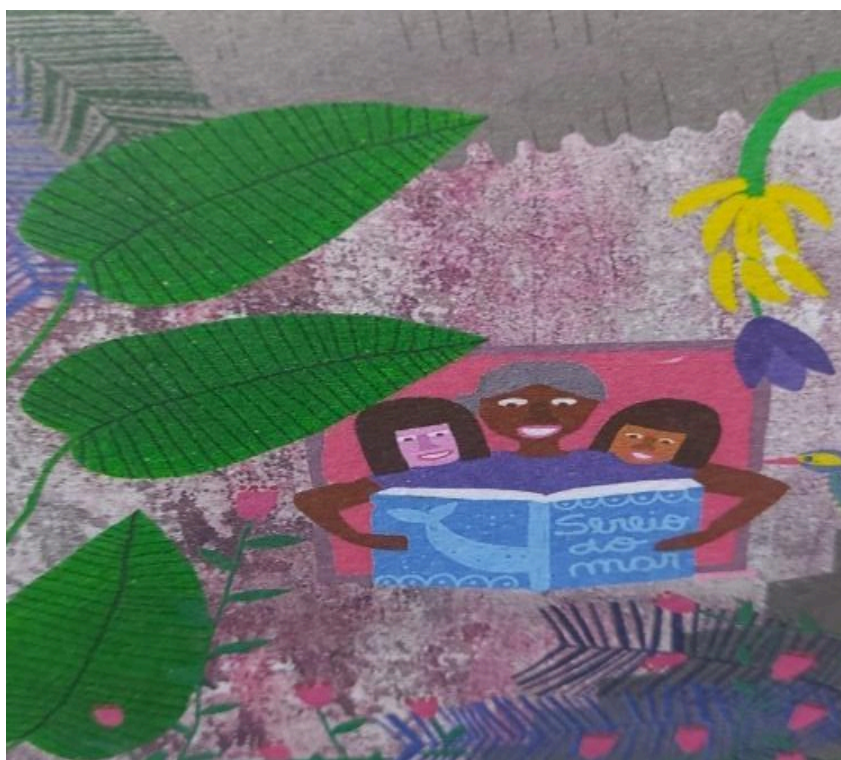
**Sentido:** telhados rotos como tecidos; improvisados.

**Análise léxico-semântica:** Além do enunciado escrito, é preciso considerar o texto imagético que faz uma associação direta entre o telhado e o tecido, em que, na visão da criança, esta é uma semelhança possível. Portanto, mesmo estando dicionarizado o verbo “remendar”, com acepções que podem incluir o significado contido na estrutura em exame, o que se destaca aqui é a semelhança entre telhado e tecido, sugerida pela imagem, de modo que se aplica ao telhado, o mesmo remendo que se usa no tecido. Assim, na página onde se lê “Vejo muitas lajes e <telhados remendados>”, é possível visualizar, pela imagem, uma similaridade entre o conjunto de telhas e os pedaços de tecidos empregados para consertar partes rotas de vestuários. Essa comparação ajuda a compreender a lexia frasal neológica por esta representar familiaridade para os falantes da língua. Nesse âmbito, Polguère (2018, p. 209) enfatiza: “a relação de metáfora está onipresente no léxico das línguas, pois a metáfora é um dos suportes privilegiados da criação neológica”. Trata-se de um caso de **literoexpressividade**, pois constata-se que o narrador quis dar a esse item lexical um significado diferente do que é dado a um telhado instalado em uma construção, cuja estrutura, sólida e precisa, garantirá a sua sustentação e segurança. O que ele deseja é transmitir a ideia de que, em uma favela, a situação econômica ou social de seus moradores está sendo gerida com medidas paliativas,

pois seus moradores, nesse caso, normalmente fazem ajustes para construir um telhado, em vez de uma reforma profunda. Por isso, ao seu término, a estrutura lembra um tecido com remendos que, para não ser desprezado, passou por reformas, porém improvisadas. O leitor de *Da minha janela* vê-se diante de uma narrativa ambientada no Rio de Janeiro, ao mesmo tempo às voltas com o cotidiano do narrador-personagem, uma criança que se identifica com situações positivas (e outras nem tanto) do seu lugar de origem. Projetado sob seu olhar, vai-se esboçando o percurso do aprendizado do protagonista, de um lado pela relação com o ambiente circundante, de outro pela compreensão de que nenhuma janela, de qualquer lugar, delineia a mesma paisagem. Porém, a janela que ele vê é a que reconhece ser a sua forma de enxergar a favela e as coisas vitais incríveis, diversas e múltiplas nela existentes. Apropriando-me do pensamento de Ceccantini (2006), percebo, em *Da minha janela*, esteticamente, “um construto de linguagem, num movimento autorreflexivo” do narrador menino, e o “papel do sonho e da imaginação na vida do ser humano, sem se furtar a propor também uma reflexão sobre a realidade imediata, sobre a sociedade brasileira” (p. 139).

## 2. <sereio do mar>

Figura 34 - <sereio do mar>



Fonte: Livro *Da minha janela*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “<Sereio do mar>”. (p. s/n)

**Formação neológica:** composição sintagmática.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** personagem fictício.

**Análise léxico-semântica:** “Sereia”, também “sirena” ou “sirene”, representa uma figura da mitologia, presente em lendas que serviram para personificar aspectos do mar ou os perigos que ele espelha. Metaforicamente, pode representar o encanto e a beleza extraordinária, que cativam e fascinam os outros. Este uso metafórico provavelmente se refere a qualquer coisa que tenha um apelo irresistível. Na obra literária em questão, o referido grupo sintagmático é composto por S+Prep.(+Art.)+S. Formações desse tipo “designam um único objeto, uma vez que os elementos estão em relação de subordinação em que existe uma ideia de predicação” (Cardoso, 2018, p. 232). Porém sofre alteração na sua categoria de origem, dada a mudança de gênero – de “sereia” para “sereio” –, ofertando origem a uma lexia não dicionarizada, nascida de uma base substantival, flexionada neologicamente no masculino para gerar a denominação quiçá de um personagem mitológico não designado no conjunto de crenças de determinada cultura. No contexto em que aparece, “<sereio do mar>” é o nome de um livro que algumas crianças estão lendo. Nesse caso, do ponto de vista da **literoexpressividade**, sugere uma figura fictícia provavelmente integrante do enredo de uma obra de ficção. Observa-se a ordem sintática determinado/determinante, representando semanticamente o sentido pretendido empregado para gerar efeito expressivo. Considerando-se o campo léxico-semântico e buscando-se entender essa criação neológica chega-se à ideia de que o autor, no seu discurso, procura acionar o leitor e sua maneira de ver o mundo ao revelar que, nessa escolha lexical, constrói “representações, usando conhecimentos armazenados na memória social e despertando [...] a busca por conhecimentos previamente estabelecidos, transportando-o para o contexto local” Cardoso (2018, p. 128), selecionado no texto: uma revisita à mitologia e seus entes representativos, para melhor compreensão da dualidade sereia/sereio.

**3. <atelier das palavras>**

Figura 35 - <atelier de palavras>



Fonte: Livro *Da minha janela*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “<Atelier das Palavras>”. (p. s/n)

**Formação neológica:** estrangeirismo; neologismo semântico.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** local de encontro de artesões e *designers* dos vários tipos de linguagens na comunicação humana.

**Análise léxico-semântica:** “Atelier” representa um termo emprestado do francês e significa, no dicionário, “lugar onde um artista trabalha”. No contexto empregado, no entanto, referencia o espaço ocupado por um tipo específico de artista, ou seja, aquele que lida com a multiplicidade de linguagens na comunicação humana. Adquire novo significado, pois remete ainda, simbolicamente, a um grupo de pessoas que trabalham juntas em projetos criativos nos quais a palavra é estudada, esmerilada, caracterizando um processo de escavação de forma artística. Nesse caso, é possível inferir que envolve o estudo das palavras presentes no universo literário, envolvendo em especial as novas lexias. Exatamente por essas nuances, é possível enquadrar a UL na categoria denominada **literoexpressividade**.

#### 4. <biquíni-paixão>

Figura 36 – &lt;biquíni-paixão



Fonte: Livro *Da minha janela*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexemática.

**Abonação:** <biquíni-paixão> (p. s/n).

**Formação neológica:** composição por justaposição.

**Categoria Neológica:** literoexpressividade.

**Sentido:** biquíni conquistador.

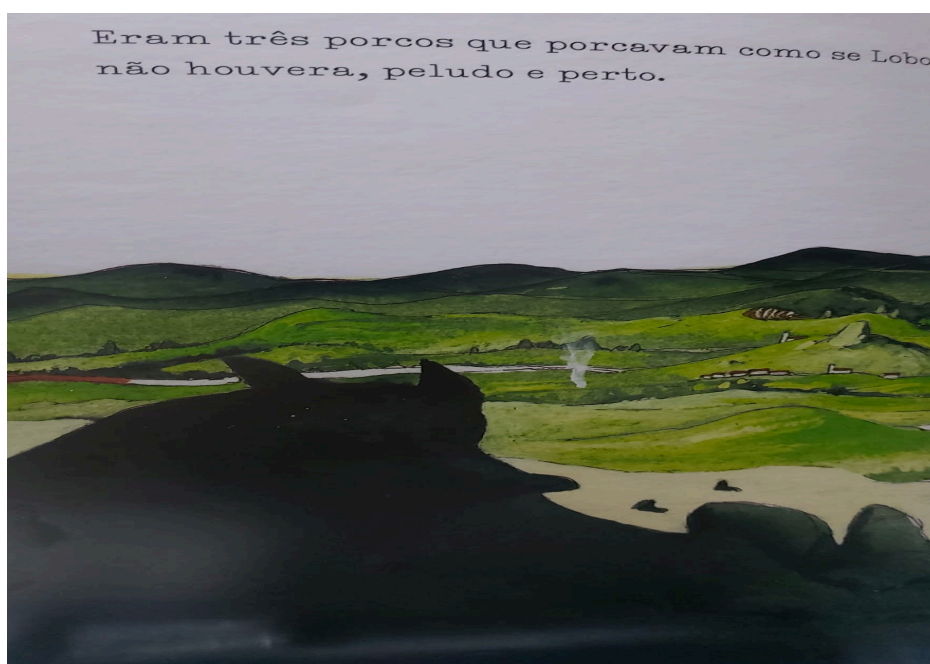
**Análise léxico-semântica:** A lexia composta polilexemática “<biquíni-paixão>, também chamada de composição morfossintática, apresenta duas bases – biquíni + paixão –, mediante adaptação ortográfica da primeira. De acordo com Reuillard (2007, p. 33), a composição constitui uma das formas que a língua utiliza para “dar conta de seu desenvolvimento técnico e científico e, ainda, para aprimorar a comunicação da comunidade linguística consigo mesma e com as outras comunidades”. Nesse tipo de composto S+S ocorre a combinação de elementos pertencentes a duas classes gramaticais similares, formados por subordinação, em que o segundo membro determina o primeiro e designam um único objeto: o tipo de peça do vestuário. Do ponto de vista sintático, “biquíni” é determinado e “paixão”, determinante. Conforme Cardoso (2018, p. 233), “tem-se a categoria a que pertence por natureza” (biquíni) “e a que é atribuída figurativamente” (paixão). Nesse caso, o segundo componente adquire sentido metafórico e “a relação semântica estabelecida entre [eles] é de adição e complementaridade” (Cardoso, 2018, p. 234). “Biquíni” reproduz a forma aportuguesada e adaptada de “bikini”, peça do vestuário feminino, mundialmente conhecida, porque acaba impactando nos padrões de beleza e na elegância do corpo. A **literoexpressividade** se faz

presente e, no contexto empregado, associa-se ao nome de uma loja que vende trajes de banho muito comuns nas praias do Rio de Janeiro, local onde se passam as cenas da história. Relaciona-se, possivelmente, à ideia de buscar a adesão do (a) comprador (a), motivada por evocar uma peça que fatalmente será crucial no momento de uma conquista por se vincular a um sentimento muito forte e provocador, instigando a atração por alguém objeto do desejo desse usuário. Na sala de aula, o professor precisa levar em conta o público implícito em literatura infantil: “é um público em *desenvolvimento*. A integração entre códigos de texto e de gênero será uma parte importante do processo de leitura” (Hunt, 2010, p. 116). Da parte do professor, levar em consideração a leitura do aluno é fundamental, pois “sua abordagem da vida e do texto brota de um conjunto de padrões culturais diferentes dos padrões dos leitores adultos [...] Então, as crianças realmente ‘possuem’ os textos, no sentido de que os significados que produzem são seus e privados” (Hunt, 2010, p. 135). Por isso é preciso, sempre, dar vez e voz a elas.

#### 5.4 NEOLOGISMOS NO LIVRO *SAGATRISSUINORANA*, DE JOÃO LUIZ GUIMARÃES (2021)

##### 1. <porcar/porcavam>

Figura 37 - <porcavam>



Fonte: Livro *Sagatrissuinorana*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “Eram três porcos que <porcavam> como se Lobo não houvera, peludo e perto”.  
(p. s/n)

**Formação neológica:** derivação sufixal.

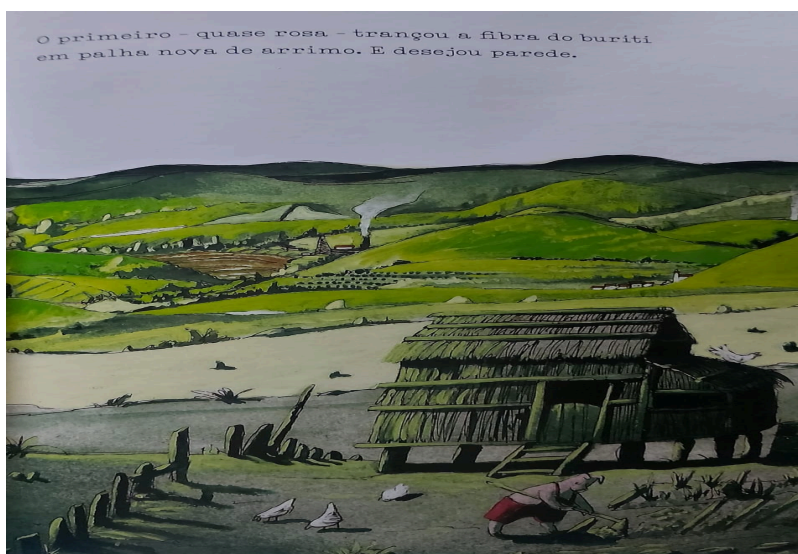
**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** trabalho braçal realizado por suínos.

**Análise léxico-semântica:** O item lexical “porcar” não corresponde a nenhuma outra UL dicionarizada. Essa criação lexical é formada por uma derivação sufixal pela verbalização do substantivo “porco”, que recebe o sufixo formador de verbo no infinito **-ar**, e, na estrutura frasal, aparece flexionado no plural. Segundo Monteiro (1987, p. 1390, “a terminação **-ar**, constituída de vogal temática e desinência, aplica-se a bases nominais”, confirmando que modernamente é mais comum produzir verbos da primeira conjugação. A forma verbal “porcavam” acentua a labuta braçal diária dos três personagens da fábula tradicional “Os três porquinhos”. Houve, portanto, uma ampliação do significado e “porcar” passou a se referir ao trabalho cotidiano dos suínos, personificados na história, similar às tarefas do dia a dia dos humanos em uma propriedade rural ou campesina. Designa, portanto, a prática de uma ação relativa à base que lhes deu origem. A experiência vivenciada pelos leitores acerca da constituição dessa lexia é oportunizada pelos pressupostos da **literoexpressividade**, no que concerne do contato da palavra com a realidade circundante (Cardoso, 2018, p. 29). Ao mesmo tempo, essa nova lexia atesta a inventividade da autora, com ênfase na expressividade dessa palavra em si e onde deságua o processo de tradução do seu significado. A releitura de um conto de fadas atesta, ainda, a atualidade das narrativas tradicionais, porque estas, segundo Frantz (2005, p. 67), “tratam da essência humana que é a mesma desde que o homem existe [...] giram sempre em torno de questões fundamentais que fazem parte da problemática existencial ou da ‘problemática social do ser humano’”. Assim, em *Sagatrissuinorana*, encontra-se um relato contundente, observa-se a presença de uma “linguagem simbólica (ou de imagens) que facilita à criança a compreensão desses significados profundos que se ocultam na alma humana.” (Frantz, 2005, p. 68)

**2. <palha nova de arrimo>**

Figura 38 - <palha nova de arrimo>



Fonte: Livro *Sagatrissuinorana*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexêmica.

**Abonação:** “O primeiro – quase rosa – trançou a fibra do buriti em <palha nova de arrimo>”.  
(p. s/n).

**Formação neológica:** composição sintagmática nominal.

**Categoria Neológica:** literoexpressividade.

**Sentido:** proteção para as casas.

**Análise léxico-semântica:** A composição sintagmática <palha nova de arrimo> deriva da formação “palha de arrimo” que, no espectro de graus de variabilidade da estrutura sintagmática, permitiu a inserção do adjetivo. Ressalte-se que, em “palha de arrimo”, podemos ver uma formação por analogia à lexia já existente “muro de arrimo”. Do ponto de vista semântico, indica uma situação de auxílio, proteção para a casa feita de palha trançada junto com a fibra de buriti, que abriga o personagem/habitante, livrando-o do perigo, protegendo-o do Lobo Mau e das consequências do rompimento de barragem em Brumadinho. O termo “arrimo” remete à lexia “muro”, construção forte, sólida, capaz de conter forças adversas; simbolicamente é uma ferramenta de segurança no terreno. No contexto, significa nova forma de proteção para os habitantes do lugar, porém diferente daquela do conto maravilhoso “Os três porquinhos”, mas com a mesma ideia de incapacidade de resistência contra um mal maior, o lobo/a barragem. O dado intertextual confere ao texto a possibilidade de o leitor perceber a criatividade da autora nesse processo inventivo, conforme postula a **literoexpressividade**. Além disso, “Forma, cor, composição, texto/imagem [...]

todos juntos constroem em conjunto um objeto paratextual que dialoga com os saberes que o leitor tenha.” (Istvansch, 2023, p. 125)

### 3. <baforada quente e quase dentada do Dito>

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “Mas quando o vento bateu à porta, adivinhou a <baforada quente e quase dentada do Dito>”. (p. s/n)

**Formação neológica:** lexia complexa, polilexemática.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

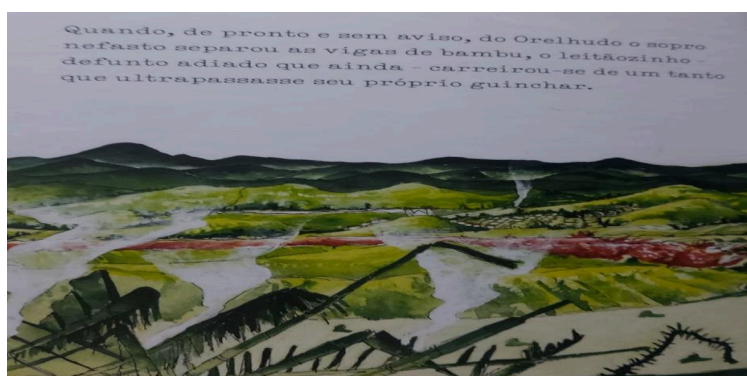
**Sentido:** perigo.

**Análise léxico-semântica:** A lexia complexa, segundo Pottier (1978), constitui uma unidade textual que vai além da simples combinação de palavras e frases. Em suas análises, o linguista usa esse termo para referir-se a um segmento textual que possui uma estrutura interna rica e multifacetada, frequentemente associada a um nível mais profundo de significado e interpretação. A lexia complexa neológica <baforada quente e quase dentada do Dito>” representa, considerando os aspectos teóricos em Pottier (1978), uma unidade de análise que combina vários elementos semânticos, sintáticos e pragmáticos, oferecendo grande densidade interpretativa. É composta por fragmentos textuais que englobam uma passagem inteira e opera em níveis múltiplos de significação. A complexidade da lexia é manifestada por sua capacidade de gerar múltiplas camadas de sentido e por seu papel na construção da narrativa ou do discurso, ofertando guarida, também, à **literoexpressividade**. Nessa perspectiva, *Sagatrisuinorana* reconta a fábula “Os Três Porquinhos”, da tradição oral, mas tendo como pano de fundo e como situação análoga o rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho, dois dos maiores desastres ambientais da mineração no país. No contexto, o narrador, analogicamente, associa os incidentes à figura do Lobo, caracterizando a tensão entre o bem e o mal, pois tanto os personagens da ficção quanto os habitantes das duas cidades vivem uma cosmo(a)gonia, fugindo desesperadamente do perigo, ou seja, da “baforada quente e quase dentada do Dito”. Vale lembrar que “O fenômeno literário está inserido num contexto social mais amplo e estabelece relações peculiares com o real. Ao mesmo tempo que é representação deste [...] é também interrogação do real, assumindo então uma função crítica muito importante (Frantz, 2005, p. 29). Nessa estrutura identifica-se, ainda, a lexia composta: <baforada dentada>, formada por S+S, com o segundo elemento

exercendo função adjetival. Esse sintagma nominal simboliza o comportamento do mamífero carnívoro em relação às suas presas, cuja similaridade se processa com a impotência humana em conter a avalanche provocada pelos detritos desgovernados quando do início dos desastres ambientais mencionados.

#### 4. <Orelhudo>

Figura 39 - <Orelhudo>



Fonte: Livro *Sagatrissuinorana*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “Quando, de pronto e sem aviso, do <Orelhudo> o sopro nefato separou as vigas de bambu...”. (p. s/n)

**Formação neológica:** neologismo semântico.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** Lobo Mau (da fábula).

**Análise léxico-semântica:** O neologismo semântico <Orelhudo> se forma pelo processo de derivação sufixal, sendo a base o substantivo “orelha” à qual se acopla o sufixo -udo, formador de adjetivos. Nesse caso, entretanto, altera a categoria morfológica da forma base, passando de adjetivo para substantivo próprio. Sua criação ocorre por razões estilísticas e não para suprir uma necessidade ou lacuna na língua portuguesa, pois existem outras UL que podem designar esse fenômeno. A **literoexpressividade** se manifesta, entre outros aspectos, diante da possibilidade de a nova lexia nomear e se associar à figura maléfica do Lobo na fábula da tradição oral. Constata-se nesse caso, como sugere Cardoso (2018, p. 217), que o sufixo -udo, assume “valor muito mais expressivo do que morfológico” por sua função conotativa, metafórica. Em *Sagatrissuinorana*, o neologismo assume significado ao referir-se ao Lobo/Vale S.A., uma analogia ao perigo representado pelo rompimento das barragens de

dejetos que atingiram Brumadinho e Mariana, um acontecimento trágico, movido também pela maldade humana, recebe outras nomeações: “Dito”, “Tinhoso” e “Cujo”. Novais (2023, p. 50) assevera sobre a literatura: “caracteriza-se por ser, social e historicamente, uma prática de linguagem considerada artística no âmbito de um determinado domínio discursivo ou esfera de comunicação”. Portanto, na perspectiva da mediação da leitura literária feita pelo professor em sala de aula, uma discussão envolvendo *Sagatrisuinorana*, os contos da tradição oral e *Sagarana*, de Guimarães Rosa, deve “levar em conta o estágio de desenvolvimento linguístico, a fluência de leitura e o lugar ocupado nas práticas de letramento literário por parte dos alunos leitores.” (Novais, 2023, p. 64)

### 5. <defunto adiado>

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexemática.

**Abonação:** “O leitãozinho – <defunto adiado> que ainda – carreirou-se de um tanto que ultrapassasse seu próprio guinchar”. (p. s/n)

**Formação neológica:** expressão conotativa.

**Categoria Neológica:** metaludismo.

**Sentido:** leitãozinho sobrevivente.

**Análise léxico-semântica:** O ludismo verbal experimentado na criação da lexia complexa <defunto adiado>, uma base substantiva – defunto – à qual se une o adjetivo “adiado”, dá forma à atmosfera metalinguística para conferir ao leitãozinho, personagem da narrativa, a condição de sobrevivente das garras do Lobo. Na esteira do que propõe a subcategoria **metaludismo**, da referida lexia nasce a autorreflexividade que conduz o leitor a dividir sua atenção entre a mensagem e o código que a constitui, pois passa a perceber como o texto/relato está organizado e de quais maneiras os signos significam e são ressignificados na composição dos sentidos pretendidos pelo narrador. A situação do animalzinho, personificado, sugere uma leitura de caráter existencial, que ganha seus contornos por meio daquilo que expressa a sua condição de sobrevivente, a mesma de alguns habitantes de Mariana e Brumadinho, por conseguirem escapar com vida da tragédia. O adjetivo “adiado” assume um tom de esperança que muito bem pode representar e descrever o personagem animal: ele é o que superou e venceu o perigo iminente: “carreirou-se de um tanto que ultrapassasse seu próprio guinchar. E quando o Tinhoso se apercebeu, o suíno já era fora dali, por distante” (S, p. s/n). O ludismo verbal e o expediente metalinguístico reforçam aquilo que

o jogo de palavras da referida expressão ajuda a construir. O leitor posiciona-se diante de um quadro em que, pictoricamente e ao lado do procedimento metalinguístico, a linguagem desvela os acontecimentos e traduz uma representação do mundo. Segundo expõe Chalhub (2001, p. 52), “metalinguagem é sempre um processo relacional entre linguagens; tratando-se de literatura, haverá sempre esse diálogo intertextual”, pois toda a narrativa de *Sagatrissuinorana* e, especialmente essa passagem, transformam não apenas as relações nas quais as palavras se entretêm consigo mesmas, como salientam as imagens que nelas despontam.

6. <cofre>

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

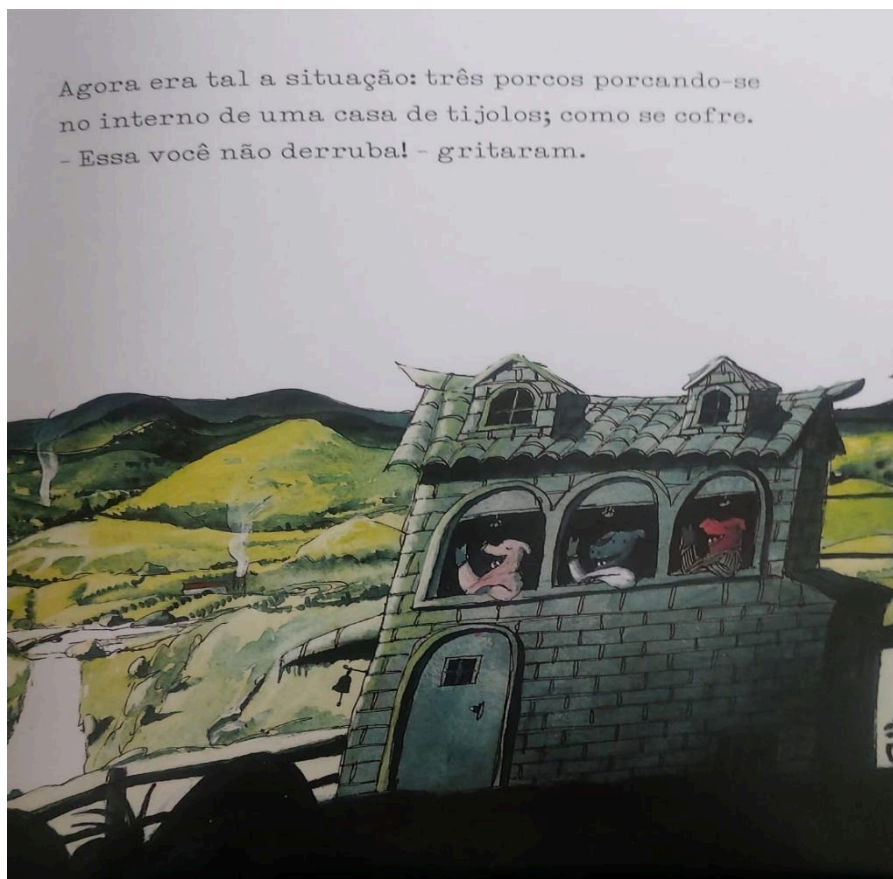
**Abonação:** “Agora era tal a situação: três porcos porcando-se no interno de uma casa de tijolos; como se <cofre>” (p. s/n).

**Formação neológica:** neologismo semântico.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** abrigo seguro.

Figura 40 - <cofre>



Fonte: Livro *Sagatrissuinorana*, p. s/n

**Análise léxico-semântica:** Na passagem “Agora era tal a situação: três porcos porcando-se no interno de uma casa de tijolos; como se <cofre>”, não ocorreu alteração formal no neologismo semântico em destaque, mas “a criação de um novo elemento”, [...] “uma mudança no conjunto dos semas” [...] (Alves, 2002, p. 63), por meio do processo estilístico da metáfora. Assim, à base formal foi atribuído novo significado por um “mecanismo de transposição metafórica” [...] do qual originou o neologismo semântico <cofre>, empregado com outro sentido, ou seja, o de “abrigo seguro”. Observa-se, portanto, que o significado básico da palavra <cofre> não é mantido. Trata-se de uma relação de semelhança (Cardoso, 2018, p. 127), pois, como uma fortaleza, segundo o enredo, a casa de tijolos, tal como o cofre, impede a entrada do Lobo e traz segurança para os três irmãos porquinhos. No contexto, revela-se essa similaridade, ainda, na relação intertextual entre o conto maravilhoso e as tragédias de Mariana e Brumadinho, porém marcada por uma ironia do destino, pois enquanto na narrativa oral os personagens têm um final feliz, no desastre promovido pelo rompimento das barragens muitas pessoas perderam suas vidas, outras tantas ficaram sem suas posses e a tragicidade da situação destoava do conto do século XVIII. Há valorização da

**literoexpressividade** ao se promover uma releitura da fábula para se fazer uma crítica ao evento dramático ocorrido em terras mineiras e, com isso, revelar, “no discurso literário, elementos do pensamento humano e marcas de diferentes culturas, de diversos contextos sócio-históricos e de maneiras de ver o mundo” (Cardoso, 2018, p. 128). Com sua escolha lexical, evidencia a expressividade do neologismo <cofre> e valoriza o campo léxico semântico ao construir as representações do que houve, via (re)lembração, transportando o leitor para os contextos locais, tanto o do texto-fonte como o da releitura.

### 7. <ensaiar o bufo>

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “O Cujo bem <ensaiou o bufo> – mas sem efeito”. (p. s/n)

**Formação neológica:** composição sintagmática.

**Categoria Neológica:** literoexpressividade.

**Sentido:** treinar a baforada para destruir/matar a presa.

**Análise léxico-semântica:** Apesar de a lexia “bufo” estar dicionarizada, a composição sintagmática <ensaiar o bufo> é uma formação novo e obedece à seguinte estrutura: S+Art+N. Tem-se uma combinação formada de uma base verbal – “ensaiou” – e duas unidades lexicais pospostas subordinadas a ela. Percebe-se que o substantivo apresenta comportamento de objeto direto do verbo. Segundo Ferraz (2019, p. 188), “Na composição sintagmática participam elementos lexicais de várias classes gramaticais, numa ordem tão variável quanto a extensão da combinatória”. Sob a ótica da **literoexpressividade**, trata-se de uma encenação e ao mesmo tempo de uma representação visual da baforada, da golfada mortífera expelida pelo Cujo/Lobo/Vale S.A na direção dos personagens suínos/habitantes de Mariana e Brumadinho com a finalidade de disimá-los. Foi um ensaio sem efeito, momento em que o narrador expõe a sua crítica, atribuindo à Vale a responsabilidade pelas vidas ceifadas: “Porque o diabo não há. Existe é a ruindade humana. Travessia. E a Lama trespassou o vale no meio do redemunho...” (S, p. s/n).

### 8. <gengivas de terra>

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “E a Lama” trespassou o vale no meio do redemunho, mastigando, banguela, com suas <gengivas de terra>, o tão frágil e breve corpo”. (p. s/n)

**Formação neológica:** expressão conotativa.

**Categoria Neológica:** metaludismo.

**Sentido:** boca.

Figura 41 - <gengivas de terra>



Fonte: Livro *Sagatrissuinorana*, p. s/n

**Análise léxico-semântica:** Como se observa, na expressão conotativa <gengivas de terra>, a expressividade se concretiza fundamentalmente porque o segundo substantivo determina o primeiro. Essa composição sintagmática enquadra-se na categoria **metaludismo** em face do jogo de palavras que oportuniza. O autor brinca com elas, aproveitando-se de sua polissemia. Por outro lado, ajuda o leitor a entender como as palavras se organizam e se relacionam do ponto de vista da língua, quando, por exemplo, ele detém seu olhar sobre toda a estrutura frasal e observa as lexias associadas ao campo semântico da trituração: “gengivas”, “banguela” e “mastigando”. Nesse contexto, expõe a sua crítica ao acontecimento trágico

ocorrido em Brumadinho e Mariana. Em *Sagatrisuinorana*, a intertextualidade, presente na trama e no tecido do texto, constitui uma forma de metalinguagem (Chalhub, 2001, p. 52), pois, como se constata, o narrador introduz no cenário a “Lama”, personificada, e a apresenta, ironicamente, como a poderosa, a mandachuva, a que trespassa “o vale no meio do redemunho”, a “gingiva de terra”. Mesmo desdentada, vai massacrando tudo que atravessa seu caminho, tal como aconteceu com as barragens/Lama, <gingivas da terra> e sua travessia de destruição nas terras mineiras.

### 9. <delobodeporcodecasadetudo>

**Manifestação da lexia:** lexia complexa, polilexemática.

**Abonação:** “E a Lama” trespassou o vale no meio do redemunho, mastigando, banguela, com suas <gingivas de terra>, o tão frágil e breve corpo – <delobodeporcodecasadetudo>”. (S, p. s/n)

**Formação neológica:** neologismo gráfico.

**Categoria Neolúdica:** malabarismo lexical.

**Sentido:** destruição de tudo que apareceu no caminho.

**Análise léxico-semântica:** Na formação gráfica <delobodeporcodecasadetudo> ocorre um fenômeno de experimentação lexical inusitado, que se deve à arte do escritor em manipular as palavras na superfície gráfica em que o enunciado aparece. Na leitura da referida expressão, o leitor é levado a perceber como “à sonoridade soma-se o aspecto visual” (Cardoso, 2018, p. 162). Torna-se perceptível, pela maneira como as palavras estão dispostas na página, na sua linearidade, e a imagem evocada, o caminho de destruição deixado pela passagem avassaladora das <gingivas da terra> que, diferentemente do epílogo da fábula tradicional “Os três porquinhos”, reforça a sua travessia funesta, fatídica, causadora da morte na caminhada dessa lava em explosão: “do lobo, do porco, da casa, de tudo”. Mas, no texto, concretiza-se outro tipo de morte: a do discurso, representada pelo silenciamento das autoridades e dos responsáveis diante da tragédia anunciada. Como se constata na dicção do narrador: “Foi o que me chegou, se muito. Porque todo conto pode ser recontado à vera. E quem haverá de? – se antes” (S, p. s/n.). O **malabarismo lexical** se faz presente pelo experimentalismo verbal que solicita do leitor associações tais a fim de que chegue à decodificação esperada. Tudo está intimamente associado ao universo da rolagem dos dejetos das barragens pelos locais devastados. Imagetivamente, as palavras unidas recuperam essa

ideia, pela grafia inovadora, responsável, entre outros aspectos, pela inovação linguística, que precisa ser trabalhada na sala de aula tendo em vista o desenvolvimento da competência lexical. A expressão em tela, empregada para etiquetar o processo de construção estilística, distancia-se, portanto, do significado estático das palavras registrado nos dicionários, um atestado da renovação do léxico perpetrada no espaço branco da página.

## 5.5 NEOLOGISMOS NO LIVRO *SONHOZZZ*, DE SILVANA TAVANO (2022)

### 1. <Sonho-bicicleta>

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexemática.

**Abonação:** “Será que hoje vai ter o <Sonho-bicicleta>? Adoro!” (p. s/n)

**Formação neológica:** composição por subordinação.

**Categoria Neolúdica:** ludigrafismo.

**Sentido:** sonho veloz.

**Análise léxico-semântica:** O composto subordinativo <Sonho-bicicleta> obedece à estrutura binária S+S, na qual “sonho” é o núcleo especificado em uma sequência determinado/determinante. Evoca, simultaneamente, os domínios “sono” e “veículo” que dizem respeito à reunião de imagens, de ideias, de pensamentos durante o sono, quando alguém está dormindo. No contexto, simbolicamente, evoca a chegada veloz do sonho durante o sono. Nesse caso, o acontecimento está circunscrito à realidade do personagem, razão pela qual ganha destaque na organização sintática. O **ludigrafismo** se manifesta no texto imagético e remete à relação sonho/objeto sonhado, pois, na ilustração, as rodas da bicicleta aludem às duas pupilas alertas, na expectativa da brincadeira começar. Geometricamente centralizada, a imagem possibilita visualizar a página azul como o rosto e as rodas da bicicleta são os olhos que se movem, realizando movimentos oculares intensos e rápidos de ir e vir tais como o Rapid Eye Movement (REM), responsável por um bom descanso, desenvolvimento cognitivo e preparação para o dia seguinte. Na mundividência do narrador, seu desejo é o de que o sonho chegue rapidamente. Por outro lado, a menção ao brinquedo evoca não apenas a memória do personagem como também a do leitor em suas próprias experiências oníricas. Na conexão entre sonho e vigília, realidade e imaginação nasce um convite de (re)visita à infância assim como um resgate dessa valiosa capacidade de sonhar que não pode ser esquecida nem desprezada, muito menos pelas crianças.

## 2. <Sonho-voador>

Figura 42 – <Sonho-voador>



Fonte: Livro *Sonhozzz*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia composta, polilexemática.

**Abonação:** “Ah, mas aí o campeão é o <Sonho-voador>: não tem nada melhor do que voar tão livre”.

**Formação neológica:** composição por aglutinação.

**Categoria Neolúdica:** ludigrafismo.

**Sentido:** liberdade para sonhar; sonho livre; <Sonho-planador>, <Sonho asa-delta>.

**Análise léxico-semântica:** A lexia <Sonho-voador> obedece à estrutura S+Adj. e remete aos domínios “sono” e “ato de voar”. O neologismo demarca, inicialmente, a função clássica dos sonhos, fenômeno ainda considerado pela ciência como algo restrito ao nosso corpo físico. Todavia, é possível notar, na passagem transcrita, um desvio na função clássica do sonho diante da sua personificação. O elemento em segunda posição aponta uma redefinição metafórica e materializa o ineditismo da situação: o sonho se torna um brinquedo similar a uma asa-delta, por meio da qual surge o personagem-planador, aquele que navega por universos fictícios sem limites. Assim, no âmbito do **ludigrafismo**, a ilustração de Daniel Kondo para o <Sonho-voador>” remete a uma viagem onírica libertária, livre de pressões, de censuras, de limitações: “Flutuando por cima do mar, das montanhas, das ruas cheias de

carros... e a gente lá em cima feito pássaro gigante” (SO, p. s/n). O verbo “flutuar” carrega conotação simbólica associada à sensação de leveza, de imaterialidade, de desconexão da realidade tangível. Por isso o personagem pode viajar no sonho para vários lugares, sem um destino específico, e vivenciar situações desafiadoras, pois é “pássaro gigante”. Os olhos, personificados, no centro da página, são os marcadores do sonho. O jogo visual criado pelo ilustrador remete à força criadora do imaginário, preconizado pela literatura destinada às infâncias, modo singular de representação de mundos conhecidos ou desconhecidos, possíveis e impossíveis, que podem muito bem acontecer. A caracterização do sonho como algo nascido da fantasia é auxiliada pelo contexto e ajuda a visualizar o neologismo de forma lúdica, ao passo que liga elementos da realidade com o ficcional. Com essas experiências de sonhar, a autora desconstrói o pensamento conservador de que sonho é ilusão, alienação, para apresentar a dimensão onírica como ligada à sensibilidade, a uma experiência lúdica e, por extensão, à existência humana. Na literatura, compostos neológicos como <sonho-bicicleta> e <sonho-voador> auxiliam a qualificar o mundo representado ficcionalmente (a trama, os personagens, o espaço, o tempo, entre outros) e, ao mesmo tempo, a demonstrar que sua vida útil se limita ao contexto da obra, cujo emprego atende a fins estilísticos. (Reuillard, 2007, p. 33)

### 3. <magrela>

Figura 44 - <magrela>



Fonte: Livro *Sonhozzz*, p. s/n

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “Pra gente sentir aquela tontura maluca quando a <magrela> d i s p a a a a r a”. (p. s/n)

**Formação neológica:** neologismo semântico.

**Categoria Neolúdica:** literoexpressividade.

**Sentido:** bicicleta.

**Análise léxico-semântica:** O adjetivo está empregado substantivamente, pois se observa a mudança de classe gramatical: **magrela** (adjetivo) para **magrela** (substantivo), caracterizando uma conversão. Nomear a bicicleta de <magrela> associa-se à ideia de que ela é desprovida de penduricalhos ou de adereços. O desenho verbal que se constrói na relação palavra-imagem confere ao leitor a possibilidade de ele se transformar em um fazedor de sentidos. Por outro lado, o significado da UL não se realiza a partir do sentido virtual dicionarizado. Ocorre a criação de um novo conceito para o novo referente e isso acontece a partir do contexto situacional. Como destaca Guilbert (1975, p. 21) “toda mudança de sentido [...] se produz em um dos três aspectos significantes do lexema sem que intervenha simultaneamente uma modificação na forma significante deste lexema”. O ludismo verbal se faz presente e a função da atividade lúdica, nesse contexto, é dar ao objeto “bicicleta” um outro valor ideológico. Assim, cria-se uma realidade diferenciada e adequada ao novo mundo criado, onde impera a fantasia, conforme preconiza a **literoexpressividade**.

4. <d i s p a a a a a r a>

**Manifestação da lexia:** lexia simples, monolexemática.

**Abonação:** “<d i s p a a a a a r a>”

**Formação neológica:** neologismo gráfico

**Categoria Neolúdica:** ludigrafismo

**Sentido:** velocidade da bicicleta

**Análise léxico-semântica:** Uma das maneiras de realizar lexicalmente o emprego das palavras centraliza-se na via neológica, conforme o modo de usá-las motivado pela invenção de UL novas para efeito estético. Em <d i s p a a a a a r a>, o formato visual da palavra imita a velocidade do deslocamento da bicicleta, assim como, quanto aos aspectos fônico e espacial, destaca o grito do personagem no momento da disparada. À convergência de vozes soma-se a alusão ao movimento executado. O grito da personagem se faz representado naquilo que Cardoso (2018, p. 135) enfatiza para a repetição da vogal aberta: além de “reforçar e marcar a

sonoridade, [aproxima] o texto escrito da fala cotidiana”. Nota-se que o verbo em si não sofre alteração na grafia propriamente dita, todavia, a repetição do fonema “a” é um indicativo de que o narrador quis enfatizar a capacidade de o veículo realizar o intento do seu condutor quando está em movimento. O jogo com a fragmentação da palavra produz aliterações que reforçam a ideia de rapidez da ação. Se a escrita da palavra obedecesse à sequência linear, o efeito de sentido não seria próximo ao estado emocional, figurativo e imagético que o narrador pareceu querer demonstrar. A presença do **ludigrafismo**, portanto, conduz o leitor ao deciframento dos sentidos gerados pela nova lexia e o direciona para compreender a escritora como uma designer da palavra diante da criação gráfica proposta. Cardoso (2018, p. 32) sinaliza que “Além do aproveitamento do volume da palavra, alguns recursos gráficos podem ser utilizados no texto escrito para representar intensidade, duração, altura”. Assim, nessa nova lexia a duração está representada pela repetição da vogal “a”, “um recurso gráfico que, estilisticamente, reproduz a prosódia” <d i s p a a a a a r a>. Esse malabarismo lexical exige do leitor um comportamento cognitivo no sentido de operar mecanismos de decodificação do sentido pretendido pelo narrador. A alteração da grafia da palavra quanto à ordem convencional da escrita reforça minha proposta de análise das novas lexias baseada nos efeitos das dimensões verbivocovisuais, com realce para o neologismo gráfico e a tentativa lúdica de comunicação para o desvendamento do significado. Assim, é possível ver nesse processo a liberdade do usuário da língua em criar recursos gráficos a fim de se produzir efeitos literários, mesmo com unidades já lexicalizadas.

Com essa proposta de análise, busquei fazer jus ao que propôs Bitarães Netto (2005, p. 33): todos os neologismos cuja recolha se deu a partir da leitura das cinco obras literárias analisadas, vencedoras do Prêmio Jabuti entre 2017 e 2022, estavam lá à espera de serem tocados.

Em movimento inverso, ao me debruçar sobre a pesquisa e sem “deficiência de sentir”, fui me transformando em receptora cutucada pela necessidade de demonstrar a relevância de minha investigação acadêmica no campo dos estudos neológicos e com as contribuições da literatura para as infâncias.

Nesse sentido, apresentei uma proposta de análise dos neologismos literários por meio das **Categorias Neolúdicas**, cuja propositura, assim desejo, é a de contribuir como coadjuvante para o professor na sua relação com seu alunado na sala de aula, sempre por meio de um trabalho conjunto e de valorização da língua e da literatura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS, A PALAVR(A)ÇÃO CONTINUA: “PORQUE TODO CONTO PODE SER RECONTADO À VERA”<sup>39</sup>

*Vim pelo caminho difícil,  
a linha que nunca termina,  
a linha bate na pedra,  
a palavra quebra uma esquina,  
mínima linha vazia,  
a linha, uma vida inteira,  
palavra, palavra minha.*

Paulo Leminsk

Com base no percurso reflexivo apresentado neste estudo, busquei respostas para algumas indagações. Por qual razão o léxico, sendo um componente essencial da língua, tem o seu estudo ainda minimizado na sala de aula? Por qual motivo existem ainda algumas limitações nesse material e as atividades aparecem em número muito reduzido ou sem fundamentação aprofundada para os alunos conhecerem melhor os novos itens lexicais? Se o léxico constitui um repositório que permite identificar diferentes ideologias na produção linguística dos falantes e deve ser observado como fator atuante no direcionamento de mudanças nas línguas vivas, em função de quais argumentos ele ainda está à deriva nas atividades leitoras na escola? Se os neologismos caracterizam uma inovação linguística que surge da necessidade comunicativa existente no ambiente dos nativos de uma língua, qual a explicação para ainda serem caracterizados como vícios de linguagem e discriminados em algumas gramáticas normativas e cujo estudo é silenciado? Se as diferentes formas linguísticas existentes, entre elas a palavra neológica, representam a cultura e identidade de um povo, qual a razão de ainda continuarem desprezadas nos estudos do léxico em sala de aula?

Julgo ter respondido a essas inquietações, embora consciente de que preciso alçar novos voos para dar continuidade à minha pesquisa. Os neologismos denominativos e, principalmente, os estilísticos estão, de fato, presentes nas obras literárias vencedoras do Prêmio Jabuti, entre 2017 e 2022, na categoria Literatura Infantil, e isso se comprova pelas análises apresentadas. O seu estudo promove o desenvolvimento de várias competências linguísticas, entre elas a lexical. Ser competente na cultura letrada requer do professor, na sua atuação em sala, o emprego de várias práticas de multiletramentos, para não somente desenvolver no alunado a competência de ler e de escrever, mas também a capacidade de

---

<sup>39</sup> Do livro **Sagatrisuinorana**, de João Luiz Guimarães.

interagir com a multiplicidade de culturas veiculadas pelas produções ficcionais colocadas à disposição do discentes do Ensino Fundamental final.

De fato, ainda há um considerável número de obras literárias, cujo público envolve crianças leitoras, nas quais os neologismos estão presentes em abundância na tessitura textual, razão pela qual devem visitar a escola. A recolha dos neologismos encontrados no *corpus* analisado neste estudo pode comprovar que as novas lexias ocupam um lugar significativo no português brasileiro, além de indicar que há muitas palavras na linguagem literária que ainda não foram dicionarizadas, motivo pelo qual necessitam se investigadas por sua significativa expressividade.

Também demonstrei que a inovação lexical, ainda tão marginalizada no ensino de português, devido, entre outros aspectos, ao preconceito que ronda os estudos neológicos, especialmente sob o ponto de vista estilístico, consagra aval à literatura para as infâncias por contribuir para uma visão mais ampla da língua e, conseqüentemente, para a diminuição das interpretações equivocadas no fértil terreno do léxico e das obras de ficção.

As produções analisadas ofertam guarida a novos itens lexicais e, com seu estudo, transformam a presença da literatura na sala de aula em momentos sedutores e prazerosos quando o docente envolve os estudantes em atividades criativas, despertando-lhes o “sabor” nascido da leitura literária que desagua no “saber” promovido pelo aprendizado.

Em outras palavras, se o alunado do Ensino Fundamental final não traz conhecimentos prévios acerca dos estudos neológicos com maior ênfase durante seu processo de escolarização, considero que as reflexões alavancadas neste estudo oportunizam um novo olhar sobre as UL neológicas e o incentivam a buscar conhecê-las mais profundamente, com a ajuda do professor e das **Categorias Neolúdicas**, o que, por conseqüência, pode também aumentar e fomentar o interesse pela leitura de outros textos ficcionais.

Busquei comprovar que o vir a ser dos recursos lexicais e os efeitos de sentido no território da palavra literária neológica colocam a literatura para as infâncias no patamar de disseminadora de neologismos na sala do Ensino Fundamental final, onde os textos ficcionais se revelam bastante eficazes, pois, por meio deles, é possível ver como escritores manipulam de modo lúdico e criativo as palavras.

Divulguei a mais valia das UL no território da palavra literária. Encontrei nessa literatura a dimensão social da língua, pois os textos ficcionais revelam-se como um suporte bastante eficaz por meio do qual muitas palavras novas se incorporam ao léxico. Por isso a necessidade de as obras literárias circularem na escola, a fim de contribuírem para o reconhecimento de que promovem a inovação lexical no português brasileiro.

Mobilizei os conceitos de Duarte (2011) acerca de capital lexical; de Ferraz (2010), sobre competência léxica; de Alves (2004) para conceituar e classificar neologismos; de Bakhtin (1995) para entender o dialogismo; de Street (2012) no que tange ao letramento literário; de Cardoso (2018) para analisar o neologismo presente no discurso literário; de Polguère (2018), para tratar do léxico e do significado lexical; de Eagleton (2000), sobre as contribuições da cultura e a função estética da palavra na obra literária; de “silenciamento”, de Fiorin (2009) e de Antunes (2012) para tratar da visão ainda reducionista existente acerca da mais valia das novas lexias, entre outros. Por meio dessas abordagens, evoquei algumas tensões que cercam os estudos sobre os neologismos, principalmente no Ensino Fundamental final, com discussões acerca de como têm sido silenciados, reivindicando para eles um espaço de pertencimento.

Em outra abordagem, objetivei deixar claro um dos meus propósitos neste estudo, ao sinalizar para a necessidade de tornar visível o que é invisível aos olhos de outros e mostrar, principalmente aos legisladores, estudiosos e professores, que o meu objeto de pesquisa, o estudo conjunto envolvendo a língua e a literatura infantil como disseminadora de palavras novas é útil para o alunado, pois os neologismos ensejam um fenômeno natural de todo idioma, configuram sua identidade, não significando inferioridade linguística, mas sim a importância e a certeza de que a língua continua em processo de evolução, por se tratar de um organismo vivo, altamente necessário para a comunicação.

Ao propor um trabalho mais valorizado com as construções lexicais neológicas ainda não tão conhecidas e estudadas no ensino de português, devido, entre outros aspectos, ao preconceito linguístico que ronda as novas formações de palavras, tenho em mente contribuir para uma visão mais ampla da língua e, conseqüentemente, para a diminuição das leituras equivocadas no fértil terreno do léxico e da literatura destinada às infâncias. Esses foram alguns aspectos discutidos nesta pesquisa, mas que ainda carecem de uma caminhada investigativa mais abissal e de realce como contribuição a mais para outros trabalhos acadêmicos nas duas áreas.

Objetivei investigar as formações neológicas em cinco obras vencedoras do Prêmio Jabuti, de 2017 a 2022, a partir de uma abordagem do que convencionei chamar de **Categorias Neolúdicas**, um conjunto de critérios para a análise dos processos de criação de novas lexias nas obras literárias, cuja fundamentação se baseou na teoria das lexias proposta por Bernard Pottier (1974), adaptada por mim, a partir da qual completei a visão panorâmica das ocorrências de novas UL inserindo-as nas categorias de identificação propostas.

Com meu bordão “ao neologismo o que é do neologismo”, procurei levar aos usuários da língua, ainda resistentes em aceitar a presença de novos itens lexicais, tanto no vernáculo quanto na literatura infantil, a descobrirem que eles são criados e utilizados não só por escritores como também pelas próprias crianças, seres naturalmente neológicos, diante da necessidade de dinamizar e expandir o nosso vocabulário. Assim, neste estudo, talvez a propositura fundamental incide sobre o fato de que usar as **Categorias Neolúdicas** como suporte e plataforma para a análise de novas lexias fomenta, na sala de aula do Ensino Fundamental final, o enlace entre língua e literatura, por oportunizar e fortalecer elos entre neologismos formais e neologismos estilísticos e alavancar, *in totum*, o protagonismo de ambas. Com isso, afirmo categoricamente ser possível realizar, em adjunção, o estudo dos neologismos estilísticos em parceria com os preceitos lexicais e contar com essa proposta de categorização a fim de facilitar melhor entendimento do aluno acerca das novas UL em sala de aula de português.

Consequentemente, como lúdica e poeticamente nos esclarece Manoel de Barros, descobrem-se nas obras ficcionais de qualidade de autores brasileiros as artimanhas por eles usadas para “fazer[em] peraltagens com as palavras” quando, por meio da expressividade e do ludismo oportunizados pelos novos itens lexicais, o gênero literário visita a sala de aula no Ensino Fundamental final. E, com essas “peraltagens”, “encher os vazios” representados por um desconhecimento ainda vigente sobre as contribuições neológicas não só, mas também para a literatura das infâncias. E, por extensão, propagar essas “peraltagens” na academia, para conhecimento de professores e pesquisadores, como também dos futuros docentes e, por que não, para a sociedade apreciadora da boa leitura literária.

Após todo esse percurso de estudo e escrita, intento que as ideias e reflexões propostas sejam inspiradoras para novas pesquisas no campo da inovação e da renovação lexical no âmbito da literatura infantil, repositório inquestionável do caráter vivo e dinâmico da nossa língua, fonte inesgotável para o enriquecimento do estudo das obras literárias que devem circular na escola.

Também reforço a possibilidade de as **Categorias Neolúdicas** visitarem a sala de aula e constituírem uma ferramenta adicional para ampliar as discussões e reflexões acerca das novas lexias, culminando na análise acurada de sua presença em obras literárias, comprovadamente disseminadoras de neologismos. Afinal, trabalhar com textos autênticos tende sempre a despertar o interesse do alunado e, consequentemente, transformar o espaço da sala de aula em um ambiente prazeroso, criativo e motivador.

Respalhada pelo arcabouço constituído por inúmeras dicções de estudiosos que consultei nessa trajetória, criei a minha própria abordagem para a análise dos neologismos estilísticos, assumindo um posicionamento no qual acredito, porque eu o empreguei na sala de aula ao longo da minha atividade professoral e que resultou em uma relação pactuada com meus alunos. Consegui fazer com que alguns deles entendessem que ler literatura podia resultar em momentos de saber e de sabor na viandância por mundos fantasmagóricos, inerentes à mundividência infantil. Tais constatações desaguam na proposição de que o professor de Português vivenciará experiências exitosas com seu alunado se ensinar em conjunto língua e literatura. Com as **Categorias Neolúdicas** evoco um construto teórico voltado para o docente, intencionalmente criado para ser seu coadjuvante e transformar suas aulas em momentos não apenas de conhecimento, mas também prazerosos para o resto da vida das crianças à sua volta.

Finalizo este estudo, recorrendo a Leminsk: vim por “caminho difícil”, pelo qual as palavras, inclusive as inventadas, e a minha dicção, em diversos momentos, bateram na pedra, quebraram-se na esquina e preencheram linhas vazias, porque nascidas de um desejo. Procurei desenhar a existência delas e a minha, tantas vezes modificadas nesses últimos tempos, mas sempre matéria-prima e expressão do meu pensamento, do meu vir a ser, da minha essência. E porque delas me servi, na quebra de uma esquina, era “a linha, uma vida inteira”, era a palavra, palavra minha, minha palavra.

## REFERÊNCIAS

AGUSTONI, Prisca. “Intermezzo”. Belo Horizonte: **Estado de Minas**, Caderno Pensar, 31 ago. 2024.

ALVES, I. M. Metalinguagem e empréstimos na mensagem publicitária. In: **Alfa**: São Paulo: UNESP, n. 18, 1984.

\_\_\_\_\_. Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira. **Alfa**, São Paulo, v. 32, p. 1-14, 1988.

\_\_\_\_\_. **Neologismo: Criação lexical**. São Paulo: Ática, série Princípios, 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). Publicidade: a linguagem da inovação lexical. In: **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010.

\_\_\_\_\_. Uma metodologia para a descrição de neologismos. In: GONÇALVES, A. V. GÓIS (Org.). **Ciências da linguagem: o fazer científico?** Campinas-SP: Mercado de Letras, 2012.

ANDRADE, C. Drummond de. Confissões de Minas. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964, p. 582.

ANTUNES, Irlandé. **O território das palavras: o estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ARAOS, Ximena Trancoso. **Descubrir la literatura infantil**. Atenea (Concepc.) no. 514 Concepción dic. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.cl/pdf/atenea/n514/0718-0462-atenea-514-00247.pdf>. Acesso em: 24 set. 2024.

AULETE, C. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

\_\_\_\_\_. **Aulete Digital. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Dicionário Caldas Aulete, online. Lexikon Editora digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7ª ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; 1995.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1963]

\_\_\_\_\_. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade**: processos do neologismo. São Paulo: Global, 1981.

BARROS, L. A. Estruturas morfossintáticas e léxico-semânticas dos termos da Dermatologia. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: UFMS/ São Paulo: Humanitas, 2007.

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Trad. Marcus V. Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. In: Alfa: **Revista de Linguística**. n. 28 (supl.) São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1984, p.

\_\_\_\_\_. Léxico e vocabulário fundamental. São Paulo: Alfa, 1996.

\_\_\_\_\_. Dimensões da palavra. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, 1998.

\_\_\_\_\_. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. Alfa, n. 42 (n. esp.). São Paulo, 1998a.

BIDERMAN, M T C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A M P P; ISQUERDO, A N; (orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

BITARÃES NETTO, Adriano. **Asa da palavra**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

BORBA, Francisco (ed.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BOULANGER, Jean-Claude. **Néologie et terminologie**. Néologie em marche. Montreal: Éditeur officiel du Québec, 1979, v. 4.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 2008.

BUENO, Francisco da Silveira. **Gramática de Silveira Bueno**. 20ª ed. rev. e atualizada. São Paulo: Global, 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental II – Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular em planilha**. Brasília-DF: MEC, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 06 jul. 2021.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminologia**. Teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Antátida/Empúries, 1993.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARDOSO, Elis de Almeida. A criação neológica estilística. In: ALVES, Ieda Maria. **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010.

\_\_\_\_\_. **O léxico no discurso literário: criatividade lexical na poesia moderna e contemporânea**. 1 ed. São Paulo: Edusp, 2018.

CARVALHO, Nelly. **O que é neologismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O fazedor de palavras**. Belo Horizonte: Dimensão, 1996.

CECCANTINI, João Luís C.T. Atentado, de Sonia Rodrigues Mota: literatura contra a pequenez. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann (Orgs.). **Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão**. São Paulo, Assis-SP: Cultura Acadêmica, ANEP, 2006.

CEGALLA, D. Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional: 2010.

CEZAR, M.C.M. **Do ensino da língua literária e do sentido: reflexões, buscas, caminhos**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

CHALHUB, Samira. **A metalinguagem**. São Paulo: Ática, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

CORSINO, Patrícia. Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. In: BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Coleção Explorando o Ensino; v. 20 Literatura: ensino fundamental. Brasília, DF, 2010. BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.

CUNHA, A. L. **Expressões idiomáticas**: da linguagem publicitária para a sala de aula. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

DIONISIO, A. P.; BEZERRA, M. A. **O livro didático de português**: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Infância In: **Reunião** 6. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974.

DUARTE, Inês (Org.). **O conhecimento da língua**: desenvolver a consciência lexical. Lisboa: Ministério da Educação, 2011. Disponível na Web em: <[https://area.dge.mec.pt/gramatica/O\\_conhecimento\\_da\\_lingua\\_desenv\\_consciencia\\_linguistica.pdf](https://area.dge.mec.pt/gramatica/O_conhecimento_da_lingua_desenv_consciencia_linguistica.pdf)>. Acesso em: 06 jul. 2021.

DUARTE, Lélia Parreira. Ironia, humor e fingimento literário. In: **Resultado de pesquisa - Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte, 1994.

DUARTE, Lélia Parreira. **Ironia e humor na literatura**. Belo horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006.

DUBOIS J. *et al.* **Dicionário de linguística**. 16ª ed. São Paulo: Cultrix; 2014.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.

FARACO, C. A. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. Empréstimos e neologismos: uma breve visita histórica. In: **Alfa**, São Paulo: 45: 131-148, 2001.

FAULSTICH, Enilde L. de J. **Lexicologia**: a linguagem do noticiário policial. Para uma análise estrutural de campos semânticos. Brasília: Horizonte, 1980.

FERRAZ, Aderlande P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Costa de (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: UFMG-FALE, 2006.

\_\_\_\_\_. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília. **Língua portuguesa, educação e mudança**. Rio de Janeiro: Europa, 2008.

\_\_\_\_\_. El Desarrollo de la competencia léxica desde el uso de material auténtico en la enseñanza de PLE. In: **IX Congreso Internacional de Linguística General**. Valladolid, 21 a 23 de junio de 2010.

\_\_\_\_\_. Um dicionário de expressões idiomáticas com objetivos pedagógicos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; MANTOVANI, Giselle Olivia (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2014, vol. VII.

\_\_\_\_\_. Casos especiais de formação de palavras novas no português Brasileiro. In: ALVES, Ieda Maria; MEJRI, Salah; SABLAYROLLES, Jean-François (Org.). **Léxico: semântica lexical, neologia, empréstimos**. São Paulo: Humanitas, 2019.

FERRAZ, A. P. & COTIERO, Elza. A neologia de empréstimos no LDP. In: **Léxico: investigação e ensino**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.

FERRAZ, Aderlande Pereira & SILVA FILHO, Sebastião Camelo. O desenvolvimento da competência lexical e a neologia no português brasileiro contemporâneo. In: FERRAZ, Aderlande Pereira (Org.). **O léxico do português em estudo na sala de aula**. 1 ed. Araraquara-SP: Letraria, 2016.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Analogia e Desautomatização: Processos neológicos Convergentes. In: ISQUIERDO, Aparecida Negri; MARQUES, Elizabete Aparecida (Orgs.). **As ciências de léxico** [recurso eletrônico]: volume X: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2023.

FIORIN, José Luiz. Língua, discurso e política. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 148-165, junho, 2009. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2009000100012](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000100012)> Acesso em: 06 jul. 2022.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. Ijuí-RS: Ed. Unijuí, 2005.

FURNARI, Eva. **Drufs**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2017.

GARCIA, Afrânio da Silva. **Estudos Universitários em semântica**. 2ª edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2011.

GÓES, L. P. **Introdução à literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Recursos lexicais e efeitos de sentido. In: CARDOSO, E. A.; GIL, B. D.; ARAUJO, M. (Org.). **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas** [recurso eletrônico] : volume VIII. São Paulo: FFLCH/USP, 2020.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

GUIMARÃES, João Luiz. **Sagatrissuinorana**. São Paulo: ÔZé Editora, 2020.

GURGEL, N. 2006. Primeira versão – **Literatura Infantil e humor**. Porto Velho-RO: Editora Universidade Federal de Rondônia: Ano II, Nº 80, vol. V, 2002. Disponível em [https://primeiraversao.unir.br/artigos\\_volumes/numero080Nair.pdf](https://primeiraversao.unir.br/artigos_volumes/numero080Nair.pdf). Acesso em: 23 fev. 2024.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. Ed. Rev. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

INEP. PISA – **Programa Internacional de Avaliação de Estudantes**. 2018b. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/pisa>. Acesso em: 31 ago. 2022.

ISTVANSCH. De como a imagem constrói o humor. In: BELMIRO, Célia Abicalil; MARTINS, Aracy Alves (Orgs.). **Mediações de leitura literária**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

JAUSS, Hans Robert. A Estética da recepção: colocações gerais, p. 43-62, In: **A Literatura e o Leitor** – textos de Estética da Recepção /. Seleção, tradução e introdução: Luiz Costa Lima / Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JÚNIOR, Otávio. **Da minha janela**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte** – e na pintura em particular. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

KHEDE, Sônia Salomão (Org.). **Literatura Infanto-Juvenil: um gênero polêmico**. Petrópolis: Vozes, 1983.

KLEIMAN, A. O ensino do léxico através da leitura. In: **Leitura, ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes, 1996.

KRIEGER, M. Lexicologia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, M. Cândida C. Seabra (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

KRIEGER, M. G. Entrevista. In: KRIEGER, M G; ADELSTEIN, A. **Estudos do léxico em diferentes perspectivas**. Calidoscópico (Unisinos), v. 14, n. 3, 2016.

LEÃO, Duarte Nunes do. **Ortografia e origem da língua portuguesa**. Introdução, notas e leitura de M. L. Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1576[1983].

LEFFA, Vilson J. **Às palavras a sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas**. Pelotas: EDUCAT, 2000.

LEMINSK, Paulo. **Distraídos venceremos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LISKA, Geraldo José Rodrigues. Análise do discurso humorístico: as marcas sociolinguísticas, culturais e históricas para a/o produção/desvio do significado. **Trem de Letras**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 89–98, 2012. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/46>.

LOBATO, Moteiro. **Emília no país da gramática**. Barueri-SP: Ciranda Cultural, 2019.

LUFT, L. **Histórias de bruxa boa**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MACHADO, Ana Maria. Recursos lúdico-linguísticos na atribuição dos nomes próprios de personagens. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann (Orgs.). **Leitor**

**formado, leitor em formação:** a leitura literária em questão. São Paulo, Assis-SP: Cultura Acadêmica, ANEP, 2006.

MARONEZE, Bruno Oliveira; BAZARIM, Milene. Neologia e Ensino de Língua Portuguesa: uma proposta didática para o Ensino Médio. In: **I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**. São Paulo: 2008. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/320676897\\_Neologia\\_e\\_Ensino\\_de\\_Lingua\\_Portuguesa\\_uma\\_proposta\\_didatica\\_para\\_o\\_Ensino\\_Medio](https://www.researchgate.net/publication/320676897_Neologia_e_Ensino_de_Lingua_Portuguesa_uma_proposta_didatica_para_o_Ensino_Medio)>. Acesso em: 05 set. 2022.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística:** a expressividade na língua portuguesa. 3. ed. São Paulo. T. A. Queiroz Editor - USP, 2000.

MARTINS, E. S. O tratamento das lexias compostas e complexas. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 1–6, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9091>. Acesso em: 23 jul. 2023.

MEDEIROS, Júlia. **A Avó Amarela**. 1. Ed. São Paulo: ÔZé Editora, 2018.

MONTEIRO, J. Lemos. **Morfologia portuguesa**. Fortaleza: EDUFC, 1987.

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**. São Paulo: Ática, 1991.

NOVAIS, Carlos Augusto. Mediação da leitura na perspectiva do letramento literário. In: BELMIRO, Célia Abicalil; MARTINS, Aracy Alves (Orgs.). **Mediações de leitura literária**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

OLIVEIRA, Fernão de. **Gramática da linguagem portuguesa**. Edição crítica, semidiplomática e anastática de Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1536[2000].

OPENAI. *ChatGPT* [modelo de linguagem]. [S.l.]: OpenAI, 2025. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 23 jan. 2025.

ORTÍZ ALVAREZ, Maria Luisa. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba:** estudo contrastivo e implicações para o ensino do português como língua estrangeira. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil:** voz de criança. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

PAULA, Fraulein Vidigal de; LEME, Maria Isabel da Silva. Produção de neologismos para avaliação da consciência morfológica no ensino fundamental. In: **Boletim de Psicologia**, 2017, Vol. IXVIII, N° 146: 051-066.

POESIA CONCRETA. **O projeto verbivocovisual**. Belo Horizonte, 2007. Palácio das Artes, 04 a 28 out. 2007. Exposição.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical:** noções fundamentais. Trad. Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

POTTIER, B. **Linguistique générale**: théorie et description. Paris, Klincksieck, 1974.

POWER-CARTER, Stephanie.; ZAKERI, Bitá. Examining our Blind Spots: Personhood, Literacy, and Power. In: BLOOME, David et alli (Orgs.). **Re-theorizing literacy practices**: complex social and cultural contexts. Routledge, London, 2019. p. 221-233.

PRÊMIO JABUTI. Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/historia/>. Acesso em: 01 out. 2023.

PROPP, Wladimir. **Comicidade e riso**. Tradução Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Correspondência**. Belo Horizonte: Governo de Minas Gerais, 1986.

RAMOS, M. Luísa. **Fenomenologia da obra literária**. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

REUILLARD, P. C. R. **Neologismos lacanianos e equivalências tradutórias**. 2007. 229 f. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

SABLAYROLLES, J. F. La néologie en français contemporain. In: **Innovazione lessicale e terminologie specialistiche**. Firenze: Leo S. Olschli Editore, 2003.

SAID ALI, Manuel. **Dificuldades da língua portuguesa**. 7 ed. Rio de Janeiro: ABL: Biblioteca Nacional, 2008.

SANTOS, A. P. G. **O lugar dos provérbios no ensino de língua portuguesa**: uma análise do livro didático de português do ensino fundamental II. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TAVANO, Silvana. **Sonhozzz**. São Paulo: Salamandra, 2021.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática**: ensino plural. São Paulo: Cortez, 2003.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. Tradição e inovação no ensino de língua e de literatura. Rio de Janeiro: **Confluência** - Revista do Instituto de Língua Portuguesa, 2009.

VALENTE, André. Neologia semântica, palavra-valise e intertextualidade no discurso midiático. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012. v. 6. p. 101-113.

VALENTE, A. Criações neológicas na linguagem midiática: aspectos semântico-discursivos. In: ISQUIERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume VII. Campo Grande: Ed UFMS, 2014.

VILELA, Mário. O léxico do português: perspectivação geral. In: **Filologia e língua portuguesa**. 1: 31-50. São Paulo: FFCH/USP, 1997.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. 2.ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

ZATS, Lia. **Tarsila**. São Paulo: Paulinas, 1995.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia C. **Literatura infantil**: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 1987.

## ANEXOS

## Glossário exemplar de neologismos

Neologismos no livro *Drufts*, de Eva Furnari

Lexia	Abonação
1. <RARARÁ>	“Minha mãe prefere gatos e minha avó gosta mesmo é do hamster dela, o RARARÁ”.
2. <Dégustateur du Lixô>	“Se eu morasse na Fränz, seria um <Dégustateur du Lixô> (p. 7)
3. <Roliúde>	“Se [meu irmão] morasse em <Roliúde>, ia ser galã de cinema” (p. 7)
4. <Família Ui>	“Família Ui”. (p. 8)
5. Festa	<festa, festa, festa, festa, festa, festa, festa, festa> (p. 10)
6. <Murchun>	“O único que não fala de festa é o tio <Murchun>. Ele tem depressão” (p. 10)
7. <Bum>	“O tio <Bum> também trabalha em festas infantis. [...] Qualquer coisinha ele estoura”. (p. 11)
8. <Tico Tampinha>	“Meu nome é <Tico Tampinha>. A coisa que mais gosto de fazer é estudar a vida dos insetos”. (p. 12)
9. <Guerra dos Tampinhas>	“Se eu for um escritor, vou escrever a história da minha família. Vai se chamar: <A Guerra dos Tampinhas>.” (p. 13)

10. <insetólogo>	“Estou na dúvida entre ser <insetólogo> e escritor”. (p. 13)
11. <Bijuéli Pristila>	“Meu nome é <Bijuéli Pristila>, mas todos me chamam de <Biju>. (p. 14)
12. <Nic Suflê>	“Um dos meus pais se chama <Nic Suflê>”. (p. 14)
13. <Fritemburgo>	“Ele nasceu em <Fritemburgo>. (p. 14)
14. <Fritemburguesa>	“Meu pai tem uma restaurante de comida <fritemburguesa>”. (p. 14)
15. <Croassan>	“quem faz comida aqui em casa é o meu outro pai, o <Croassan>”. (p. 14)
16. <fristache>	“Outro dia, fiz um <sorvete de fristache>”. (p. 14)
17. <borbolébulas>	“Família <Borbolébulas>. Minha mãe, borboleta. Meu pai, borboleta. Minha irmã, boboleta. Eu, libélula”. (p. 15)
18. <tropeço em distância>	“[Meu pai] inventou dois jogos interessantes: <Tropeço em distância>, um jogo dolorido...” (p. 17)
19. <boliche de ovo cru>	“<Boliche de ovo cru>, um jogo sujo”. (p. 17)
20. <Dô e Dinho>	“Eu e meu primo vamos ser a dupla <Dô e Dinho>. (p. 17)
21. <Nunco>	“A minha mãe se chama <Tusnila>. Ela e minha tia <Cosmila> são irmãs. Minha mãe está grávida. O bebê vai se chamar <Dusdimila>. O pai do bebê é o <Nunco>, o novo marido da minha mãe”. (p. 18)
22. <Shampulândia>	“[Meu pai] não mora aqui, mora em <Shampulândia>. (p. 20)
23. <coisólogo>	“Meu pai é <coisólogo>. Ele estuda as <REBIMBOCAS das PARAFUSETAS>. (p. 22)
24. <Pompão>	<Família Padoca. Estes são meus pais: o <Rei Pampão> e a <Rainha Bargaret>. (p. 25)
25. <Bótom>	“<Família Botom>. Nossa casa parece um ateliê de costura. A minha mãe <Juta> é estilista. Eu e meu irmão <Jérsei> queremos ser estilistas também”. (p. 26)

26. <Fashion Dog>	“Criamos um <projeto animal> - o <Fashion Dog>. Vamos fazer uma coleção de roupas de cachorro”. (p. 26)
27. <dedal de lágrimas>	“Eu chorei tanto que acho que dava pra <encher um dedal de lágrimas>”. (p. 26)
28. <Teteleco>	“Teteleco, o nosso cachorro”. (p. 28)
29. <Tilte>	“E minha mãe <Tilte> é três coisas com E. Ela é <explicóloga>, <eponética> e <estrovólica>”. (p. 29)
30. <rotor desarrepiativo>	“Minha família trabalha limpando casas mal-assombradas. Quando voltam do trabalho, eles guardam as vassouras, tiram as teias e aranha das roupas e passam o <ROTOR DESARREPIATIVO> nos cabelos”. (p. 30)
31. <Nii>	“Na minha família somos todos ninjas. Eu <Nii>”. (p. 30)
32. <zurônio>	“Invente o que seria um <zurônio>, depois desenhe e explique para que serve”. (p. 32)

### Neologismos no livro *A Avó Amarela*, de Júlia Medeiros (2019)

Lexia	Abonação
1. <cozinhando a santa ceia>	“– Cabem mais de doze apóstolos – ela dizia, <cozinhando a santa ceia>. (p. s/n)
2. <boca>	“A <boca> da minha avó passava as noites de molho num copo, em cima do criado-mudo, sem dizer uma palavra”. (p. s/n).
3. <apanhar>	“...ela saía rumo à feira. A manhã a <apanhava no caminho>”. (p. s/n)
4. <arremedo de morcego>	“Minha avó voltava com a sacola cheia, de um lado, e o [galo] dependurado de cabeça para baixo, do outro. Ele não gostava de ter que ficar que nem <arremedo de morcego> e batia forte as asas”. (p. s/n)
5. <Filho Preto e Branco>	“No caminho, a Avó Amarela sempre tinha uma visita para cumprir. Por trás do vidro côcavo e grosso, o <Filho Preto e Branco> aguardava, de farda, pelas flores que <enfeitariam seu silêncio>”. (p. s/n)

6. <engolir todo o barulho do mundo>	“Era como se a boca da minha avó voltasse arepousar ao lado da cama depois de <engolir todo o baulho do mundo>. (p. s/n)
7. <Filhos Coloridos>	“Os <Filhos Coloridos> chegavam trazendo os outros netos dela e a <mesa-que-ocupava-toda-a-varanda> ficava do tamanho do criado-mudo”. (p. s/n)
8. <mesa-que-ocupava-toda-a-varanda>	“...a <mesa-que-ocupava-toda-a-varanda> ficava do tamanho do criado-mudo”. (p. s/n)
9. <grande-vencedor-do-campeonato-do-bar-da-rodoviária>	“Depois os filhos se revezavam entre os cochilos e as rodadas de buraco comandadas pelo <grande-vencedor-do-campeonato-do-bar-da-rodoviária>, o meu avô”.(p. s/n)
10. <sorriso de louça inglesa>	“O <sorriso de louça inglesa> convocava os netos para conferir o resultado do sorteio na televisão”. (p. s/n)
11. <Barbie Sonho de Férias>	“depois de ter pago os bilhetes o que daria para comprar uma casa de dois andares com piscina, ou talvez até uma <Barbie Sonho de Férias>”. (p. s/n)
12. <telessenho>	“mais uma vez, o <telessenho> da minha avó era adiado”. (p. s/n)
13. <cozinhar lembretes>	“(Minha avó <cozinhava lembretes>)”. (p. s/n)
14. <copo cheio de lágrimas>	“Naquelas noites de domingo, a Avó Amarela se deitava mais cedo. E sobre o criado-mudo seu sorriso repousava num copo cheio de lágrimas>. (p. s/n)

### Neologismos no livro *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior (2020)

Lexia	Abonação
1. <telhados remendados>	“Vejo muitas lajes e <telhados remendados>. (p. s/n)
2. <sereio do mar>	“<Sereio do mar>”. (p. s/n)

3. <atelier das palavras>	“<Atelier das Palavras>”. (p. s/n)
4. <biquíni-paixão>	“<Biquíni-paixão>”. (p. s/n)

### Neologismos no livro *Sagatrisuínorana*, de João Luiz Guimarães (2021)

Lexia	Abonação
1. <porcar>	“Eram três porcos que <porcavam> como se Lobo não houvera, peludo e perto”. (p. s/n)
2. <palha nova de arrimo>	“O primeiro – quase rosa – trançou a fibra do buriti em <palha nova de arrimo>”. (p. s/n)
3. <baforada quente e quase dentada do Dito>	“Mas quando o vento bateu à porta, adivinhou a <baforada quente e quase dentada do Dito>”. (p. s/n)
4. <Orelhudo>	“Quando, de pronto e sem aviso, do <Orelhudo> o sopro nefato separou as vigas de bambu...”. (p. s/n)
5. <defunto adiado>	“O leitãozinho – <defunto adiado que ainda> – <carreirou-se> de um tanto que ultrapassasse seu próprio guinchar”. (p. s/n)
6. <cofre>	“Agora era tal a situação: três porcos porcando-se no interno de uma casa de tijolos; como se <cofre>”. (p. s/n)
7. <ensaiar o bufo>	“O Cujo bem <ensaiou o bufo> – mas sem efeito”. (p. s/n)
8. <gengivas de terra>	“E a Lama” trespassou o vale no meio do redemunho, mastigando, banguela, com suas <gengivas de terra>, o tão frágil e breve corpo”. (p. s/n)

9. <delobodeporcodecasadetudo>	“<delobodeporcodecasadetudo>”. (p. s/n)
--------------------------------	---

### Neologismos no livro SONHOZzz, de Silvana Tavano (2022)

Lexia	Abonação
1. <Sonho-bicicleta>	“Será que hoje vai ter o <Sonho-bicicleta>? Adoro!” (p. s/n)
2. <Sonho-voador>	“Ah, mas aí o campeão é o <Sonho-voador>: não tem nada melhor do que voar tão livre”. (p. s/n)
3. <magrela>	: “Pra gente sentir aquela tontura maluca quando a <magrela> d i s p a a a a r a”. (p. s/n)
4. <d i s p a a a a r a>	“Pra gente sentir aquela tontura maluca quando a magrela <d i s p a a a a r a>”. (p. s/n)